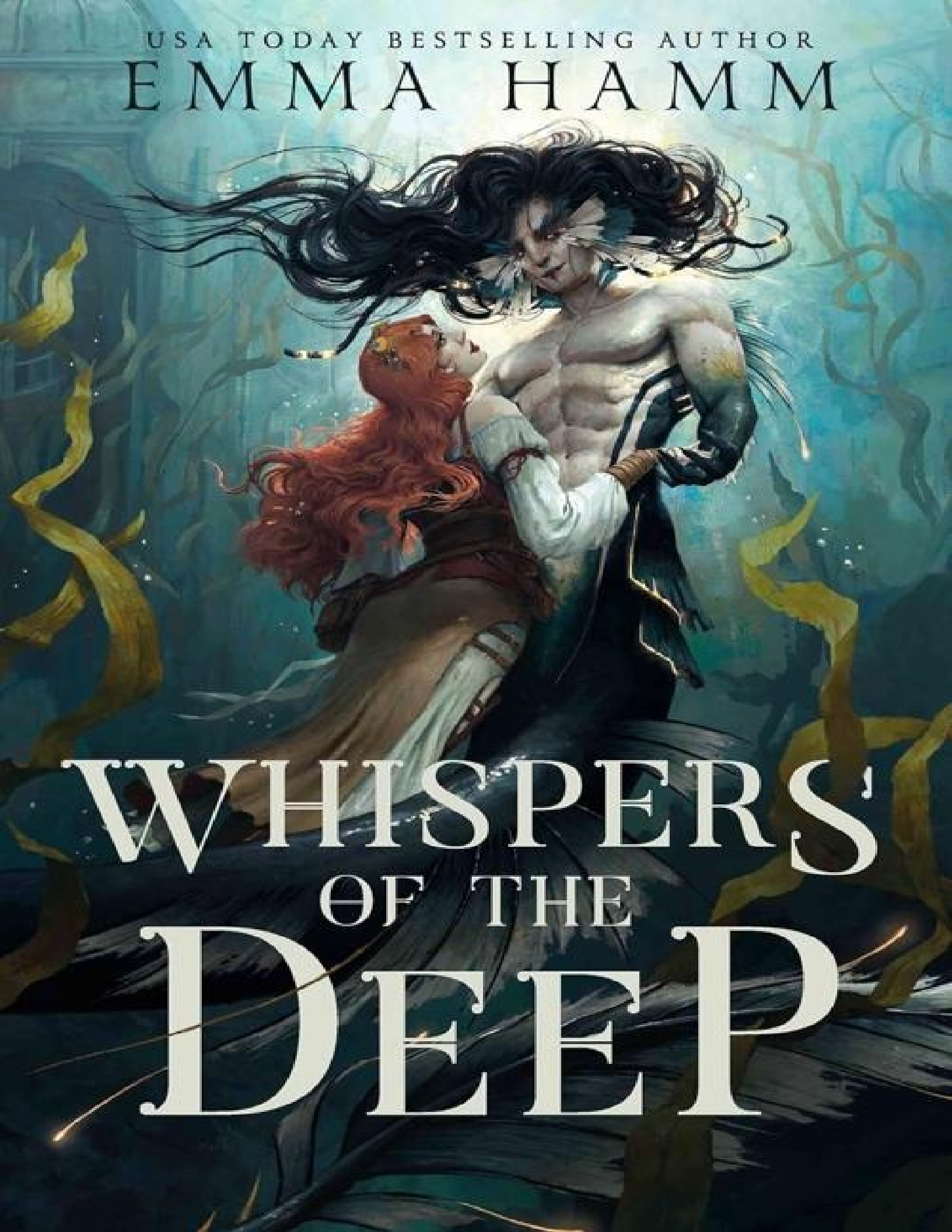
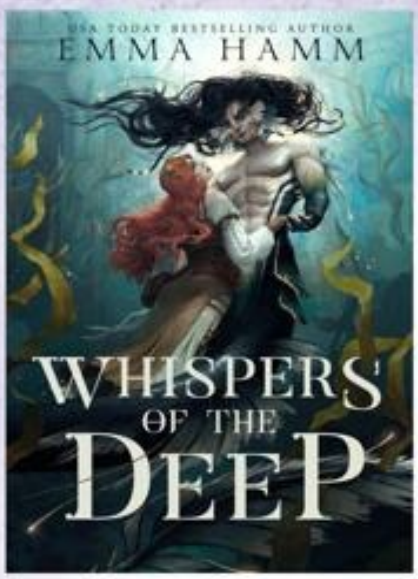
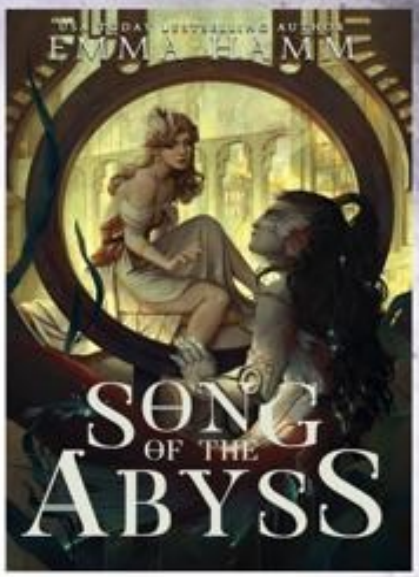

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
EMMA HAMM
WHISPERS OF THE DEEP

DEEP WATERS

ORDEM DE LEITURA









SINOPSE

Uma das muitas engenheiras que mantêm Beta, a cidade no fundo do mar, funcionando, Mira só quer deixar sua família orgulhosa e provar que é digna. Ela conhece a misteriosa cidade melhor do que ninguém e seu sonho é ajudá-la a florescer.

Mas então, em um trabalho solo em uma seção abandonada da cidade, ela encontra um monstro lendário. Um ondino. Um tritão perigoso de uma civilização antiga, há muito esquecida.

Arges lutou a vida inteira por seu povo. Com criaturas mortais sob seu controle, ele planeja erradicar Beta de uma vez por todas para proteger sua espécie e seu modo de vida pacífico. Mas quando uma mulher humana o salva, ela cria, sem saber, um vínculo entre eles que ele não pode ignorar. Embora seu cabelo vermelho flamejante assombre seus sonhos, ele precisa dela para obter informações sobre os inimigos dos ondinos.

Então, ele a rouba. Mantém-na. Alimenta-a. Apenas para perceber que o vínculo entre eles é muito mais profundo do que entre captor e cativa. Ele não pode deixá-la ir, mas também não pode mantê-la no fundo do mar. Em uma batalha para determinar se o amor pode sobreviver a uma guerra sob as ondas, será a decisão deles que mudará as marés.

Para todas as minhas garotas nerds por aí...
Não me diga que você não estava pensando nisso enquanto jogava Bioshock.

PREFACIO

Obrigada por ler este livro super emocionante que estou MUITO FELIZ por ter em suas mãos!

Antes de tudo - AVISO LEGAL.

ISENÇÃO DE RESPONSABILIDADE.

ISENÇÃO DE RESPONSABILIDADE.

Não sou cientista. Percebo plenamente que muito do que é dito neste livro simplesmente não poderia acontecer. Corpos humanos não são feitos para ficar na água por muito tempo, e certamente não são feitos para suportar mudanças de pressão facilmente.

Falo algumas coisas aqui sobre uma invenção que permite que nossa heroína respire debaixo d'água por um tempo e evite a descompressão.

Não tente fazer isso em casa. É totalmente inventado e, honestamente, provavelmente impossível.

Por favor, suspenda sua descrença nesse livro monstruoso.

É um livro sobre foder tritões. Não vamos entrar em uma conversa científica sobre se a descompressão ou se ela poderia morrer fazendo metade das coisas que faz.

Ok?

Ok.

beijos

UM

MIRA

— Saia dessa janela, mulher! — O grito ecoou pela cúpula de vidro, a raiva vibrando em cada palavra.

Mas Mira tinha crescido nos dormitórios de engenharia. Ela conhecia cada canto, fenda e obstáculo em seu caminho. O vidro não iria quebrar. Ela já tinha testado suas capacidades muito antes de começar a soldar a estrutura de metal. Estava tudo bem.

Tirando o dedo do gatilho do soldador, ela puxou os óculos para cima e olhou feio para o homem três metros abaixo.

— Sério, Hermon? Você acha que eu não testei tudo antes de começar a soldar?

— Todas essas faíscas certamente me fizeram pensar que não. — Ele apontou um dedo para o lado oposto do vidro. — Isso parece uma rachadura para mim.

— É porque é. — Ela soltou a ventosa à frente dela e ficou balançando no ar acima dele. Seu equipamento estava preso ao teto da sala gigante. Uma sala atualmente bloqueada, por causa de todos os vazamentos. — Mas aquele painel de vidro não está preso ao resto. Não está vazando de uma rachadura, seu velho idiota! Está vazando de um rebite enferrujado que estou removendo no momento. Então, a menos que você queira se afogar comigo, sugiro que volte para seu escritório e me deixe trabalhar.

Ele resmungou baixinho, mas ela ouviu algo como mulheres idiotas que achavam que sabiam soldar.

Mira sabia soldar. Ela fez isso a vida inteira. Foi a carreira de vida inteira do pai dela antes de ele se afogar e deixar todas as ferramentas

para ela. E ela ficou muito boa nisso ao longo dos anos.

Suspirando, ela balançou a cabeça, colocou os óculos de proteção volta no lugar e voltou a se apoiar na ventosa. Mas antes de deixar as faíscas voarem mais uma vez, ela olhou para fora do domo de vidro que estava a apenas alguns centímetros de seu rosto.

O oceano.

Era assustador e lindo ao mesmo tempo.

A cidade deles foi construída sob o mar. Mais profunda do que as outras cidades, mas ainda conectada por túneis e longos sistemas ferroviários que permitiam que as pessoas viajassem de um lado para o outro entre as cidades. Esta era apenas uma das muitas cúpulas atualmente cortadas do uso por causa de vazamento de água. Mas ela foi uma das poucas que conseguiu ver o interior das salas seladas. Ela conseguia ver como era sentar-se na beirada de um declive que desaparecia na escuridão.

Cerca de dez metros além do vidro estava a borda. Ainda havia plantas crescendo lá fora, longos tentáculos de algas que balançavam nas correntes. Pequenos cardumes de peixes navegavam em grandes grupos, parando para olhá-la e então passando rapidamente. A água era cristalina. Ela sentiu como se pudesse ver por quilômetros, mas, na verdade, tudo o que conseguia ver era o resto da cidade. Brilhando à distância, levemente azul com todas as luzes de torres altas, brilhando com vidro e metal.

O quadrante dela, de propriedade da Beta Corporation, era majoritariamente industrial. Mas havia salas como essa que tinham a intenção de entreter.

Mira nunca seria capaz de apagar a beleza deste cômodo de sua mente. Mesmo que não tivesse sido usado em sua vida, ainda era lindo. Pisos xadrez dourado e branco, esculturas enormes de homens musculosos segurando o teto em todos os quatro cantos, e todo esse

vidro. Era uma maravilha que não tivesse quebrado anos atrás.

Aquela rachadura, no entanto. Ela teria que consertar isso mais cedo ou mais tarde.

Quando seu chefe lhe disse para assumir a liderança neste projeto - aparentemente alguma pessoa rica queria dar uma festa nesta sala e não aceitaria um não como resposta - ela quase perdeu a cabeça. Claro, ela pegaria uma sala que estava selada há anos. Claro, ela arriscaria sua vida e potencialmente morreria tragicamente para vê-la. Essa beleza. Essa magia que ninguém via há anos.

Testando o soldador em sua mão, ela deixou a chama explodir em brasa antes de voltar a trabalhar substituindo o rebite. Era um vazamento lento, mas realmente assustador se fosse em uma sala que não era usada com frequência. Alguém fecharia as portas e encontraria água até os tornozelos em apenas uma ou duas semanas. Viver debaixo d'água como eles viviam era uma preocupação real. Então eles fechariam o acesso completamente, não querendo arriscar o resto da cidade. Cada sala tinha portas de tempestade que eram emborrachadas e à prova d'água exatamente por esse motivo.

Talvez todos estivessem um pouco “felizes com a porta”. Mas ninguém queria que a cidade inteira fosse inundada, e eles estavam tendo muitos problemas ultimamente.

Uma cidade vizinha, Gamma, sofreu isso. Ninguém sobreviveu. Foi há anos, é claro. Seu pai lhe contou histórias sobre isso quando ela era pequena. Ele alegou que a cidade inteira foi inundada, todos morreram. E as corporações decidiram que era uma cidade grande demais para perder. Então eles enviaram uma equipe, ele incluso, e encontraram o vazamento. Então eles bombearam toda a água para fora e observaram os corpos flutuando de volta para o chão.

Sacudindo os fantasmas e a ansiedade sempre presente, ela terminou de selar o rebite para sempre. O metal derretido duraria um

bom tempo, mas eventualmente ela provavelmente estaria de volta a esta parede consertando-a novamente. Por enquanto, no entanto? O problema de água deles estava resolvido.

Empurrando os óculos de volta para cima, ela clicou no botão de liberação do arnês e desceu. Demorou um pouco para se desvencilhar das cordas, mas então ela teve a sala só para ela. Ninguém a esperaria por algumas horas ainda. Então, em vez de retornar ao seu chefe com seu relatório, ela tirou uma maçã de sua lancheira de metal e ficou em frente à parede de vidro de seis metros. Ela ficava mais alta no centro, a cúpula se estendendo tanto que ela imaginou que poderia ter nove ou doze metros.

Mastigando sua maçã, ela andou pela sala. Havia tanta água fora daquele vidro. Tanta.

Ela se lembrava de ficar um pouco enjoada olhando para aquilo quando era pequena. Às vezes, olhar para a vastidão do oceano era demais. Ela cresceu em alojamentos de engenharia. Eles não tinham tanta sorte, como outras profissões. Durante a maior parte de sua vida, ela só teve uma única janela em seu quarto, e mesmo assim era apenas uma vista de uma parede de pedra. Uma pequena abertura pouco maior que sua cabeça, era muito diferente disto.

Alguma parte do seu cérebro de lagarto sussurrou que isso era perigoso. Todo esse vidro certamente não aguentaria o peso do oceano. E havia muito mais água do que terra.

Ainda assim. Era bonito.

Um peixe de cores reluzentes brilhou perto da janela, e ela seguiu seu caminho. Ele parecia estar a puxando, seu lado prateado tremeluzindo toda vez que se movia cerca de um metro e então esperava por ela.

Peixes brincavam com humanos? Ela tinha ouvido o boato de que as pessoas no Quadrante Alfa realmente os mantinham como animais de

estimação. Eles faziam outro jarro de vidro, como aqueles em que viviam, e então observavam os peixes nadando por lá. Ele estava fazendo isso com ela? Talvez, para esses peixes, ela fosse o animal de estimação.

Bufando, Mira mordeu outro pedaço grande demais de sua maçã e parou bem na frente do maior painel de vidro. De jeito nenhum. O peixe não estava brincando com ela, assim como o pessoal em Alfa não estava brincando com nenhum peixe em um aquário.

Uma sombra passou sobre sua mão. Estranho, porque ela não tinha visto nenhum animal grande desde que começou a soldar. De vez em quando, ela era presenteada com a visão de uma baleia enorme à distância. E às vezes à noite ela ouvia suas canções assombrosas enquanto nadavam pela cidade. Era lindo e, por algum motivo, sempre fazia lágrimas arderem em seus olhos.

Com a boca cheia, ainda mastigando, ela olhou para cima para encontrar a origem da sombra e congelou.

Um monstro pairava na frente do vidro. Sua cauda preta, tão longa que se enroscava nas algas, tinha pelo menos três metros de comprimento. Barbatanas azuis, tão profundas que se misturavam à água, ondulavam ao longo das escamas pretas. Ela se estendia até a cintura, transformando-se perfeitamente naquela pele pálida, quase cinza. Seu corpo era como todos os rumores diziam. Tão bonito que era doloroso de olhar, e assustadoramente parecido com as esculturas de ouro que a cercavam.

As garras escuras em suas mãos eram intimidantes o suficiente, mas eram seus olhos negros que pareciam ter capturado a alma dela de alguma forma. Pretos, completamente. Profundos e escuros, eles olhavam diretamente através dela como se ela não fosse nada. Apenas um verme se contorcendo abaixo dele. Cabelos longos e escuros flutuavam ao redor dele, talvez na altura da cintura, embora houvesse fios grossos intercalados entre os fios, muito mais grossos que os dela,

quase como tentáculos.

E se os rumores fossem verdade, sua boca de veludo estava cheia de dentes afiados como navalhas. Ele rasgava sua presa como um tubarão, mas muito mais inteligente. Muito mais perigoso.

Porra, ela não deveria estar aqui sozinha. Os ondinos - como o povo dela chamava o dele - raramente vinham para as cidades. E se vinham, era só por um motivo de merda. Eles eram conhecidos por atacar cidades como a dela e talvez estivessem por trás do naufrágio de Gamma. Mas eles não eram vistos perto da cidade dela. Ninguém em Beta via um ondino há... anos.

A menos que estivessem observando o povo dela. Usando rotas como essa, onde sabiam que ninguém estaria na sala enquanto passavam.

Há quanto tempo ele a observava? Ele a tinha visto trabalhando? O fogo deveria tê-lo assustado. Assustou todo o resto.

Por que ela estava parada ali, olhando para ele, aterrorizada, quando deveria estar correndo?

Os olhos dela dispararam para a rachadura no vidro e, depois de um segundo, ela percebeu que ele olhava na mesma direção. Então eles eram inteligentes. Ele observou a linguagem corporal dela como se estivesse familiarizado com ela, e quando viu a rachadura, uma onda de eletricidade ondulante iluminou seu corpo.

Ele olhou para ela e sorriu. Aqueles dentes afiados e brilhantes eram uma ameaça clara.

Havia tanto ódio naquele olhar. Além de tudo que ela já tinha visto antes.

Eles se moveram ao mesmo tempo. Ela correu para a porta e ele nadou para a fresta. Ela o ouviu. O volume enorme de seu corpo quando ele bateu no vidro e... e...

E resistiu.

Ela se virou para olhar para ele enquanto alcançava a porta. Alguma estupidez curiosa a fez olhar para trás. A cauda preta e ondulada estava em cima do vidro, e o ondino olhou para ela. Ele levantou suas garras e as raspou na superfície, o som ecoando e perfurando os ouvidos. Ele estalou os dentes, então olhou para cima e saiu em disparada. Ela o observou ficando cada vez menor em direção à superfície, e então ele se virou.

Ah não.

Ela ficou congelada novamente, com a boca aberta enquanto ele disparava pela água em direção ao vidro e ela pensou por um segundo insano: "Ele vai se matar".

Se ele batesse no vidro, a força do seu corpo certamente o lançaria catapultando para dentro da sala com a água. O que ele achava que aconteceria? Ele também estaria no domo de vidro. Ele ficaria preso ali, como aqueles peixes que as pessoas em Alfa supostamente mantinham.

Mas ele não parava, e ela não era burra. Mira girou e apertou o botão para abrir a porta. Ela deslizou por baixo dela assim que teve espaço suficiente para rastejar e apertou o botão do lado oposto com um soco que quase quebrou seu dedo. As portas de explosão começaram a descer e ela soltou um suspiro de raiva.

— Vamos lá, — ela murmurou. — Vamos lá.

Impacto.

O som do corpo dele batendo no vidro foi um baque enjoativo, como se alguém tivesse pulado de muito alto. Sacudiu a sala como um terremoto. Tudo tremeu ao redor dela, a estrutura de metal que ela tinha acabado de consertar gemendo com a pressão e então com a correnteza da água.

Líquido correu para fora da sala sobre seus pés e então parou quando a porta de explosão finalmente se fechou. A borracha aguentou. O metal era muito mais forte do que vidro frágil. Ela aguentaria mesmo

se o ondino tivesse ideias.

Mas uma parte dela, uma parte preocupada e temerosa, abriu a pequena porta de visualização que era ainda menor do que a abertura em seu quarto. Sua mão tremia quando ela a abriu e olhou para a sala agora inundada.

Bolhas obscureciam a maior parte de sua visão, mas ela conseguia ver sua lancheira flutuando à distância. Água enchia o espaço, mas não havia nenhuma criatura marinha gigante flutuando dentro dela. Como ele conseguiu isso? Ela tinha certeza de que ele a atingiria com tanta força que não seria capaz de...

Uma mão bateu na porta de visualização. Garras negras arranharam-na, deixando sulcos profundos em seu rastro. E então ela o viu. Tão perto que ela podia ver seu próprio reflexo naqueles olhos negros. Sua cauda se enrolou atrás dele, enrolando-se como um grande tentáculo próprio.

Mas, ah, ele era tão lindo. Aquelas extremidades duras do rosto dele, quase humanas, mas não o suficiente. Os dentes afiados arreganhados para ela, como se isso fosse culpa dela. Como se ela tivesse feito isso de alguma forma. Enquanto ela olhava fixamente para o olhar dele, ela se perguntou por que havia tanto ódio naqueles olhos.

Todos que já sussurraram sobre os ondinos alegaram que eles eram monstros insensíveis. Mas este não era. Ódio como este queimava uma pessoa por anos antes de ficar tão quente. Ele queria matá-la, e não se importava se alguém sentiria falta dela. Ela podia ver tudo isso em seu olhar raivoso.

Então ela mostrou os dentes para ele também, imitando sua expressão o melhor que pôde.

— Desculpe, seu belo bastardo. Mais sorte na próxima.

Ele fez algum tipo de barulho, assustadoramente parecido com o de uma baleia, e então se lançou para longe dela. Ele nadou com tanta graça

pela água em direção ao centro da sala. E então ela o viu olhar para o vidro explodido que ele quase explodiu em pedacinhos. Com um último olhar para ela, ele nadou de volta pela fenda.

Os cacos rasgaram sua cauda enquanto ele se movia por ela, forçando-o a desacelerar por alguns momentos enquanto ela dava uma olhada na ponta de sua cauda. Tão impressionante que não parecia que deveria estar presa a seu corpo de nenhuma maneira. A barbatana era delicada e fina, com veias azuis espalhadas por ela. E então ela percebeu que o azul estava pulsando, brilhando, como uma bioluminescência que ela só tinha visto em fotos. Com um último e final movimento, ele se foi. Não deixando nada além de seu sangue preto e azulado na sala.

— Porra. — Ela pronunciou a palavra longa e gravemente.

Ela quase morreu. E agora ela quase morreria de novo quando dissesse ao chefe que a sala em que estava tinha inundado.

O cliente deles não gostaria de dar uma festa em uma sala cheia de água do mar. E não seria em menos de uma semana? Ela teria que sair, consertar o vidro e então uma equipe de limpeza precisaria ser contratada. Não era para haver uma equipe de limpeza no orçamento.

Se ela não fosse demitida, ela definitivamente teria que pagar tudo isso do seu bolso, e...

— Aaaahh — ela murmurou, novamente prolongando a palavra antes de se virar para olhar para o corredor vazio. Havia poucas janelas aqui, apenas luzes halógenas piscando acima dela, estendendo-se pelo longo tubo de metal. — Estou tão fodida.

DOIS
ARGES

Arges odiava os achromos, como chamavam os incolores que viviam na cidade murada. Ele era apenas uma criança quando teve seu primeiro encontro com a espécie deles. Ele era pequeno o suficiente para ser estúpido, encontrando tempo para ficar na frente das janelas deles para que pudesse vê-los. Seus corpos eram tão estranhos. Aquelas monstruosidades feias de duas barbatanas já foram intrigantes para sua mente jovem.

Ele se lembrou da dor lancinante de suas armas. Era difícil esquecer a sensação de calor explodindo ao longo de seu lado quando um deles atirou em sua cauda. O sangue floresceu no oceano naquele dia, não apenas o seu, mas também o daquele achromo.

Seu pai havia assassinado a criatura que ousara atacar seu filho, e ele havia pago com sua vida, pois todos começaram a atirar em seu pai. Os achromos eram monstros. Eles haviam arruinado este mar e continuariam a arruiná-lo se pudessem fazer o que quisessem.

Assim, ele se tornou o monstro que os combatia.

Arges moveu um fio de algas para fora do seu caminho, observando o sistema de tubulação que ele e seu grupo estavam planejando atacar. Era a escolha secundária deles, infelizmente, a achroma que o desafiou, a mulher que ele viu no último domo que ele invadiu, arruinou seu primeiro plano.

O sistema de tubulação que ele havia explorado estava bem na frente do domo que ela havia consertado. Isso teria causado um problema se eles retornassem e houvesse achromos lá. Ela havia arruinado tudo, aquela pequena ninfa do mar que o encarou com muita

bravura.

Ele mostrou a ela por que isso era perigoso. Arges ainda sentiu um lampejo de orgulho quando se lembrou do medo nos olhos dela enquanto se aproximava da rachadura que ela tão tolamente apontou. Ela provou ser difícil de quebrar, mas ele conseguiu.

Infelizmente, isso só atraiu mais atenção para a sala. Os achromos eram tão eficientes em sua tenacidade. Uma característica que poderia ter sido admirável se eles não tivessem tomado conta de grande parte do seu mundo, poluindo-o com seu fedor e lixo.

— Pronto? — perguntou seu irmão. Daios era o mais velho de seu sangue, um irmão aterrorizante cuja coloração era principalmente vermelho-sangue. Considerando a quantidade de cicatrizes que cobriam seu corpo também, era difícil ver Daios como algo além de uma arma.

— Pronto. — Apesar de todo o semblante agressivo de Daios, Arges liderou o grupo por anos, para grande desconforto de seu irmão.

Mesmo agora, ele podia ver Daios o observando como se estivesse procurando qualquer forma de fraqueza. Arges sabia o que ele estava pensando. Eles deveriam ter atacado os achromos semanas atrás. Eles deveriam tê-los tirado de seus domos maiores e os levados para os túneis que eram fáceis de desmoronar.

Mas eles não podiam lutar daquele jeito. Não com as armas que os achromos tinham, ou com as estranhas criaturas de metal que eles estavam criando e que rastejavam por todas as suas casas. Ele tinha visto o que tinha acontecido em Gamma. A mãe deles falou da cidade que eles capturaram e que de repente voltou à vida apenas alguns ciclos depois.

Ele tinha que ter cuidado. Todos tinham que ter cuidado perto dessas criaturas fracas que usavam suas mentes para sua vantagem.

— Você conhece o plano — disse Arges, enrolando seu corpo e sacudindo sua cauda poderosamente através da água. Eles saíram rapidamente de seus campos de caça e, em vez disso, retornaram para

onde seu grupo esperava. — Há seis canos diferentes. Cada um precisa ser quebrado.

— Por que estamos quebrando os canos?

— Os achromos precisam de ar para respirar. — Ar como ele e seus irmãos não precisavam.

Assim como na primeira vez que lhe disseram que seus corpos precisavam de ar, ele estremeceu de desgosto. Agitando os dedos sobre as delicadas guelras ao longo de sua caixa torácica, ele passou o toque sobre sua textura quase imperceptível antes de focar sua atenção no casulo que os esperava.

Seis outros machos. Todos espécimes enormes que lutaram contra tubarões, batalharam contra os achromos e viveram para contar sobre ambos. Dizia-se que um deles lutou contra uma lula por mais tempo do que as casas dos achromos eram altas.

Arges parou na frente deles, flutuando ao lado do irmão, que havia cruzado os braços sobre o peito.

— Os canos seguram o ar que os achromos precisam para viver. Mataremos muitos deles quando destruirmos esses canos. E os que fugirem ficarão presos na torre central. Estamos deixando apenas dois canos para o ar. Se isso não matar todos eles, então os deixará exatamente onde queremos. O segundo ataque será nosso para vencer.

Todos os outros soltaram seus gritos de guerra como as orcas que atacavam sem consciência. Seu povo era aterrorizante e grandioso. Eles tomariam este mar de volta dos achromos que achavam que mereciam viver aqui.

O orgulho corou em seu peito, deixando sua pele normalmente cinza manchada com manchas escuras. Ele podia sentir esse orgulho correndo em suas veias. Aquecia seu sangue e o fazia derrapar ao longo das correntes. O oceano o conduziu para o canto mais distante da cidade dos achromos. Para o lugar onde ele sabia que seu cano esperava. Era

aqui que ele faria sua resistência final. Era aqui que ele os destruiria, forçaria todos a entrarem na menor parte de sua cidade, e então eles se afogariam.

Exibindo os dentes em um sorriso selvagem, ele abanou a calda atrás de si enquanto descia em direção ao cano.

Era cinza e longo, uma engenhoca boba que não tinha utilidade no fundo do oceano. Ela cavava através das plantas, borbulhando em alguns lugares onde o ar escapava. Ela destruía tudo ao redor, e o metal exalava um cheiro horrível. Como sangue. Nada crescia ao redor dela, e ele sabia que isso nunca mudaria.

Os achromos cobriram seus canos com algum material nojento que queimava qualquer coisa que o tocasse. Ele conhecia bem a sensação. As palmas de suas mãos com membranas ficaram calejadas desde que ele começou esse trabalho, depois que ele ousou tocar no que os achromos criaram.

E ainda assim, isso nunca o impediu.

Arges juntou a maior pedra que conseguiu encontrar e voltou sua atenção para o cano. Com uma ferocidade da qual sua mãe ficaria orgulhosa, ele bateu no metal. Repetidamente, ele levantou a pedra pesada acima de sua cabeça e usou seu corpo enrolado para derrubá-la.

Lutando contra o oceano a cada movimento, ele continuou até que seus músculos queimassem. Até que seu corpo doesse, e ainda assim ele continuou. Sangue subiu das teias entre seus dedos onde a pedra tinha mordido as membranas finas. Mas ele persistiria. Ele derrotaria os achromos, e vingaria seu pai, e...

O cano estourou.

O ar explodiu na água e o fez cair para longe do cano. Atingiu-o com tanta força que o jogou de volta contra a parede de pedra atrás dele. Uma grande distância para ser arremessado, com certeza.

Ele bateu a cabeça contra a pedra. Manchas dançavam diante de

seus olhos, brancas e pretas, brilhando como as escamas de seu peixe favorito. Não, isso não estava certo. Ele não deveria estar pensando em comida. Não agora. Onde... Onde ele estava?

Balançando a cabeça, ele deixou a água salgada picar o ferimento enquanto piscava rapidamente. Certo. O ar que explodia diagonalmente agora estava subindo pela água. Bolhas, tantas que certamente seus irmãos podiam vê-las mesmo de onde estavam à distância.

Sua equipe gritou. Os longos e ecoantes lamentos de sua alegria podiam ser ouvidos a quilômetros de distância.

E novamente, o orgulho estufou seu peito. Ele tinha sido o primeiro. De todo o grupo, de todos aqueles que lutaram e batalharam, Arges foi o primeiro a destruir seu cano.

Daios podia achar que ele não era digno o suficiente para liderar esta equipe, mas ele foi o primeiro. O único com a dedicação para realmente quebrar o metal em tão pouco tempo.

Respirando com dificuldade, as guelras se alargaram, ele descobriu que não conseguia se conter. Ele tinha que ver o que tinha feito. O cano se arrastava pela rocha, direto pelos picos de pedra, com fogo e explosões. Ele seguiu a trilha de destruição, serpenteando sobre as pedras quebradas e através de uma floresta de algas antes de encontrar onde ele se conectava aos tubos de metal. Não havia janelas neste, no entanto. Ele não conseguia vê-los.

E oh, ele queria vê-los. Ele queria ver o terror em seus olhos quando percebessem que todo o ar que trazia vida estava acabando. Ele queria ver suas expressões enquanto olhavam através do vidro e sabiam que ele tinha sido o responsável por fazer isso. Arges, o monstro de cauda preta, que assombrava seus sonhos.

Esquerda ou direita?

Ele olhou para a direita e viu a cúpula que ele já tinha quebrado. A mulher estava lá, consertando-a por algum motivo ou outro. O achromos

sempre gostavam de se espalhar.

Mas isso significava... Seus olhos percorreram a tubulação de metal daquela cúpula. Ela levava a uma teia de tubos que eventualmente levava aos prédios altos que tinham mais andares do que ele conseguia contar.

O que significava que se ele fosse para a esquerda, isso o levaria aos aposentos de onde ela devia ter vindo. Então ele foi para a esquerda, deixando as correntes levá-lo até uma sala maior com painéis planos de vidro que lhe permitiam ver os poucos retardatários. Eles correram pelo tubo, indo em direção a uma seção muito maior, onde ele tinha visto salas se abrindo e depois desaparecendo em seções mais altas.

Alguns dos achromos sujos seguravam as mãos perto da boca, suas formas estremecendo enquanto cambaleavam em direção à sala de salvamento que abria e fechava muito lentamente. Eles poderiam todos morrer. Ah, e ele ficaria ali observando-os sofrer por tudo o que haviam feito.

Até que um deles o viu.

O macho era maior que os outros. Seu peito era largo, seus ombros largos e sua mandíbula forte. Ele apontou para Arges, rosto vermelho e boca escancarada. Ele mal conseguia ouvir os gritos do homem.

Quem sabia o que ele estava dizendo? A linguagem do achromo era simplista e irritante. Sons curtos e staccatos como o estalo de pedras batendo umas nas outras. Isso irritou seus ouvidos e a raiva brilhou novamente.

O orgulho que ele sentiu ao matá-los não seria arruinado por esse idiota. Ele nadou para mais perto, antagonizando o homem. Ele queria ver a vida desaparecendo de seus olhos. Ele queria ver o homem ofegar e se contorcer como uma enguia nas garras da morte.

Como um cardume de peixes, os outros se separaram em volta do homem que estava gritando com ele. A maioria dos achromos

murcharam ao lado da estranha sala que desaparecia. Eles esperaram por sua oportunidade e então dispararam para dentro dela. Amontoando-se tão perto que pareciam um ser, com muitos olhos e muitos membros.

E ainda assim, Arges se aproximou. Como se ele e o homem estivessem conectados. Eles se aproximaram tanto que poderiam ter se tocado se o vidro não estivesse entre eles. Ele olhou nos olhos do homem, que brilhavam com tanto ódio quanto os de Arges.

Ele os odiava. Ele queria todos mortos. Mas essa era a primeira oportunidade que ele tinha de realmente assistir a vida fluir de um. Seria estranho e maravilhoso.

Até que o homem apertou um botão na parede. Uma cor vermelha brilhou ao redor deles. A cor era uma que ele já tinha visto nos achromos antes, um sinal de alerta que eles usavam para os outros. Mas uma pequena chama de preocupação o atingiu com força no peito quando o homem se afastou do vidro.

O que ele estava fazendo?

Por que ele de repente pareceu tão... satisfeito?

Algo atingiu Arges com força nas costas. Ele tentou girar, mas um braço de metal o agarrou por trás. Ele envolveu sua cintura em três seções. E embora ela se contorcesse em seu aperto, empurrando-o com seus braços, que ele até pensou que eles poderiam quebrar, ele não conseguiu se libertar do demônio que o achromos havia criado.

Ele foi arrastado pela água, cada vez mais perto da parede do tubo de metal.

O achromo iria esmagá-lo, ele percebeu. Ele seria achatado contra a parede deles até que seu sangue ondulasse ao redor dele.

Mas então o tubo de metal se abriu. A água correu para o espaço além, arrastando sua cauda com ela enquanto a força de sucção puxava ele e o braço de metal para dentro. Ela o depositou antes que a parede se fechasse com ele e o braço de metal dentro.

Em pânico agora, ele se jogou contra o vidro. Uma, duas, três vezes, tirando o ombro do lugar no processo. O maldito metal não cederia. Ele não conseguia espaço suficiente para mover o rabo, então teve que enrolá-lo embaixo dele e usar apenas o abdômen para se impulsionar para frente. Eles o prenderam. Preso como ele havia prendido os pequenos cardumes de peixes em suas palmas quando era criança.

Seus corações gêmeos vibraram em seu peito e ele sentiu um lampejo de óleo escorregar em sua pele. A reação de pânico era para fazê-lo deslizar mais rápido pela água que não o puxaria mais, mas não havia para onde ele ir. Apenas a escuridão o cercava.

Um som sibilante inundou a sala e, de repente, outra onda de movimento.

Ele foi forçado a sair para a luz brilhante, caindo de cabeça sobre a barbatana e batendo em outro objeto duro ao pousar. Tentando se orientar, Arges olhou ao redor e imediatamente selou suas guelras ao longo de seus lados. Ele estava dentro do tubo.

Ele estava dentro da casa dos achromos.

O horror se instalou. Eles não apenas o prenderam. Eles o arrastaram para a própria morte. O grandalhão estava na frente dele, embora seu rosto tivesse empalidecido quando Arges se ergueu até sua grande altura. Sua cauda se enrolava atrás dele, longa e mortal enquanto espinhos lentamente subiam ao longo da parte de trás dela. Eles já pingavam veneno, e cada gota chiava ao atingir o chão de metal. Ele teve que se equilibrar no vidro do tubo, mas isso não o impediria de matar o homem. Ele abriu a boca, todos os dentes brilhando na luz vermelha e piscante, e ele sibilou longo e baixo.

O homem não hesitou. Ele se virou e fugiu pelo túnel para ficar com os poucos achromos restantes.

Eles buscariam sua segurança nos níveis superiores. E embora ele se arrastasse em direção a eles, lento e letárgico já com falta de ar, ele sabia

que teria que respirar em breve.

A água.

Ele precisava de água.

Mas ele os aterrorizaria com cada grama de sua vida restante, se fosse preciso. E se ele pudesse destruir um deles no processo... melhor ainda.

Ele sempre quis saber qual era o gosto do sangue de um achromo.

TRES

MIRA

De todas as vezes em que se atrasou, Mira tinha que escolher a única vez em que luzes vermelhas piscavam pelos corredores. Aquelas que significavam: *Sério. Dê o fora daqui porra.*

Ela estava nas profundezas dos túneis, no entanto. Hermon disse ao chefe deles que ele a avisou sobre a rachadura no vidro e ela disse que não era grande coisa. Claro, ela apontou as marcas gigantes de arranhões do lado de dentro. Ela contou a eles tudo sobre o ondino monstruoso que atacou o vidro e então explodiu seu caminho para dentro da casa deles.

Alguém acreditou nela? Claro que não. Eles riram na cara dela e a mandaram para fazer trabalho braçal que era um desperdício de seu talento. Mas o que isso importava para eles? Ela agora era uma mentirosa, além de correr muitos riscos. Uma funcionária em quem não valia a pena investir.

Ela ia arrancar os olhos de alguém. Não era demais pedir um pouco de respeito por aqui.

Virando uma esquina, ela xingou baixinho enquanto o ar ficava ainda mais rarefeito. Ela não conseguiria continuar correndo se ficassem sem ar. Ela só tinha alguns minutos.

Onde estavam as multidões de pessoas? Só engenheiros moravam nessa ala, mas ninguém era tão louco que simplesmente ignorasse as luzes estridentes. E todos eles foram ensinados desde o primeiro dia a não serem heróis. Luzes vermelhas? Corra e deixe seus amigos. Cada um por si.

Ela estava indo para o elevador. Era o caminho mais rápido, e provavelmente todos tinham ido pelo mesmo caminho. O que significava

que haveria uma fila, mas o elevador era rápido. Ele sempre fazia seu estômago revirar quando ela andava nele. Isso tinha que significar que ele poderia tirar todos eles a tempo.

Certo?

Certo.

Só que então ela viu o elevador no fim do corredor e seu chefe de merda foi o último a entrar. Ela não podia confundir aquele gigante com mais ninguém. E a luz vermelha no topo do elevador significava que o filho da puta sem coração tinha ligado a emergência *dentro* do elevador.

— Espere! — ela gritou. — Estou quase…

As portas se fecharam e ela ficou presa ali embaixo.

— Aquele porra, maldito, vagabundo... Ugh! — Chutando o chão, ela teve que pensar no que fazer em seguida. A ala de engenharia era intencionalmente difícil de sair, considerando que eles tinham a maioria dos contratempos.

Havia outro elevador. Um de vidro que definitivamente não estava consertado o suficiente para andar ainda. Mas teria que servir. Ela poderia ter que prender a respiração por um tempo, mas chegaria aos níveis superiores.

A maldita coisa estava lá fora.

Um assobio chamou sua atenção. Outro vazamento? Isso explicaria o protocolo de emergência, mas... Ela se virou bem a tempo de ver a enorme cauda preta que a atingiu no peito e a mandou derrapando pelo chão. Seu quadril bateu primeiro, enviando uma faísca brilhante de dor pela espinha até que ela deslizou para parar a três metros de distância.

E seu queixo caiu enquanto ela encarava o enorme ondino agachado no chão. Suas mãos com garras raspavam o metal, o guincho a fazendo estremecer quase mais do que o brilho em suas estranhas feições.

— Você — ela sibilou.

Era o mesmo maldito ondino. O mesmo que tinha arruinado seu primeiro trabalho de domo e tentou matá-la.

Ela não podia confundi-lo. Aquela cauda preta e extremidades azuis vibrantes tinham que ser incomuns em sua espécie. Além disso, seu rosto estranhamente bonito estava manchado de raiva e aqueles olhos negros a encaravam com tanto ódio que só poderia ser ele.

E então ele fez um barulho, profundo e estrondoso em sua garganta. Ela jurou que era a mesma palavra que ela tinha acabado de dizer.

Você.

Eles se encararam, e ela se perguntou se teria que lutar com ele. Mira tinha a vantagem. Afinal, isso não era debaixo d'água, e ele não parecia estar se movendo muito bem. Mas então ela o viu fazer um estranho movimento de engolir com o corpo inteiro.

Ele estava... prendendo a respiração?

Ah merda. Os olhos dela se arregalaram enquanto o olhava. Fazia sentido que ele estivesse prendendo a respiração. Mas ela teve a estranha sensação de que ele deveria ser capaz de respirar como ela. Ele tinha um rosto parecido com o dela. Um tipo de nariz e uma boca de formato familiar. Um peito que subia e descia fora do vidro, mas aparentemente não dentro dele.

Ninguém jamais havia colocado as mãos em um ondino, vivo ou morto. Nenhum humano sabia como eles realmente funcionavam. Eles sempre pensaram que os ondinos eram como peixes. Eles tinham que estar na água para respirar. Então... por quanto tempo ele conseguiria prender a respiração?

Não deveria importar. Ele tinha destruído o primeiro grande projeto dela e, de alguma forma, ficou preso dentro do prédio deles. Ele poderia apodrecer como o resto dos peixes, não importava, mas... parecia errado.

Não era apenas um peixe. Ele era um ser inteligente e pensante que a havia superado, embora ela o tivesse dado a maldita resposta. Deixá-lo morrer parecia que ela estava deixando uma pessoa morrer, e isso não era quem ela era.

Então agora ela tinha que tirar os dois dali. Sem que nenhum deles morresse.

Porque essa era a opção mais fácil, aparentemente.

Suspirando, ela tossiu na manga para limpar os pulmões antes de rolar sobre as mãos e joelhos.

— Ok, grandão. Eu sei que você não consegue entender uma palavra do que estou dizendo, mas precisamos trabalhar juntos para sair daqui.

Seus olhos negros seguiam cada movimento dela, rastreando-a. Ele claramente não confiava nela.

Ele não tinha razão para isso. Suas espécies estavam lutando entre si há séculos, se as lendas fossem verdadeiras. Ondinos matavam humanos no oceano. Humanos matavam ondinos sempre que tinham a chance.

Olho por olho, ela supôs. Uma pessoa se machuca, a outra também. Era o modo de vida deles.

Mas, ele poderia levá-la até aquele elevador do lado de fora dessas paredes. E ela poderia tirá-lo daqui. O chefe dela provavelmente a demitiria por isso, mas, ei. Talvez ele não descobrisse.

No entanto, todo esse plano exigiria que ela tocasse no ondino, e ele estava com uma aparência bastante doente. Ou a visão dela o fez querer vomitar. Fosse o que fosse, ele estava definitivamente mais pálido do que estivera há alguns minutos.

Droga, ela tinha que parar de se preocupar com o peixe na frente dela e descobrir como salvar os dois. Certo, planeje. Planeje, planeje, planeje.

Mira olhou freneticamente para o corredor de onde ela tinha vindo. Se ela inundasse esta área, nenhum dos engenheiros conseguiria retornar. Todas as suas coisas seriam destruídas, e isso significava, infelizmente, que toda Beta teria dificuldade para consertar qualquer coisa. Eles realmente precisavam de um melhor planejamento da cidade.

Então, vamos começar pelo começo...

Correndo de volta pelo caminho que veio, ela ignorou o ondino enquanto ele golpeava suas pernas com um rosnado feio. A coisa realmente a odiava. Besta selvagem.

O fim do corredor tinha uma das portas de explosão. Ela nunca tinha sido usada, porque por que alguém trancaria os engenheiros em sua casa? Deslizando na esquina, ela bateu na parede e apertou o grande botão vermelho. E então disparou por baixo da porta de explosão de volta para o túnel.

Ela foi selada junto com o ondino, com menos ar do que antes, então ela estava realmente ficando sem tempo.

Mira correu de volta para o ondino. Ele se enrolou em si mesmo, tossindo e tossindo até que finalmente pareceu... vazar? Água jorrou de suas costelas e ela tinha certeza de que ele tinha morrido. Talvez os ondinos se transformem em gosma quando morrem e isso tornaria tudo isso difícil.

Mas a água espirrou para fora dele, rolando sobre os pés dela, e então ele não desabou. O oposto, na verdade. Ele se endireitou e aquelas narinas seladas se dilataram enquanto ele respirava fundo o ar limitado que ainda havia no túnel.

— Oh, — ela sussurrou. — Você tem dois pares de pulmões.

Considerando o brilho escuro naqueles olhos negros, ela teve a sensação de que ele usaria o ar limitado que tinha acabado de obter para assassiná-la. Ele levantou aquelas mãos com garras e membranas, enrolou sua cauda embaixo dele como uma cobra, e ela só teve alguns

segundos para convencê-lo a parar.

— Espere! — Mira gritou, erguendo as mãos como se isso pudesse fazê-lo parar. — Espere, espere!

E por alguma estranha razão... ele fez. Ele parou exatamente onde estava, sua cabeça inclinada para o lado, observando o próximo movimento dela.

Ela recuou em direção ao painel de vidro mais próximo e apontou para ele. Gesticulando com as mãos enquanto imitava o que estava dizendo, Mira tentou explicar seu plano da melhor maneira possível.

— Vou quebrar esse vidro. A sala vai inundar com água, e você vai me pegar e me carregar para aquela caixa de vidro ali.

Apontar para o elevador não estava indo do jeito que ela queria, porque ele realmente não parecia entender o que ela estava dizendo. O ar estava tão rarefeito agora, já usado por muitas pessoas. E ela tinha selado o resto dele, o que não era...

Droga, ela ia começar a ter alucinações se não se apressasse.

Adicionando um frenético — Por favor, não me mate — Mira deu as costas para o ondino e concentrou sua atenção na parede à sua frente.

O painel de vidro era preso por metal de nível industrial. Era quase impossível quebrar o vidro tão fundo no oceano, a menos que ele fosse enfraquecido por golpes repetidos, como o monstro atrás dela havia provado. Ele havia quebrado a rachadura facilmente, mas ela pensou que provavelmente era uma pedra enorme depois de um terremoto que havia causado originalmente aquela rachadura.

Sua única opção era derreter os rebites. Eles cederiam, e então ela poderia bater com força suficiente para estourar o painel.

Ligando sua soldadora, ela começou nos de baixo. Demorou um pouco para derretê-los. Eles eram muito grossos, mas ela fez o de baixo rápido o suficiente. O suor escorria pela parte de trás do pescoço e nos olhos, turvando sua visão. A velocidade era essencial, no entanto, não

havia tempo para limpá-la.

Mãos agarraram sua cintura, levantando-a para os rebites mais altos.

Mira engasgou e olhou para as mãos enormes e com garras que de repente cobriam todo o seu estômago e quadris.

— Porra, você é grande — ela murmurou, antes de voltar sua atenção para os parafusos restantes que ela tinha que passar.

Só mais alguns, e ela estaria pronta. Só mais alguns, e então ela poderia bater os pés no painel e soltá-lo.

O ar se foi. De repente, simplesmente se foi. Cada respiração que ela dava era uma luta, como se ela estivesse tentando respirar debaixo d'água. Simplesmente não havia oxigênio suficiente porque seu soldador de merda estava usando tudo para atear fogo.

O último rebite estava quase derretido. Quase, e de repente, seu soldador quebrou.

— Não, — ela murmurou, batendo-o contra o vidro como se isso fosse ajudar. Ela acendeu de novo e de novo, mas não havia ar suficiente para fazer a chama permanecer. Nem perto do suficiente.

Eles estavam mortos. Perdidos. Eles encontrariam o corpo dela flutuando com o do ondino. Ou talvez ele ainda estivesse vivo, comendo a carne dela em um tanque de sua própria criação.

Porra. Isso era ruim.

Ela ficou mole, seus pulmões arfando enquanto ela tentava sugar o pouco de ar que ainda havia. Mas ela estava ficando um pouco lenta agora. O que seu pai sempre dizia sobre a respiração? Ela exalava algo que não era oxigênio, isso é certo. E ela sempre tinha que ter muito cuidado para não usar seu soldador em áreas que não tinham oxigênio suficiente.

Mira simplesmente não conseguia lembrar o porquê, pois seu cérebro lutava para manter seu coração batendo.

Batidas pesadas romperam seus pensamentos, e ela observou o ondino enrolar seu corpo e bater no painel. De novo. De novo. Deve ter doído. Seu ombro já estava pendurado desajeitadamente para fora do encaixe, mas ele continuou. Batendo no painel repetidamente até que um pouco de água saiu do fundo.

Ela estava delirando o suficiente para rir da visão. Se tivesse mais ar para falar, ela poderia até ter dito:

— Oh, olha, agora eu vou me afogar.

Mas ele não parou com o som que ela fez. A cauda enorme e poderosa do ondino fez muito do trabalho enquanto ele batia a parte superior do corpo dele no painel tantas vezes que ele eventualmente se dobrou para trás como a tampa de uma lata de sardinha. Descascado para trás e irregular também, assim como ela tinha visto alguns dos engenheiros comerem.

A água entrou correndo, varrendo seu corpo de volta contra a parede e prendendo-a ali até que o mundo inteiro se transformou em câmera lenta. Tudo flutuou. Seu soldador, seu cabelo, o ondino que deslizava em sua direção com tanta graça que fez seus olhos arderem com lágrimas.

Ah, espera. Essa era a água salgada.

Ele se aproximou dela, aqueles dentes afiados brilhando, e ela se perguntou quando ela iria morrer. Seria bom não estar acordada para quando ele desse uma mordida em seu corpo.

Em vez disso, ele se aproximou e selou seus lábios sobre os dela.

Ah, ele estava gelado. Esse foi seu primeiro pensamento. E ela estava cercada por águas profundas e geladas do oceano que já apertavam seu peito e faziam o pouco ar que havia ali sair. Em poucos minutos ela entraria em choque hipotérmico, se de alguma forma conseguisse respirar. De alguma forma, os lábios dele eram mais frios do que tudo isso, mas suaves enquanto deslizavam sobre os dela.

A língua dele saiu, lambendo os lábios dela e ela ficou tão chocada que os abriu sem pensar. Talvez ele estivesse dando a ela algum tipo de misericórdia antes que ela morresse?

A mão com garras dele subiu e apertou o maxilar dela, forçando-a a abrir mais, e então ele soprou dentro dela. Os pulmões dela sugaram o ar, e ela agarrou os braços dele, os ombros, qualquer coisa que ela pudesse segurar para sugar aquele ar que ela precisava desesperadamente. Novamente ele exalou, e ela inalou ainda mais antes de se afastar dele, tossindo na água enquanto seus pulmões tentavam lembrar o que fazer com o ar.

Ela estava se afogando. Ah, ela estava se afogando.

Mas o ondino puxou o seu rosto de volta para o dele e soprou novamente em sua boca. Mira teve o pensamento tardio de que estava presa ao painel oposto, vidro nas costas, água gelada cercando-a, se agarrando a um ondino que tinha acabado de tentar matá-la.

Inspirando novamente, ela prendeu a respiração dessa vez enquanto ele se afastava lentamente.

Ela mal conseguia ver o rosto dele agora que todas as luzes halógenas tinham piscado para fora da existência. Havia apenas as luzes do lado de fora do túnel iluminando sua expressão nada impressionada.

Então ele a abraçou contra o peito e nadou para fora do corredor com ela. Para o oceano selvagem.

O frio começou a se instalar em seus dedos e pés. Ela não conseguia movê-los. Não conseguia nem o segurar enquanto ele nadava em direção ao elevador de vidro que ela havia indicado.

E de alguma forma, mesmo que ela estivesse quase desmaiando, ela viu as profundezas brilharem diante de seus olhos. Tão vastas e escuras. Um espaço sem fim que era ao mesmo tempo avassalador e tão libertador.

Ela passou a vida inteira presa dentro de Beta. Ela conhecia todos os

corredores pelos quais tinha permissão para entrar, todas as salas onde engenheiros tinham permissão para andar. Mas isso? Ah, isso era muito maior.

O ondino abriu a porta do elevador com violência e a jogou para dentro tão rápido que a água só encheu a porta até a metade antes que ela se fechasse com força.

Mira levou alguns segundos para piscar diante da quantidade terrível de força necessária antes que ela se lançasse em direção aos controles.

— Aperte... botões... — ela tagarelou entre dentes trêmulos e conseguiu apertar um. Não importava qual, qualquer nível.

A caixa de vidro se levantou, tilintando e estremecendo, mas se moveu. Ela caiu de joelhos, congelando na água gelada enquanto a caixa subia.

Através do vidro que embaçava com sua respiração, ela viu o ondino observando-a. Ele pairou na água, suas sobrancelhas franzidas em confusão ou raiva enquanto a observava subir e subir fora da cidade. Seu cabelo longo flutuava ao redor dele, todos aqueles lampejos azuis elétricos brilhando para cima e para baixo em seu belo corpo. E então, com um movimento de cauda, ele se foi.

Bem a tempo de a porta se abrir atrás dela e jogá-la para um andar muito caro.

QUATRO
ARGES

Sua mente estava toda desgastada após a interação com a achromo. Ela não era nem um pouco o que ele esperava de sua espécie.

O plano dela era sólido, embora contado a ele por meio de gestos confusos e palavras que faziam sua cabeça doer. Ela era como ouvir uma criança cantando, tagarelando constantemente sobre coisas com as quais ele não se importava.

A achromo era bem esperta, no entanto. Se ela fosse mais forte, ela poderia ter terminado seu plano impressionantemente rápido. Aparentemente, o ar era mais importante para eles do que seu próprio povo. Ela quase desmaiou, e ele ainda estava prendendo a respiração confortavelmente.

Ele a viu se afogando, observou o oceano fazer o que queria com o corpo mole e ele simplesmente... não conseguiu deixá-la morrer. Foi estúpido. Ele correu um risco ao deixá-la viver agora que ela o viu.

Mas no momento em que seus lábios tocaram os dela, enquanto ele respirava ar em seus pulmões, ele soube que era a escolha certa. No fundo de seus ossos, ele sentiu a correção. Como se os antigos do oceano tivessem tocado seu coração e lhe dito que ela precisava viver. As luzes ao longo de sua cauda se acenderam quando sua pequena mão pousou em seu ombro, e então a outra, freneticamente sugando qualquer ar que ele pudesse poupar para ela. E suas guelras tremeram ao longo de suas costelas, até mesmo aquelas que normalmente ficavam planas ao longo de sua mandíbula explodiram.

Ele nunca tinha *tremido* na vida. Arges sempre soube que suas guelras permaneciam planas e inalteradas, não importava qual mulher

estivesse ao redor dele. E ainda assim, esta o fez tremer como uma criança. Como se nunca tivesse tido uma mulher o tocando antes.

Enquanto observava a estranha engenhoca levá-la para cima e para longe dele, ele percebeu que a visão também não o acalmava. Não era que ele quisesse segui-la. Ele não podia entrar no reino dela mais do que ela poderia existir no mar.

Mas os músculos de sua cauda se contraíram, independentemente. Ele queria tocá-la novamente. Ele queria sentir o calor poderoso de seu corpo, mesmo sob a pressão fria das ondas.

Como era estranho vê-la deixá-lo. Saber que ele provavelmente nunca mais a veria, e se o fizesse, seria seu corpo flutuante. Eles iriam conquistar as bestas que eram os achromos. Eles iriam varrê-los do mar, e ele não descansaria até que todos flutuassem até a superfície ou fossem comida para os tubarões.

Suas guelras tremeram novamente. Dessa vez, até sua cauda balançou. Mais luzes piscaram por seu corpo, acendendo como se ele fosse um farol para chamar a atenção dela.

Droga. O que estava acontecendo com ele?

Passando a mão pelas escamas, ele deu alguns tapas na cauda antes de se forçar a se afastar da cidade submersa. Arges precisava encontrar seu cardume e seu irmão. Certamente eles também tiveram sucesso, e se os achromos estavam presos no prédio central, então era hora de descobrir como atacar o monólito.

Nem as baleias conseguiram danificar este edifício. Elas não eram fortes o suficiente para derrubar a estrutura de metal, mas logo encontrariam sua fraqueza. Elas sempre encontravam.

Ele escolheu uma corrente e deixou que ela guiasse seu corpo para casa. Embora ele balançasse a cauda de vez em quando para manter o ritmo, ele permitia que o oceano o levasse para onde quisesse que ele fosse.

Arges sempre amou essa sensação. Nas poucas vezes em que esteve na superfície, viu criaturas estranhas no céu. Era a mesma sensação, ele supôs. Quando o chão se abriu debaixo dele e a água o cercou. Nada que ele pudesse ver por quilômetros a fio. Apenas água, escuridão abaixo dele e o movimento silencioso do mar, levando-o cada vez mais para longe daquela cidade que sempre contaminou suas guelras.

Virando-se de costas, ele colocou o ombro para trás e tentou relaxar enquanto a água salgada o levava para mais perto do que ele sabia ser o sucesso.

Embora não tivesse ouvido a excitação de seu cardume, ele sabia que eles tinham conseguido. Ele havia quebrado um dos tubos de metal, e ele era o menor dos homens que ele guiava. Certamente eles tinham causado mais danos. Só havia comemoração para ser feita esta noite.

Algo o atingiu fora da corrente. Sua cauda se enrolou enquanto ele girava pela água turbulenta. Estendendo suas mãos palmadas e batendo em seu atacante com o poderoso chicote de sua nadadeira, ele conseguiu impedir a si mesmo e ao outro de girar descontroladamente.

Endireitando o corpo, ele estufou o peito, então ele parecia maior e enfrentou qualquer coisa que fosse tola o suficiente para atacar um dos Povos da Água. Nenhum tubarão buscava sua morte tão tolamente. Nem as baleias salpicadas que caçavam em grupos como seu próprio povo. Ninguém seria tão tolo, tão cego, tão...

Enfurecido.

Seu irmão flutuava diante dele. Daios arfou através de suas guelras, tudo se abriu e se irritou. Cordas de vermelho brilhante pulsavam do topo de sua cabeça por todo o caminho até suas costas, até sua cauda, até mesmo nos finos filamentos de seus dedos. Ele estava além de enfurecido. Tão perto de berserker que Arges temeu que seu irmão nem o reconhecesse.

Erguendo as próprias mãos, pulsando um azul fraco e calmante,

Arges perguntou:

— O que aconteceu?

— O que você quer dizer com o que aconteceu? — seu irmão sibilou. — Você não estava lá. Você deveria liderar o grupo, e você não estava lá!

— Para quê? — Ele tinha tanta certeza de que tudo estava exatamente do jeito que deveria ser. Nada poderia ter acontecido com o cardume. Ele observou os achromos por meses antes deste ataque. Ele sabia onde tudo estava, e ele disse a eles tudo para fazer como precisava ser feito.

Daios apontou para trás deles, suas garras cravando-se na água fria.

— Os achromos sabiam que estávamos chegando.

— Eles não poderiam saber.

— Ekhetes está morto — disse Daios. Suas palavras caíram na água, mas a corrente as trouxe de volta aos ouvidos de Arges repetidamente.

Ekhetes está morto.

Morto.

— Como? — ele disse asperamente. — Tudo estava exatamente como deveria estar.

— Onde. Você. Estava? — Daios perguntou novamente, mas então ele nadou um pouco mais perto e seus olhos se arregalaram em horror. Aqueles orbes escuros se estreitaram nele e Arges sabia o que seu irmão havia farejado.

Ela. Claro que o cheiro dela estava grudado nele. Todos os achromos tinham um gosto específico na água. Mesmo agora, se ele se concentrasse, ele podia sentir o gosto dela em suas guelras. Ela era mais doce do que a maioria dos achromos, não tão terrível de respirar.

Ela tinha gosto dos doces profundos que seu povo gostava. Pequenas vagens de sabor brilhante que explodiam na língua e faziam o

fundo da boca salivar. Não exatamente azedo, mas um sabor que tanto machucava quanto intrigava.

Ela estava incrustada nele, ele percebeu, e isso era culpa dele. Ele deveria ter nadado por uma floresta de algas, tirado todo o cheiro de suas escamas antes de chegar perto de qualquer um de seu povo. E ainda assim... Suas escamas pareciam agarrar o cheiro dela por baixo delas. Como se ele quisesse prová-la mais tarde, quando fosse só ele e o mar.

As guelras de seu irmão se abriram novamente, e dessa vez Daios investiu. Com um movimento de sua cauda grossa, ele estava sobre Arges novamente.

Arges lutou. Sangue floresceu ao redor deles, nuvens de seu sangue negro engrossando ao redor deles até que ele mal conseguia enxergar. E então uma mão com garras apertou sua garganta. Embora ele lutasse contra o aperto de seu irmão, eles já estavam despencando para as profundezas.

Ele se contorceu, tentando arduamente obter vantagem, mas seu irmão era enorme. Grande o suficiente para rivalizar com algumas baleias. Arges foi arrastado para o fundo, apenas se exaurindo ainda mais enquanto tentava fugir.

Eventualmente, ele caiu mole. Ele deixou sua cauda acompanhá-los porque ele já sabia para onde Daios o estava levando.

Lar.

Para onde mais eles iriam?

À distância, ele viu a luz de sua terra natal. Okeanos. Seu coração se encheu de amor como acontecia toda vez que ele a via, embora ele tenha se retraído com a dor que manifestou em cortes profundos cavados nas superfícies planas de seu peito. As luzes azuis e brilhantes de seu corpo logo diminuíram no branco brilhante das plantas brilhantes que viviam nas profundezas de sua casa.

Coral principalmente, maior do que ele era longo. Tão alto que às

vezes parecia os edifícios que os achromos tinham feito. Gavinhas longas de coral pálido brilhante que banhava seu mundo com um brilho gelado. Seu povo fez suas casas na base do coral, sob a rocha e a pedra. Túneis longos, cavados com garras e mantidos limpos com movimentos rápidos de suas caudas.

E ao longe estava o maior coral que estendia seus tentáculos por toda a cidade em que viviam. Um sistema de raízes que nunca poderia ser quebrado, mesmo tão fundo nas profundezas.

O Povo da Água nadava por todas essas raízes grossas e grudadas. Os pequeninos rastejavam por elas, ficando presos em certos lugares e chicoteando suas caudas até que suas mães risonhas os puxassem para fora. Ele se lembrava de ficar preso nos mesmos sistemas de raízes. Ele havia raspado as escamas de suas costas com tanta força que sua mãe ficou preocupada que ele nunca as faria crescer de volta.

Daios mudou seu aperto para a parte de trás do pescoço de Arges, forçando-o a olhar para baixo para todos que olhavam para eles. Até que finalmente chegaram ao centro de todo aquele coral. Onde ele espiralou em uma área central, achatou-se e tornou-se um padrão giratório sobre o qual todas as suas maiores decisões foram tomadas.

Daios o jogou com tanta força no centro que até os corais reclamaram. Plumas de areia explodiram ao redor dele, espalhando pequenos cardumes de peixes em seu rastro.

Gemendo, Arges cuspiu areia e poeira. Sua cauda se esticou atrás dele enquanto ele se alavancava apenas nas mãos. Os anciões já estavam aqui. Eles nadaram de suas casas, agora se arrastando sobre a borda do coral central. Seus dedos antigos se curvavam, as teias quase sumiram com a idade. Mas foi apenas em um deles que seus olhos se fixaram e permaneceram.

— Mitéra — ele disse calmamente, observando-a nadar acima de todos os outros.

A Matriarca de seu povo era deslumbrante e sobrenatural. Há muito tempo, ela se entregou ao coral. Ela morreu nas raízes e então permitiu que o próprio mar a preenchesse. Seu cabelo se transformou em um sino de cor cintilante, como uma água-viva vivia no topo de sua cabeça. Sua pele era inteiramente transparente, piscando com luzes elétricas que rolavam por todo seu corpo. Sua cauda era coberta de escamas pálidas como uma pérola que mudavam de cor quando ela estava com raiva, feliz ou triste. Mas eram seus olhos, aqueles olhos iridescentes e aterrorizantes que sempre o enxergavam.

— Qual é o significado disto? — ela perguntou, sua voz melódica flutuando através das correntes.

Seu irmão estava tão agitado que seu cabelo flutuava na frente do rosto. Com um empurrão raivoso, Daios apontou para Arges e disse:

— Ele deixou o cardume se defender sozinho e Ekhetes está morto.

Um murmúrio rompeu a multidão que assistia. Grandes olhos negros o observavam com uma centena de cores de caudas e texturas de pele e rostos. Essas eram as pessoas pelas quais ele lutava, pelas quais sempre lutaria.

Eles realmente acreditariam nisso?

Mitéra pausou, seus olhos olhando para ambos antes de inclinar sua cabeça para Daios.

— Eu ouvi você, irmãozinho. Agora eu ouvirei seu sangue falar.

Ela voltou sua atenção para ele e Arges quase esqueceu como falar. Aqueles olhos viam diretamente sua alma, como sempre faziam.

— Eu lutei contra os achromos, — ele resmungou. — O suprimento de ar deles foi destruído. Mas quando fui ver o que meu ataque havia causado, fui pego por um deles.

Daios bufou.

— É por isso que você fede a um?

Lançando um olhar furioso para seu irmão, ele soltou um pequeno

rosnado antes de retornar sua atenção para a pessoa mais importante. Suas mãos se curvaram na areia, e o toque gelado de uma corrente desconhecida carregou suas palavras.

— Eu estava preso, como eu disse. Eu estava dentro da cidade deles quando uma das achromos ficou presa comigo. Ela elaborou um plano para nos tirar de sua casa em troca da minha ajuda para levá-la a uma de suas caixas transparentes. Ela salvou minha vida e, como tal, eu tive que retribuí-la na mesma moeda.

A correnteza passou por seus ombros e atraiu o cheiro de baixo de suas escamas travadas. Ele não conseguiu impedir que ela levasse o cheiro dela e o atraísse direto para Mitéra.

Ela o sugou para dentro de suas guelras, suas costelas frágeis se espalhando com o esforço antes que ela franzisse a testa para ele.

— Não há medo neste cheiro.

Ele também notou. A fêmea não tinha medo dele, não realmente. Apenas uma fagulha aqui e ali, o suficiente para ser atraente, para dizer o mínimo.

Ele balançou a cabeça.

— Não, ela não estava com medo.

— Por que?

— Não sei.

Mitéra sibilou, e o sino de seu cabelo se espalhou por seu corpo.

— Você já a viu antes?

— Só uma vez. Eu dei uma olhada no sétimo tubo de ar que abandonamos. Ela estava consertando uma cúpula de vidro que eu precisava que permanecesse quebrada, então eu a destruí.

— Você falou com ela? — Aquelas luzes piscantes não eram um bom sinal. Vermelhas, como seu irmão. Amarelas, uma cor que falava de medo.

— Não. Eu quase a matei nas duas vezes.

As cores de Mitéra ondularam novamente, dessa vez se tornando um azul suave que aliviou a tensão em seus ombros.

— Você não está mentindo.

— Não, Mitéra.

Um zumbido baixo retumbou em sua garganta. Ela se torceu para mais perto dele, espiralando pela água até que seu cabelo ondulou ao redor dos dois. Ela colocou a mão atrás do pescoço dele e o puxou para frente. Os finos fios de cabelo dele se enrolaram com os dela.

— Ela não tem medo de você, meu filho. Isso é uma bênção e uma maldição.

Não, ele não queria outra maldição. Ele também não queria uma bênção. Ele disse adeus a pequena achromo, e isso era o suficiente. Mesmo que isso faça suas guelras doerem e sua cauda ondular de cor.

As garras dela perfuraram seu pescoço e ele sentiu o cheiro do próprio sangue na água. De novo. Sangrando por sua família, como sempre fez.

— Ela é uma corrente, — Mitéra disse, sua voz baixa e quieta. Seu cabelo os engoliu, como se fossem as únicas duas pessoas no oceano. — Você seguirá essa corrente. Use-a da melhor forma que puder, meu filho, minha criança, alma da minha alma. Você a tirará de seu lar seguro. Você a fará confiar em você. E ao fazer isso, você aprenderá os segredos dos achromos.

— Não desejo retornar a ela. Desejo servir ao nosso povo.

— E assim você fará. Com cada segredo que você revelar de sua alma pálida, você nos salvará. Arges, você é o primeiro a encontrar alguém destemido de nossa espécie. Atraia-a para nós. — Mitéra recuou, apenas o suficiente para ele ver uma centena de cores girando nas profundezas de seus olhos. — Vá buscar sua estranha nova amiga, Arges. Com ela ao nosso lado, finalmente destruiremos todos eles.

CINCO

MIRA

Mira se inclinou sobre o ombro do chefe, olhando os relatórios que os drones tinham dado a eles. Infelizmente, ela tinha causado muito mais danos do que pensava.

Claro, ninguém mais sabia disso. Eles presumiram que o ondino tinha feito isso, e se ela quisesse manter a cabeça presa aos ombros, ela os deixaria continuar pensando assim.

Ele sibilou com um suspiro de raiva, recostando-se na cadeira e jogando o controle na mesa.

— Maldita besta. Não tem como consertar isso.

— Tem certeza? — Ela apontou para a parte da parede onde havia removido todos os parafusos. Ninguém conseguia ver do drone, felizmente, mas qualquer retorno de vídeo através da água era difícil de dizer detalhes. — Olhe aqui. É só um painel que temos que substituir, e provavelmente poderíamos entrar lá.

— É, se alguém pudesse chegar lá. — Dennis girou completamente, olhando feio para ela. — O elevador não está funcionando, Mira. Você sabe disso. Eu sei disso. Nenhuma parte elétrica funciona.

— Então mandamos um dos trajes ir até lá e consertar.

— Eles não sabem como, e esses trajes não são classificados para nenhum trabalho detalhado e você sabe disso. — Ele suspirou e balançou a cabeça. — Uma pena. Todo o nosso trabalho está lá embaixo, e não conseguimos chegar lá. Sem mencionar que os chefes vão ter um dia de campo tentando realocar o resto de nós.

Mira honestamente não pensou que chegaria a isso. Ela tinha certeza, de fato, de que eles conseguiriam consertar o túnel. É por isso

que ela bloqueou tudo.

Eles podiam ver que as portas de explosão tinham resistido. Ela alegou que a fechou por dentro e então usou uma das cápsulas de escape para chegar ao poço do elevador. Mas... Eles veriam a mentira naquela história quando voltassem para sua seção de Beta. Todas as cápsulas de escape estavam exatamente onde deveriam estar.

Era por isso que ela queria fazer parte da equipe para consertá-lo. Se ela pudesse liberar uma das capsulas, então o oceano faria o resto do trabalho para ela. Ela seria arrastada naturalmente na direção do elevador e qualquer um que se perguntasse por que ele não estava bem próximo dele, presumiria que as correntes o fizeram derivar.

Mira não deveria mentir, porque esse era o problema de mentir. Ela era arrastada para todos os lados, tentando manter a mentira quando deveria ter confessado horas atrás.

Dennis olhou para ela de cima a baixo, então revirou os olhos.

— Escute, você não está em condições de dar conselhos sobre isso. Vá se aquecer, vista roupas secas. Eles prepararam as cozinhas para nós por enquanto. Eu vou buscar todo mundo quando eles souberem onde vão nos colocar.

Ela aceitaria um banho morno. Mira tinha passado o dia com os outros engenheiros, principalmente naquele maldito poço de elevador, tentando descer para sua antiga casa. Infelizmente, isso a deixou coberta de sal de cima a baixo, endurecendo seu cabelo e roupas. Ela tinha um cobertor sobre a cabeça que estava preso por baixo suas axilas, mas ela não conseguia deixar isso passar. Não quando ela sabia que havia uma maneira de levar seus colegas de trabalho de volta para sua seção de Beta.

— Dennis? — ela perguntou enquanto ele saía da sala de controle.

Ele parou na porta, olhando para ela por cima do ombro.

— O quê?

— Eles vão nos fazer sair de Beta?

Seus ombros se curvaram para frente.

— Toda cidade precisa de engenheiros, Mira. Só... talvez não tantos.

Então eles não iriam para outra cidade, o que era uma boa notícia. Mas provavelmente também significava que a maioria dos engenheiros acabaria em outros empregos. Ela mesma incluída, considerando que não estava na equipe há muito tempo.

Ela afundou na cadeira de rodas que ele havia desocupado e olhou para as telas dos computadores. Eles tinham drones por toda a instalação para ficar de olho em tudo, além de câmeras em todas as superfícies externas em que pudessem colocá-las. Ela sempre soube que elas existiam, mas Mira nunca tinha estado ali antes.

Engenheiros ficavam em seus próprios aposentos, a menos que houvesse áreas para eles consertarem. Como ela estava fazendo quando viu o ondino pela primeira vez. Mas isso? Ela nunca pensou que havia uma sala com dezesseis telas diferentes, todas dispostas em uma mesa de prata antiga com tantos botões e joysticks que ela não sabia o que podia ou não tocar.

Mas parecia bastante autoexplicativo. Ela olhou ao redor, certificando-se de que ninguém havia permanecido na sala. Ela ainda estava sozinha. Só ela, um monte de telas e uma parede de janelas que davam para um oceano tranquilo. Eles estavam tão altos na torre, que provavelmente tudo o que ela veria eram as migrações das baleias quando acontecessem.

Ah, ela apostou que eles tinham uma vista ótima.

A única coisa lá fora agora era azul profundo. Tanto azul que às vezes fazia seus olhos saírem de foco, como se houvesse algo enorme lá fora só esperando que ela visse.

Tremendo, ela tocou em um dos botões. Só um verde, já que

vermelho parecia uma má ideia. Uma das telas no meio piscou, então mudou o que estava olhando.

Certo, então os botões verdes mudavam de câmera.

Ela olhou ao redor novamente e então gentilmente apertou um botão vermelho. Só para ver. Perder uma câmera não seria um problema tão grande, certo?

Mas o botão vermelho não implodiu uma câmera ou fez com que ela começasse a disparar raios. Em vez disso, ela viu um piscar vermelho de resposta na mesma câmera. Estava gravando? Ela tinha ouvido falar que o Comandante gostava de registrar tudo o que encontrava no oceano. Novas espécies, criaturas diferentes que eles nunca tinham visto antes. Fosse o que fosse, ele gostava de manter uma documentação disso.

Cantarolando baixinho, Mira se certificou de que todos os pontos vermelhos estavam desligados e cutucou por um tempo mais. Depois de tudo o que ela fez por essas pessoas, ela merecia pelo menos ver o que estava acontecendo.

Ela levou apenas quinze minutos para encontrar um deles. Um ondino.

Esta não era a mesma criatura que ela tinha visto antes. Ela ficou um pouco envergonhada pelo lampejo de decepção quando percebeu que não o reconhecia. Ele tinha lampejos amarelos brilhantes subindo e descendo por suas nadadeiras enquanto ele se curvava ao lado de um tambor de óleo. Suas mãos estavam bem abertas contra o metal, inclinando-se ao redor da borda enquanto ele observava... alguma coisa?

— O que você está olhando? — ela sussurrou antes de clicar no botão verde ao lado da tela.

Foram necessárias três câmeras para ela ver o que ele estava assistindo, e então ela soltou um suspiro de raiva.

Azul brilhante. Brilhando na escuridão do mar como um farol maldito dizendo:

— *Olhe para mim, estou de volta.*

— O que você está fazendo, seu idiota? — Mira se viu irracionalmente brava porque o ondino havia voltado. Ele deveria perceber que ela o havia ajudado por um motivo, e não era para ele continuar atacando a casa dela. Porque era claramente isso que eles estavam fazendo. Tanto ele quanto o ondino de barbatana amarela estavam espiando pelas janelas de vidro, então deslizando para longe no momento em que viam alguém.

Ele ia acabar se matando. Ou matando seu amigo. O Comandante tinha recentemente equipado a cidade inteira com armas no exterior. Ela sabia, porque tinha ajudado a instalar algumas delas.

Sua raiva se transformou em preocupação. O que ele pensava que estava fazendo? Ele ia se matar, e eles tinham acabado de sobreviver. Juntos.

A maldita besta provavelmente estava atacando a cidade deles novamente, mas mesmo que ele estivesse... Mesmo que Mira não quisesse admitir para si mesma, ele tinha salvado sua vida. Ela tinha arrancado a história dos outros engenheiros. A seção deles de Beta tinha ficado sem ar, e o ondino veio depois disso. Se ele não a tivesse tirado daquele corredor, ou se ele não estivesse lá, ela teria morrido.

Simples e claro.

— Droga, — ela sibilou entre dentes. — Eu te devo uma, seu grande bastardo azul.

Mira balançou o controle da câmera para frente e para trás. O joystick se moveu, e com ele, a câmera. Ela esperava que fosse o suficiente para chamar a atenção dele, e ela estava certa.

Seu ondino estava mais ciente do que o outro. Ele virou quase imediatamente, seus olhos negros estreitando-se para a câmera que ela movia. Mudando para a próxima câmera, ela balançou aquela. Ele estava a uma distância bem significativa, mas percebeu.

O de barbatana amarela desapareceu em algum lugar no jogo de perseguição deles. Ela não sabia por que ou para onde ele tinha ido, mas ela só conseguia controlar algumas câmeras ao mesmo tempo. E ela não devia nada a ele.

Então, repetidamente, ela atraiu o ondino para mais longe de onde ele estava e em direção a... si mesma, ela percebeu. Mira o havia atraído involuntariamente para a sala de controle, o que a colocaria em ainda mais problemas se as pessoas percebessem.

Freneticamente, ela se certificou de que cada câmera tivesse a gravação desligada, ou ela seria mandada para o oceano sem equipamento. Eles a afogariam, ela tinha certeza disso.

Enquanto fazia isso, ela estava vagamente ciente de uma sombra escura aparecendo do outro lado do vidro. Ela daria uma olhada daqui a pouco, mas primeiro ela tinha que salvar sua própria pele antes de salvar a dele. E ela já não tinha salvado a vida dele? Ele estava longe daquelas partes perigosas da cidade, certo?

Mas então ela olhou para cima e seu coração disparou no peito.

Porque ele estava bem na frente dela. Claro que estava.

De alguma forma, através do vidro, ele era dez vezes maior do que ela se lembrava. Ou talvez fosse só que sua cauda estava toda aberta agora. Ela podia vê-lo, todos os três metros verticalmente, o que o fazia... o quê? Quinze? Dezesseis metros de comprimento, talvez? Ele era enorme. Enorme. Todas as palavras que significavam grande. Meu Deus do céu. Ele estava bem na frente dela.

Engolindo em seco, ela rolou a cadeira um pouco mais para perto da janela, esperando que ele não se assustasse ou tentasse quebrar o vidro também.

Ele olhou de volta para ela com aqueles olhos escuros refletindo sua imagem, seu cabelo flutuando ao redor de sua cabeça, aquelas guelras brilhando em azul ao longo das extremidades. Sua cauda preta mal se

movia. Ele apenas... ficou parado ali. Bem na frente dela.

Não se movendo. Ele a observou como se ela devesse fazer alguma coisa.

Então ela fez. Mira apontou para ele, então gesticulou com as mãos como se estivesse nadando.

— Você precisa ir.

Ele não se moveu.

Ela o enxotou com a mão, mas então percebeu que eles provavelmente não usavam os mesmos sinais de mão. Por que fariam isso? Ele era uma espécie diferente e nunca tinha visto o povo dela antes.

Ou... talvez ele tivesse.

Franzindo a testa, ela olhou para as telas do computador antes de olhar de volta para ele. Circulando uma mão no ar, ela gesticulou para a sala em que estavam.

— Esta sala é de onde isso vem. — Então ela virou a mão em forma de arma e atirou de mentira nele.

Isso fez com que seus olhos se estreitassem, mas ele ainda não se moveu.

Ela não sabia o que ele queria. Ele claramente reconheceu as armas que eles usaram para tirar os ondinos dos muros da cidade. Então por que ele não estava nadando para longe para fazer o que quer que eles tenham feito o dia todo?

— Vamos, cara — ela murmurou. — Você tem que ir.

Então ele pressionou uma mão palmada contra o peito e a puxou de volta para ela. Ele repetiu o movimento, como se quisesse que ela visse ou entendesse algo que ele não conseguia transmitir. Mas ela não sabia o que ele estava tentando dizer.

Ele não estava agradecendo por nada, disso ela tinha certeza. Ele não sabia que as câmeras estavam presas às armas. E ele definitivamente não achava que ela o tinha salvado. Talvez ela tivesse salvado no começo,

mas então ele poderia tê-la deixado para morrer.

Ela xingou. Certo, essa era a maneira correta de pensar. Ele devia a ela agora, porque eles estavam quites até aquele ponto. Ele teria morrido no tubo com ela. Ela o tirou de lá, ele a levou até o elevador. Eles estavam quites. E agora ela foi e o ajudou novamente.

— Foda-se, — ela murmurou, olhando de volta para a porta para ter certeza de que ninguém tinha entrado. — Você precisa ir embora. Nós dois estamos teremos sérios problemas se alguém perceber que estamos tentando nos comunicar um com o outro.

Ele fez o movimento novamente, parecendo um pouco frustrado dessa vez antes de nadar ainda mais perto do vidro. Ela se levantou, a cadeira rolando atrás dela para dentro da sala. Mas ela sentiu como se um ímã a puxasse para mais perto do vidro e então ele colocou a mão espalmada contra ele.

Ela olhou para aquela palma, tão diferente da sua. Os dedos dele eram enormes, longos e com aquelas garras mortais nas pontas. As teias entre os dedos dele eram mais finas do que ela pensava, e a luz as atravessava.

Sem pensar, ela levantou a mão e colocou a dela no vidro também. O tamanho da mão dele era maior que a dela, mas por um momento, ela se deixou acreditar que podia sentir o frescor da pele dele através do vidro. Como se aquele toque gelado pudesse alcançá-la, mesmo aqui.

— Ei, Mira! — O som ecoou pelo corredor, mas ele estava muito perto para se sentirem confortáveis.

Afastando-se do vidro, ela se virou para encarar a porta, sua respiração irregular em seus pulmões. Alguém iria vê-los. Eles iriam vê-lo, e cada parte dela gritava que ela não podia deixar isso acontecer.

— Vá — ela sibilou, mas quando ela se virou, ele já tinha ido embora.

Lambendo os lábios, ela se pressionou ainda mais perto do vidro e

olhou para o oceano. Mas ele não estava lá. Nem mesmo um traço dele.

— Ohh, Mira — ela murmurou para si mesma. — Você está vendo coisas, garota? Eu não achava que a pressão chegasse às pessoas se você passou a vida inteira no oceano.

— Ei, Mira? — Um dos engenheiros mais jovens colocou a cabeça pela porta. — Você tem um segundo?

— Considerando que estamos todos fora de serviço por um tempo, sim.

— O que você está olhando? — Ele andou até o lado dela e olhou pela janela. Ela não conseguia lembrar o nome dele, mas sabia que todo o seu rosto se iluminava quando ele sorria. Ela sempre o achou bonito. E alto. Alto sempre deixava as pessoas mais bonitas.

— O oceano.

— É, — ele riu, então esfregou uma mão na parte de trás do pescoço. — Acho que tem muita coisa para olhar.

— Claro que sim. O que você queria?

— Oh. — Seus olhos endureceram um pouco, mas então ele se inclinou para frente como se não quisesse que ninguém mais ouvisse o que ele tinha a dizer. — Você se lembra do novo traje em que os técnicos estavam trabalhando? Eu pensei... Bem, com seu pequeno projeto...

— Como você sabe sobre meu projeto? — Ela recuou, olhando para ele novamente. Ela não tinha contado a ele sobre isso, tinha?

— As pessoas falam. — Ele deu de ombros. — Olha, eu pensei que com um desses novos trajes, e se seu projeto estiver funcionando, nós provavelmente poderíamos consertar aquela parede de vidro. Bem fácil, na verdade. Os drones poderiam carregar a nova placa e então eles simplesmente a selariam do lado de fora.

— Que novos trajes?

Ele sorriu, e ela sabia que ele estava prestes a lhe causar muitos problemas.

SEIS

ARGES

Observá-la era incrivelmente chato. Como os achromos viviam assim?

Arges nunca havia perdido seu tempo tentando entender seu povo. Ele estava mais interessado em encontrar falhas em sua cidade. Amassados na armadura que ele poderia usar a seu favor enquanto atacava e destruía. Agora, ele era forçado a observá-los. Ele tinha que ver o que eles fariam com suas vidas enquanto ele tentava encontrar uma oportunidade para roubá-la.

E por todos os sete mares e os deuses dentro deles, eles eram chatos. Como os achromos sobreviviam assim? Eles faziam a mesma coisa todos os dias. Eles andavam pelos mesmos corredores. Aparentemente realizavam os mesmos trabalhos. Dia após dia. Eles até pareciam comer a mesma comida. Uma gosma de aparência úmida que o fez querer vomitar na primeira vez que a viu.

Não é de se espantar que eles fossem tão agressivos. Ele também teria enlouquecido há muito tempo se fosse forçado a viver uma vida dessas.

Claro, sua achromo fez a mesma coisa que os outros. Levou apenas dois dias para ele saber tudo o que ela faria todos os dias.

Ela se levantava e ia para um dos corredores onde havia muitos achromos. Ela comia aquela substância horrível e úmida, então andava pelo mesmo corredor. Eles pareciam se encontrar com grandes grupos de achromos frequentemente. Ela não fazia muito esforço, nem falava frequentemente nessas reuniões. Em vez disso, ela balançava muito a cabeça, o que ele supôs que fosse um gesto de concordância, não de

agressão.

Então ela fugia com outro homem, um que ele já odiava, e eles desapareciam em um dos cômodos que ele não conseguia ver.

Ela estava acasalando com ele? A ideia não deveria ser tão frustrante, mas o deixou muito bravo na primeira vez que viu o padrão. Por que mais uma fêmea e um macho desapareceriam no mesmo cômodo? Os pensamentos o perfuraram como espinhos de baiacu, irritando-o ainda mais.

Ele disse a si mesmo que era porque ele sentiria o cheiro do outro macho se tivesse que roubá-la. Ela cheiraria como outra pessoa, e o cheiro dela era o único que ele achava... tolerável.

Demorou dias para que algo mudasse. Os achromos o entediavam com sua agenda monótona e padrões sem fim. Pelo menos até que ele viu sua achromo desaparecer com o outro. Não para a mesma sala que eles estavam indo antes, mas para uma parte diferente da cidade. Uma parte mais profunda. Quase no fundo, onde eles nunca tinham estado antes.

Pelo menos, não enquanto ele observava. Então ele os seguiu, sozinho dessa vez, em vez de com um de seu grupo. Os outros tinham desistido de caçar com ele.

Afinal, nada nunca mudou. Eles não estavam descobrindo nada sobre os achromos, além de que eles eram chatos.

Eles já sabiam disso.

Arges nadou até uma parte escondida da cidade, mergulhou fundo nas algas e atrás de uma pedra muito grande enquanto ouvia sua achromo e o macho vagando sobre sua cabeça. Eles conversavam naquele discurso horrível, e ele quase desejou poder entendê-los. Talvez então ele soubesse de seu plano nefasto.

Mas então ele viu a abertura para a cidade deles.

Como eles não tinham visto isso? Ele permaneceu onde estava, observando enquanto duas placas de metal se moviam e então revelavam

luzes brilhantes e painéis de metal. Havia uma abertura *dentro* da cidade que ele não tinha visto.

Uma abertura que poderia ser facilmente aberta com armas afiadas. E os achromos a esconderam de seus olhos por tanto tempo.

Ele rangeu os dentes de raiva. Quem deveria estar vigiando esta parte da cidade? Provavelmente, ninguém. Ele nunca designou ninguém para o fundo da cidade porque não havia nada aqui. Apenas uma parede que cavava na pedra e vazava ferrugem em suas guelras.

Arges era o tolo, então. Esses achromos o enganaram bem o suficiente, e agora não havia nada que ele pudesse fazer sobre isso.

Eles desperdiçaram tanto tempo. Ele poderia tê-los atacado por dentro. E ele provou seu valor dentro dos tubos deles. Ele poderia lutar contra eles mesmo lá, e um grupo inteiro de seu povo? Eles dizimariam a cidade até que seus corredores ficassem vermelhos de sangue.

Fervendo de raiva, ele se aproximou para observar e ver o que os achromos estavam fazendo agora.

Uma das placas que ele e sua achromo destruíram foi lentamente baixada para o mar. Ele mostrou os dentes em um silvo silencioso enquanto um braço de metal o ajudava a guiá-lo pela água e então o apoiava contra uma pedra no fundo. Ele odiava ver aqueles braços agora que sabia do que eles eram capazes.

Mas então ele ficou chocado e horrorizado ao ver uma criatura inteira de metal cair no fundo do oceano. Ela caiu através da água como uma pedra, despencando para o fundo, onde areia e detritos se acumulavam ao redor dela. E não reagiu. Ele teria pensado que um baque tão forte, um que ele pudesse ouvir de alguma distância, teria feito pelo menos sacudir a dor para longe.

Não aconteceu.

Um suave ruído de trituração ondulou pela água e então duas antenas gêmeas apareceram sobre sua cabeça. Outro clique, e raios de luz

saíram delas. E então o ser se virou. Olhou diretamente para ele. Ele tinha certeza de que o tinha visto e se preparou para fugir, mas então ele simplesmente... não se moveu. Ficou tão parado que era quase como se fosse feito de pedra. Nenhum movimento. Nenhuma respiração. Absolutamente nada.

A água acima dele ondulou e Arges se perguntou se deveria ir embora. Ele poderia levar essa informação de volta para seu povo. Eles deveriam saber que os achromos tinham armas que eles não tinham visto antes.

Todos sabiam sobre as armas no topo dos tubos e presas à cidade. Ele sabia que muitos Povos da Água tinham sido tocadas por suas chamas que, de alguma forma, viviam até mesmo no mar. Todos tinham sido queimados, ou conheciam alguém que tinha cicatrizes de um ataque.

Mas isso? Os achromos haviam dado à luz um novo ser feito de metal, e seria alguém extremamente difícil de matar.

Outra forma caiu da cidade, esta ágil e brilhante. Por um momento, ele pensou que era algum tipo de peixe pálido que eles tinham domesticado, mas então percebeu o que era.

Era a achromo dele. Na água, nadando com ele.

Ele nunca confundiria o formato do corpo dela. Ele a tinha pressionado contra seu peito, suas pequenas mãos patinando sobre suas guelras, embora ele achasse que ela não tinha consciência do toque íntimo. E isso era... ela.

Seu corpo estava coberto por algum material prateado, e se movia com ela como uma segunda pele. Brilhante e levemente colorido, imitava escamas de peixe na luz. Seu cabelo também estava coberto com o mesmo material, e algum dispositivo estranho cobria seus olhos. Mas o que cobria sua boca tinha sua atenção como nada mais.

Era claro, como uma bolha. Ele podia ver os lábios dela se movendo

como se ela estivesse falando consigo mesma. Mas estava claramente fazendo algo para permitir que ela respirasse. Ele podia ver o peito dela se movendo para dentro e para fora enquanto ela afundava na água em direção ao monstro de metal.

Alguma insanidade o empurrou para frente. Ele teve que sacudir a cauda na direção oposta, então ele parou de nadar em direção a ela, como se para... salvá-la? Não. Ele não precisava salvá-la daquela criação de metal. Se ela se aproximasse e ela a esmagasse, então era culpa dela. E todos os problemas dele seriam resolvidos.

Mas ele não a atacou. Em vez disso, ela nadou em volta da parte de trás dela e mexeu em algo ali. Ele tirou uma folha de alga do caminho para vê-la melhor, e sim. Parecia que ela devia ter falado com a criatura, porque ela se virou e estendeu a mão para o painel de vidro.

Suas guelras se dilataram quando ele viu com horror que a criatura pegou a lateral de um tubo com facilidade. O painel inteiro, estrutura de metal e tudo, como se não pesasse nada. Agora ele sabia que provavelmente conseguiria levantá-lo, mas a achromo certamente não conseguiria.

Ela observou a criatura se mover e então fez um gesto acima da cabeça em direção à superfície. Ele observou os painéis se fecharem e pensou que esse era o momento dele. Ele a capturaria agora, mas a maldita criatura de metal certamente tornava isso um pouco mais difícil.

Em vez disso, ele resolveu observá-la. E ele estava feliz por ter feito isso.

Ela tinha nadadeiras nos pés. Delicadas e finas, como ele, mas muito estreitas e muito longas. Chocado, ele observou enquanto ela deslizava pela água atrás da criatura de metal que pisoteava o fundo do oceano.

As guelras em seu pescoço se alargaram enquanto ele a observava nadar. Ela se movia com uma graça inata que ele não esperava. A

primeira vez que ele a viu sob as ondas, ela estava tremendo e lutando para respirar. Quando ele soprou em seus pulmões, talvez ele tivesse dado a ela uma parte de si mesmo. Porque ela se movia como um peixe.

Seu corpo rolando lentamente, ela manteve um braço na frente dela enquanto nadava, separando a resistência do oceano enquanto seguia a criatura de metal. E com as luzes no exterior de sua cidade, ela parecia brilhar.

Então ela levantou a mão e tocou em algo próximo à cabeça. Um raio de luz irrompeu do crânio dela, e ele ficou chocado mais uma vez. Os achromos tinha a habilidade de criar luz?

Olhando para suas mãos, ele piscou suas próprias luzes em suas palmas. Elas eram fracas, porém, bioluminescência em vez da enorme faixa de luz que agora iluminava tudo na frente dela. Ela estava criando luz como algumas das criaturas do fundo do mar faziam. Como isso era possível?

Ele nadou ao lado deles, seguindo-os pelo fundo do oceano. E ele notou que sua achromo não se esquivava dos peixes ou dos enormes caranguejos que se escondiam sob os tubos de sua cidade. Ela os observou com atenção cuidadosa antes de descartar o perigo. Se houvesse tubarões na área, ou qualquer outro peixe mais agressivo, ela estaria em apuros. Mas eles eram tão raros nessas partes, considerando as vistas e os cheiros da cidade.

Esses eram péssimos campos de caça para qualquer predador.

Ele alcançou um afloramento de pedra e pendurou-se na borda, observando-a trabalhar com a cabeça inclinada. Ela seguiu a criatura de metal sem hesitação. Sua atenção raramente se desviava daquele ser estranho que se movia um pouco afetadamente demais para estar vivo... Certamente eles o haviam criado, não dado à luz uma nova espécie?

Ele ouviu o som de algo nadando em sua direção muito antes de sentir o cheiro de um de seus grupos na água. Maketes era um de seus

melhores guerreiros, e um estranho. Sua cauda amarela o tornava bem fácil de ser avistado na água, mas se alguém o tivesse visto, então já estaria morto.

Seu guerreiro nadou silenciosamente ao lado dele, espiando as profundezas antes de recuar em choque.

— O que foi?

— Silêncio.

— Eles não conseguem nos entender. Os achromos sempre foram surdos à nossa linguagem. — Maketes apontou para a achromo de Arges, que ainda não os tinha ouvido ou percebido que eles estavam observando. — Ele não vai olhar para cima.

— Ela, — ele corrigiu, — tem outra criatura com ela. Você não vê?

Com um rolar de ombros e um bater de barbatanas, Maketes mostrou que se importava muito pouco.

— Outra ferramenta feita de metal que quebraria em cinco luas. Ela falhará como todas as outras. Não temo suas criações de metal.

— Hm, — Arges respondeu, olhando para a fêmea e a criatura, que continuavam a pisar forte no fundo do oceano. — Eu não compartilho sua confiança.

— Ela? — Maketes rolou de costas, braços protegendo sua cabeça enquanto observava uma febre de raios nadando acima deles. — Como você sabe que é uma fêmea?

Era difícil dizer. Os achromos não eram tão óbvios quanto o Povo da Água. As fêmeas com as quais ele estava acostumado tinham belos babados na parte da frente de suas caudas e cores adoráveis que ganhavam vida quando estavam prontas para acasalar. Elas eram delicadas e assustadoras ao mesmo tempo. Suas nadadeiras eram mais largas do que a cauda estreita e espinhosa de Arges. Em vez disso, eram largas e flutuavam nas correntes com uma graça adorável. E, claro, suas fêmeas eram significativamente maiores do que Arges ou Maketes.

Olhando para a achromo e sua máquina de metal, ele não conseguia comparar as duas espécies. Ela não tinha barbatanas. Completamente incapaz de se proteger, não importa quantas armas ela tivesse. Indefesa, pior até do que seus filhos.

Maketes rolou para trás, seu cabelo ondulando ao redor dele como uma nuvem, e cantarolou baixo sob sua respiração. O som foi levado pela água, e teria sido facilmente captado no lado oposto da cidade achromos. Ele teria ouvido e saberia quem tinha feito o barulho. Mas essa achromo? Ela nem olhou para cima.

Seu irmão de cardume balançou a cabeça em desgosto.

— Viu? Quebrados, esses achromos. Eles acham que todo o som no oceano é só isso. Oceano. Há tanta coisa que eles não sabem, e ainda assim, eles acham que são donos de tudo.

Ele assentiu, concordando com o irmão. Ainda assim, havia algo nela que chamou sua atenção.

Ela pode não ter nadadeiras ou babados bonitos, mas ela se movia pela água como se tivesse nascido para isso. Ela usava as mãos agora, puxando-se para cima e sobre as pedras enquanto a criatura de metal fazia o caminho mais longo. Ela ainda estava carregando aquele painel, e ele não conseguia imaginar o que fariam com ele.

Até que Maketes se puxou completamente para a borda da pedra, pendurando-se com uma mão nela enquanto sua cauda balançava frouxamente na água. Tão fácil para ela ver se ela apenas olhasse para cima.

Às vezes, seu irmão de cardume era descuidado demais.

— Ela vai consertar a parte da cidade que você quebrou — refletiu Maketes.

— O que?

— É por isso que ele está carregando o painel. Eles estão indo na direção certa para isso. — Ele apontou, e droga, seu irmão de cardume

estava certo.

Aquele pequeno saltador de lama iria consertar o que eles tinham quebrado juntos. Ele não tinha passado por todo esse trabalho para que ela consertasse tudo tão facilmente. Ela não percebeu a destruição que eles tinham causado juntos? Isso era uma coisa boa. O oceano poderia pegar de volta o que eles tinham destruído.

Já havia cracas e amêijoas crescendo naquele tubo, pelo buraco que eles tinham criado juntos. A vida continuou, o mar tomou de volta o que lhe era devido.

— Aquela pequena — ele rangeu os dentes, fluindo sobre a borda e passando por seu irmão.

— Vá lá e pegue ela, irmão! — gritou Maketes. — Traga ela de volta para nós, ok? Acho que a maioria das pessoas gostaria de falar com ela.

Como eles fariam isso, ele não tinha ideia. Mas Arges se recusou a deixá-la consertar qualquer pedaço quebrado de sua cidade. Se a criatura de metal tentasse lutar com ele, então ele aprenderia a melhor maneira de lutar por seu povo. Ele lutaria com honra.

Ela pode não saber ainda, mas aquela achromo era dele. E ele pretendia tomá-la.

SETE

MIRA

Mira ficou chocada que o traje estava aguentando. Havia uma quantidade razoável de pressão tão fundo no oceano, sem mencionar as temperaturas insanamente geladas. A maioria das pessoas não conseguia mergulhar mesmo com trajes por muito tempo.

Mas os engenheiros realmente se esforçaram para garantir que esse traje fosse perfeito. Provavelmente porque queriam voltar para casa, não porque queriam mantê-la segura. Ainda assim, uma garota podia sonhar.

O drone serpenteava à sua frente, tão lentamente que fez seus olhos revirarem mais do que algumas vezes por trás dos óculos. Eles insistiram em enviar este com ela, algo sobre os ondinos estarem um pouco perto demais para o conforto ultimamente. E ela entendia o medo. Sério, ela entendia.

Mas não teria sido melhor enviá-la com seis dos pequenos planadores? Eles poderiam segurar o painel e se mover rapidamente. Uma instalação mais rápida significava que ela ficaria na água por menos tempo, e isso limitava as opções para os ondinos interagirem com ela.

Aparentemente, tal pensamento estava "além de sua capacidade".

Isso a fez querer bater a cabeça em uma pedra e acabar logo com isso. Ela nunca seria nada além de uma ferramenta útil para os chefes de Beta, e ela sabia disso. Ela cresceu com aqueles socos, e não deveria ter esperado que isso mudasse só porque ela fez um dispositivo que lhe permitia respirar debaixo d'água sem um tanque de ar. Ainda assim. Demorava um pouco toda vez para a dor pungente da rejeição deixar seu corpo.

O drone avançou, ainda segurando aquele painel sobre sua cabeça

como um escudo. Mas eles finalmente chegaram ao túnel de engenharia, e ela trincou os dentes com a visão. O oceano não esperava muito para levar tudo de volta.

Havia cracas nas paredes. Estrelas-do-mar no vidro. Até mesmo alguns pequenos ouriços-do-mar que vagarosamente serpenteavam pelo chão que agora estava coberto de areia. Felizmente, parecia que sua porta de segurança tinha resistido.

Nadando naquela direção, ela chutou suas nadadeiras e se moveu um pouco mais perto de uma das janelas. Olhando para dentro, ela ficou satisfeita ao ver que estava tudo seco.

Talvez não haja oxigênio, mas não há vazamentos.

Era um bom começo. Eles teriam que consertar muito mais do que apenas este painel, mas pelo menos poderiam voltar para suas coisas.

Ela pressionou os dedos no vidro. Dentro daquele quarto estavam seus únicos pertences, e os únicos que causaram algum impacto em sua felicidade. Uma foto de seus pais, a pulseira de bronze de sua mãe e o cinto de ferramentas de seu pai.

Eles haviam se ferido lá dentro, entre todos os lugares. O pai dela estava consertando um elemento de aquecimento bem grande e a mãe dela estava trabalhando nos fios acima dele. Ninguém sabia realmente o que aconteceu, mas nenhum deles saiu vivo daquele quarto.

Pelo menos ela tinha as coisas deles. Pelo menos ela tinha alguma maneira de se lembrar deles além da memória frágil.

Suspirando, ela se virou e deixou as bolhas de ar saírem do seu respirador. Ela estava trabalhando nessa invenção há muito, muito tempo. Tubos gêmeos na parte de trás da cabeça sugavam oxigênio do oceano e permitiam que ela respirasse. Não exatamente como um peixe, mas bem próximo. Ela nunca tinha testado debaixo d'água assim, embora soubesse que eventualmente teria que usá-lo.

Felizmente, funcionou. Ela honestamente não tinha certeza se

funcionaria.

Mira viu a massa escura pelo canto do olho momentos antes de atingi-la. Ela não esperava que algo se movesse tão rápido pela água, muito menos que a atacasse. Eles já tinham vasculhado a área com drones para garantir que não havia nada grande nas proximidades.

Três outros homens se juntariam a ela. Ela teve esse pensamento tardio enquanto era esmagada contra a lateral do túnel. Ela só tinha que aguentar até eles chegarem aqui.

Mira alcançou o cinto em volta da cintura e tentou agarrar sua faca serrilhada. Não faria muito contra um tubarão, mas poderia mantê-la viva. Ou, pelo menos, fazer a criatura pensar duas vezes.

Sacando a lâmina, ela atacou cegamente, mas logo percebeu que todas as suas tentativas de atingir algo vital eram interrompidas pelo que parecia ser um... antebraço?

Se contorcendo, ela tentou se virar na água, mas as malditas nadadeiras de mar profundo em seus pés dificultaram isso. Elas foram construídas para movimentos longos e graciosos. Elas a impulsionaram pela água rapidamente, mas ela tinha que estar no controle de seu corpo.

Olhando para baixo, ela viu um antebraço grosso enrolado em sua cintura. A pele mais escura, as leves manchas amarelas que ela não esperava ver, e as finas fissuras de azul brilhante que brilhavam como veias no topo daquelas mãos com garras.

Droga, ela sabia exatamente quem a tinha em mãos.

O ondino, o idiota que chegou perto demais da cidade e agora a estava agarrando na água?

Mira lutou com ainda mais intenção. Como ele ousa? Ele pensou que poderia atacá-la fora da cidade? Eles tinham um acordo. Ou pelo menos, alguma aparência de acordo. Ela salvou a vida dele. Ele salvou a dela. Eles estavam quites. A maldita coisa precisava deixá-la em paz.

Se contorcendo em seu aperto, ela finalmente girou em seus braços.

Mas agora ele estava segurando seu traje e ela não conseguia se mexer sem arriscar danificar o material.

Se ela de alguma forma escapasse, não havia como explicar as marcas de garras em um equipamento novo e caro. Além disso, ela precisava desse traje para se manter viva aqui embaixo. A pressão, o frio, tudo isso a mataria instantaneamente.

Nervosa, ela socou as costelas dele, mas ele não se mexeu. Nem olhou para ela enquanto nadavam para longe daquele lugar e em direção a quem sabe o quê.

Falando nisso... Ela esticou o pescoço para olhar para onde estavam indo e tudo o que ela conseguia ver era à beira do penhasco onde Beta havia construído sua cidade. Um penhasco que mergulhava fundo.

Muito fundo.

— Não, — ela disse, sua voz distorcida pelo respirador. — Não, você não pode me levar lá.

Ela não sabia o que havia tão abaixo das ondas, mas isso não importava. Ela sabia o que a pressão faria com ela. Ela precisava de um traje melhor, uma máscara muito melhor, e se eles continuassem assim...

Mira lutou novamente, batendo as mãos repetidamente contra a prisão muscular.

— Pare! Escute-me, eu não posso. Nós não podemos. Eu não sei o quão fundo você quer ir, e eu não tenho ideia de quão fundo isso vai. Eu sou uma engenheira, não uma piloto. Mas me escute, ondino, eu não posso!

Ele não lhe deu atenção. Ela olhou para ele, imaginando o quanto doeria se ela agarrasse um punhado de suas guelras. Mas então ela se lembrou da faca em sua mão. Estúpida. Ela era tão estúpida quando entrava em pânico.

O medo controlava seu corpo. Medo do desconhecido, das profundezas do oceano, da escuridão atrás dela e de como as correntes

parecia trabalhar a seu favor. Eles já estavam na borda dela, já tão perto do abismo que se abria como a boca de uma enorme criatura marinha.

E ela não tinha ideia do que ele queria dela. Apenas que a espécie dele matasse a dela.

Ela reagiu. Mira o golpeou com a lâmina serrilhada e sentiu o choque dele ondular por seu corpo. As barbatanas dele se abriram, os braços se afrouxaram e aquelas guelras ao redor do pescoço dele se estufaram como uma coleira chique que ela tinha visto nos livros de história.

Mas então ela estava caindo. Não, ela estava flutuando para longe dele e uma correnteza a havia prendido. Ela não tinha como se controlar, nem sabia para onde a correnteza a estava levando. Apenas que a correnteza a arrancou dos braços dele e a jogou para baixo da borda.

— Porra — ela resmungou, gritando um rosnado de raiva no final da palavra.

Ela chutou, agitou os braços, fazendo qualquer coisa para impedir o movimento desenfreado do seu corpo caindo na escuridão.

Sua lanterna iluminou partículas de poeira e uma parede de pedra. Era tudo o que ela conseguia ver, e mesmo assim, girava ao redor dela enquanto ela girava descontroladamente pela água. A poeira ficou dourada, depois vermelha, depois branca enquanto toda a luz desaparecia, exceto a dela. A cor era difícil de ver ou decifrar. E então a parede de pedra também caiu.

Ela tinha a sensação enervante de que não existia mais. Não havia nada ao seu redor, nenhuma sensação de chão ou onde ela poderia estar. Apenas o nada que nem mesmo sua luz conseguia penetrar. Partículas vinham e iam. Pequenos grãos de poeira que flutuavam perto dela. Ela jurou que em um momento olhou para uma boca aberta cheia de dentes.

Não havia nada. Só ela e a escuridão aberta do abismo. Ela não sabia onde era para cima ou para baixo. Ela não podia nem arriscar um

palpite. Mas ela tinha a imagem de si mesma como uma única uma partícula de poeira em uma tela em branco de escuridão e um ser monstruoso abaixo dela que ela não conseguia ver.

E então, de repente, suas costas bateram em algo duro e inflexível.

Mira se virou. Suas pernas se enredaram enquanto suas longas nadadeiras se prendiam uma na outra, mas de alguma forma ela estendeu a mão e agarrou a pedra em que havia batido.

Não era muito. Mas existia. Era resistente, e isso era o suficiente agora. Respirando com dificuldade, ela podia ouvir as engrenagens na parte de trás de sua cabeça girando para fazer ar suficiente para ela engolir, mas não duraria para sempre. Ela não o havia construído para alguém respirar tão freneticamente.

Com os dedos cravados na rocha, ela fechou os olhos com força e tentou controlar a respiração. Inspirar e expirar. Ela não conseguia contar até cinco na inspiração, mas conseguia contar até três. Então ela fez isso dez vezes antes de mudar para quatro, e então lentamente se concentrar no resto do corpo.

Os dedos dos pés dela estavam intactos. Ela conseguia movê-los com as nadadeiras. O traje estava bom, embora ela pudesse sentir a água fria vazando por um buraco nas costas. Eventualmente, isso seria um problema, mas agora, ela estava bem. Iria durar. A integridade do traje não tinha sido excessivamente danificada, então ela podia relaxar sobre morrer de hipotermia.

Enrolada sobre a rocha como estava, ela não conseguia ver muito além de pedra. Pelo menos a luz presa à sua cabeça ainda funcionava. Ela olhou para a rocha entre os dedos. Preta, porosa. Ela já tinha visto esses espécimes chegarem a Beta antes.

Elas eram vulcânicas. Ela tentou puxar as outras palavras para elas, mas não conseguiu. Ela entrou em pânico um pouco. Ela tinha batido a cabeça? Talvez esse fosse o problema.

— Você não bateu a cabeça — ela se assegurou. — Você se lembraria se batesse a cabeça. Isso é um ataque de pânico. Você já teve isso antes. Você está bem.

Mas ela não se sentia bem. Ela levantou a cabeça para olhar ao redor, ajustando sua luz para que fosse o menor e mais intenso facho que pudesse ser e ainda... nada. Apenas água. Apenas formas vagas à distância que ela pensou que poderiam ser outras rochas. Ou criaturas do fundo do mar que ela não queria conhecer.

A correnteza se movia logo acima de sua cabeça. Mira levantou a mão e pôde senti-la empurrando contra sua palma. Ela devia ter caído do fundo e agora estava deitada ali, em uma rocha vulcânica, e tinha que haver outro declive em algum lugar próximo.

— Você está viva, — ela repetiu para si mesma, dobrando-se novamente sobre a pedra e tentando não pensar sobre mudanças de pressão e o que elas faziam com um corpo. — Você está viva, e não está alucinando. Você veria coisas se movendo à distância, você...

Veja formas escuras.

Ela veria formas escuras se movendo um pouco mais perto a cada batida do coração e provavelmente pensaria que estavam vivas. As sobrancelhas de Mira franziram quando ela voltou sua atenção para as sombras à distância. Ela não achava que estavam se movendo ainda, mas e se estivessem?

Envenenamento por nitrogênio. Afetava mergulhadores, e ela sabia que os fazia ver coisas.

Mas espere, não, ela estava em pânico. Seu respirador não fazia isso. Ela não estava carregando tanques de oxigênio, nitrogênio e tudo o mais que eles respiravam. O dispositivo que ela fez transformava a água em ar, assim como os peixes faziam. Ela não ia ter alucinações, o que significava que a forma escura que se aproximava dela não estava em sua cabeça e sim bem na frente dela.

O medo percorreu seu corpo e ela se moveu sem pensar.

Mira se virou da pedra e manteve o corpo baixo enquanto nadava para longe. O que quer que a seguisse, correndo atrás dela como uma bala na água, estava caçando. Mas ela era menor e nadar em espaços apertados lhe daria uma chance muito maior de sobrevivência.

Ela não perdeu tempo com medo de nadar para mais longe de Beta. Era um risco que ela teria que correr para permanecer viva. Esquivando-se das pedras, ela encontrou o que estava esperando. Espirais altas de material vulcânico que tinham caído umas sobre as outras, criando um labirinto de pequenas rachaduras onde peixes pálidos se aglomeravam.

Fendas nas quais ela conseguia se encaixar. Mas o que a estava seguindo? Não conseguia ver.

Ela não parou para ver que tipo de criatura a caçava. Mira disparou pelas ruínas vulcânicas, esperando que não estivessem ainda ativas. Poeira preta flutuava ao redor dela, e ela só conseguia ver até onde sua mão alcançava, mas sabia que as espirais estavam bem ali. Bem na frente dela. Ela só tinha que fazer isso antes que o que quer que estivesse atrás dela a alcançasse.

Mais um impulso de seus pés e ela estava lá. Ela agarrou a borda das pedras no momento em que uma de suas nadadeiras foi pega pela corrente. Ela a arrastou para cima, cortando suas mãos na pedra afiada, mas ela se recusou a deixar que isso a parasse. Rangendo os dentes, Mira fez um túnel sob uma das pedras, enfiando-se tão fundo que não sabia se conseguiria sair.

Mas ela não conseguia parar de chiar. Ela nunca se sentiu presa em sua vida, mas agora sabia como era ter medo de dentes cravando-se nela sem nunca ter visto seu agressor.

Girando, ela se moveu rápido demais e sua luz atingiu a pedra acima de sua cabeça. Ela não conseguia ouvir o som de vidro quebrando, mas conseguia senti-lo triturar e então tudo mergulhou na escuridão.

Ela pensou que estava assustada antes? Agora ela conhecia o medo real.

Nada existia. Ela não existia, se não fosse pela sensação da pedra ao seu redor e da água gelada se acumulando na base de sua espinha. Não havia luz. E ela pensou que sabia como era encarar a escuridão, mas estava tão enganada.

Era como se ela estivesse morta. Essa escuridão era como se alguém tivesse arrancado seus olhos e levado suas orelhas. Ela era nada e tudo ao mesmo tempo.

Até que uma suave luz azul floresceu à sua frente. Ainda estava a alguma distância, mas era azul-bebê como os ovos de pássaros na chocadeira. Tão suave e modesta que quase a fez sair do seu esconderijo.

Piscando os olhos para focar, ela percebeu que a luz azul era familiar. Seu ondino flutuava pela ravina vulcânica, puxando-se com aquelas mãos palmadas e com garras. Ele a procurava, ela percebeu. Ele estava olhando em todas as rachaduras e fendas, suas sobrancelhas franzidas em concentração e aquelas guelras totalmente estendidas.

Elas eram tão frágeis. Tão finas. Flutuando ao redor de sua cabeça, movendo-se por conta própria enquanto a água brincava com elas. Tantos tons de azul, todos brilhando com bioluminescência ao redor de seu rosto. Cortando aquele peito musculoso mais profundamente com sombras e leves realces azuis. Sua cauda longa e poderosa o movia com apenas um movimento. Como uma enguia à deriva na corrente.

Ele era lindo, ela pensou. Se ela morresse ali, ela estava grata que fosse nas mãos de alguém como ele.

Então aquelas guelras pararam de se mover, uma ondulação as enrijeceu enquanto ele se virava em sua direção e ela sabia, de alguma forma, que ele a havia encontrado. Mas, ela supôs, nunca era fácil para uma presa se esconder de um predador.

Principalmente alguém como ele.

OITO

ARGES

O que ele deveria fazer com essa criatura?

Sua achromo mal conseguia lutar enquanto ele a arrastava pela água! Ele não tinha a mínima ideia do que ela estava tagarelando com ele, mas ele imaginou que essa era a melhor hora para pegá-la. Ela já estava na água. A criatura de metal que a seguia não parecia se importar nem um pouco que ele a tivesse roubado. A sorte estava do seu lado.

Até que ela o pegou com aquela arma afiada dela. Ele tinha se assegurado de que o mar a comeria. Aquelas bordas afiadas não chegariam perto dele novamente. As profundezas poderiam levar aquela arma que era surpreendentemente mortal, se ela soubesse como empunhá-la.

Mas então as profundezas a levaram. Ele nunca pensou que o oceano trabalharia contra ele. Para seu povo, as profundezas eram uma deusa. Ela cuidava deles, assim como eles cuidavam dela.

Durante toda a sua vida, Arges sempre conheceu o toque dela. A sorte o seguia aonde quer que ele fosse, e as correntes favoreciam seus movimentos. Ele nadava mais fácil do que os outros. Kelp nunca se enroscava em sua cauda, nem as criaturas do oceano o atacavam diretamente.

Ele era favorecido. Então por que o mar havia tirado essa achromo de seus braços?

A frustração se instalou bem rápido, especialmente quando ele não conseguiu encontrá-la. Esse era seu papel, seu trabalho. Ele tinha que entregá-la de volta à cidade, e essa era a única opção. Até que ele percebeu que estava seguindo um cheiro de medo e dor. Era fácil arrastar

o cheiro dela por suas guelras, brincar com ele através dos filamentos delicados. Mas ele odiava o gosto do medo dela.

Ele tentou pensar no que sabia sobre a espécie dela. Eles não conseguiam respirar debaixo d'água, mas tudo bem. Ela estava com o acessório no rosto e claramente ela estava respirando se ela conseguia falar. Seu traje ainda estava intacto, e ele assumiu que sua segunda camada de pele a ajudava a nadar. Até suas nadadeiras ainda estavam em seu corpo, então o que ela estava tentando dizer a ele?

Enquanto ele procurava pelos restos vulcânicos, ele se lembrou de um certo peixe que ele queria levaar para casa quando criança. Sua mãe tinha sido tão doce enquanto ele segurava a pequena criatura brilhante em suas mãos.

— Arges, — ela disse, abrindo a gaiola dos dedos dele. — Você deve deixá-lo ir. Nós vivemos no fundo do oceano, meu filho. Se o levarmos tão fundo, ele morrerá.

Morrerá.

Ah, ele era um idiota. Claro, ele não podia arrastá-la para seu povo. Sem mencionar que não era isso que Mitera havia pedido para ele fazer.

Ele deveria usar essa pequena achromo. Ele deveria convencê-la a ajudar seu povo, mesmo que fosse por meio de mentiras. Como ele deveria fazer isso? Ele não tinha ideia. Não era como se ele pudesse seduzi-la. Ele estava faltando em muitas coisas, ele tinha certeza, considerando quão grotesca ela era para ele.

Eles eram duas espécies muito diferentes que aprenderam a se odiar desde muito jovens. Ela não confiava nele, e ele não ajudou a construir essa confiança atacando-a e tentando arrastá-la para o abismo.

Passando a mão pelos cabelos, ele voltou sua atenção para encontrá-la. Felizmente, ele podia sentir o gosto de onde ela estava. Enrolada em uma das fendas de lava onde ela pensou que ele não a encontraria. Era uma pena que essa achromo tivesse cedido ao medo. Ele

gostava mais dela quando ela era corajosa.

Arges nadou perto, mantendo seus movimentos medidos e lentos. Ele não queria assustá-la ainda mais, mas precisava que ela saísse.

— Achromo, — ele disse. — Você não pode ficar nas pedras para sempre.

Ela se contorceu para mais longe dele, pressionando as mãos contra os lados da cabeça. Havia o cheiro de dor novamente, tão forte que ele temeu que ela atraísse um enxame de tubarões na direção deles. Ele precisava tirá-la daquele lugar.

Então ele tentou novamente.

— Escute-me. Não tenho intenção de machucá-la…

Dessa vez ela soltou uma tagarelice muito alta que ele não tinha como entender. Ele não sabia o que ela estava dizendo, nem se importava de verdade. Ela precisava sair dali.

Mas então ele percebeu que ela estava apontando para o lado da cabeça, ambos os lados. Então ela apontou para a boca e para a cabeça novamente, antes de se sacudir.

O que ela estava tentando dizer agora? Esta pequena achromo seria a morte dele.

Ele a estava observando há muito tempo. Tudo o que ele queria era ir para casa, e ela estava tornando isso impossível.

Arges abriu a boca novamente apenas para ela acenar freneticamente as mãos e depois abaixá-las. Lentamente. Quase como se...

Ela estava dizendo que ele falava muito alto?

Ele recuou, sua barbatana sacudindo quase todo o comprimento de sua cauda para longe dela. Ela estava realmente tentando dizer que ele era barulhento? Ele nunca foi o irmão barulhento, e muitas pessoas pediam para ele repetir porque ele era muito quieto!

A idiota, ridícula, horrível, tola de uma achromo não tinha ideia de

quão insultuosa ela era. Ela não sabia que seu povo riria dele se ele dissesse que ela havia pedido para ele falar mais baixo.

Ele respirou fundo, as guelras ao longo de seus lados se alargando com o movimento e tentou se livrar da raiva.

— Preciso que você saia. — Dessa vez, ele quase sussurrou as palavras.

Mas por que ele estava fazendo isso? Ela não conseguia entendê-lo. Ela não se importava que ele quisesse que ela saísse, e claramente ela não tinha intenção de fazer isso. Se alguma coisa, ela tinha se enfiado mais fundo.

Olhando para a escuridão, ele murmurou:

— Galene, me dê força. — A deusa dos mares calmos era a única que poderia salvá-lo agora.

Ele não tinha tempo para esse jogo. Se ela quisesse se esconder dele, tudo bem. Mas ele não a deixaria ter sucesso.

Agitando sua cauda, ele chicoteou através da água e colidiu fortemente com as pedras de lava. Suas escamas o protegeriam, então ele enrolou sua cauda em volta do maior pilar e apertou. Contraindo todos aqueles músculos poderosos de anos e anos de natação, e ele sentiu as pedras de lava quebrarem.

Talvez ela também tivesse ouvido, porque ela arrancou as barbatanas dos pés. Ele não tinha certeza do porquê ela estava fazendo isso, considerando que ela precisaria delas se quisesse fugir dele, mas então ele percebeu que ela iria se mexer mais fundo. Uma barbatana se soltou, revelando várias pequenas nadadeiras na base de suas caudas gêmeas.

Se ele não tivesse ficado tão assustado, ele teria aproveitado o momento para agarrá-la. Mas ele ficou horrorizado ao vê-los.

Eles estavam mutilados. Cortados nas pontas como se alguém tivesse colocado uma pedra afiada em suas nadadeiras para decoração.

Eles eram tão pequenos, também. Ela era deformada? Foi por isso que seu povo a enviou por conta própria?

A achromo aproveitou a oportunidade para se enfiar mais fundo nas pedras de lava. Ele podia ver um longo corte nas costas dela, tênue e pálido, onde ela havia raspado as escamas.

Ou a achromos não tinha escamas nenhuma? Como seu peito?

Ele tocou uma mão palmada no plano liso do peito, e foi quando ela o pegou desprevenido. Uma daquelas nadadeiras horríveis e mutiladas o atingiu bem nas guelras. Soltando um suspiro, bolhas saindo de sua boca em uma exibição um tanto embaraçosa, ele se moveu apenas o suficiente para que ela deslizasse por ele.

Por um momento, ele a deixou nadar. Para onde ela iria, afinal? Só havia oceano aberto, e ele duvidava que ela soubesse onde ficava sua cidade brilhante. As correntes deveriam ter virado sua cabeça do avesso e de cabeça para baixo.

Mas aqui estava ela, nadando tão lentamente para longe dele, e ele percebeu que havia uma pequena caverna para onde ela estava indo. A lava esfriava e criava longos túneis, às vezes. Se ela entrasse lá, ela iria se arrastar até o fundo e ficaria muito longe do alcance dele. Ele teria que ficar ali por pelo menos um dia esperando que ela colocasse a cabeça para fora como uma tartaruga em seu casco.

— Não, você não vai, — ele rosnou antes de sacudir sua barbatana. Foi preciso tão pouco esforço para alcançá-la.

As garras dele cravaram-se no traje dela, arrastando-a para mais perto dele e então para seus braços. Ela lutou contra ele, é claro. Balançando-se como uma enguia e quase tão escorregadia. Mas logo ele a controlou, mesmo que bolhas o atingissem no rosto enquanto ela soltava um longo grito que soava assustadoramente como uma palavra em sua língua.

Ela não quis dizer, ele sabia. Não era bem assim que ela se sentia

naquele momento, mas um macho podia sonhar.

— Silêncio, fêmea, — ele disse, envolvendo seus braços mais apertados ao redor dela. Ele a virou para que seu rosto ficasse esmagado contra seu peito, e então apertou forte até que ela finalmente congelou em seu aperto, ainda dura, mas não se movendo mais.

Era bom o suficiente para ele. Ele só precisava que ela ficasse parada.

Arges deslizou a mão pelas costas dela, seus dedos se contraindo enquanto ele batia no topo dos quadris dela. Isso parecia notavelmente similar ao seu próprio povo. Embora ela fosse anormalmente pequena para uma fêmea de sua espécie. Elas eram maiores que os machos, então foi uma experiência bastante única saber que ele segurava uma fêmea adulta em seus braços e sua cabeça apenas roçava seu ombro.

A cauda dele era mais longa que as caudas duplas dela. Ele deveria tentar desembaraçá-las para que não ficassem apenas batendo na água. Mas então ela se mexeu em seus braços e ele ficou bastante chocado com o conforto repentino dela.

Essas caudas gêmeas se moviam rigidamente, mas ela cravou suas curvas afiadas em suas guelras e enfiou aquelas nadadeiras feias contra suas nadadeiras de quadril. Essas eram geralmente reservadas apenas para uma fêmea confiável de sua espécie, e ele certamente não tinha uma fêmea as tocando há muito tempo.

Inspirando fundo, suas guelras tremulavam contra sua estranha segunda pele enquanto ela enrolava aquelas nadadeiras nele. Para se manter aquecida? Talvez. Elas pareciam muito frágeis. Muito finas, muito ossudas para tão fundo no oceano.

Então ele a deixou fazer o que fosse preciso. Ele nadou por eles, deixando a correnteza levá-lo não mais fundo, mas um pouco mais para cima para que ele pudesse levá-la a algum lugar seguro. Mas durante toda a jornada, tudo o que ele conseguia pensar era nas pequenas

nadadeiras dela pressionadas contra um dos lugares mais privados de seu corpo.

Ela sabia o que estava tocando? Ela sabia que se ele tivesse se sentido remotamente atraído por ela, ela teria um apêndice significativamente mais preocupante pressionado contra sua barriga macia?

Ou melhor, entre suas estranhas caudas, ele supôs. Ele era muito maior que ela, afinal.

Finalmente, ele chegou ao sistema de cavernas. Eles estavam um pouco mais perto das outras tribos de sua espécie, mas não tão perto que ele a perderia para alguém que pudesse tentar sua posse. Ninguém sabia sobre essas cavernas, de qualquer forma. Ele as encontrou quando era apenas uma criança.

Ela tinha parado de tremer tanto. Ele não tinha certeza se era porque ela tinha desistido, ou se a água ali estava muito mais quente. Não parecia tão diferente para ele, mas ele estava acostumado com as rápidas mudanças de temperatura.

A entrada da caverna ficava na parede lateral de um penhasco que descia em direção à sua casa. A abertura não era tão grande que fosse fácil de encontrar, mas ele conseguia nadar pela pequena fenda sem tocar nas pedras. E então ela se expandiu. Ah, ela se expandiu significativamente.

Ele se lembrou da primeira vez que reuniu coragem para entrar aqui. Sua cauda inteira tremeu de alegria quando ele percebeu que quase todas as plantas bioluminescentes tinham feito seu lar nesta caverna. Pequenos cardumes de peixes prateados ficavam aqui quase todas as épocas do ano também, alimentando as plantas, que por sua vez, os alimentavam. A caverna inteira estava cheia de luz dourada de pétalas gigantes de flores marinhas brilhantes e corais brancos pálidos. Nenhuma sombra aqui, além daquelas que ele lançou sobre a selva de

cor e luz.

A achromo em seus braços lutou novamente. Mas dessa vez, ele podia ver que não era de medo. Ela estava se contorcendo para um lado e para o outro, tentando ver para onde ele a havia levado.

Então ele a deixou ir.

Ela saiu dos braços dele, tão lentamente, sem aquelas nadadeiras falsas. Aquelas que ela havia deixado nos campos de lava, e ele já sabia que as recuperaria para ela.

Arges mal conseguia ver os olhos dela por trás da estranha engenhoca que ela tinha preso ao rosto, mas ele podia ver sua surpresa. Seu olhar se arregalou, e ela agitou as mãos para girar lentamente em um círculo.

O que ela viu?

Um lugar para explorar? Uma caverna para transformar em pó porque poderia haver uma pedra que ela quisesse ou uma planta que seu povo arrancaria pela raiz? Ele nunca deveria tê-la trazido aqui.

Cada pedacinho de cor em seu corpo brilhou enquanto ela nadava até uma das plantas mais raras naquela área do oceano. A flor amarela gigante expeliu sementes quando ela se aproximou, quase tão grandes quanto seu punho. Elas caíram em cascata ao redor dela em uma onda brilhante de luz dourada.

Em vez de recuar ou bater nelas, ela estendeu suas pequenas mãos e pegou uma entre suas palmas. Cuidadosamente - ele podia ver quão cuidadosa ela estava sendo - ela a levantou até seu olhar, observou-a por alguns momentos e então a soltou.

Por que isso fez seu coração apertar tanto no peito?

Ele sacudiu a cauda, roçando no quadril dela e descendo por uma das caudas para chamar a atenção dela. Sua achromo se virou para ele e ele apontou para cima.

Ele teve o distinto prazer de vê-la perceber que havia ar acima

deles. Ela disparou em direção à superfície, balançando aqueles apêndices horríveis o mais forte que pôde até que ela rompeu a superfície.

Arges a seguiu, já sabendo o que ela encontraria. Alguns achromos já tinham estado aqui antes, mas seu povo os havia matado anos atrás. Agora, era uma relíquia de seu próprio povo. Ele nunca havia saído da água aqui, nem pretendia. Mas se ela pudesse fazer algo com isso, então ele supôs que poderia deixá-la aqui.

Afinal, sem ele, para onde ela iria?

A fêmea já havia se arrastado para fora da água. E ele observou com horror enquanto ela rasgava as coisas estranhas do rosto, mostrando que eles tinham deixado marcas vermelhas profundas em sua carne. Então ela puxou a segunda pele ao redor do rosto, lentamente descascando-a da cabeça e revelando todo aquele cabelo vermelho, como se ela estivesse dando à luz a si mesma. Era monstruoso de assistir.

Com o estômago enjoado, ele balançou a cabeça quando ela tagarelava com ele. Ele preferia muito mais ouvi-la quando estavam debaixo d'água e ela tinha tanto o peso do oceano quanto aquela engenhoca abafando sua voz horrível.

— Fique aqui, — ele entoou, observando-a cobrir os lados da cabeça novamente. Suspirando, ele disse muito mais baixo, — Eu vou te trazer comida. Mas você está presa aqui até que eu possa descobrir como me comunicar com você.

Ela já estava gesticulando, tentando transmitir alguma mensagem para ele, mas ele não tinha ideia do que ela estava tentando dizer.

— Você tem água e luz. — Ele apontou para a água. — Agora eu vou lhe trazer comida.

E então ele afundou abaixo da superfície porque não conseguia mais ouvi-la por muito mais tempo. Sua cabeça doía.

NOVE

MIRA

— Merda! — Mira gritou, chutando uma pedra considerável em direção à água. Ela fez um grande e satisfatório respingo, mas isso não mudou sua situação.

A porra do ondino a sequestrou. Ele a seguiu por aquele campo vulcânico, a pescou como se ela não fosse nada além de um incômodo, e então a deixou aqui.

Para morrer.

Ela estava tão afundo debaixo d'água que não havia como escapar para casa. Ela não tinha nadadeiras, então nadar seria muito lento. Seus pés congelariam, e era apenas um pequeno milagre que o ondino liberasse uma quantidade insana de calor em volta daquelas nadadeiras da cintura dele. Caso contrário, ela teria perdido os dedos dos pés na jornada até aqui.

Mas e agora? Ele a deixou em uma caverna, com nada além da luz natural que emitia da estranha piscina. Ela tinha que sentar ali e esperar por ele? Ela morreria.

Ele a deixou para morrer.

Seu coração batia forte no peito e as palavras ecoavam repetidamente em sua mente.

Ele a deixou para morrer. Ela ia morrer aqui. Esta caverna seria seu túmulo e ninguém saberia o que aconteceu com ela. Ninguém realmente se importaria, também. Engenheiros desapareciam o tempo todo quando assumiam um trabalho fora do Beta.

Ela poderia ter batido em uma corrente estranha. Ela poderia ter batido a cabeça e então flutuado do penhasco. Talvez algumas pessoas

ficariam desapontadas por terem que assumir o trabalho dela, mas ninguém sentiria falta dela. Mira nem tinha uma amiga que perguntasse o que tinha acontecido com ela.

Todos eles apenas faziam o que podiam. Ninguém em Beta gostava de se apegar porquê e se algo acontecesse com eles? Assim como aconteceu com ela.

Ela colocou seu respiradouro em uma pedra próxima e então se deixou cair ao lado dele. Ela não conseguia tirar os olhos da engenhoca que tinha funcionado tão bem.

Os outros pensariam que o design dela era falho. Que algo em seu respiradouro tinha dado errado, e é por isso que ela não tinha voltado. Ninguém sequer lhe daria o crédito por criar algo que *funcionasse*. O design dela era perfeito, e não só lhe dera ar durante a tarefa, mas também sob muita pressão sob o oceano.

— Você foi perfeito, — ela sussurrou, sua voz ecoando um pouco na caverna. Passando os dedos pelo dispositivo, ela olhou para a água amarela brilhante.

Era bonita. O movimento natural do mar se transformava em ondas suaves e ondulantes. Quase imperceptíveis, a menos que ela olhasse para a água. Então ela podia ver as faíscas cintilantes que flutuavam da esquerda para a direita. Isso acalmava seus sentidos, colocando sua mente em algo quase como um transe.

— Você está segura, — ela murmurou para si mesma. — Você está viva. Você não está morta ainda.

Repetidamente, ela disse essas as palavras até que um pouco da tensão em seu corpo diminuiu. Seu coração se aliviou com o martelar em suas costelas como uma criança insistente. *Vou relaxar*, parecia dizer. *Mas logo precisaremos correr de novo.*

E correr para onde? Ela estava a apenas alguns metros da água gelada, e o chão não estava totalmente quente contra seus dedos. Não

frio, mas definitivamente não quente.

— Você tem que se levantar e fazer alguma coisa — Mira disse a si mesma. Então ela se levantou.

Talvez ela tenha ficado congelada ali por mais um tempinho. Seu estômago se revirou enquanto ela pensava em se afogar. Seria bom para o ondino retornar e descobrir que ela tinha feito o trabalho para ele. Se ele quisesse matá-la, ele poderia pelo menos ter lutado com ela.

A fome era uma maneira horrível de morrer.

Finalmente, porém, ela desviou os olhos das luzes brilhantes e voltou sua atenção para a caverna em si. Talvez isso lhe desse um pouco mais de detalhes sobre onde ela estava. Ela não podia estar na superfície, nenhum ondino a levaria até lá. Além disso, ela não estaria ouvindo muito mais trovões das tempestades que nunca diminuíam?

Ela ainda devia estar debaixo d'água. Ele deve tê-la levado para um sistema de cavernas que... que...

— Isso é uma caixa? — ela perguntou.

Era mais do que apenas uma caixa.

Havia um sistema de computador inteiro aqui. Tudo instalado no fundo da caverna. Ela reconheceria a aparência daquilo em qualquer lugar. O hardware era semelhante ao da seção de engenharia de Beta. Antigo, mas não impossível de ligar.

Dando um passo cambaleante para frente, ela fez uma pausa e então esfregou os olhos com força para ter certeza de que não estava tendo alucinações.

— Você não pode ter envenenamento por nitrogênio — ela murmurou. — Você não estava respirando gás.

Mas parecia mesmo que ela estava alucinando.

Ela deu mais um passo à frente. Depois outro. Seu corpo começou a se mover por conta própria enquanto ela se lançava em direção ao equipamento. Alguns cliques aqui, um chute rápido para o lado ali, e três

pancadas de seu punho no topo do velho gerador e voilà. Ela estava com sorte.

Aparentemente, a energia era derivada da água. Ela ouviu um suave barulho antes que as luzes piscassem acima de sua cabeça. Não havia muitas, a maioria delas estava em seu próprio suporte e algumas das lâmpadas estavam quebradas.

Mas ela tinha três luzes. Três luzes brancas que não vinham do oceano.

E um sistema de computador inteiro à sua disposição.

— Oh, seu ondino estúpido — ela murmurou enquanto agarrava a lateral do computador. — Sistema de mensagens, ligue. Ligue.

Havia duas palavras na tela, e elas destruíram a pouca esperança que ela tinha de enviar uma mensagem.

Sistemas offline.

Então, ela não poderia contar a ninguém que ainda estava viva. Mas, pelo menos, ela tinha luzes. Ela tinha caixas de coisas para olhar, embora a maioria delas parecesse estar vazia. E havia um berço no canto com um cobertor muito mofado que tinha afundado no próprio colchão. Ela teria que se livrar daquilo.

Não era o pior lugar em que ela já tinha ficado, nem de longe. Nem seria uma estadia muito confortável. Mas talvez se ela tentasse o seu melhor, ela conseguiria fazer o computador funcionar. O sinal seria fraco, e seria muito difícil para ela fazer qualquer coisa além de enviar uma única mensagem repetidamente, mas era um começo.

Era esperança.

O som da água ondulante chamou sua atenção. Mira se virou e gritou quando viu o ondino flutuando atrás dela na piscina. Apenas o topo de sua cabeça e seus olhos apareciam, observando-a com aquele olhar negro que de alguma forma era mais enervante fora d'água do que dentro dela.

Ela não tinha percebido que ele tinha tantas guelras nas laterais do rosto. Talvez elas estivessem achatadas no crânio nas poucas vezes em que o viu, mas agora elas se destacavam. Pontas afiadas com teias, curvas e bordas arredondadas, todas azuis e venosas e realmente nojentas.

Como algumas pessoas em Beta achavam que os ondinos pareciam humanoides, ela nunca entenderia. Elas eram monstros. Eram feras terríveis que sequestravam pessoas que estavam *apenas tentando fazer seu trabalho.*

— O que você está fazendo aqui? — ela perguntou, cruzando os braços sobre o peito e mantendo uma grande distância entre eles. Ele conseguiria sair da água?

Ela pensou que ele sobreviveria. Ele estava no corredor com ela muito bem, e então fez aquele estranho movimento de vômito que expeliu água de suas guelras. Então ele deve ser capaz de viver por um tempo fora da água.

O ondio levantou algo e jogou nela. Ela desviou, evitando qualquer projétil que ele tivesse jogado.

— Realmente maduro, — ela murmurou, olhando ao redor em busca de algo para jogar de volta para ele. — Dois podem jogar esse jogo, sabia.

Talvez eles tenham deixado uma chave inglesa. Não seria muito inteligente desperdiçar uma ferramenta tão valiosa, mas, oh, seria tão bom vê-la ricochetear em seu crânio grosso.

Então algo caiu contra seu pé e ela percebeu com choque que ele havia trazido um peixe para ela. Um peixe grande. Com pele cinza brilhante e uma boca cheia de dentes afiados como navalhas. Mas era comida, e definitivamente não havia comida ali embaixo que ela ainda pudesse comer.

Ela caiu sobre ele imediatamente, colocando o joelho contra suas guelras e alcançando a primeira coisa pesada que conseguiu encontrar.

Infelizmente, isso aconteceu de ser uma tela de backup muito útil que ela poderia ter precisado. Ela a derrubou no crânio um pouco rápido demais para pensar sobre isso, no entanto.

Desperdício de equipamento em troca de comida. Ela aceitaria.

O peixe parou de se debater, e ela soltou um suspiro aliviado. O pobre coitado não merecia morrer assim. Algum humano nojento batendo sua cabeça porque um ondino decidiu que era ela que valia a pena ser a forragem para mantê-la viva.

— Fogo, então? — Olhando para a criatura, que por algum motivo estava cuidando dela, ela balançou os dedos no ar enquanto imitava o movimento do fogo. — Você deve ter nos visto fazer fogo antes. Claramente você foi um voyeur durante a maior parte da sua vida.

Ele inclinou a cabeça para o lado, claramente confuso com as ações dela.

O que mais ele viu que fez fogo?

— Uh... — Ela olhou ao redor, tentando encontrar algo que pudesse ajudá-la. E então ela se lembrou que ele tinha visto seu soldador. A tocha não era exatamente fácil de encontrar, mas quem sabe? Talvez ela pudesse pedir qualquer coisa e ele traria para ela.

Oh, Deus. Ele a estava mantendo como um animal de estimação? Ela era algum estranho projeto científico que ele trouxe para esta caverna para ver quanto tempo ela sobreviveria?

Rangendo os dentes, ela imitou tirar o soldador do quadril e usá-lo no ar. Assim como ele a viu pela primeira vez.

— Soldador? — ela perguntou, apontando para sua mão que tinha o formato da pequena arma portátil. — Isto. É isto que estou procurando.

Na verdade, ele apenas olhou para ela com uma carranca ainda maior antes de afundar novamente nas ondas.

— Certo, — ela murmurou. — Isso foi pedir demais.

Ela olhou para o peixe e cada parte dela se revoltou. Ninguém queria que ela trabalhasse nas cozinhas, e ela nunca quis trabalhar lá, de qualquer forma. Mira comeu peixe a vida inteira. Era praticamente a única carne que conseguiam encontrar nas profundezas do oceano. Talvez Alfa tivesse alguns animais secretos de carne vermelha que pudessem comer, mas em Beta eles tinham sorte de conseguir frango quando os pássaros eventualmente morriam. Mesmo assim, era duro como pregos e tinha um gosto um pouco... estranho.

Mas ela nunca tinha cortado um peixe antes. Ela nunca tinha estripado um dos animais, mesmo sabendo teoricamente como isso funcionava.

Droga. Essa era uma experiência de aprendizado, e ela nem tinha uma faca.

Mira não tinha ideia de quanto tempo ela encarou a pobre criatura, desejando que ela voltasse à vida para que ela pudesse simplesmente jogá-la de volta na água e esquecer que isso tinha acontecido. E então a culpa surgiu. Tinha sido tão lindo. Quem era ela para tirar uma vida quando ela nem estava com fome ainda?

Era mentira. Ela estava com muita fome. Mas talvez quem quer que estivesse naquela instalação de pesquisa tivesse rações que durariam por quantos anos já se passaram desde que alguém esteve aqui. Ela não precisava matar os peixes ainda. E o ondino...

O ondino.

Ele estava olhando para ela da água novamente. Há quanto tempo ele estava lá dessa vez? Observando-a encarar o peixe morto como uma idiota?

Ela engoliu em seco e gesticulou para o peixe.

— Não sei o que fazer com ele agora.

Certo, por que ela esperava alguma reação dele? Ele simplesmente a odiava e queria que tudo isso acabasse logo.

Por que ele a trouxe aqui?

Seu longo braço escuro se levantou da água e, novamente, ele jogou algo nela. Dessa vez foi na cabeça dela. Mira tinha reflexos melhores do que isso, no entanto.

Com um silvo de desaprovação, ela pegou o que ele tinha jogado sem saber o que era. Tudo o que ela conseguia sentir era que era frio, molhado e muito duro.

Franzindo a testa, ela o abaixou para olhar o antigo soldador que ele havia trazido para ela. Estava encharcado, com cracas crescendo ao longo do cabo. Mas era definitivamente um soldador.

Ela sentou-se com força no chão ao lado do peixe morto, virou o soldador de lado e puxou o cartucho para fora. Mira então suspirou aliviada. O faiscador ainda estava nele. Teoricamente, tudo o que ela tinha que fazer era limpá-lo e deixá-lo secar. Então ela deveria ser capaz de apertar o mesmo gatilho, talvez ter que consertar algumas coisas para que funcionasse também, e ela teria fogo.

Isso foi um salva-vidas.

O ondino fez um som como um zumbido, e quando ela olhou de volta para ele, ele gesticulou para o peixe. Fazendo um estranho movimento de agarrar com as mãos, ela presumiu que ele queria que ela jogasse o peixe de volta para ele.

— Claro, amigo, — ela murmurou, chutando-o na direção dele. — Eu vou descobrir como conseguir o meu próprio.

E então, para seu choque completo e absoluto, ele não nadou para longe com ele. Em vez disso, ele se puxou para fora da água até a metade. E cara, ele era enorme. Tão grande que fora da água, ele parecia o monstro que era. Magro e longo, seus músculos ondulavam enquanto ele arrastava o peixe um pouco mais para perto, equilibrando-se com os ossos do quadril contra a rocha, antes de então cortar a barriga do peixe com suas garras.

Ela nunca imaginou que sua vida tomaria essa reviravolta estranha. Essa criatura enorme estava... limpando o peixe para ela.

Ele girava o corpo na água de vez em quando, e ela conseguia ver órgãos e sangue encharcando as ondas. Isso a deixava um pouco enjoada de assistir, mas ela não conseguia tirar os olhos dele.

O ondino que a sequestrou estava tentando... alimentá-la?

— Certo, — ela murmurou para si mesma, trabalhando para desmontar o soldador. — Isso é normal. Apenas mais uma tarde passada com meu amigo ondino enquanto ele prepara o jantar e eu trabalho em algum lixo perdido que ele aparentemente acha que é um presente. Nada para ver aqui.

Ele olhou para ela, lançando aqueles olhos negros em sua direção. Ela não tinha ideia de como sabia que ele estava olhando para ela, mas a sensação do olhar dele era como um toque físico ao longo de seus braços e pernas.

Olhando para seu traje, ela colocou uma das peças de soldador em cima de uma pedra com as outras.

— É, eu sei. Vou ter que descobrir como fazer esse traje secar ou ele vai apodrecer na minha pele. Tem que ter alguma coisa nessas caixas para me cobrir se elas sobreviveram.

O ondino terminou com o peixe, então o colocou sobre as pedras e escorregou de volta para a água. Cada movimento era assustadoramente e perturbadoramente gracioso.

— Obrigada — ela murmurou, olhando para o peixe e depois de volta para a criatura, que se movia como se pretendesse ir embora novamente.

Ela não podia deixá-lo ir. O pânico fez seu coração trovejar em seu peito novamente. Ela estaria sozinha aqui. Completamente e inteiramente sozinha, centenas de metros abaixo da superfície, e o que ela deveria fazer? Um peixe não era o suficiente! E água? Luz? Energia?

Calor?

— Espere! — ela gritou, avançando em direção à água enquanto ele começava a desaparecer.

Pelo menos ele se levantou de volta ao grito dela. Suas sobrancelhas franziram e seus olhos se estreitaram em suspeita.

O que o manteria ali? Talvez comunicação? Obviamente, ele a sequestrou por um motivo. Talvez a criatura tivesse uma quedinha por ela, ela não tinha ideia. Tudo o que ela conseguia pensar em fazer era bater no próprio peito três vezes.

— Mira, — ela disse, batendo novamente. — Meu nome é Mira.

Ele a observou, e ela jurou que ele entendeu o que ela estava tentando dizer, antes de afundar nas profundezas. Ela observou sua cauda passar rapidamente pela luz dourada e então desaparecer.

DEZ

ARGES

Ele tinha uma achromo em uma caverna e não tinha ideia do que fazer com ela.

Arges tentou voltar para seu povo. Mitéra deixou bem claro que não tinha intenção de deixá-lo voltar a menos que ele descobrisse novas informações úteis sobre os achromos. Infelizmente, ele não descobriu. Era quase impossível se comunicar com a criatura na caverna.

Ele voltou uma vez, mas ela estava enrolada em uma caixa de madeira nojenta nos fundos. Ele não tinha certeza do que ela estava fazendo, mas ela não se mexeu quando ele levantou a cabeça para olhar para ela. Arges só podia supor que isso significava que ela estava dormindo.

Seu povo dormia pouco, mas ele havia observado os achromos descansando frequentemente. Eles dormiam por horas a fio, às vezes até mais do que a lua estava no céu. Ele os observou pelo que pareceu uma eternidade antes de perceber que eles permaneceriam naquele estado de desamparo por muito mais tempo do que era seguro.

Aparentemente, essa era o mesmo. Ele geralmente dormia flutuando ao lado de seus irmãos, mas apenas algumas horas de cada vez. Suas pessoas cuidavam umas das outras enquanto descansavam, embora às vezes seu corpo pudesse até nadar enquanto ele dormia.

A achromos, no entanto, claramente precisava de mais descanso.

Ele franziu a testa para ela e então afundou sob as ondas novamente. O que ele deveria fazer enquanto ela estava catatônica? Sua Mitéra não o deixaria retornar ao seu povo sem informações. Ele não conseguia falar com essa achromo, mesmo que ela claramente tentasse se

comunicar com ele.

Arges percebeu que sua paciência estava se esgotando, e ele precisava se controlar. Ele seria muito rude com ela, e isso não ajudaria em nenhuma das situações. Infelizmente, isso também significava que ele teria que sentar e esperar que ela acordasse.

Então ele fez. Ele enrolou sua cauda em volta de uma das maiores flores brilhantes, escondida sob suas pétalas enormes enquanto esperava que sua achromo se juntasse à terra dos vivos novamente. Talvez ele até tenha cochilado por um tempo. Apenas flutuando ali, confortável e em paz, mesmo que ele não devesse ser capaz de relaxar. Não perto dela.

Embora, nesse espaço tranquilo entre a realidade e os sonhos, ele pudesse admitir que ela o tranquilizava. Essa estranha achromo o viu no seu pior momento e ela nem sequer vacilou. Não havia um pingo de medo nessa criatura, e ele supôs que isso era algo honroso.

Nojento, sim. Mas honroso, do mesmo jeito.

Finalmente, ele viu a sombra dela se movendo acima dele. Ele não tinha muita certeza do que ela estava fazendo, e levou um momento para se desenrolar e observar enquanto ela se movia para frente e para trás ao longo da abertura na água. Suas estranhas nadadeiras a levavam de uma seção para a outra, e ele podia ver o tênue contorno de seus braços se movendo.

Ela estava falando sozinha? Besta estranha. Ninguém estava aqui para ouvi-la.

A menos que ela soubesse que ele estava aqui.

Nesse caso, ela deveria saber que ele não conseguia ouvi-la. A água abafava a maioria dos sons e tornava impossível para ele ouvir qualquer coisa além do mais fraco borbulhar.

Virando a cauda, ele deslizou pela água e silenciosamente rompeu a superfície. Ele a observou com os olhos semicerrados enquanto ela andava de um lado para o outro. Para frente e para trás. Movendo-se

pelo ar tão suavemente quanto ele fazia na água.

Ela estava resmungando. Ele não tinha ideia do que ela estava dizendo, mas a cadência e o fervor disso pareciam se repetir. Uma e outra vez. Como se ela estivesse repetindo a mesma coisa.

Ele nunca entenderia essa estranha criatura.

Beliscando o indicador e o polegar, ele jogou água nela. Algumas gotas voaram pelo ar e espirraram contra suas nadadeiras nuas, lembrando-o de repente que ele pretendia voltar e pegar aquelas nadadeiras adicionais que ela usou para acelerar seu movimento. Pelo menos isso seria útil para ela.

Ela soltou um ruído frustrado e olhou feio para ele.

Oh, como ele adorava aquela expressão. Ela queria brigar com ele. Ele podia ver isso. Ela queria alcançar a água, arrancá-lo de lá e estripá-lo, assim como ele estripou o peixe para ela. Felizmente, seria preciso muito mais do que suas escassas garras para fazer isso com ele.

Mesmo assim, ele não conseguiu deixar de provocá-la.

— Você acha que é uma guerreira? — ele perguntou, os espinhos em suas nadadeiras se erguendo. — Que pena, achromo. Se você pisar nesta água, eu vou te rasgar em pedaços. As águas ficarão vermelhas com seu sangue, e eu vou vê-lo jorrar de suas feridas.

Uma pequena pedra o atingiu no centro da testa. Congelando onde estava, ele tocou a mão na parte agora dolorida do crânio. Ela tinha acabado de jogar uma pedra nele?

Aparentemente sim. Essa criaturinha destemida não teve problema algum em encarar a ameaça dele. Ela ficou ali com as mãos na cintura, olhando feio para ele.

E então ela começou a falar. Ele não precisava entendê-la para saber o que ela estava dizendo, porque ela era surpreendentemente sucinta com seus gestos.

Ela queria matá-lo. E se ele chegasse perto dela, ela jogaria outra

pedra nele e então... Bem, ela passou um dedo pela garganta, então ele só podia presumir que isso era uma ameaça ainda maior.

Suspirando, ele se perguntou se ela percebia que seu povo nunca recuava de uma oferta de luta. Ele era um guerreiro, um verdadeiro guerreiro, não apenas uma coisinha pálida e desgrenhada com barbatanas fracas e nadadeiras minúsculas. Ele poderia destruí-la tão facilmente.

E, no entanto, aqui estava ela. Agindo com mais confiança do que tinha o direito. Achromo tola. Ele quase admirou sua bravura.

Mas, por enquanto, ele precisava provar um ponto.

Saltando para a frente, ele sacudiu o rabo com força e se catapultou para fora da água. Ela soltou um ruído áspero e estridente que irritou seus ouvidos, mas esse ataque não o deteve. Bastou um leve movimento para agarrar o braço dela, e ainda menos esforço para jogá-la através da caverna e na água.

Ela não estava longe o suficiente dele. Na verdade, ele pensou que ela provavelmente estava um pouco mais longe do que ele poderia alcançar, mas ela não estava. Sua cauda ainda estava parcialmente na água depois que ele a jogou, apenas o suficiente para se arrastar de volta para as profundezas e afundar abaixo delas.

Ele queria ver a frustração no rosto dela. Ele queria sentir alguma sensação perversa de alegria com sua turbulência e medo. Mas em vez de sentir o cheiro do medo na água, como ele esperava, ele apenas sentiu o cheiro da raiva dela.

Ela ficou embaixo da superfície por mais tempo do que ele esperava, também. Ela demorou, a água salgada pegando seu cabelo em uma nuvem ondulante de vermelho ao redor de suas feições. E oh, ele odiava ter o pensamento momentâneo de que ela poderia até ser adorável.

Ele jurava que aquela pele prateada era muito parecida com a de

muitos peixes no mar. Ela brilhava com cada um de seus movimentos, até mesmo os menores espasmos que ela usava para se virar para ele. E ele a preferia muito mais assim. Com o rosto descoberto para ele ver, e seus olhos ligeiramente semicerrados na água salgada.

Ela era... adorável. Droga. Ele não queria pensar sobre isso, mas ela realmente era. A alga marinha se enroscou em suas pernas e a luz dourada a fez assumir uma tonalidade que seu povo raramente via. Ela era uma criatura rara e delicada, ainda que um pouco feia, e ele a havia capturado.

Há muito tempo, seu povo caçava suas noivas. Eles perseguiam, rondavam e lutavam entre si pelo direito de ganhar o coração de uma fêmea, e aparentemente ainda havia alguma parte disso dentro dele. Sua natureza gritava que ele a havia reivindicado.

Essa fêmea era dele.

Ele a havia caçado.

Ele a derrotou.

E agora, ela era dele para ele fazer o que quisesse.

Ele precisou sacudir esses pensamentos. Eles eram antinaturais, e certamente não eram os pensamentos que ele deveria ter enquanto encarava um da espécie dela. Mas enquanto ela chutava suas nadadeiras curtas e rolava seu corpo pela água, em direção à superfície, ele não conseguiu se conter.

Bonita. Ela se movia com tanto controle sobre cada aspecto do corpo e ele simplesmente... Ele tinha esquecido que a espécie dela era capaz disso.

Subjugado agora, e satisfeito por tê-la superado, ele se juntou a ela para nadar até a superfície. Suas nadadeiras tremulavam em seus lados, estendidas como ele faria quando tentasse impressionar uma companheira em potencial. Ela não tinha como saber disso, mas ele ainda sentia o constrangimento queimar através dele.

Arges até tentou alisar as que estavam ao redor do rosto, empurrando-as até que se achatassem novamente. Ele não estava tentando impressioná-la. E certamente não estava se apresentando a ela como um idiota.

Eles nem eram compatíveis. Achromos e sua espécie eram tão diferentes um do outro, que nunca se encaixariam.

Ele não achava, pelo menos.

Sua achromo nadou até a borda da caverna, resmungando o tempo todo enquanto se arrastava para fora da água. Arges se inclinou contra a borda, um pouco mais longe dela dessa vez para que ela não jogasse uma pedra nele.

— Você estava dizendo, achromo? — ele perguntou, rindo. — Você me mataria se eu lhe desse uma chance?

Ela o ignorou. Em vez disso, ela pisou forte para o fundo da caverna. E não pela primeira vez, ele desejou entender o que ela estava dizendo. Sem seus gestos, ele só podia adivinhar.

Colocando todo o seu peso no braço em cima da pedra, ele inclinou a cabeça para o lado enquanto a observava e fingia que ela o respondia.

— O Povo da Água é mais astuto do que eu pensava, — ele disse para ela, sua voz baixa e suave. — Este me sequestrou e ninguém do meu povo veio me buscar. Eles provavelmente nem se importam que eu tenha ido embora.

Claro, ele sabia que isso era verdade. Ele havia retornado para a casa dela, certificando-se de que a achromos não causaria problemas para seu próprio povo.

E ele ficou frustrado ao descobrir que eles não se importavam que ela tivesse ido embora. Nenhum deles parecia estar reunindo um grupo de busca, ou mesmo tentando descobrir o que aconteceu com ela. Eles estavam todos apenas seguindo com seus dias, fazendo as mesmas coisas que faziam todos os dias em que ele os observava.

Eles não perceberam que ela tinha ido embora? Ele teve dificuldade em acreditar.

Mas, novamente, os achromos raramente faziam sentido para ele. Se eles não se importavam que ela tivesse desaparecido, então não era problema dele.

— Eu provavelmente deveria tentar escapar — ele continuou, estreitando os olhos quando ela finalmente chegou ao fundo da caverna. — Se ele sair por um segundo sequer, eu provavelmente vou nadar para fora daqui para a minha morte. Porque eu sou uma idiota. Mas seria melhor do que ficar aqui como um bichinho de estimação para ele encarar.

E então ela fez algo que ele nunca esperaria.

Ela moveu o enorme comprimento de seu cabelo molhado para o lado, alcançou a parte de trás de sua pele prateada e a puxou ao meio. Ele observou, impressionado, enquanto ela descascava aquela segunda pele e revelava uma carne linda e pálida por baixo dela. Ele nunca tinha visto uma achromo tão nua, e certamente nunca tão perto.

Ela era lisa, a longa linha de suas costas revelada com vales gêmeos de músculos subindo ao longo dos lados. Esses músculos flexionavam enquanto ela puxava a pele para fora de seus braços.

Então ela olhou de volta para ele e seu rosto ficou vermelho brilhante. Ele não sabia que eles também podiam fazer isso. Alguns de seu povo podiam mudar de cor com emoções, mas ele só conseguia fazer sua pele se iluminar.

Estremecendo diante do olhar dela, ele disse a si mesmo que a reação era apenas porque ela mudava de cor muito rapidamente.

Ela estalou os dedos para ele, indicando que ele deveria se virar. Mas ele não queria. Ele queria ver o resto do corpo dela, mesmo que fosse só para saber o quão diferentes eles realmente eram. Obviamente ela tinha montes no peito, diferente do povo dele. Mas e se os achromos

escondessem corpos terrivelmente feios por baixo de todos os pedaços de tecido que usavam?

Novamente, ela girou os dedos em um círculo e apontou para ele. Ele inclinou a cabeça para o lado e a observou.

Ela soltou um bufo de frustração e então se abaixou para pegar outra pedra. Não escapou a sua atenção que ela segurava a uma estranha pele prateada no peito, como se ela estivesse tímida por ele ver seu corpo.

Ela já não tinha visto tudo dele? Ele não usava nenhuma cobertura como os achromos, embora a maioria de seus apêndices mais... privados estivessem escondidos dentro de seu corpo.

Franzindo a testa, ele fez o que ela pediu. Se ela quisesse privacidade, ele poderia dar isso a ela. Mas se ela usasse essa oportunidade para atacá-lo, ela ficaria muito surpresa com a rapidez com que ele poderia se mover.

Em vez disso, ele ouviu o som silencioso da respiração dela enquanto ela lutava para tirar a segunda pele do corpo. Alguns pisões sugeriram que ela também a havia tirado da cauda, o que era tão estranho de pensar quanto era na prática. Por que ela estaria tirando aquela pele? Claramente, isso a mantinha mais aquecida.

Finalmente, ele não aguentou mais. Ele se virou, meio que esperando ter um vislumbre do que aquela pele prateada havia escondido. Mas ela havia enrolado uma grande faixa de tecido em volta do corpo, revelando apenas aquelas barbatanas feias e apenas alguns centímetros de suas caudas antes que o resto fosse coberto. Ela até o tinha sobre a cabeça enquanto colocava a pele prateada no chão.

Sua achromo se virou para olhá-lo e grunhiu quando percebeu que ele estava olhando para ela novamente. Ela disse algo, embora as palavras fossem baixas, e ele não achou que fossem uma ameaça. Não dessa vez, pelo menos.

Ele estreitou os olhos e observou enquanto ela pegava algo da caixinha no canto e então se aproximava dele. Isso era algum tipo de trapaça de novo? Ele não seria enganado.

Ela sentou-se na beira da água e ele teve um breve vislumbre de pele mais pálida e lisa enquanto ela cruzava aquelas nadadeiras. Ele estremeceu com o movimento.

— Isso não dói? — ele perguntou, antes de lembrar que ela não conseguia entendê-lo.

Ela não conseguia responder, de qualquer forma. Sua achromo tinha uma das ferramentas que ele trouxe para ela em suas mãos. Ligando e desligando, ela moveu-o para frente e para trás entre as mãos antes de entregá-lo a ele.

Arges não pegou. Ele conhecia bem os perigos das armas dos achromos, e não tinha interesse nelas. Aparentemente, não era a resposta certa. Novamente ela gesticulou com ela, então apontou para si mesma. Apontou para a arma, apontou para si mesma, então apontou para ele.

— Você quer mais lixo? — ele perguntou, seu lábio se curvando em desgosto. — Você quer que eu traga mais coisas quebradas?

Ela claramente não tinha ideia do que ele estava dizendo, mas ele entendeu seu pedido.

— Tudo bem, achromo. — Suas guelras se alargaram novamente antes que ele pudesse detê-las. Como ela poderia saber que era o ritual de acasalamento correto para ela pedir que ele trouxesse seus tesouros? — Eu vou te trazer mais lixo.

Com um movimento de sua cauda, ele afundou sob as ondas e fugiu daquela luz dourada. Fugiu dos pensamentos em sua mente onde ele tinha pensado, por um momento, que ela poderia entender o que ela pedia.

ONZE
MIRA

Mira não tinha ideia de quanto tempo ela esperou por ele. Só que ela olhou para a parede por horas a fio antes de ter o primeiro medo sussurrante de que ele poderia não voltar. E talvez, só talvez, agora fosse a hora de ela planejar sua fuga.

Ela tentou procurar nadadeiras em todo o equipamento. Qualquer tipo de nadadeira serviria, mas infelizmente, ela teve pouca sorte. A maioria dos itens deixados ali embaixo estavam enferrujados além do reparo. E mesmo assim, não havia nada feito de borracha ou plástico.

Quantos anos tinha esse lugar?

Com um pouco mais de tempo, ela poderia ser capaz de analisar. Mas era mais provável que ela se sentasse e se afundasse nesse ponto.

Ela tinha oficialmente chegado ao estágio de "depressão" de ter sido sequestrada dias atrás. A negação levou um bom tempo, e então ela não tinha certeza se agora isso era aceitação ou se ela se afogaria antes que ele voltasse.

Olhando para a água amarela brilhante, ela teve que admitir que a morte por afogamento naquele momento parecia melhor do que o que ela estava fazendo. Havia alguns peixes lá nessa hora do dia - se fosse dia - e ela só podia imaginar que era porque seu ondino não estava por perto há algum tempo. Eles estavam separados por muitas horas.

Ela tentou contar uma vez. Havia pequenas marcas no chão onde ela usou uma pedrinha para riscar cada minuto que passava. Mas então ela ficou entediada com tudo isso depois de seis horas e abandonou o projeto.

Mesmo agora, de pernas cruzadas no chão com a base do painel do

console rasgada, fios decorando o chão ao redor dela, ela não conseguia encontrar a curiosidade para continuar cavando. A apatia pairava sobre sua cabeça, escorrendo pela parte de trás do crânio e em sua espinha com gotas molhadas.

Qual era o sentido? Por que tentar consertar o console quando ela sabia que não havia nada que pudesse fazer para fazê-lo funcionar? Não aqui embaixo. Não havia nenhum componente para adicionar à coisa encharcada, sem mencionar nada que ela pudesse usar para consertar os fios enferrujados ou parafusos que há muito tempo tinham virado pó. A única ferramenta de trabalho que ela tinha era o maldito soldador, e aquela coisa estava atrasada por pelo menos seis modelos.

Suspirando, ela bateu a cabeça contra as portas de metal na sua frente. Uma, duas, três vezes, o suficiente para bater seu crânio e talvez fazê-la ver um pouco de razão.

Mira não era do tipo que desistia. Ela não se deixava levar pela autopiedade. Ela precisava se levantar, fazer um plano e começar…

O estranho som de baleia da fala do ondino interrompeu seus pensamentos. Parando de bater, mesmo dizendo a si mesma para continuar. Talvez se batesse a cabeça com força suficiente, ela esqueceria que tudo isso tinha acontecido. Ela poderia ser um vegetal que ele rolaria e faria o que quisesse.

Mas essa também não era a maneira certa de pensar. Ela não podia desistir, não quando ele estava fazendo aquele barulho horrível repetidamente. Era como se ele estivesse cantando para ela, e ela não gostava de nenhum cara que a imobilizasse e tentasse cantar.

Entre todas as coisas.

Suspirando, ela se virou, pronta para encará-lo ou talvez discutir um pouco. Isso poderia ser legal. Ela não se importaria em fazer isso.

Exceto que ela congelou quando o viu. Como ele estava segurando em seus braços o item mais útil, ele poderia tê-la resgatado do fundo do

oceano.

— Oh, seu monstro brilhante, — ela murmurou, lançando seu corpo em direção a ele com seu braço estendido. — Onde você encontrou isso?

O pedaço de metal pode não parecer grande coisa, mas ela reconhecia um androide quando via um. Seu pai costumava mexer neles em seu tempo livre. Relíquias de um tempo muito passado, eles foram usados pela primeira vez para explorar áreas potenciais do oceano onde as cidades poderiam ser facilmente construídas. Parecia um pouco com uma caixa quadrada agora, mas ela sabia como acordá-lo.

Agarrando-o freneticamente dos braços do ondino, ela virou o androide de cabeça para cima e o colocou no chão.

— Por favor, não fique encharcado. Por favor, não fique enferrujado. Por favor, trabalhe, porra.

O ondino a observou com um olhar curioso, e ela se perguntou se deveria deixá-lo ver isso. O robô que ele trouxera para ela poderia estar morto, afinal, mas também poderia ser sua salvação. Poderia até enviar uma mensagem para a superfície se fosse uma das peças mais novas.

— Ah, você pode assistir, eu acho, — ela murmurou, lançando um olhar desconfiado na direção dele. — Não é como se você me entendesse, de qualquer forma.

O ondino não fez nenhuma tentativa de conversar com ela. Na maior parte do tempo, ele apenas gesticulou vagamente para ela e então fez o que quis, de qualquer forma.

Bufando, ela voltou sua atenção para a caixa no chão e começou a mexer nela com sua chave inglesa. A ferrugem era bem extensa, mais do que ela já tinha visto nos robôs que seu pai tinha brincado. Mas assim que ela colocou sua chave de fenda na costura, a coisa toda se abriu com um chiado de ar antigo.

— Isso cheira horrível, — ela murmurou, cobrindo o nariz com a mão e acenando para o ar. — Fedorento, como peixe podre.

Até o ondino reagiu, embora parecesse apenas fechar as narinas e encará-la com um pouco mais de intensidade.

— Está tudo bem. — Mira virou-se para a caixa e deu-lhe um pequeno empurrão com sua chave de fenda. — Você está acordado? Ou eu tenho que…

Uma pequena cabeça metálica saiu da caixa. Tinha olhos maiores do que a maioria dos robôs que ela já tinha visto. Ela os chamava de olhos porque tinham o formato de binóculos no topo do poste de metal que os segurava. Não piscava nem tinha telas para dar olhos de verdade, mas tinha pequenos limpadores que limpavam um pouco da gosma com um som estridente.

O androide se virou para olhar o ondino e então um flash de luz brilhante encheu a sala. Ele havia tirado uma foto dele, e aparentemente isso foi o suficiente para assustar a criatura de volta para a água.

Mira se lançou para o androide e o segurou sobre sua cabeça enquanto uma onda espirrava na caverna. O ondino saiu com tanta pressa que causou uma bagunça em seu rastro. Felizmente, nenhuma água atingiu o androide, o que poderia ter frito todos os fios delicados que de alguma forma sobreviveram estando sob o oceano por Deus sabe quanto tempo.

— Bem, e foda-se você também — ela murmurou.

Mira levou o androide até a mesa do console só por segurança e então o colocou no balcão.

— Pronto, melhor. Pelo menos agora você não vai se molhar.

Ele limpou o binóculo novamente antes de responder:

— Obrigado, mulher estranha. Como você está debaixo do mar também?

— Estamos em uma caverna.

— Ah. — Ele olhou ao redor, aqueles olhos girando na vara antes de voltar sua atenção para ela. — Minha designação é Beta Iota Epsilon

427. A função principal é mapear o fundo do oceano. No primeiro encontro com espécies alienígenas, fiquei preso debaixo de uma rocha por sessenta e três mil, oitocentos e setenta e cinco dias.

Ela não conseguia fazer esse tipo de matemática de cabeça, mas isso certamente soava como se esse androide estivesse aqui embaixo por mais de cento e cinquenta anos.

— Função subordinada?

— Coleta de conhecimento e preservação de banco de dados.

Bem, não era isso que ela esperava. Alguns desses pedaços de metal tinham sido equipados com antenas para que pudessem contatar as cidades onde quer que fossem. Claramente, este não era um deles.

Sentando-se pesadamente em um banco, ela olhou para o pequeno ser e desejou que fosse mais fácil do que isso.

— Preservação de banco de dados, hein? Parece emocionante.

— O oceano é cheio de formas de vida incomuns. Eu categorizei pelo menos duas mil espécies separadas e múltiplas camadas do fundo do oceano. Mesmo enquanto eu estava preso sob aquela rocha, eu fui capaz de descobrir muitas formas de vida. — Ele fez uma pausa, e um dos olhos de repente se fechou antes que a luz piscasse de volta à existência. — Eu te mostraria, mas parece que meu projetor está quebrado.

— Está tudo bem. — Ela sabia o quão emocionais essas IAs podiam ficar. A função delas era completar dois trabalhos, e dois trabalhos sozinhas. Esta, aparentemente, só conseguia se mover e registrar o que estava vendo. Inútil para Mira agora, mas ela conseguia entender por que as pessoas a criariam.

A última coisa que ela queria era que a placa-mãe superaquecesse porque ela o deixava irritado.

Ele enxugou os olhos novamente, claramente um pouco confuso.

— Minha designação é Beta Iota…

— Você já disse isso. — Ela se inclinou para frente, juntando as mãos e olhando para os dedos soltos. — Você tem um nome?

— Nomes são para androides pessoais, não para barcos de pesca de alto mar.

— Entendo. — Beta Iota Epsilon. — O que acha de Byte?

O pequeno robô pareceu tremer com o nome, e sua caixa até balançou um pouco para frente e para trás.

— Eu ficaria feliz em ter um nome designado, se você assim desejar.

— Vou ser honesta, Byte. Estou aqui embaixo há um tempo. Não sei quanto tempo, mas o ondino que você viu antes me sequestrou da minha casa enquanto eu tentava consertar um painel externo. Você é a primeira pessoa com quem falo há um tempo, e é bom poder ter uma conversa. Então, se você não se importar em falar comigo... Seria muito legal.

Os painéis laterais da caixa se abriram, mudando para dentro para que ela pudesse ver que o androide na verdade tinha braços minúsculos. Eles eram finos e delicados, saindo das peças internas como pequenas pinças. Mas ele usou esses braços para se mover um pouco mais seguramente de volta para o console.

— Eu posso falar com você. Sobre o que você gostaria de falar?

— Qualquer coisa — ela disse. — Conte-me tudo o que você viu.

Uma tarefa assustadora para um androide que viu o mar inteiro.

Byte começou a falar, e aquele tom robótico a fez vagar por um mundo que ela nunca tinha visto antes. Águas-vivas e centenas de espécies de caranguejos. Peixes prateados, peixes que brilhavam no escuro, alguns com luzes no topo de suas cabeças. Ele falou sobre os inúmeros tipos de tubarões que tinha visto, alguns mais assustadores do que outros. Baleias maiores que cidades eram altas, e até tubarões que eram do mesmo tamanho. Ele falou sobre os ondinos, e todos os diferentes tipos que tinha visto.

Byte viveu uma vida de aventuras. Embora estivesse preso sob a rocha sozinho, pelo menos viu muitas coisas incríveis.

Em algum momento da história, Mira estava deitada no chão frio de pedra. Com um joelho enganchado sobre o outro, ela apoiou a cabeça nos braços enquanto olhava para os três bulbos escassos.

— Era solitário? — ela perguntou. — Estar lá embaixo no frio sozinho?

— Não consigo sentir solidão.

— Ah, vamos lá. Meu pai costumava trabalhar em todos os tipos de androides. Conheci pelo menos vinte da sua espécie, e sei com certeza que vocês foram programados com personalidades. Então me diga, era solitário?

Byte demorou muito para responder. Talvez estivesse ativando as partes do seu disco rígido que lhe davam um pouco mais de emoção do que outros androides. Mas, eventualmente, ele respondeu calmamente:

— Os primeiros meses foram pacíficos. Minhas funções não funcionavam, e não havia para onde eu ir. Eu estava com medo, e então fiquei em paz. Porque o oceano continuava ao meu redor, e havia muito para assistir.

— Mas? — Mira perguntou.

— Mas eventualmente era muito solitário. Eu me sentia como se fosse a última coisa viva no mundo inteiro, e nada conseguia me entender. — A voz do robô estava muito mais baixa quando ele respondeu. — Estou feliz por ter conhecido você, minha nova amiga.

— Mira, — ela disse calmamente. — Eu esqueci de te dizer meu nome. Mas é Mira.

— Mira, — Byte repetiu. — Significa admirável, ou oceano. Depende de quem você perguntar.

— Eu não sabia disso. — Mas combinava. A mãe dela amava o oceano, e o pai dela ficou muito feliz por eles se mudarem para Beta

porque era mais fundo do que algumas das outras cidades. Os dois amavam o mar.

— Eu sei quase tudo. — Byte parecia muito satisfeito consigo mesmo. — Passei cem anos aprendendo, e tenho a capacidade de aprender quase tudo novo. É difícil, às vezes, mas não impossível.

— Você pode realmente aprender qualquer coisa? Como?

— Downloads são minha função principal, pois posso hackear qualquer outro sistema robótico. No entanto, também posso observar e aprender.

Observar e aprender... qualquer coisa?

Rolando, ela se sentou ereta. Talvez ela parecesse um pouco assustadora, enquanto o pequeno robô se afastava dela.

— Qualquer coisa?

— Repita a pergunta, por favor.

— Você pode observar e aprender qualquer coisa?

Os olhos de Byte se aproximaram mais do rosto dela, talvez para ler melhor sua expressão.

— Eu posso.

— Você poderia aprender... outra língua?

— Sim. — Um dos braços dele se levantou no ar como uma criança em uma sala de aula esperando para ser chamada. Ao seu aceno, ele acrescentou, — Que língua você quer que eu aprenda? Eu já falo exatamente trinta e sete dialetos humanos diferentes, incluindo línguas que não são mais faladas.

— O ondino. Aquele que me sequestrou e me trouxe aqui. Não tem como eu falar com ele. Se você pudesse aprender a língua dele, você poderia fazer um chip de dialeto para mim?

Os implantes não eram difíceis de fazer, especialmente porque estavam tão espalhados. Ela tinha visto muitos robôs que conseguiam fazê-los rapidamente. Era mais fácil para eles serem feitos por quase

todos os androides, considerando todas as pessoas que viajavam entre as cidades. Tudo o que era preciso fazer era parar qualquer androide que encontrassem, pedir um chip e então a conversa poderia continuar normalmente.

Se ela pudesse implantar um chip, então ela poderia entender o que o ondino estava dizendo. Eles poderiam falar! Ela poderia dizer a ele que isso era ridículo, e ele poderia dizer a ela o que queria com ela.

Era um começo.

Era esperança.

Byte se afastou do rosto dela e assentiu com a cabeça binocular.

— Eu posso criar um chip, sim. Mas vou precisar ouvir a linguagem por um tempo considerável antes de poder criá-lo.

— É um começo, — ela suspirou. E foi a primeira vez que ela sentiu que tudo isso poderia ser consertado. — Eu só tenho que descobrir como fazê-lo falar, então. Ele parece uma baleia.

— As baleias têm uma linguagem — respondeu Byte. — Eu já traduzi essa linguagem antes, e embora seja bem minimalista, é muito bonita em comparação a muitas línguas.

— Você acha que eles são comparáveis?

— Eu teria que ouvir o ondino falar.

— Então eu vou fazê-lo falar, — ela murmurou, suas sobrancelhas se franzindo em concentração. — Como? Eu não tenho ideia. Mas você e eu, Byte? Nós somos uma equipe. E juntos, nós voltaremos para a cidade. Eu vou te limpar, fazer seu metal brilhar no momento em que voltarmos. Você me ouviu?

O pequeno robô se mexeu de excitação, e Mira precisou de todas as suas forças para não fazer o mesmo.

DOZE

ARGES

Essa mulher parecia estar sempre cercada por criações de metal que faziam o que não deveriam fazer. Quando ele finalmente conseguiu baixar seus batimentos cardíacos, Arges pressionou suas mãos contra seus corações gêmeos e tentou voltar para a caverna.

E de alguma forma, ele simplesmente... não conseguiu.

Nenhum Povo da Água jamais esqueceria a visão de uma caixa se abrindo na frente dela e então *falando*. Ela era uma bruxa? Talvez. Isso faria sentido, considerando que seu próprio povo não queria nada com ela. Eles não a procuraram depois de seu desaparecimento e isso talvez fosse porque eles sabiam que magia ela havia lançado sobre eles.

Mas ele a tinha visto muitas vezes. A parte lógica de sua mente o lembrou de que ela não estava em alojamentos confortáveis. Ela nunca sequer falou quando os achromos estavam todos reunidos, como eles tinham estado várias vezes. E que seu povo sabia o quão perigoso era para ela estar na água, sozinha, com vários ondinos tendo sido avistados por perto.

Ela não era uma bruxa. Ela não podia lançar feitiços em objetos inanimados e trazê-los à vida na frente dele.

O que significava que havia muito mais sobre os humanos que ele não entendia. Talvez ele pudesse aprender com eles, mas cada fibra do seu ser se rebelou com o mero pensamento. Não havia nada que o povo dela pudesse lhe ensinar além de morte e destruição.

Ele não tinha ideia de quanto tempo flutuou do lado de fora da entrada da caverna. Até mesmo algumas criaturas marinhas vieram investigar sua forma imóvel. Uma tartaruga marinha, um pouco mais

funda do que a maioria delas, passou por ele de lado. Aqueles olhos antigos e sábios o olharam de cima a baixo. Ela sabia que ele não estava ali por que queria estar. Ela podia ver a culpa em seus olhos enquanto desviava o olhar.

De baixo, uma lula enrolou seus tentáculos em volta de uma pedra para espiá-lo. Aqueles olhos excessivamente grandes viam demais, mas Arges sacudiu sua cauda para ela. Ele já havia se enredado com alguns de sua espécie antes e, felizmente, este era pequeno. Seus bicos afiados cortavam até mesmo suas escamas duras, e ele não estava com humor para entreter uma criatura com uma mordida tão afiada.

Eventualmente, ele sabia que tinha que voltar e ver o que a achromo estava fazendo. Ela havia tornado quase impossível retornar àquele lugar agora amaldiçoado, mas ele não podia ficar ali para sempre.

Com sua sorte, Mitéra enviaria seu cardume para encontrá-lo. E então ele estaria em um mundo de problemas por um motivo totalmente diferente.

Suspirando, ele se virou para a entrada e se preparou. Ele era corajoso. Ele era uma das criaturas mais perigosas neste oceano. Ele poderia, e iria, obter respostas dela e daquela estranha... caixa.

Ainda assim, ele não estava orgulhoso de como ele se esgueirou para dentro da caverna com sua cauda um pouco perto demais de seu corpo. Até mesmo suas guelras estavam mais achatadas do que o normal, tentando fazê-lo parecer menor e mais fácil de esconder.

Como se fosse fácil para uma criatura do seu tamanho se esconder. Ele era enorme comparado a achromo que poderia ter levantado apenas uma dessas folhas brilhantes e se abaixado sob ela.

Emergindo furtivamente, ele espiou ao redor da caverna antes mesmo de ousar deixar a água sair pelas narinas.

Sua achromo estava em uma caixa no canto. Ela poderia fazer aquela ganhar vida também? Todos os objetos que a achromo tinha

estavam escondendo vida secretamente?

A outra caixa estava em um pequeno suporte na frente dela. Ela a estava adorando como um deus? Talvez essa fosse a diferença. Ele havia encontrado um deus para ela no fundo do mar, e agora ela servia à criatura dentro dele.

Ah, esse foi um pensamento assustador.

Ele deve ter feito algum tipo de barulho, porque sua achromo se virou e pareceu... se iluminar quando ela o viu. Ele não esperava isso, e isso só o deixou ainda mais desconfiado.

Ela nunca tinha ficado animada em vê-lo. Ele estava mais acostumado com o franzir das sobrancelhas dela e algo sendo jogado em sua cabeça. Ou, pelo menos, ela gostava de acenar a mão para ele como se estivesse espantando um cardume de peixes famintos.

Talvez ela tenha visto sua expressão escurecendo porque ela se levantou e se aproximou dele. Aquelas duas caudas segurando-a ereta nunca parariam de enojá-lo. E então ela se sentou, dobrando-as em ângulos estranhos e dolorosos bem na beira da piscina.

O que ela planejou?

— Você não é uma criatura confiável, — ele murmurou, tentando manter sua voz mais baixa e silenciosa, como ela havia pedido. — Eu não sei o que você quer de mim, achromo.

Cada palavra que ele dizia iluminava suas feições. E ela era... bonita, de certa forma. Se ele olhasse além do rosto dela, ignorasse seu cabelo e tentasse não pensar na maneira como ela havia arrancado sua pele prateada do corpo... Certo. Bem, agora ele estava pensando nisso.

Ela estendeu a mão para ele, tagarelando com aquela voz infantil que o deixava irritado. Ainda assim, era algo com que ele poderia trabalhar. Talvez ele pudesse aprender a língua dela dessa forma. Se ele ouvisse com atenção suficiente, então talvez pudesse conversar com ela.

Aprender a língua deles certamente satisfaria a necessidade de

informação da sua Mitéra. Eles poderiam ouvir através das paredes de sua casa, saber quais eram os planos dos achromos e quando eles iriam atacar.

Sim, esse era um bom plano. Mesmo que isso significasse ter que ouvir sua voz tagarela.

Ele se aproximou, apenas estremecendo levemente quando percebeu que ela trouxera a caixa com ela. E dessa vez, ela se abriu ainda mais. A coisa amaldiçoada tinha bracinhos minúsculos que balançavam no ar para ele.

Nenhum deus no mar faria tal ser. Era uma criança? Era o filho dela? Ela tinha criado alguma abominação do lixo no fundo do mar?

Ela moveu uma mão para o peito, um gesto que ele reconheceu da primeira vez que a trouxe para esta caverna. E então ela disse uma palavra e estendeu a mão para ele.

Ele não tinha ideia do que isso significava.

Então a achromo fez de novo. Ela bateu um dedo no peito, disse a palavra e então bateu na caixa. Dessa vez ela disse uma palavra diferente e então gesticulou para que ele dissesse algo.

— Eu sou um do Povo da Água, — ele entoou, sua voz se aprofundando com reverência. — Você é uma achromo.

Aquelas sobrancelhas dela franziram, uma expressão muito mais familiar em seu rosto. Novamente, ela repetiu as mesmas palavras. Duas diferentes. Uma para si mesma e uma para a caixa.

Eram esses... nomes?

— De novo — ele disse, nadando um pouco mais perto para poder observar os lábios dela.

E então... Oh, suas guelras se dilataram de excitação, embora ele estivesse envergonhado de fazer tal exibição para ela. Porque ele ouviu o nome dela, e era uma palavra que era semelhante a outra em sua língua.

Mira. Para seu povo, significava esperança.

— Mira — ele repetiu, e observou um sorriso se abrir no rosto dela.

Ela ficava mais bonita quando fazia isso. Quando não havia sinais de raiva em sua expressão, ela parecia mais gentil. Mais aberta. Simplesmente... mais.

Ele odiava isso. E adorava isso ao mesmo tempo.

Ela gesticulou para ele, apontando principalmente para o peito, mas ele teve que se perguntar se ela estava apontando para as guelras que se alargavam do pescoço dele. Sim, ele estava se apresentando para ela agora. Ele quase se envaideceu, sabendo que ela tinha visto o quão bonitas as guelras eram.

Em sua mente, por um momento, ele pensou que as reações dela eram as de sua própria espécie. Alguém de seu povo teria notado a reação de seu corpo e teria acariciado as delicadas barbatanas de suas guelras, os fios que somente uma companheira poderia tocar. Ele a teria deixado se ela o tocasse. Ele já a havia roubado de seu povo, presenteando-a com tesouros exatamente como ela havia pedido. O próximo passo era ela aceitá-lo, mas isso não aconteceria.

Ela era uma achromo. Ele era do Povo da Água. Eles não podiam, e nunca ficariam, juntos. Seus tipos eram muito diferentes e se odiavam muito.

Suspirando, ele pressionou uma mão no peito.

— Arges.

Seus olhos se arregalaram ligeiramente, e então ela assentiu várias vezes.

— Arges. Mira.

— Mira — ele repetiu.

Não foi muito. A conversa rudimentar deveria ter sido frustrante, mas agora ele sabia o nome dela. De alguma forma, isso a tornava mais uma pessoa para ele. Ela não era apenas a achromo que ele havia capturado para ser um meio para um fim. Ela era Mira dos achromos.

Não era muita diferença, mas ainda fazia uma velha canção soar em seus corações.

— Você deveria comer, — ele disse calmamente, sacudindo o rabo enquanto olhava ao redor dela. O peixe que ele trouxera para ela tinha sumido, e ela tinha feito outra engenhoca estranha atrás dela que parecia ser um balde com metal achatado por cima. Ele não conseguia adivinhar o que era. — Você terminou sua refeição, eu vejo.

Ele afundou de volta na água, ignorando o som frustrado de desaprovação dela. Talvez ela quisesse falar com ele. Tentar ter mais uma conversa do que apenas nomes. Mas primeiro ele a alimentaria, e então conversariam.

Levou muito pouco tempo para rastrear um peixe considerável. O bacalhau que nadou perto dele não era uma captura impressionante para alguém de seu povo, mas era grande o suficiente para sustentá-la por um tempo ainda. Arges não sabia o que os achromos comiam, mas ele se lembrava do mingau estranho que eles comiam todas as manhãs. Ele não podia arriscar um palpite sobre o que poderia ser, mas ele assumiu que eles não poderiam sobreviver apenas de carne. Ele precisaria retornar aos seus campos de caça em breve e pegar punhados de algas para ela, talvez kombu também. Vegetação comestível no oceano era difícil de encontrar, mas ele descobriria para ela.

Arges limpou o peixe rapidamente em seu caminho para a caverna, escolhendo deixar o sangue e os órgãos encharcarem as águas longe de seu esconderijo. Ele não precisava atrair atenção indesejada para aquele lugar. Apenas no caso de ele não estar lá para ajudá-la.

Quando ele retornou, ela estava andando de um lado para o outro novamente. Ele não tinha certeza do porquê Mira fazia isso, mas ela se movia de ponta a ponta da caverna frequentemente.

Ela se virou ao som de água espirrando, seus olhos se arregalando de medo por alguns momentos antes de relaxar quando o viu.

Novamente, ela tagarelou. Não havia nem mesmo reconhecíveis sons em sua fala, e ele temia que levaria muito tempo para entendê-la.

Ele nadou até a beirada da rocha e colocou o peixe no chão para ela.

— Meu povo fala devagar — ele disse, captando o olhar dela para que ela soubesse que deveria ouvi-lo. Arges tocou sua boca, então abaixou as mãos. — Palavras mais lentas, achromo. Talvez então eu possa imitar você.

Isso não os estava levando a lugar nenhum. A próxima vez que Mira falou, ela o fez baixinho. Não era o que ele queria. Ele mal conseguia ouvi-la agora.

— Não, achromo. Preciso que você fale mais devagar, não mais baixo. — Rosnando, ele rangeu os dentes afiados no ar em frustração. — Isso não está nos levando a lugar nenhum. Não sei que loucura me levou a acreditar que eu poderia aprender sua língua. Levaria nossas vidas inteiras para que eu entendesse uma palavra do que você está dizendo.

Mas cada palavra que ele dizia parecia deixá-la mais feliz. Ela assentiu, aquele sorriso largo ainda em seu rosto. Ela pressionou uma mão no peito e disse:

— Mira — então moveu aquela mão sobre o peixe.

Um pouco de sua raiva diminuiu, e a diversão tomou seu lugar.

— Você não será capaz de dizer nenhuma de nossas palavras, achromo.

Ela insistentemente colocou a mão sobre o peixe.

Ele rolou o olhar para o teto da caverna e rezou por paciência.

— É um bacalhau.

Novamente, ela acenou com a mão sobre ele e então girou a outra no ar. O que ela queria dele?

Nadando um pouco mais perto, ele apoiou os braços contra a rocha e olhou para o peixe com ela.

— Bacalhau, é como o chamamos. É um peixe meio sem sabor, eu suponho, mas considerando como os achromos comem, não consigo imaginar que você vá encontrar algum defeito nele. Eu já o limpei para você, Mira. Você pode comê-lo.

Ele imitou comer com a mão e então olhou para ela novamente. Mas ela não estava olhando para o peixe. Ela estava olhando para ele.

Os olhos dela estavam um pouco arregalados, o rosto um pouco rosado. Ele não tinha notado que humanos podiam mudar de cor como uma lula, mas ali estava ela. Mudando de cor bem na frente dos olhos dele.

Ele encontrou o olhar arregalado dela e se perguntou o que ela estava pensando. Ela pediu para ele explicar o peixe para ela, e ele estava. Não que ela pudesse entender uma única coisa do que ele estava dizendo. Mas Arges sempre foi o irmão que gostava de conversar.

Era por isso que ele era um guerreiro. Por isso que ele havia assumido o controle do cardume em vez de seus irmãos. Ele era quem sabia como falar e quando ouvir. Esse era seu dom, de acordo com Mitéra. E ele queria usar esse dom agora para ajudar seu povo.

Mas era difícil pensar em seu povo quando ela o observava daquele jeito. Uma estranha mistura de admiração e curiosidade brincava em suas feições. Ele teve que se perguntar se estava lendo-a corretamente, porque a expressão era tão assustadoramente similar à de seu próprio povo.

Então ela piscou freneticamente e balançou a cabeça. Passando os dedos sobre o peixe, ela apontou para a água.

— Sim, veio do mar. — Ele levantou uma mão com garras para fora da água, mostrando suas garras a ela. — Elas são muito fáceis para alguém como eu pegar. Imagino que seria mais difícil para você pegá-las.

Seus dedos eram minúsculos e suas unhas eram cegas. Qualquer

peixe escaparia dela muito antes que ela tivesse a chance de usar aquelas garras macias. Ela não nadava rápido o suficiente para sequer pegar uma presa mortalmente ferida.

Ele teria que cuidar dela pelo resto da vida.

Arges franziu a testa com o pensamento. Ela não viveria por muito tempo, de qualquer forma. Ali estava ele, pensando em anos distantes quando teria que caçá-la todos os dias. E ainda assim, ele sabia que ela morreria no final disso.

Mira era um meio para um fim. Só isso.

Outra voz os interrompeu, estridente e metálica com palavras que ele não conseguia entender. Mas ele sabia que vinha da caixa e ele tinha esquecido que ela ainda estava ali. Ela os tinha escutado claramente, e aquela magia foi o suficiente para mandá-lo de volta para a segurança da água.

Ele nem tentou parar a onda que provavelmente encharcou o ser metálico. Ele tinha que ir. Ele não podia ficar ali, falando com ela como se ela pudesse entendê-lo.

Mas, mesmo enquanto ele nadava para longe, a lembrança das bochechas rosadas dela e da cor que descia por sua garganta o assombrava.

Talvez ela fosse uma bruxa, afinal.

TREZE

MIRA

Isso não estava funcionando. Ela conseguiu fazê-lo falar um pouco, mas nada como ela precisava que ele falasse. Ele voltava uma ou duas vezes por dia; ela pensou. Não havia como saber as horas aqui embaixo, mas ela conseguia imaginar o quão fundo estava.

Mira tinha montado uma engenhoca de água doce que seu pai lhe ensinou a fazer antes. Quando ela era criança, era como montar um laboratório borbulhante. Mas seu pai sabia que talvez um dia ela precisasse usar isso. Grandes partes da cidade frequentemente acabavam encalhadas, isoladas do resto por inundações, e havia muita água salgada, mas muito pouca água doce.

Ela colocou o balde em um pequeno bico de Bunsen que ela encontrou nas caixas. Ele só funcionou por um tempo antes de apagar, então ela o desmontou e colocou o soldador lá. Pelo menos isso usava oxigênio para manter a chama acesa e alguma nova tecnologia que não exigia combustível. Graças a Deus era um modelo que tinha sido atualizado para isso, ou ela não teria água fresca.

Assim, ela podia ferver toda a água salgada e pegar a condensação acima do balde com um pedaço de metal que ela tinha martelado em forma de "v". A condensação em sua maior parte se juntava, rolava para dentro do canal do "v" e depois para dentro do outro balde que ela tinha instalado ali.

Não era muita água, mas pelo menos a manteria viva.

Suspirando, ela olhou para o teto e deixou o tédio tomar conta de sua mente. Às vezes, ela simplesmente não falava por um dia inteiro. Byte falava por ela, se ela quisesse. Mas hoje ela pediu silêncio.

Ela precisava pensar.

Eles não estavam conseguindo conversar o suficiente e, quando o ondino falava, ele usava basicamente as mesmas palavras.

— Você tem certeza? — ela perguntou pela centésima vez. — Você tem certeza de que ele está apenas repetindo palavras?

— Eu decifrei muitas línguas diferentes, — Byte resmungou. — Tenho certeza de que ele está repetindo palavras. Mas ele provavelmente acredita que está ensinando a você sua língua, então ele está usando as técnicas de ensino adequadas. Simplesmente, as técnicas erradas para o nosso plano.

— Caramba.

— De fato.

Isso levaria uma eternidade. Talvez mais tempo do que ela tinha disponível, porque ela iria desidratar. Ou talvez ele ficasse entediado com ela, e ela morreria aqui. Deixando o pobre Byte com seu cadáver em decomposição quando ela prometeu ao pequeno androide que o tiraria dali.

Não, eles precisavam descobrir essa situação. Eles precisavam ser capazes de conversar com o ondino e... e...

Mira deu um tapa na testa com força suficiente para deixar uma marca.

— Maldito pânico e estúpido, estúpido absurdo de cérebro. Byte!

Quando ela rolou para ficar de pé, o pequeno androide usou os braços para se afastar dela.

— Não gosto. Não gosto dessa expressão.

Pegando-o do chão como uma bola, ela marchou até o fim da caverna e o colocou de volta em cima do servidor. Inclinando-se para baixo para que eles ficassem no nível dos olhos, ela perguntou:

— Você disse que poderia fazer um chip de tradução. Certo?

— Certo. — Seus fios estavam tremendo.

— Então faça um para inglês. Eu darei o chip a ele.

— Ele? — O robô balançou a cabeça binocular. — Não, isso não vai funcionar. Você teria que chegar perto o suficiente para colocar atrás da orelha dele, e se você fizesse isso, então você estaria perto o suficiente para matar. Chips de tradução machucam, Mira! Não o suficiente para matá-lo, mas absolutamente o suficiente para assustá-lo. Isso seria facilmente razão suficiente para ele assassinar você.

— É um risco que temos que correr.

— Eu não farei isso. Não há lógica em seu plano. Ele vai te matar.

Ela não queria fazer isso, mas...

— Beta Iota Epsilon 427. Ordeno que você me faça um chip de tradução para o inglês.

Embora o androide resmungasse, não havia nada que ele pudesse fazer. A programação exigia que ele fizesse o que quer que fosse ordenado a fazer, e ela odiava usar isso contra ele.

Zumbidos, estalos e algumas faíscas se espalharam para fora da caixa, mas então lá estava. Um chip de tradução que era menor que a unha do polegar dela, descansando em uma pequena plataforma que saía da barriga do robô.

— Obrigada, — ela murmurou, antes de pegar o chip e segurá-lo firmemente na palma da mão. — Eu vou tomar cuidado, sabia?

— Só não seja morta.

— Esse é o plano.

Agora, tudo o que ela tinha que fazer era esperar. Demorou um pouco para seu ondino aparecer, e então ela se lembrou de chamá-lo de Arges. Ele era um ondino, mas seu nome era Arges e isso iria funcionar a favor dela.

Ela tinha visto a expressão dele quando disse o nome dele. E se era isso que ele queria dela, se ele estava remotamente curioso sobre ela, então era hora de ela tentar flertar.

Como se ela alguma vez tivesse sido boa nisso.

Com o estômago revirando de nervosismo, ela sentou-se na beirada da pedra com os pés na água. Isso era diferente, e ela esperava que isso o fizesse chegar um pouco mais perto. Ele estava claramente curioso sobre ela e seu corpo. Suas espécies eram semelhantes, mas não em todos os sentidos. Ela o tinha visto olhando para seus pés antes, embora tivesse certeza de que ele estava olhando para eles com desgosto. Pelo menos se estivessem na água, não poderiam distraí-lo.

Arges apareceu na boca da caverna, uma sombra escura que balançava pelas profundezas como um tubarão. Ou talvez como uma enguia. Mas ela sabia que era ele. Porque no momento em que ele olhou para cima, toda aquela bioluminescência azul ganhou vida. A luz se agitou no momento em que ele percebeu que ela estava olhando para ele, e talvez isso seria mais fácil do que ela pensava.

Ele silenciosamente emergiu da superfície da água, com olhos negros já observando-a.

— Achei que poderíamos conversar de novo hoje — ela disse, suas palavras ecoando um pouco. Ela falou um pouco mais devagar para ele, embora ainda não soubesse se ele estava tentando aprender a língua dela. Ele a ouviu, mas ainda conversou com sinais de mão.

Desta vez, ela tocou os lábios com os dedos e então imitou falar com os dedos.

Uma expressão suave cruzou seu rosto. Quase como um sorriso, mas seus lábios nem remotamente se contraíram. Talvez isso fosse mais fácil do que ela pensava.

Tudo o que ela precisava era que ele se aproximasse o suficiente para que ela colocasse o tradutor atrás da orelha dele. Ele faria o resto. O link neural poderia não funcionar com ele. Ela não tinha ideia de como anatomia deles era, mas ela esperava que funcionasse. Eles eram próximos o suficiente um do outro em espécies para que fizesse sentido.

Pelo menos, da cintura pra cima.

— Achei que poderíamos aprender mais palavras hoje — ela disse, observando-o se aproximar ainda mais. Era tão fácil para ele se mover nos redemoinhos da piscina. Ela podia ver sua cauda se movendo abaixo dele, guiando seu corpo até que ele estivesse quase bem na frente dela.

Suas bochechas queimavam, como sempre faziam. Embora ele ainda fosse de um cinza estranho e manchado, e linhas escuras estivessem pintadas em seu corpo musculoso do ombro ao umbigo, ainda havia algo nele que era... atraente.

Isso a deixava desconfortável, e ela não sabia o porquê.

— Um pouco mais perto — ela disse, franzindo a testa quando ele parou a um braço de distância. Isso não daria certo.

Ela tinha que enganá-lo, aparentemente. E só havia uma maneira que ela conseguia pensar para fazer isso.

Ele claramente queria aprender a língua dela, e ela faria isso. Se ele apenas nadasse um pouco mais perto. Mira apontou para seu bíceps, flexionando-o um pouco para chamar sua atenção para o membro.

— Braço.

Arges estreitou os olhos para ela.

Certo, então voltando à tática original. Ela achatou a mão contra o peito e disse,

— Mira. — Então apontou para o braço novamente, flexionando o músculo, e então disse — Braço.

Ele estreitou os olhos e se moveu talvez uma polegada mais perto. A curiosidade matou o gato, assim dizia o ditado.

Ela moveu pela maioria de suas próprias feições como se ele fosse uma criança. Ela apontou para os olhos, tornando-os grandes e largos. Então apontou para o nariz, dilatando as narinas de uma forma que o fez recuar antes de rir. Orelhas, boca, sobrancelhas. Mas ela não confundiu o dilatar das guelras dele ao redor do pescoço quando apontou para a boca

novamente e disse:

— Lábio.

Ela os separou, e ele nadou ainda mais perto. Apenas o suficiente para ela finalmente conseguir um bom alcance. Ela poderia avançar, mas isso também não funcionaria. Ela estava tentando fazer com que ele *não* a matasse e avançar nele certamente arruinaria essa chance.

O que ela precisava era que ele fosse embalado em submissão. Se o calor queimando em seus olhos fosse algum indicador, ela tinha que continuar jogando esse jogo.

O que, surpreendentemente... ela não se importou nem um pouco.

Mira lambeu os lábios, observando aquele calor aumentar ainda mais no olhar dele.

— Você gosta disso, — ela sussurrou. Não era uma pergunta, porque ela sabia.

Isso poderia sair do controle se ela deixasse. Embora ela tivesse suas dúvidas sobre o quão longe isso poderia ir entre eles. Ainda assim, talvez manter a mente dele longe desses pensamentos seria melhor.

Ela levantou a mão e exalou na palma.

— Respiração.

Isso o fez se endireitar.

Ela fez de novo, repetindo a palavra e então congelando quando ele pegou a mão dela. Mãos molhadas pegaram as dela, mas ele estava surpreendentemente quente. Essas teias roçaram os dedos dela quando ele virou a mão dela e a fez abri-la bem.

— Nada de teias, — ela disse calmamente, observando o topo da cabeça curvada dele enquanto ele virava a mão dela para um lado e para o outro. — Só dedos.

Ela as abriu ainda mais, rindo baixinho do som suave de espanto dele. Ele já tinha visto as mãos dela antes! Muitas vezes, na verdade. E, no entanto, dessa vez, ele parecia infinitamente mais interessado nelas.

Ou talvez, o que elas poderiam fazer.

Mordendo o lábio, ela se perguntou o que ele pensava de seu corpo. Na opinião dela, ele ainda era... passável. Estranho de se olhar, mas não tão incomum que ela não conseguisse ver além das diferenças. Os planos esculpidos de seu rosto eram infinitamente lindos, sem mencionar os músculos que corriam por todo o seu torso. Se ele tivesse sido um humano, ela lamberia cada gota de água daqueles buracos profundos.

Não, ela não podia deixar sua mente vagar por esse caminho de pensamento. Ela estava ali para fazê-lo entendê-la, para que ela pudesse dizer a ele que precisava voltar para casa.

Então ela enrolou os dedos em volta dos dele, levantando a mão dele até a boca e exalando na palma dele.

— Respiração.

Os olhos dele eram pretos, então ela não tinha ideia de como eles escureceram ainda mais, mas ela quase podia sentir o gosto da excitação dele no ar. Eles estavam presos juntos, presos nos olhares um do outro enquanto ela respirava contra a palma dele. As teias entre os dedos dele tremiam, vibrando com alguma emoção que ela tinha medo de nomear.

Mas então ele girou o pulso, prendendo a mão dela na dele. Cuidadosamente, ele puxou a mão dela para baixo do seu torso.

O calor fez suas bochechas queimarem e as pontas de suas orelhas doerem. Ele estava... Não, certamente não.

Ela iria deixá-lo?

Arges parou as mãos dela logo abaixo das costelas dele, e ela desviou o olhar dele quando sentiu o ar se movendo sobre suas palmas. Não apenas ar, mas parecia que alguém estava soprando em seus dedos.

— Respiração — ele repetiu, a palavra arrastada e tão gutural que ela quase não conseguiu entender.

Ele estava respirando pelas guelras, ela percebeu. Uma expiração através de sua caixa torácica que emplumou sobre seus dedos e os

deixou gelados. Não era um hálito quente, não como o dela. Mas frio como o oceano. Isso fez arrepios estalarem por todos os seus braços, ou talvez fosse o aperto forte que lentamente pairou sua mão sobre suas costelas, seu peito, sua clavícula.

Ele parou os dedos dela em sua garganta e murmurou novamente:

— Respiração.

Ela sentiu de novo. Outra longa expiração que sussurrou sobre seus dedos, mas quente dessa vez. Então ele tinha guelras no pescoço também, e era isso que eram os babados que lentamente se levantavam.

Elas eram tão bonitas. Comparadas ao formato de diamante de sua cauda, ou aos espinhos afiados como navalhas que pontilhavam suas costas, elas eram quase delicadas. Elas pareciam seda na água, mas mesmo no ar, havia partes muito específicas que a faziam brilhar ao redor dele.

Água escorria por uma, pingando em suas guelras e então vazando para pingar por seus ombros musculosos e clavícula. Ela não conseguiu se conter. Talvez fosse a curiosidade inata de sua própria espécie. Talvez ela tivesse simplesmente perdido a cabeça completamente.

Mira passou os dedos sobre as guelras do pescoço dele. Gentilmente, é claro. Ela só conseguia imaginar o quão sensíveis elas eram. Mas no momento em que seus dedos tocaram aquelas guelras macias, ela foi atingida pelo quanto elas pareciam veludo.

Os babados mais longos pareciam alcançar as costas, curvando-se em torno dos dedos dela e deslizando por eles. Ele arqueou-se em seu toque, aquele pescoço forte e grosso curvando-se como se ele não conseguisse lidar com o toque. Ela pensou que talvez o tivesse machucado, e então o ouviu gemer.

E ah, aquele som, tão cheio de necessidade crua e desespero. Ele fez cada terminação nervosa em seu corpo arder quente e selvagem. Ela nunca pensou que fosse possível querer algo que não fosse nem

remotamente humano, e ainda assim, aqui estava ela. Sem fôlego com a visão deste ondino enorme, sua cauda chicoteando na água enquanto ela acariciava seus dedos através de suas guelras.

Ele era magnífico. Todos aqueles músculos tensos, a mão dele enrolada no pulso dela, segurando-a no lugar mesmo quando ela pegou a ponta de um daqueles babados e gentilmente o beliscou entre dois dedos, deslizando a mão por eles como se fosse um rolo de seda.

Outro gemido, dessa vez do fundo da cavidade de sua barriga. Ela olhou para baixo e viu que até as guelras perto de suas costelas estavam esvoaçando. E abaixo deles, outra estranha lacuna em suas escamas que parecia... parecia...

Tudo desabou sobre sua cabeça. Ela estava acariciando um maldito ondino até um pico de prazer como uma mulher completamente louca. Ela tinha ficado tão envolvida no momento, tão cheia de admiração com as visões e os sons de todo esse homem musculoso e bonito na frente dela, que ela tinha esquecido o motivo pelo qual estava fazendo tudo isso.

O chip de tradução. Coloque a porra do chip de tradução na porra da orelha dele e pare de tocar nele como se estivesse tentando masturbá-lo!

Repreendendo-se por ter esquecido, mesmo que por um momento, ela tirou o chip do bolso com a mão livre e então estendeu a mão para o outro lado da cabeça dele.

Seus olhos se abriram então, e ele olhou para ela com uma expressão selvagem. Quase como se ele estivesse com medo dela, ou do que ela faria com ele em seguida. Mas havia desespero naquele olhar também, uma necessidade que ele esperava que ela satisfizesse.

E oh, se estivessem em outro tempo. Em outro lugar. Talvez ela tivesse se entregado às curiosidades mais obscuras em sua mente.

— Desculpe, — ela sussurrou, sua voz um pouco rouca com sua própria necessidade. — Espero que você possa me perdoar por isso.

Apertando o botão de ligar com o polegar, ela enfiou o chip de tradução atrás das guelras dele. Ela soube o momento em que a dor o atingiu. O rabo dele saiu da água, atingindo-a com os espinhos afiados no braço antes que ele de repente se transformasse em ondas agitadas. Havia um ondino naquela água branca e espumosa, mas ela não conseguia identificar onde ele estava. Ele chicoteou e rolou, então mais um movimento do rabo, e ele se foi. Pelo menos, ela pensou. A superfície da água estava tão coberta de espuma do mar que ela não conseguia adivinhar onde ele estava.

Mira rapidamente tirou os pés da água, só para garantir, caso ele tentasse arrastá-la para dentro dela e afogá-la.

Ela podia até merecer. Aquele chip pode matá-lo se ele reagir muito mal a ele.

— Você está sangrando — disse Byte, de forma bastante prática.

— Eu sei — ela disse, segurando o ferimento com uma mão. — Mas acho que meio que mereço isso.

CATORZE

ARGES

A dor era ofuscante. Ele se contorcia, suas mãos pressionadas contra sua cabeça enquanto um som estridente envolvia cada parte de sua mente. Arges não conseguia dizer se era seu próprio grito, o grito das profundezas, ou a própria mãe do oceano vindo para reivindicar suas dívidas.

Ele foi amaldiçoado. A bruxa o amaldiçoou, e ele não sabia que tamanha dor poderia ser infligida por uma criatura tão pequena.

Certamente a achromo tinha feito algo. Ela tinha arrancado suas guelras? Ele era um tolo por deixá-la tocá-lo. Confiar em uma achromo era apenas para os jovens e estúpidos. A espécie dela sempre traía a dele. Eles foram feitos para lutar, assim como o mar foi feito para ser frio. Ele rolou, escamas raspando contra as pedras afiadas do lado de fora da caverna.

Se ele pudesse chegar até Mitéra, então talvez ela pudesse juntá-lo. Ela poderia arrancar essa maldição do corpo dele e então jogá-la de volta no achromos. Ele arrancaria o cabelo do achromo da cabeça dela. Ele morderia os dedos dela, um por um, por fazer isso, o que quer que fosse isso. Esta Mira conheceria uma dor diferente de tudo que ela já sentiu…

E então parou.

Toda a dor, todo o tormento, toda a *dor profunda nos ossos* desaparecera tão rapidamente quanto surgiram.

Respirando pesadamente, as guelras se alargaram ao redor de suas costelas enquanto ele sugava o máximo de água que podia, ele flutuou contra o fundo do oceano. Seu corpo pressionado contra as pedras, o brilho suave da caverna ainda irradiando alegremente para o oceano. Ele

não sabia o que fazer consigo mesmo agora que havia a repentina falta de dor.

Sua mente se quebrou. Parte dele queria retornar à caverna e destruí-la. Rasgar membro por membro pela dor que ela havia causado, e a outra metade... A outra metade queria continuar o que eles tinham começado. Ele queria que ela acariciasse suas guelras novamente com aqueles dedos talentosos. Nenhuma membrana entre os dedos, e isso significava que ela poderia alcançar muito mais longe enquanto tocava ambos os lados.

Tinha sido... requintado. O prazer antes da dor. Ele se arqueou em seu toque, querendo mais, precisando de mais, e o calor do corpo dela o chamou mais do que qualquer canto de sereia que sua espécie havia lançado no mar.

Ela era cada tentação que ele já teve, tudo envolto em um corpo que ele deveria odiar e uma mente que era muito tortuosa. Mira era perigosa, ele sabia disso. E ainda assim, uma parte dele ainda queria mantê-la como sua.

Puni-la? Com certeza. Ele a puniria pelo que ela tinha feito, mas mesmo quando ele desenrolou sua cauda nodosa e começou a voltar para a caverna, aqueles pensamentos sombrios se transformaram em algo muito mais prazeroso.

Ela saberia como era para a espécie dele dominar a dela. Ele os faria se encaixar, se fosse necessário. Porque ele tinha visto o calor nos olhos dela, e ele tinha visto a maneira como seus lábios macios se separaram quando ela olhou para ele se contorcendo em seu aperto. Ela o queria, tanto quanto ele a queria.

Por enquanto, isso foi o suficiente.

Até as plantas brilhantes na caverna se afastaram dele, sentindo a raiva que queimava dentro de seu peito. Ele era perigoso. Ele era aterrorizante. A criatura que saiu das profundezas não era Arges, mas

uma besta feita de raiva e ruína.

Ele lentamente chegou ao topo da água, seus olhos já estreitados e suas guelras seladas. Se ela tentasse atacá-lo novamente, ele estava pronto para isso.

Ela estava perto do fundo da caverna, as mãos gesticulando descontroladamente enquanto ela conversava com o demônio que ele havia desenterrado e algo estalou dentro dele. Ela não parecia envergonhada ou chateada. Talvez esse fosse seu plano o tempo todo. Talvez ela não se importasse em morrer nesta caverna, contanto que o levasse com ela.

Ele lhe mostraria que valia a pena temer sua espécie. Que ela nunca deveria ter sido tão tola a ponto de tentar uma criatura como ele.

Foi preciso tão pouco para mergulhar de volta para baixo da água e para o fundo da pequena caverna. Menos esforço ainda para se impulsionar pela água com uma velocidade tão rápida que ele arrancou algumas pétalas das plantas. Ele se lançou livre das garras seguras do oceano e para dentro da caverna.

Ele teve o distinto prazer de ver os olhos dela se arregalarem em choque, então medo enquanto ele estendia suas garras para ela. E ele sabia que seus dentes afiados estavam em plena exibição. Todas as cores em seu corpo se revoltando enquanto ele se lançava sobre ela. Para seu crédito e prova de sua bravura, ela não vacilou ou tentou fugir dele. Ela apenas ficou ali, observando com os olhos arregalados e músculos travados enquanto ele a agarrava.

Rolando-a para baixo dele, ele pressionou todo seu peso para baixo para impedi-la de lutar. Ele rasgaria sua garganta com os dentes, se fosse preciso.

Mas no momento em que os lábios dele tocaram o ombro dela, ela gritou:

— Espera! Espera ai!

E ele... Entendeu ela?

Arges congelou, certo de que tinha ouvido errado. Certamente, ela não tinha acabado de falar a língua dele. A criatura diante dele não sabia falar a língua das baleias ou a língua do mar.

O breve momento de hesitação dele deu a ela a chance de expelir as palavras dos pulmões, assim como ele fez com a água.

— Sinto muito. Eu queria poder ter te dito que ia doer, mas como diabos eu ia fazer mímica disso para você? Você nunca me deixaria colocar nenhum dos nossos dispositivos em você, de qualquer forma, então eu tive que arriscar.

Outro chilrear estranho encheu a sala, este com estalos metálicos.

— Eu disse que ele te mataria por isso!

— Cale a boca, Byte! — ela sibilou.

E a sala ficou em silêncio enquanto ele afastava o rosto do pescoço dela e olhava fixamente para aqueles olhos arregalados e estranhos.

— De novo — ele disse, rispidamente.

— Ainda não sei o que essa palavra significa, mas presumo que você queira que eu repita?

Ele nunca esteve tão perto dos olhos dela. Os estranhos orbes que pareciam algas brilhantes em um raro dia de luz solar. Branco cercava a cor e, estranhamente, o deixava desconfortável ao encontrar o olhar dela. Ele conseguia rastrear facilmente para onde ela estava olhando. As manchas escuras no centro dos olhos dela se contraíram, ficando menores, talvez com medo quando ele não se afastou dela.

— O dispositivo que coloquei no seu ouvido é um tradutor. Ele conhece a minha língua, então agora você também conhece a minha língua. Mas eu não tenho a mínima ideia do que você está dizendo. Eu não conheço a sua língua, e nem Byte. — Ela apontou para o estranho demônio da caixa no canto da caverna, e ele deu um pequeno aceno com seu braço de metal. — Quanto mais você fala, mais o robô consegue

entender sua língua e me dê uma chance de ter meu próprio tradutor. Então poderemos conversar.

Ele mal acompanhou o que ela estava dizendo.

— Robô?

Aparentemente, ele repetiu a palavra perto o suficiente na língua dela para ela estremecer.

— Certo, você não conhece essa palavra. A coisa ali atrás. A caixa? Meu povo criou isso para nos ajudar. Eles são uma espécie de... servos.

A pequena caixa gritou, mas ficou em silêncio quando ele olhou para ela.

— E você? — ele perguntou, inclinando-se um pouco mais perto dela. — Como você se chama, achromo? Eu saberia o nome que meu inimigo deu a si mesmo.

Ela engoliu em seco, e ele observou sua garganta se mover antes que ela respondesse calmamente:

— Não tenho ideia do que você está dizendo, mas você parece muito bravo comigo.

Ele estava. Claro que estava. Ela o presenteara com um dispositivo mágico que lhe permitia entender suas palavras, ao mesmo tempo em que o traía com uma dor horrível. E ele admitiria, estava mais do que um pouco bravo consigo mesmo por cair no feitiço dela tão facilmente. Ele estava envergonhado por ter deixado uma achromo tocá-lo, e que ela o tivesse afetado.

No mundo dele, eles eram quase como prometidos. Ele a havia caçado, presenteado com tesouros. Ela havia tocado suas guelras com uma ternura tão requintada que ainda fazia cada parte de seu corpo vibrar de necessidade. E estava errado. Cada pedacinho disso estava errado.

Ela roubou isso dele. Porque ele nunca tinha feito nada disso com nenhuma outra fêmea, e agora ele sempre se lembraria de suas primeiras

tentativas de acasalamento. Sua primeira tentativa de ter uma companheira, e nenhum deles sequer se queria.

Era uma vergonha para um guerreiro ter uma companheira que o negasse. Mas negar uma fêmea? Mesmo uma como ela?

Era algo inédito.

Talvez sua frustração tenha transparecido. O rosto pálido dela ficou ainda mais pálido, e aquela língua rosa brilhante saiu para lamber seus lábios.

— Você não parece feliz comigo.

O que teria dado esse pensamento a sua achromo? Ele lambeu os próprios lábios, observando os olhos dela seguirem o movimento da língua escura dele. Ainda mais daquela cor se esvaiu do rosto dela, e ele de repente ficou muito ciente da posição em que estavam.

Embora sua nadadeira ainda estivesse na água, ele a tinha prendido em todos os outros sentidos. Ambos os pulsos dela estavam presos por suas mãos palmadas, bem acima de sua cabeça. Ela arqueou seu corpo em direção ao dele, bem como ele tinha feito apenas alguns momentos atrás. Suas caudas estranhas estavam separadas em ambos os lados de seu corpo e ele não tinha percebido que elas podiam se espalhar tanto. Ela o colocou contra seu núcleo, tão diferente de sua própria espécie e ainda assim estranhamente... atraente.

O calor que havia entre eles antes brilhou forte e quente novamente. Ele podia senti-lo correndo por suas veias, acendendo todas as suas cores como se ela o tivesse acendido por dentro. O azul brilhou, e suas guelras se ergueram novamente. Não importa o quanto ele tentasse mantê-las baixas.

Apenas um leve arco dela, apenas um pouco. Mas isso inclinou o corpo dela contra ele ainda mais, e ele tinha que fazer alguma coisa. Ele tinha que tocá-la. Tinha que sentir o que essa estranha achromo estava escondendo.

Transferindo um dos pulsos dela para o seu aperto, ele libertou uma das mãos e a deslizou pelo lado dela.

— Nós somos tão parecidos, — ele disse calmamente, observando sua mão enquanto ela deslizava pelas costelas dela. — Eu tenho isso. Eu já senti isso nas minhas mulheres antes.

Mas ela não tinha guelras. Ele fez uma pausa, sua mão aberta sobre aquelas costelas que subiam e desciam, mas não havia guelras ali para brincar com seus dedos. Nada além da estranha pele prateada que ela usava e os delicados ossos por baixo.

— Você é tão pequena — ele murmurou, movendo a mão até a depressão na cintura dela, onde deveria haver o início das escamas. Mas não havia nada. Apenas um espaço em branco e aquelas barbatanas gêmeas que tremiam em ambos os lados da cauda. — Tão... quebrável.

— Não sei se você vai me beijar ou me matar — ela disse, seus olhos seguindo cada movimento dele. — Não tenho certeza se quero qualquer um dos dois.

Ele não tinha ideia do que era esse beijo do qual ela falava, mas tinha a sensação de que ela estava sendo afetada pelo mesmo calor que ele. Ele precisava se controlar ou ela perceberia o controle que tinha sobre ele. Seu corpo nunca havia reagido assim. Nem uma vez.

Talvez fosse a estranheza e novidade de sua forma. Ele não era estranho ao prazer, mas certamente era quando se tratava dos achromos. O Povo da Água, tanto machos quanto fêmeas, tinham corpos notavelmente semelhantes. As mesmas áreas causavam a mesma quantidade de prazer para ele e uma fêmea de sua espécie, e tais trocas eram breves.

Considerando o quão escondido tudo nesta achromo estava, ele só podia supor que o prazer deles era diferente. E a mera ideia de persegui-lo com ela era uma corrida inebriante para sua cabeça.

E... outras áreas.

Mira respirou fundo, seu peito roçando no dele.

— Isso não é conversa, Arges. Preciso que você fale para que Byte possa fazer um chip para mim também. Para que possamos nos entender.

Ela queria que ele falasse?

Inclinando-se para baixo, de modo que sua boca estivesse pressionada contra o buraco auditivo dela, ele disse com voz rouca:

— Eu vi o que seu povo faz no escuro. Os movimentos podem ser estranhos, mas os sons que sua espécie faz são intrigantes para mim. Desejo explorar este seu corpo, Mira.

Ele a sentiu estremecer com o nome dela. Ele sabia que ele disse diferente dela, rolando o meio da palavra na língua.

— Não tenho ideia do que você acabou de dizer — ela sussurrou em resposta. — Mas soou menos raivoso.

— Oh, ainda estou bravo com você. Muito, muito bravo. — Ele pressionou os dentes no pescoço dela, satisfeito com o pequeno ruído que ela fez no fundo da garganta. — Mas há outras maneiras de punir você, *kairos.*

Mais uma vez, ela prendeu a respiração e ele ficou obcecado com o som.

— Enquanto você continuar falando, pode dizer o que quiser para mim. — Ela se contorceu em seu aperto, tentando torcer os pulsos para que ele tivesse que soltá-la. — Mas não chegaremos a lugar nenhum a menos que eu possa entender você também.

Ele discordou.

Mesmo com as estranhas barbatanas dela apertando-o um pouco mais forte do que antes, ele sentiu-se se afastando daquele momento. Eles chegariam a algum lugar porque ela lhe contaria tudo. Ele retornaria ao seu povo, triunfante, e assumiria o controle de seu cardume novamente. Tudo o que ele tinha que fazer era levar informações para

sua Mitéra que pudessem ajudá-los a destruir os achromos.

Então ele realmente ouviu o que ela disse. Ele rolou as palavras em sua mente como o mar fez com uma pedra, e finalmente ele rosnou.

— Há mais desses dispositivos?

Ela franziu a testa para ele, e ele sibilou um palavrão pela dificuldade.

Talvez ela estivesse certa. Ela precisava ser capaz de entendê-lo.

Com o olhar aquecido de raiva agora, ele latiu para o robô no canto,

— Você aí. Você pode fazer mais desses dispositivos. Faça-os agora, e eu os levarei para o meu povo.

Mira era observadora demais para seu próprio bem. Ela olhou para os gestos dele, observou enquanto ele apontava para o dispositivo em seu ouvido e tudo pareceu fazer sentido.

— Não — ela disse calmamente, antes que suas palavras se tornassem mais fortes. — Eu não vou te dar mais desses dispositivos. Não para o seu povo. Eu não tenho como saber o que qualquer um de vocês fará com eles.

Ele olhou para ela, mas isso não assustou sua pequena *kairos* nem um pouco. Na verdade, ela só lutou mais e se tornou mais determinada.

— Absolutamente não! Eu só dei isso a você como uma necessidade porque você me prendeu centenas de metros abaixo do oceano. Sai de cima de mim!

Ele bateu os pulsos dela contra as pedras, forçando-a a parar de se mover.

— Pare de lutar. Você me dará mais desses dispositivos, e meu povo entenderá sua língua. Nós tomaremos o que nos é devido de você, e você não fará nada para impedir que isso aconteça.

Os lábios dela se apertaram em uma linha fina. Assim como muitas mulheres de sua própria espécie faziam antes de lutar. Que ela tentasse

tirar sangue. Ele iria gostar da luta.

Em vez disso, ela inclinou a cabeça para trás e olhou para a caixa.

— Beta Iota Epsilon 427, não imprima nenhum tradutor para nenhum ondino. Essa é uma ordem direta. Você entendeu?

A estranha cabeça da criatura abaixou para dentro da caixa antes de soltar um chilrear,

— Entendido — e então se fechou dentro da caixa.

Ela tinha... Ela tinha acabado de ordenar à caixa que nunca o ouvisse?

A raiva surgiu novamente, e dessa vez ele pairou sobre ela. Ele apertou os dedos em volta dos pulsos dela até doer. Deve ser doloroso. E ainda assim, ela nem sequer estremeceu.

— Se você está tentando me machucar, vai ter que se esforçar muito mais do que isso — ela disse, tão prosaicamente que fez sua cabeça girar. — Eu sou uma engenheira, ondino. Já fui queimada, atingida e presa em motores mais vezes do que posso contar. Tenho mãos calejadas e ossos duros. Faça o seu pior.

QUINZE

MIRA

Ele quase pareceu impressionado com suas palavras, mas Mira não queria impressioná-lo. Ela não se importava com o que esse babaca pensava dela, mesmo que ela tivesse inclinado um pouco os quadris, então ele estaria mais confortavelmente descansando entre suas pernas.

A posição deles era terrivelmente íntima. E sim, talvez os mamilos dela fossem pontinhos afiados, mas isso era só porque ele estava gelado ao toque em todos os lugares, exceto nas mãos e guelras. Ela não se importava com o que ele pensava dela, ou com o que ele queria fazer agora. Tudo o que ela se importava era em sair daquela maldita caverna.

Arges mostrou os dentes, as pontas afiadas muito parecidas com as dos tubarões que ela tinha visto nadando nas profundezas. Mas isso não a assustaria.

Ela não estava brincando. Ela era engenheira, e era feita de um material mais resistente do que ele pensava. Se ela tivesse que provar isso a ele, então que assim fosse. Ela o faria.

Os quadris dele flexionavam contra os dela, eram mesmo quadris? Ela podia sentir que havia ossos neles, talvez um osso pélvico como o dela. Mas então havia espinhos individuais que continuavam na parte de trás da cauda dele. O que ela não daria para ver um dos esqueletos deles só para saber o que diabos ela estava sentindo contra ela.

Ele tinha mesmo um pau? Ela sabia que alguns peixes simplesmente... borrifavam esperma. Talvez fosse isso que ele fazia. Talvez a espécie dele botasse ovos e ele simplesmente a molhasse quando terminasse, deixando-a insatisfeita e enojada.

Pronto, isso foi o suficiente.

Mostrando os próprios dentes em uma zombaria da careta dele, ela rosnou:

— Você precisa que eu te role de volta para a água? Você com certeza parece que vai precisar de um pouco de ar em breve.

As guelras de suas costelas tremeram.

— Não ouse.

Novamente, elas tremeram, e ela jurou que o viu começar a engasgar.

— Se você cuspir toda essa água das suas guelras em mim, eu vou enfiar meu soldador nelas e queimar você de dentro para fora. Sai de cima de mim.

Ele fez um som estranho e áspero, e ela percebeu que poderia ser o som de sua risada. Mas, pelo menos, ele finalmente soltou as mãos dela e então se afastou dela. Embora, não tenha escapado à sua atenção que ele se arrastou por todo o seu corpo. A sensação daquele peito musculoso levaria um tempo para passar. Meu Deus, ele era forte.

E uma vez que ele estava na água, olhando para ela como sempre fazia, ela teve dificuldade em tirar a sensação dele. Como se ela ainda pudesse evocar a imagem dele. Todos aqueles músculos se contraíram enquanto ele se apoiava sobre ela.

Não havia como ele ter ideia do que aquela posição a lembrava. Eles provavelmente faziam sexo na água, eretos, fertilizando óvulos em uma transação completamente sem emoção.

Certo, controle-se, ela pensou.

Sentando-se, ela envolveu os braços em volta dos joelhos para segurar todas as peças do quebra-cabeça de si mesma juntas.

— Você precisa falar para que o robô possa traduzir sua língua para mim.

Ele teimosamente permaneceu em silêncio. O único som na caverna era o leve gotejamento de água que caía de seu... não cabelo. Como ele

chamava aquilo no topo de sua cabeça?

— Eu realmente queria poder entender você, — ela murmurou. — Isso tornaria tudo mais fácil.

E ainda assim, ele apenas olhou.

— Certo. Bem, a outra coisa que pensei em perguntar é sobre água doce. Não posso beber água salgada. — Ela apontou para onde ele estava, como se ele não fosse entendê-la. — Humanos precisam de água sem sal. Você entende isso? Tenho fervido água salgada e coletado a condensação, mas não é o suficiente. Na verdade, não. Vou ficar doente, ou pior, e…

Ele afundou abaixo da superfície. Simples assim. Como se tivesse terminado de ouvi-la, e não se importasse nem um pouco com o que a pequena humana tinha a dizer. Ele nem ia falar nada, para o robô poder gravar sua linguagem.

A voz do pai ecoou em sua mente enquanto ela se lançava em movimento.

— Mira, garota. Você pensa com seu instinto, não com sua cabeça. Você nunca foi tão boa em pensar em um plano antes de já ter começado a fazê-lo.

Levantando as mãos sobre a cabeça, o corpo arqueando, ela mergulhou na água com um barulho vergonhosamente alto enquanto tentava nadar atrás dele. Mas ela não tinha suas nadadeiras. Ela não tinha seu respiradouro. E ele era tão rápido. Tudo o que ela viu foi a ponta de sua cauda escura antes que ele desaparecesse na escuridão.

Plantas brilhantes e coloridas roçavam em seus lados, arrastando-se ao longo de sua pele enquanto ela lutava para alcançar a boca da caverna. Uma vez lá, ela se segurou na lateral da parede e olhou para o abismo.

Não havia nada lá fora. Ela sabia que era porque seus olhos não tinham se ajustado, e a luz brilhante atrás dela tornava ainda mais difícil enxergar a distância. Mas parecia que ela olhava para uma parede preta

de nada. Poderia haver qualquer coisa lá fora. Cem tubarões. Baleias assassinas. Monstros das profundezas que ela não conseguia imaginar ou mesmo sonhar.

Seu coração trovejava em seu peito, correndo cada vez mais rápido até que ela foi forçada a se virar. Ela chutou os pés um pouco mais rápido, moveu os braços mais rápido, porque sua própria alma gritava que algo a estava seguindo das profundezas.

Rompendo a superfície, ela arfou e deu um tapa na superfície antes de se arrastar para fora da água. Correndo para trás, ela bateu as costas contra a parede de pedra e observou as ondas revoltas.

Sua mente conjurou todos os tipos de criaturas marinhas. Uma lula gigante que a seguiu, faminta e desejando apenas devorar. Seus longos tentáculos atingiriam as pedras a qualquer minuto antes que ele puxasse seu corpo gelatinoso para cima para consumi-la.

— Mira? — Byte perguntou, a voz metálica cortando seu medo.

Ela se esforçou até para falar. Mas eventualmente, ela lambeu os lábios e disse:

— Sim?

— Você vai ficar doente.

Certo. O traje dela. Ela o molhou e havia água dentro dele, considerando que ela mergulhou de forma imprudente sem nem mesmo colocar o capuz. O frio a atravessou, e ela percebeu o quão gelados seus dedos dos pés e mãos estavam. Até seu rosto estava um pouco dormente, dificultando falar.

O cabelo dela estava crocante com gelo? Não, graças a Deus. Mas enquanto ela puxava os fios molhados para longe do rosto e tentava torcer a água, ela se castigou pelos perigos do que tinha feito.

— Estúpida, — ela murmurou. — Estúpida pra caralho.

Tirar a roupa de mergulho a deixou exausta. Ela não tinha comido bem ultimamente, nem dormido regularmente. Sem mencionar a

desidratação e se ela continuasse descendo nessa espiral de pensamento, então ela iria bater naquela parede de depressão novamente.

— Droga, — ela disse, sua voz um pouco aguada enquanto chutava a roupa de mergulho para longe. — Droga, isso foi tão... tão...

Mira não terminou a frase. Ninguém estava ouvindo seus lamentos, de qualquer forma. Enrolando-se no único cobertor que de alguma forma havia sobrevivido ao mofo e às algas, ela se virou para a água e encontrou olhos escuros observando-a.

Ele havia voltado.

Rapidamente, dessa vez. Mesmo sabendo que ele não gostava nem um pouco de voltar.

— Oh, — ela disse, parada ali no meio da sala como uma idiota. — Eu... uh... Quanto disso você viu?

Uma canção longa e arrastada foi sua resposta. Ele não parou de falar por um tempo, e ela não tinha ideia do que ele estava dizendo. Nem um pouco.

Olhando para Byte, ela perguntou:

— Quanto da linguagem dele você acha que domina?

— Dois vírgula sete por cento — respondeu o robô, e então se fechou novamente.

Aparentemente, isso não a ajudaria a fazer o ondino falar. Então, cabia a ela descobrir como diabos ela iria sair dessa confusão. Suspirando, ela começou a voltar para a água.

— A roupa de mergulho que eu uso é só para entrar na água. Ficar molhada é, na verdade, um pouco perigoso para os humanos. — Sentando-se na beira da água, ela apoiou o queixo nos joelhos dobrados e enrolou o cobertor bem apertado em volta de si. — Isso deve parecer um pouco bobo para você. Considerando... Bem.

Gesticulando para cima e para baixo em seu corpo, ela se esforçou para fazer parecer que nada estava errado. Ela não estava presa em uma

caverna muito abaixo do oceano com um ondino que provavelmente pensava que ela era um animal de estimação. Porque esses pensamentos levavam a pensamentos muito mais sombrios, e ela se recusou a chafurdar agora.

Talvez ele soubesse que ela estava com dificuldades. Talvez ele estivesse apenas sendo um bom dono de animal de estimação. Ele jogou um peixe morto nela, já eviscerado e pronto para cozinhar. Então tirou o que parecia uma bolsa. Mais ou menos. Era verde e coberta por uma camada grossa de gosma, mas definitivamente tinha o formato de uma bolsa grande.

Ele entregou a ela, observando-a com olhos que viam demais.

— Obrigada, — ela murmurou, girando-a um pouco em suas mãos. Definitivamente estava cheia de alguma coisa. — O que tem nela?

Por favor, não seja algo nojento, ela pensou. A última coisa que ela precisava era de algum estranho ritual de acasalamento onde ele enchesse isso com as entranhas de seus inimigos ou algo igualmente traumatizante.

Ele fez mímica de levantar a bolsa e abriu a boca. Como se estivesse despejando algo.

Girando um pouco mais, ela pôde ver que havia um bico no topo. Tipo a jarra de limonada que sua mãe tinha tanto orgulho de ter.

— Bem, — ela murmurou, levantando a estranha planta verde. — Não vai dar em nada.

Mas quando ela derramou a substância sobre a língua, ela percebeu que era... água. Água fresca e limpa. Sem gosto de sal. E mesmo sabendo que deveria testar um pouco, certificar-se de que não a atravessasse e transformasse cada buraco dela em uma fonte de líquido, ela bebeu até tossir. E mesmo assim, ela só parou por um tempinho e então bebeu ainda mais. Até que sua barriga inchou com o líquido e sua mente gritou, ela ia vomitar.

Ainda havia mais água sobrando. O suficiente para um dia inteiro, talvez dois, se ela tomasse cuidado.

— Água, — ela sussurrou, sentando-se com a bolsa no colo. — Você me trouxe água fresca.

Ele inclinou a cabeça, acenando para ela como um príncipe em um conto de fadas. Mas isso não combinava. Ele não era o mocinho. Ele a sequestrou. Roubou-a de sua casa. Tentou matá-la várias vezes. E agora ele estava... cuidando dela?

— Por que estou aqui? — ela perguntou. — O que você quer de mim?

Isso o deixou irritado. Ele falou por um longo tempo, até mesmo levantando as mãos e gesticulando com elas descontroladamente. De vez em quando, água espirrava de seus movimentos e derramava sobre os dedos dos pés dela. Ela não tinha ideia do que ele estava dizendo, mas apenas que ele estava falando muito. Isso era bom. Isso significava que Byte poderia entender ainda mais sua linguagem do que antes.

E ouvi-lo era estranhamente lindo. Ela ficaria deitada na cama por anos, ouvindo os chamados assustadores das baleias. Assombrada pelo som da melancolia delas a quilômetros de distância, e agora ela podia ouvi-lo de perto e pessoalmente. Embora, sua voz profunda não soasse exatamente como uma baleia. Parecia mais que ele estava... cantando.

Finalmente, ele parou e olhou para ela com expectativa.

— Eu não sei o que você está dizendo, — ela disse com um sorriso irônico. — Mas eu presumo que você tenha planos para mim.

Ele assentiu.

— Certo. Bem, até que eu possa entender o que você está dizendo, esses planos provavelmente não vão acontecer. — Ela se levantou e colocou a bolsa de água no catre onde sabia que não seria derrubada, antes de se juntar a ele de volta na beira da água.

Ele se aproximou dela, ela percebeu. Suas mãos palmadas estavam

pressionadas contra a borda, e ele se levantou um pouco. Talvez para ver o que ela estava fazendo no fundo da caverna.

— Não tem nada útil aí atrás — ela disse, se acomodando no chão ao lado dele. — Eu já olhei. O computador fritou. Não tem sinal na superfície, e nenhum outro aparelho eletrônico, estão tão enferrujados que nem eu consigo consertá-los. Você me prendeu, ondino.

O sorriso selvagem em seu rosto dizia que ele estava bastante satisfeito com isso.

— Sim, sim. Tenho certeza de que esse era seu plano o tempo todo.

Novamente ele falou, dessa vez usando as mãos, então ela entendeu a essência. Ele a seguiu. Ele usou uma das mãos e chutou dois dedos, mais ou menos como ela nadava. A outra mão ele ondulou como as ondinas faziam enquanto nadavam. Era uma maneira notavelmente boa de falar e imitar o que tinha acontecido. Aparentemente, ele tinha estado acima dela o tempo todo enquanto ela estava nadando, e ela não tinha ideia. Ele estava muito orgulhoso disso.

Balançando a cabeça, ela teve que admitir que era quase fofo o quão orgulhoso ele estava de si mesmo. Esta era claramente uma missão difícil para ele assumir, e ele tinha conseguido. Mesmo que fosse às custas dela.

— Eu não sei nadar como você. Não fui feita para o oceano. — Ela colocou os pés para fora do cobertor e mexeu os dedos. — Obviamente, estes não foram feitos para me ajudar a nadar.

Ela o observou olhar para os pés dela, e então recuar quando percebeu que ela conseguia abrir bem os dedos dos pés. Rindo, ela o deixou olhar para eles. Arges até chegou um pouco mais perto, claramente querendo investigar as diferenças, mas sem saber como fazer isso.

Mira se abaixou e torceu o pé de um lado para o outro, mostrando a ele as limitações de seu movimento.

— Temos um monte de ossos nos pés. Eles nos ajudam a ficar eretos

quando andamos. Não tenho certeza se você tem ossos na cauda ou…

Ele a silenciou com um olhar sujo.

— Ou claramente você tem ossos na cauda — ela se corrigiu. — Provavelmente como uma espinha. Temos ossos longos em nossas pernas em vez de muitos pequenos. Você pode tocar se quiser.

Por que ela disse isso? Ela não queria que ele a tocasse. Mas então ele estendeu aquelas palmas estranhamente quentes e teias delicadas e deslizou a mão ao longo dos ossos delicados do pé dela e até a canela.

Ela observou com estranha fascinação. A visão daquela mão cinza, com as brilhantes teias de arco-íris, tocando-a? Deveria ter sido nojento e, em vez disso, simplesmente... foi. Como qualquer outra pessoa tocando sua canela.

Ele sibilou um longo som no momento em que encontrou o osso proeminente da canela dela. Palavras saíram de sua boca quando ele estava de repente muito mais perto, puxando-a para si para que pudesse usar as duas mãos no osso.

Ele foi gentil, pelo menos. Ela pensou por um segundo que ele tentaria quebrá-la, mas não. Ele apenas levantou a perna dela levemente e então a moveu. Observando a pele dela se mover com a pressão das pontas dos dedos enquanto o osso permanecia rígido e imóvel.

Aparentemente, isso o fascinava. Ele fez uma pergunta a ela, embora ela não tivesse como saber o que era. E, em vez disso, ele finalmente a imitou chutando os pés, e então ondulou a mesma mão.

Com uma risada, ela assentiu.

— Tenho certeza de que há uma maneira mais eficiente de nadar, sim. Mas isso não me torna mais rápida. Meus pés e pernas são curtos e não há músculos neles como os seus. É por isso que eu tinha nadadeiras, para me ajudar a nadar como você.

Ela o observou murmurar a palavra “nadadeiras” antes de se mover para os pés dela. Ele demorou, cutucando gentilmente os ossos delicados.

Ele a olhou tão completamente que ela se perguntou sobre sua curiosidade, e então seu olhar se voltou para o dela.

Ele falou enquanto fazia suas perguntas, mas ela podia ver que ele estava falando sobre um peixe. E então ele tocou suas costelas com as mãos, depois com os pés dela.

— Você acha que os ossos dos meus pés são como costelas de peixe?

Ele assentiu e então fingiu estalar algo entre as mãos.

— Frágil, — ela bufou. — Eu acho que eles pareceriam facilmente quebráveis em comparação a você.

Seu olhar se tornou calculista. Apontando para ela, ele imitou o movimento de quebrar novamente.

— Não sou tão facilmente quebrável quanto meus pés, não.

Ele gesticulou ao redor deles, para a caverna, a água, o metal enferrujado no fundo, então apontou de volta para ela.

O orgulho a fez querer dizer a ele que estava bem. Que nada naquele lugar a quebraria, e que ela era feita de material mais resistente. Mas a realidade era que ela sabia que não duraria muito ali. Era uma caverna molhada e úmida com muita pouca promessa de que o ar ficaria onde estava. Ela não tinha ideia de quantos anos tinham os canos que se estendiam até a superfície, ou se a energia acabaria eventualmente.

Ela provavelmente conseguiria consertar o gerador algumas vezes. Havia peças de reposição suficientes espalhadas por aí para que ela pudesse fazer algo funcionar. Mas isso não duraria muito.

Então, com seu orgulho dolorido, ela respondeu:

— Este lugar me deixa um pouco mais frágil. Estar fria e molhada significa que eu posso ficar doente mais facilmente. Não há vegetais, apenas o peixe que você me traz. Então, eventualmente, não terei o suficiente do que preciso comer e provavelmente morrerei. Se você tem algo que quer de mim, Arges, provavelmente precisa pedir mais cedo do

que tarde.

Suas sobrancelhas franziram e sua expressão ficou preocupada. Sem outra palavra, ele afundou abaixo da superfície e desapareceu.

Ela suspirou, observando-o partir com uma estranha mistura de alívio e preocupação.

— Byte? — Mira perguntou. — Quanto disso você conseguiu?

A tampa da caixa abriu.

— Estamos agora em exatamente quatro vírgula dois por cento. Essa foi uma boa conversa, Mira!

Gemendo, ela caiu de costas e olhou para o teto.

— Eu nunca vou sair daqui.

DEZESSEIS

ARGES

Arges ficou bastante horrorizado ao perceber o quão frágil ela era. Ele sabia que aquelas caudas estranhas eram um problema desde o começo, principalmente porque elas não se dobravam na água do jeito que deveriam, mas ele presumiu que era algum ferimento passado que a havia tornado defeituosa.

Agora ele as havia tocado.

Agora ele sabia que as caudas dela nunca se dobrariam, porque havia um osso grosso e reto impedindo que elas se dobrassem do jeito que a cauda dele fazia. Como ela as havia chamado? Pernas?

A palavra foi imediatamente associada a algo grotesco em sua mente. Achromos que vagavam por suas casas em caudas rígidas que não conseguiam dobrar, não importa o quanto tentassem. Pernas que desafiavam toda a lógica.

Mas junto com a corrente daquela memória estava a sensação de sua pele quente. Sem escamas, diferentemente de sua cauda, mais como tocar seu próprio peito. Ela tinha sido tão macia. Delicada ao toque e flexível sob suas mãos. Ela o deixara levantar aquelas pernas e encarar aqueles pés, como ela os chamava. Ela havia confiado nele para tocá-la, até mesmo usava aquele sorriso no rosto, e ele estava... humilhado.

Ela deixou que ele a tocasse. E oh, isso o fez queimar.

Mesmo agora, longe da caverna através das correntes oceânicas, ele sabia que isso estava se tornando perigoso. Ele deveria retornar ao seu cardume. Ele deveria ouvir como a espécie dela havia causado mais problemas e quantos outros da sua espécie haviam morrido.

Arges precisava desesperadamente se recompor. Ele precisava se

lembrar de que suas espécies estavam em guerra há séculos por uma razão, e não que ele era um fracote que não queria nada mais do que tocar mais daquela pele macia.

A correnteza o afastou de retornar à caverna dela, e ele sabia o que ela estava dizendo. Ele havia se afastado demais de sua missão. Ele deveria estar aprendendo mais sobre a espécie dela para poder destruí-los. Não para ficar fascinado por eles.

Mas mesmo com esse conhecimento, mesmo sabendo que o próprio mar era contra essa estranheza em sua mente, ele não conseguia parar de se perguntar mais sobre o povo dela. Ela havia explicado o quão frágeis eles eram, e isso o preocupava. Então, ela não podia ficar naquela caverna. Ele não podia continuar deixando-a lá quando o frio e a umidade poderiam *matá-la.*

Ele nunca teve um animal de estimação tão difícil em sua vida.

Embora ele não pudesse mais considerá-la um animal de estimação. Ou mesmo uma missão. Arges rolou seu corpo por uma corrente, mudando para outra e se juntando a uma família de arraias que o observavam. Suas perigosas farpas nas pontas de suas caudas permaneceram planas, então ele as ignorou para se perder em seus próprios pensamentos novamente.

Mira era uma pessoa. Ela falava, e ele a entendia, e ela lhe contava todo tipo de histórias ridículas de sua espécie. Talvez, com o tempo, ele pudesse conversar com ela. O robô claramente não tinha domínio da linguagem dele ainda e não parecia estar fazendo muito progresso.

Ele poderia usar isso a seu favor.

Ignorando que seu estômago se retorcia com o mero pensamento de usá-la, ele voltou para a caverna. Ele precisava movê-la. Se ela fosse ficar doente e morrer antes que ele conseguisse o que queria, então ele tinha que fazer algo a respeito.

Ela poderia estar mentindo? Sim, claro. Mas ele não achava que ela

estivesse.

Ela era estranhamente honesta. Falava facilmente sobre seu povo e era sempre gentil quando ele levantava uma sobrancelha em questão. Ela agia como se não houvesse segredos que ela soubesse ou que houvesse algo que ele não devesse saber sobre sua espécie.

Como se ela não percebesse como ele usaria essa informação contra seu povo.

Preocupado, ele nadou pela fenda para dentro da caverna. Mas, ao respirar fundo para se firmar, ele congelou no fundo. Ele podia sentir o cheiro de outra pessoa tinha estado ali. Alguém do seu próprio povo, com o mais leve toque de enxofre e cinzas.

Um andarilho das profundezas? Certamente não. Sua espécie raramente saía das profundezas, e eles não ousariam ultrapassar seus limites quando pudessem sentir seu cheiro aqui. Arges tinha se certificado de que estava bem claro de quem era essa caverna.

O que só deixou uma outra pessoa. Havia apenas um em sua tribo que fedia às profundezas, à camada infinita de gases que escondia mais uma camada do oceano de olhares curiosos.

— Daios, — ele rosnou.

O irmão dele esteve aqui. Ele olhou para a achromo através das correntes, e ela provavelmente nem sabia que ele estava lá. Espreitando nas profundezas, como o predador que ele não deveria ser, Daios provavelmente pensou em roubar o que era de Arges.

E então seu sangue gelou.

E se o irmão dele tivesse matado a achromo? E se ele não estivesse aqui e seu irmão enfurecido tivesse terminado esse trabalho para Arges?

Suas guelras se alargaram em preocupação e todas as luzes ao longo de sua cauda brilharam fortes e quentes. Ele não iria tolerar isso. Ninguém tiraria Mira dele, não tão cedo, não quando ela tinha acabado de acender a centelha de interesse em seu peito.

Com um movimento de sua cauda, ele se lançou à superfície. Espirrando alto, ele girou sua cabeça no ar. Procurando por ela. Esperando e rezando para cada deus do oceano lá fora que ouvisse que ela estivesse exatamente onde ele a deixou.

Um grito assustado ecoou pela caverna, e ele teve que desviar de uma pedra lançada que o teria espancado. Embora o projétil devesse tê-lo irritado, tudo o que ele conseguiu fazer foi um suspiro de alívio.

Sua achromo briguenta ainda estava viva, então. Ninguém mais ousaria atirar uma pedra em sua cabeça.

Mira pressionou uma mão no peito, seu rosto surpreendentemente pálido.

— Arges! Você me assustou pra caramba. O que você está fazendo, espirrando água por aí desse jeito? Eu pensei que você fosse uma lula do fundo do mar que finalmente decidiu que eu seria um lanche saboroso.

Felizmente para ela, ele não era. Mas ele nem tinha considerado que havia muitas criaturas aqui que alegremente dariam uma mordida nela.

Nadando mais perto da borda, ele estendeu a mão para ela.

— Venha, achromo. Não posso mantê-la aqui quando é tão claramente perigoso. Eu gostaria de mantê-la viva.

Ela balançou a cabeça.

— Não tenho ideia do que você está dizendo.

Que os deuses do mar amaldiçoem esse obstáculo infernal entre eles. Resmungando baixinho, ele não conseguia se livrar do medo de que seu irmão estivesse ali. Mais uma razão para movê-la.

O que Daios queria com ela? Seu irmão não era bom para muita coisa, além de matar. Ele era muito bom em assassinar o povo dela e tinha muitas cicatrizes ao longo de sua cauda para provar isso. Ele não era uma criatura que gostava de falar ou entender os outros.

Certamente isso era um mau sinal. Um presságio de aviso de que sua decisão de a mover poderia ter sido tarde demais.

Levantando as mãos para fora da água, ele segurou uma delas sobre o rosto como se fosse a engenhoca dela que lhe permitia respirar. Levantando um braço sobre a cabeça, ele imitou o jeito estranho como ela nadava.

— Você quer que eu vá nadar com você? — Os olhos dela se arregalaram em choque. — De jeito nenhum. É perigoso lá fora. Eu não tenho nadadeiras, então eu poderia perder meus malditos dedos. Você percebe isso, certo? A água está fria demais para mim.

Claro que sim. Tudo era muito perigoso para ela.

Esfregando uma mão no rosto, ele falou enquanto imitava suas palavras.

— Esta caverna é muito perigosa para você. Você mesma disse. Você vai morrer se ficar aqui. Estou te levando para outro lugar. Um lugar mais seguro.

Como ele poderia imitar segurança? Ele tentou pensar em algo que pudesse fazê-lo se sentir seguro, então ele envolveu seus braços ao redor de si mesmo. Talvez isso a fizesse perceber o que ele queria.

— Abraço? — ela murmurou antes de entender o que ele queria. — Você quer me tirar desta caverna?

Ele assentiu.

— Sim, achromo. Este não é seu lugar de descanso final.

O robô colocou a cabeça para fora da caixa, e ele observou enquanto Mira se virava para a pequena criatura.

— Eu tenho que trazer Byte.

Ele não podia... não. Eles não iriam trazer a abominação. Ela poderia ficar aqui embaixo e enferrujar como todas as outras criações do seu povo. Ele balançou a cabeça, apenas para encontrá-la olhando para ele.

— O quê? — ele rosnou.

Aparentemente, ela sabia o que ele disse, porque apontou para a

caixa novamente e respondeu:

— Nós vamos levá-lo. Ou eu vou ficar aqui e você pode me deixar apodrecendo.

Ele não faria nada disso.

— Você depende de mim para tudo. Você acha que eu não posso fazer você vir comigo?

Ela deu um passo mais fundo na caverna.

— Se você tentar me forçar, eu vou te chutar de volta para aquela piscina quantas vezes forem necessárias. A menos que você consiga criar pernas de repente, ondino, eu não acho que você vai vencer essa luta.

Ele se arrastaria pelas pedras se fosse preciso. Não havia lugar onde ela pudesse se esconder dele.

Seus pensamentos se prenderam a uma palavra que ele a ouviu dizer muitas vezes.

— Ondino? — ele repetiu. — Que palavra é essa?

Ela piscou.

— Você acabou de dizer ondino?

Como era seu sinal habitual para continuar, ele arqueou uma sobrancelha. Claramente dizendo a ela que queria ouvir mais sobre essa palavra, ou o que ela significava.

Ela apontou para ele.

— Você é um ondino.

— Eu sou um dos Povos da Água. — Arges pressionou uma mão no peito, então gesticulou para ela. — Você é uma achromo.

Ela imitou os movimentos dele.

— Eu sou uma humana. Você é um ondino.

Eles se encararam por mais alguns momentos antes que ele suspirasse. Desistindo. Ela não teria como entender o que ele estava dizendo, de qualquer forma. Esses achromos e suas palavras que não estavam muito certas.

Ele gesticulou com a mão, tentando fazê-la se apressar antes que seu irmão decidisse retornar.

— Venha, *kairos.* Você já teve uma visita hoje que me deixou nervoso. Entre na água comigo e carregue sua caixa. Eu vou segurar vocês dois para que possamos fugir deste lugar.

Ela se preparou rapidamente. De qualquer forma, ela raramente tirava a pele prateada que cobria seu corpo. Ele só a vira removê-la algumas vezes depois de se molhar. E, infelizmente, ele temia que essa não fosse uma jornada que ela iria gostar.

Mas ele só conhecia alguns lugares seguros, e ela era uma criatura delicada.

— Não consigo ir mais fundo na água do que isso — ela disse, amarrando uma corda improvisada em volta da cintura e prendendo seu lixo no quadril. — Meu corpo vai explodir. Você me ouviu? Já é difícil respirar aqui embaixo.

— Difícil respirar?

Ela pressionou uma mão no estômago, inalando e soltando o ar.

— Muita pressão. Meus pulmões não conseguem ar suficiente. Não sei a que profundidade estamos, mas imagino que seja apenas algumas centenas de metros.

Ele não sabia dessas medidas. Mas ela estava certa de que elas não eram tão profundas quanto ela provavelmente pensava. Ele percebeu como as profundezas pareciam esmagar a espécie dela, tendo arrastado seus corpos muito mais fundo do que isso. Ele as viu estourar, como ela disse. Ele não queria fazer isso com ela.

Resmungando sua concordância, ele se virou para olhar para a água. Talvez fosse apenas sua mente, mas ele jurou que podia sentir olhos neles. Não havia ninguém nesta caverna com eles, no entanto. A menos que um atacante esperasse na escuridão lá fora, longe o suficiente para que as profundezas os protegessem da visão de Arges.

— Depressa, *kairos* — ele murmurou.

Ela não se apressou. Mira pegou o robô e então se virou para olhar ao redor da caverna uma última vez.

— Foi divertido viver aqui, mesmo que não fosse tão seguro. Nunca tive uma aventura como essa antes. Você está me levando para casa agora?

Ele não teve coragem de dizer a ela que nunca a devolveria para a casa dos achromos. Ela sabia demais.

Mira morreria ou ficaria com ele pelo resto da vida.

Ele observou enquanto ela caminhava até os restos de metal de seu mundo e batia a mão nele. Com um gemido gutural, algo parou de se mover na água e todas as luzes sobre suas cabeças piscaram. De repente, mergulhada na escuridão, ela era o contorno mais tênue à distância, iluminado apenas pelo brilho amarelo e quente da água onde ele a esperava.

Conforme ela se aproximava, ele podia ver aquelas luzes amarelas brilhantes brilhando em seus olhos como o raro vislumbre do sol na superfície do mar. A determinação em seus olhos só a tornava ainda mais atraente. Ele nem viu aquelas pernas estranhas. Tudo o que viu foi uma fêmea que lutaria contra o próprio mar, se fosse o que fosse preciso para mantê-la viva.

Essa percepção fez as águas ferverem ao seu redor.

Ele estendeu a mão para ela pegar, segurando uma respiração afiada ao sentir aqueles dedos estranhos deslizando ao redor dos seus. Ela não recuou das teias entre os dele, e ele não se importou que ela não as tivesse. Esta criatura estranha e frágil era uma mistura de força e delicadeza dolorida que transformava sua mente em mingau.

Ela o deixou ajudá-la a entrar na água, deslizando graciosamente suas pernas para as profundezas antes de sibilar em uma respiração aguda.

— Tão frio.

— Eu vou te carregar, — ele murmurou, envolvendo um dos braços em volta das costas dela e puxando-a para mais perto dele. — Deixe-me te manter aquecida, Mira.

Um sorriso suave cruzou suas feições antes que ela puxasse para baixo a primeira de suas coberturas faciais. Olhos ampliados o encararam, piscando algumas vezes e excessivamente grandes.

— Sexy, certo?

O tradutor que ela tinha colocado no ouvido dele não ajudou na primeira palavra. Mas ele podia adivinhar pelos sons arredondados e pela maneira como ela torceu os lábios antes de colocar o dispositivo sobre a boca. E oh, isso fez todas as cores do corpo dele brilharem intensamente.

Ela estava... interessada nele? Claro que não. Eles eram duas espécies muito diferentes e isso não funcionaria. Eles não combinavam.

Mas então ela nadou um pouco mais perto dele, envolvendo os braços em volta do pescoço dele e encaixando os pés de volta nas nadadeiras em seus quadris que estavam sempre um pouco mais quentes. Quentes para manter sua prole segura caso ele desejasse acasalar com alguém. Uma posição da qual ele tinha certeza ela não sabia que era tão tentadora que fez seus quadris se projetarem para frente.

— Desculpe, — ela murmurou, as palavras abafadas pelo dispositivo sobre sua boca. — Deixe-me apenas me situar.

Mais uma situada e ele estaria pressionando algo diferente de nadadeiras entre as pernas dela. Zangado consigo mesmo, ele a agarrou com um pouco mais de força do que havia previsto. Mas então eles estavam flutuando sob a água, e os dedos dela deslizaram pelas guelras do pescoço dele antes que ele afastasse os braços dela delas.

Ambos estremeceram, e ele se permitiu fingir que estremeceram pelo mesmo motivo. Talvez ela estivesse se lembrando daquele fatídico

primeiro toque, quando ele se arqueou em seus dedos e ela brincou com suas guelras. E ele estava pensando na mesma coisa.

Mas, realisticamente, ele sabia que ela estremeceu apenas porque a água estava gelada.

Então, arrastando o cheiro dela por suas guelras e deixando-o brincar sob suas escamas, ele os lançou para fora da caverna e para as profundezas que os aguardavam tão rapidamente que ninguém mais poderia segui-los. Certamente.

Mas ele pensou tê-la ouvido murmurar algo sobre luzes vermelhas à distância.

DEZESSETE

MIRA

Mira não tinha ideia de que os ondinos conseguiam nadar tão rápido. Ele se movia como se fosse feito de água, ou como se pudesse abri-la para que nada atrapalhasse seu caminho. Nadar sempre pareceu que ela estava empurrando algo, tentando se mover através da água em vez de junto com ela.

Mas o ondino? Ah, ele era parte disso. Ele era a água, e a água era ele.

Com os dedos dos pés enfiados nas nadadeiras do quadril dele como se ele usasse uma sela, ela quase conseguia imaginar que tinha nascido para isso. E embora ela não se parecesse nem um pouco com ela mesma - a roupa de mergulho não duraria para sempre -, pelo menos, ela conseguia fingir.

Eles voaram em sua jornada, cortando correntes e passando rapidamente por todos os tipos de criaturas. Era quase impossível assistir a tudo isso acontecer enquanto eles passavam rapidamente. Ele se movia tão rápido; era como se ela tivesse se prendido a um drone veloz.

E ela suspeitava que ele nadava mais lento do que ele gostaria de ir. Embora ele tivesse começado com um braço em volta da cintura dela, agora ele tinha o outro braço por baixo do seu traseiro. Talvez ele não tenha percebido que segurou uma das nádegas dela possessivamente enquanto nadavam, ou talvez ele não tivesse ideia de quão íntimo era seu toque, mas certamente a fez se contorcer.

Os dedos dele estavam um pouco perto demais para ela se concentrar em qualquer outra coisa além de onde o toque dele aquecia. Se ele movesse o polegar mesmo que um pouco, ele roçaria contra o

núcleo dela e ela realmente se mexeria. Ele era bonito. Ela estava interessada de uma forma estranha, e tudo isso era difícil de pensar.

Mira era humana.

Arges era um ondino.

Eles não se encaixavam de nenhuma forma que funcionasse. Ela sabia que o povo dele a odiava. Inferno, ele estava caçando o povo dela até onde ela podia dizer. Ele sabia mais sobre ela do que ela esperava, mesmo que ele estivesse curioso o suficiente para tocar suas pernas. Isso era apenas curiosidade natural, não que ele não tivesse percebido que as pernas dela eram... pernas.

Ainda assim, era impossível para ela não olhar para ele enquanto ele nadava. Todos aqueles músculos flexionavam contra seu estômago e tronco, movendo-os apenas ligeiramente para que voassem pela água. De vez em quando, suas guelras se alargavam, e seus olhos olhavam em uma direção. Toda vez ela olhava para onde ele estava olhando, apenas para não encontrar nada que seus olhos pudessem ver à distância.

Mas ele conseguia ver algo. Algumas vezes ele mudou o curso deles, suas mãos apertando-a um pouco antes de deixá-la se situar um pouco mais confortavelmente. Mira desejou não ter que esticar o pescoço para ver para onde estavam indo, e eventualmente, ela desistiu. Ela apoiou o queixo no ombro musculoso dele e observou a escuridão atrás deles.

Ela pensou que talvez eles estivessem subindo. A água era mais clara aqui, pelo menos. Ela ainda não conseguia ver sua mão na frente do rosto, e não havia absolutamente nenhuma cor, mas era definitivamente mais cinza do que preto. Ainda assim, era um pouco como viver em um mundo preto e branco. Enervante, e fez seu coração disparar até que eles subiram o suficiente para ela ver mais.

E então, de repente, o chão surgiu para encontrá-los. Ou talvez eles tivessem nadado sobre um declive que ela não tinha visto antes, mas

agora estavam cercados de vida.

Ela sentiu como se em um momento estivesse agarrada a ele, com medo de piscar e ver olhos enormes olhando para ela das profundezas, e no momento seguinte, ela não conseguia ver tudo.

Cardumes de peixes brilhavam enquanto nadavam ao redor deles, captando o mais tênue indício de luz e transformando-o em um brilho de pedras preciosas. Folhas gigantes de algas brincavam com suas pernas, prendendo-se à cauda de Arges enquanto ele se movia por elas. Vagens gigantes de sementes flutuavam ao redor de suas cabeças, algumas delas assustadoramente semelhantes ao saco de água doce que ele havia dado a ela.

Quando estavam longe do local de queda, ele soltou a bunda dela e então tirou a mão das costas dela também.

Ainda assim, ela se agarrou a ele. O que ele queria que ela fizesse agora? Eles ainda estavam na água. Ainda em perigo e ainda assim...

Afastando-se dele, um braço ainda enrolado em seu pescoço, ela olhou ao redor. Havia um pequeno espaço aqui na floresta de algas. As frondes não cresciam aqui tão facilmente porque havia inúmeras plantas em forma de sino que eram maiores do que ela.

Eles eram todos de um azul fraco, embora tudo fosse de um azul fraco aqui embaixo. E ela podia ver sombras se movendo na metade dos sinos.

Peixes que ela não conseguia nomear enxameavam em uma centena de cores diferentes. Tartarugas marinhas moviam-se preguiçosamente ao longo do fundo, cutucando pedras e depois se movendo quando não encontravam nada para comer. Uma em particular tinha cicatrizes por todo o casco, e olhou para ela com um sorriso lento e preguiçoso no rosto. Todas se moviam como se ela estivesse em um sonho. Devagar e facilmente, levando seu tempo para flutuar pela corrente calma.

Era lindo. Ela apertou a mão no ombro dele enquanto enchia o

olhar com as imagens.

— Uau — ela sussurrou. — Não há palavras para um lugar como este.

Ela não achava que ele pudesse ouvi-la, mas aparentemente ele tinha uma audição muito melhor do que ela. Arges tocou uma mão em sua cintura, virando-a na água para que ela ficasse ligeiramente para baixo e de frente para eles.

Ele apontou por cima do ombro dela, e ela seguiu a linha de sua garra pontuda para ver um polvo saindo de sua casa subaquática. Era roxo brilhante, com manchas escuras por todos os lados. E embora ela estivesse aterrorizada pela ideia de uma lula gigante, essa era uma criatura que ela sempre sonhou em conhecer.

Um som brilhante de prazer explodiu de sua boca, ela se afastou dele e se impulsionou até o polvo. Água fria que se dane. Ela queria ver essa criatura na natureza novamente.

Arges se juntou a ela muito rapidamente, com uma expressão preocupada no rosto enquanto tentava se colocar entre ela e a desavisada criatura marinha.

— Não quero machucá-lo — ela o assegurou, tentando falar o mais alto que o respiradouro permitia. — Já os vi antes em livros ilustrados! Todos em Beta sempre falavam sobre o quão inteligentes eles são e como é uma espécie tão rara de se ver. Nunca os vimos tão fundo no oceano, mas sempre tive esperança de um dia encontrar um. Meu pai conheceu um antes, na época em que trabalhava fora da cidade.

Chutando os pés para se forçar a ficar ereta na água, ela fingiu tentar arrancar algo da máscara.

— Ele me disse que agarrou seu rosto e deu uma pequena sacudida, como se estivesse lembrando que ele não deveria estar na água. Não o machucou, apenas deu um bom chocalho antes de flutuar para longe. Não jorrou tinta nem pareceu tão bravo aparentemente, só... queria

lembrá-lo de que ele não deveria estar olhando para um polvo e sim trabalhando.

Ao longo da história, a preocupação havia suavizado no rosto de Arges. Em vez disso, começou a parecer um pouco com algo como diversão antes de ele inclinar a cabeça para trás e soltar um daqueles sons musicais.

E...

— Uau — ela sussurrou, perdendo todo o senso de razão.

Em seu medo, ela não tinha percebido como o som da voz dele era muito melhor debaixo d'água. Muito mais do que tinha sido antes, quando ela tentou falar com ele naquela caverna. A profundidade dela não era tão dolorosamente alta. Em vez disso, ele soava mais profundo, mais suave, infinitamente melhor de uma forma que enviava calor zunindo por todo o seu corpo.

E então ele lhe lançou um olhar estranhamente conhecedor antes de apontar para um dos sinos.

Assentindo, ela deu ao polvo um último olhar demorado antes de nadar em direção ao sino mais próximo. Parecia ser ainda maior de perto, talvez dois da sua altura. E havia coisas nadando nele. Um pequeno cardume de peixes da mesma cor do sino, até onde ela podia perceber, pelo menos. Eles giravam no meio do sino, um pequeno redemoinho de peixes que se espalhava por baixo e corria para outras plantas quando se aproximavam.

Era tão mágico. Cada pedacinho disso a fazia prender a respiração enquanto observava algo novo e maravilhoso acontecer. Então ela olhou para Arges e o viu observando-a. A expressão suave em seu rosto era assustadoramente próxima do orgulho.

Ela estava feliz por haver máscaras cobrindo seu rosto e a água estar fria. Porque Mira tinha certeza de que ela ficou com um tom de vermelho bastante embaraçoso. Chutando os pés, ela o observou

enquanto ele a observava. Seus olhos se encontraram. Sua respiração embaçava o interior do respirador apenas para clarear toda vez que ela inalava.

Ela devia parecer tão monstruosa para ele, comparada à beleza de sua própria espécie. Ela só tinha visto alguns ondinos no seu dia a dia, mas todos eram como ele. Nascidos para estar na água. Suas guelras e barbatanas balançando delicadamente a cada movimento, flutuando ali como se não tivessem que lutar para ficar de pé. Eles simplesmente *estavam* no oceano.

E oh, ela tinha tanta inveja deles.

As guelras dele tremeram, levantando-se lentamente em volta do pescoço enquanto ele a olhava de cima a baixo antes de apontar para a planta em formato de sino.

— Não sei o que você quer que eu faça — ela disse.

Ele levantou a mão, gesticulando para que ela entrasse na planta.

— Isso não vai acontecer — ela murmurou, girando as mãos para se afastar mais da planta. — Aqui estava eu pensando que você estava apenas me movendo para um lugar mais seguro, mas agora vejo que eu deveria ser apenas comida para um dos seus outros animais de estimação. Estou bem, Arges. Vou apenas para a superfície ou voltar para minha própria casa em vez de ser transformada em gosma para uma planta. Combinado?

Ele soltou outra daquelas risadas melodiosas antes de gesticular para que ela entrasse no sino novamente. Sob nenhuma circunstância ela faria isso. Ela não seria comida de planta no fim de sua vida. Ela preferia tentar a sorte com uma lula do fundo do mar do que isso.

Um mero movimento de sua cauda, uma pequena contração, e ele estava ao lado dela novamente. Ele colocou uma mão contra suas costas e empurrou. Não importa o quanto ela tentasse nadar para longe dele, e não importa o quanto ela lutasse, ele de alguma forma continuou a

empurrá-la cada vez mais perto da maldita planta.

— Se estivéssemos em terra, essa seria uma dinâmica totalmente diferente — ela chiou com a respiração pesada. — Eu estaria te empurrando. Rolando você no chão como uma foca gigante.

Mais uma vez, ele deu aquela risada maravilhosa, e foi difícil não se distrair. Além disso, não havia como ela lutar contra ele.

E ele estaria rindo se tivesse a intenção de matá-la? Talvez. Provavelmente, considerando a história entre seus povos, mas... Bem, ela escolheu confiar nele. Porque o que mais ela poderia fazer?

Não era como se ela tivesse escolha em nada disso.

Ele a guiou pela água e a empurrou para baixo do sino. Apertando os olhos, ela esperou pela sensação doentia da planta se fechando sobre seu corpo. Talvez arrastando lodo em seu rastro enquanto a esmagava ou a dissolvia com ácido.

Mas isso não aconteceu. Em vez disso, tudo o que ela sentiu foram mãos quentes e palmadas que deslizaram por seus lados até que descansaram contra suas costelas. Esperando, ela supôs, que ela abrisse os olhos.

Abrindo primeiro um, depois o outro, ela se assustou ao ver apenas o rosto dele. Arges pairava tão perto dela que bastaria uma leve inclinação de sua cabeça para que ela o acertasse com a testa. E aqueles olhos dele estavam estreitados de diversão.

— O quê? — ela perguntou. — Claramente você estava me dando de comer para a planta gigante.

Num gesto surpreendentemente humano, ele revirou os olhos e apontou para cima da cabeça dela.

E havia... ar. Acima deles.

— Posso... — Parecia estúpido até mesmo dizer as palavras, mas ela murmurou — Posso respirar aqui?

Ele arqueou uma sobrancelha como se dissesse, eu não sei, você

sabe? E então a empurrou um pouco mais para cima.

Ela tinha seu respiradouro. O pior cenário era que ela não conseguiria respirar aquele ar, e ela teria que colocar o respirador de volta. E isso era muito mais fácil de fazer em com o ar talvez não respirável, mas que ainda sim não na água.

Chutando os pés, ela subiu até a superfície e tirou o respiradouro. Havia bastante espaço acima de sua cabeça, e até mesmo alguns tentáculos pendurados de dentro. Talvez estames, ela pensou, como plantas que precisam ser polinizadas.

Arges se juntou a ela, parecendo muito satisfeito por ela conseguir respirar.

Ele falou, suas mãos se movendo rapidamente junto com cada palavra, e ela entendeu a ideia geral do que ele estava dizendo. As plantas produziam uma espécie de oxigênio, e era respirável para a espécie dela. Então ele estendeu a mão e agarrou um dos tentáculos, gentilmente enrolando-o em volta da cintura dela e então fazendo um movimento como se estivesse dormindo.

Então ele queria que ela dormisse aqui? Por quê?

— Eu não entendo, — ela disse lentamente. — Por que você quer que eu durma aqui? Eu poderia me afogar no meu sono. A caverna não era melhor do que isso?

Ele falou, suas palavras como uma canção, enquanto gesticulava tão rápido que ela não conseguia entender o que ele estava dizendo. Ele queria que ela ficasse ali? Ela não sobreviveria sozinha na água por tanto tempo. Certamente ele sabia disso.

— Comida? — ela perguntou. — Água fresca?

Ele apontou para o pequeno peixe, estendendo as mãos lentamente e segurando um entre os dedos. Aparentemente, era fácil pegá-los. Talvez porque eles não tivessem caçadores naturais. Então ele falou, aquela voz se arrastando até antes que ele a arrastasse para dentro da

água por alguns momentos para que ela pudesse ver que as vagens de sementes flutuantes eram na verdade semelhantes às que ele havia trazido para ela. Havia água nelas, aparentemente, que ela podia beber.

Ela balançou a cabeça quando ele a trouxe de volta para a luz azul brilhante do sino.

— Não. Está muito frio.

O maldito ondino fingiu tremer, então apontou para ela. Claramente, ela não estava mais tremendo, e a água estava mais quente aqui. Apesar do rasgo na parte de trás do traje, ela não estava com tanto frio quanto poderia esperar.

Mas isso não significava que fosse uma boa ideia.

— E os tubarões? As lulas? Todas as outras criaturas no oceano que adorariam uma refeição fácil?

Ele disse algo que soou familiar e então gesticulou ao redor deles como se aquele lugar fosse seguro.

— E se eu ficar sem ar para respirar?

Ele gentilmente levantou o respiradouro ainda preso ao pescoço dela e então apontou para as outras plantas de sino. Como se fosse óbvio. Ela tinha opções de ar, mas não era a melhor opção que ela poderia ter.

E então, para seu horror absoluto, ele afundou para fora do sino e nadou para longe antes que ela pudesse alcançá-lo.

DEZOITO

ARGES

Arges odiava deixá-la indefesa em um mundo novo e estranho do qual ela provavelmente tinha medo. Ele entendia o quão assustador deveria ser para ela estar debaixo d'água onde não conseguia respirar, e agora não havia mais ninguém lá para ajudá-la. Era... horrível o que ele havia escolhido fazer.

Mas ele não tinha outra opção. Daios tinha vindo para a caverna, e ele não podia deixá-la onde seu irmão mais perigoso a havia encontrado. Então ele teve que movê-la. Ele teve que levá-la para outro lugar até que pudesse encontrar um lugar mais permanente para ela.

Enquanto isso, ele tinha que voltar para casa. Ele precisava mostrar seu rosto para os outros, para que eles soubessem que ele não tinha fugido. Ele não tinha se voltado para as profundezas envergonhado e pedido para que o acolhessem.

Arges ainda era o líder de seu grupo. Ele ainda era o filho favorito de sua Mitéra e nenhuma missão com os achromos mudaria isso.

Pelo menos ele achava que não.

Deslizar pelas águas para longe de Mira parecia que ele tinha deixado um pedaço de si para trás. Ele temia pela segurança dela, e o que aconteceria durante a distância entre eles.

Ela poderia ser atacada por todos os tipos de criaturas marinhas. Até tubarões frequentavam aquela área do oceano, e ela era um lanche fácil para eles darem uma mordida. Embora, com todos aqueles ossos, ele não achava que eles realmente a comeriam. Provavelmente tentaria um pouco, e então ela sangraria até a morte na alga. Ele a encontraria cercada por uma pluma de seu próprio sangue.

E embora o pensamento fosse preocupante, ele se pegou imaginando qual seria a cor do sangue dela. O dele era escuro, quase como tinta, como a emissão de um polvo. Mas ela não parecia ser feita do mesmo material.

Seus pensamentos estavam nublados com preocupações sobre ela e reflexões sobre como seu corpo era. Ele se viu no coração do oceano muito antes do que esperava. E o que ele encontrou lá fez seu sangue gelar em suas veias.

Seu cardume. Maior do que antes, com mais machos do que ele conseguia contar e fêmeas armadas até os dentes. Eles giravam em um círculo lento ao redor do ponto de encontro central. Ao redor de Mitéra e Daios, que levantou os braços no ar e apontou suas mãos com garras em direção à superfície.

Eles não deveriam estar aqui. Não o casulo dele.

Não com ele.

Raiva intensa, brilhante e colorida, ele usou as correntes para se empurrar através do emaranhado de braços, armas e caudas. Um golpe de alguém o atingiu com força nas costas, empurrando-o para a frente, então ele acelerou para o centro com um pouco de velocidade demais para ser educado.

Mas ele não se importava com polidez agora. Não quando seu irmão claramente tinha ido longe demais.

Embora o silêncio que caiu após sua chegada tenha lhe causado arrepios na espinha, ele não recuaria.

— Irmão, — ele sibilou. — Qual é o significado disto?

— Não há sentido. Estamos nos escondendo dos achromos há muito tempo. Com todos os seus planos de observar e mostrar nossa curiosidade e não nossos dentes, desperdiçamos muito tempo. Nós os atacaremos e destruiremos seu reino com nossas garras.

— Isso é loucura — Arges respondeu, balançando a cabeça e

olhando para Mitéra. Mas a massa ondulante de seu cabelo estava parada.

Ela... concordou com Daios?

Sua Mitéra, a mulher que sempre o favoreceu acima de todos os outros, queria que seu irmão caçasse?

Ele se virou, observando os outros enquanto eles giravam em um círculo ao redor deles. A luz pálida de sua casa tremeluzia em escamas e dentes afiados e expostos. Eles concordaram com seu irmão. Então eles o cercaram como tubarões. Todas as suas caudas afiadas e armas seguradas com mãos cerradas e emoções expostas para todos verem. Luzes coloridas brilhantes dançavam em suas caudas, enchendo o oceano com um arco-íris de cores raivosas.

— Perderemos muitas vidas, — Arges murmurou, suas guelras achatadas de desgosto. — Os achromos têm armas diferentes de tudo que já vimos antes. Não podemos simplesmente atacar a casa deles, ou eu teria liderado nosso grupo para a batalha há muito tempo.

— Então por que você não fez isso? — Daios se ergueu alto, sua cauda se enrolando e eletricidade vermelha piscando para cima e para baixo em seu corpo. Ele realmente achava que Arges era fraco demais para liderá-los. Ele achava que Arges não teria arriscado, mesmo que fosse a hora certa.

Com um movimento de sua cauda, ele encontrou seu irmão de frente. Suas guelras costais bateram uma contra a outra, sua cauda já enrolada em volta da de seu irmão e pronta para flexionar, para fazê-lo se curvar caso essa luta exigisse.

— Eu não sou um líder fraco, — ele sibilou. — Este é meu cardume, e você não os levará a lugar nenhum sem minha permissão.

Embora Daios rosnasse de volta para ele, dentes à mostra, ele sabia que seu irmão não lutaria com ele. Pois mesmo que Daios fosse um lutador capaz, mesmo que ele carregasse as cicatrizes de muitas batalhas,

ele não era páreo para Arges. Esta era uma luta que ele não venceria a menos que Arges fosse enfraquecido.

A mão de Mitéra passou entre seus rostos. Seus dedos pálidos e palmados eram provavelmente a única coisa que poderia ter impedido Arges de arrancar a cabeça de seu irmão. Mesmo assim, ele ainda mostrou os dentes em um rosnado e separou suas caudas, balançando seu irmão para frente antes de se virar para Mitéra.

Curvando a cabeça, ele grunhiu:

— Minhas desculpas. Você não gosta de ver violência em sua própria casa, e eu quebrei esse acordo.

— De fato, você quebrou. — Ela ainda roçou os dedos no rosto dele, atraindo seus olhos para os dela. Mas o calor que ele geralmente via neles não estava lá. Nem um pouco. — Meu filho favorito, você já tem uma missão. Você deve falar com a achromo que você roubou e aprender seus segredos.

— Levará algum tempo para conversarmos.

— Eu entendo isso. É por isso que seu irmão se apresentou para liderar nosso grupo. Nossas armas são fortes, e nossos corações são corajosos. Daios tem certeza de que pode nos levar à vitória, e eu dei a ele permissão para fazer isso.

Era como se ela tivesse enfiado uma faca entre as costelas dele e torcido.

— Por quê? — ele disse asperamente. — Por que você faria isso quando sabe que perderemos tantos?

Seu irmão respondeu. Risadas ásperas e estridentes encheram as águas entre eles.

— Você tem tão pouca fé em mim, irmão. Haverá apenas algumas vidas a perder hoje, e o resto serão as dos achromos que gritarão e se contorcerão enquanto se afogam.

Um grito ecoou o seu próprio. Uma centena de seu povo, tão

satisfeitos com o que estavam prestes a fazer e incapazes de ver o futuro.

Mitéra tirou o toque do queixo dele e se virou para o irmão. Envergonhado por ter sido rejeitado, Arges definhou no chão de sua casa. Ele pressionou as mãos na terra, sentindo a aspereza dela contra as membranas dos dedos enquanto enviava preces a todos os deuses e deusas do oceano dos quais conseguia se lembrar.

— Cuide do nosso povo — ele disse, sua voz baixa e quieta. — Leve-os para a batalha, mas não os faça sentir o cheiro do sangue de seus entes queridos. Mostre a eles sua loucura, mas não tome suas vidas como pagamento.

Ele murmurou as palavras repetidamente enquanto o cardume acima dele decolava para longe. Ele podia ouvir suas caudas chicoteando na água, o tilintar de armas que batiam umas nas outras enquanto eles seguiam em direção à casa dos achromos. Mas, principalmente, ele ouvia a felicidade na voz de seu irmão enquanto ele os conduzia em direção ao que ele tinha certeza que era a vitória.

E isso terminaria com a morte de todos eles.

O silêncio desceu sobre sua casa. As únicas pessoas que restaram foram os idosos, os jovens e as mulheres que tinham acabado de dar à luz. Aqueles que não podiam lutar e provavelmente ainda desejavam ter músculos suficientes em suas caudas para ir.

Uma mão fria e palmada deslizou por suas costas, delicadamente puxando os espinhos pressionados contra sua pele.

— Eles devem aprender da maneira mais difícil — disse Mitéra. — Você conhece a violência no coração do seu irmão. Você viu a escuridão que permanece sob sua pele, e como ele não desiste de seu desejo de matar e machucar.

— Existem maneiras melhores de aprender.

— Não para ele. Daios fala uma língua que é só sangue e dor. — Mitéra deu um tapinha com uma longa cauda na parte de trás do crânio,

forçando-o a olhar para cima da areia e para ela. — Ele vai aprender dessa vez. Ele verá que há um grande demônio neste oceano, e ele não vive com os andarilhos das profundezas.

— Eu conseguia sentir o cheiro deles nele.

— Eu sei. Eu também. — Ela virou aqueles olhos sem cor na direção em que todo o seu povo tinha ido, e por um momento ele viu um lampejo de medo cruzar suas feições. — Essa não foi uma escolha fácil.

— Você os enviou para a morte.

— Eu dei a eles uma vantagem. — Ela voltou aquele olhar sem emoção para ele, e ele já sabia que não gostaria desse plano dela. — Eles precisam ser lembrados de quem lidera esse grupo, e por quê. Então você irá atrás deles, Arges, e salvará todos que puder.

Ele franziu a testa.

— Posso alcançá-los agora. Posso pará-los se precisar.

— Você não irá agora. — Ela assentiu com a cabeça, reconhecendo que ele era mais rápido do que a maioria. — Você terminará suas orações. Para cada deus e deusa do oceano, para que eles guiem sua mão e que você seja capaz de salvar o máximo de pessoas que puder. E você pedirá perdão.

— Perdão? — ele repetiu.

— Para mim. — As cores de Mitéra brilharam em azul, depois em um preto profundo. — Pois fui eu quem os enviou para seus fins.

Ele não perderia mais tempo. Arges se curvou de volta na areia, sussurrando as palavras de sua prece para todos os deuses que conseguia pensar. Ele pediu velocidade. Ele implorou pela graça deles e para que o deixassem encontrar seu povo rapidamente. Nenhum deles podia se dar ao luxo de que ele perdesse tempo para chegar até eles. Ele correria pelas ondas, e as correntes o jogariam para a casa dos achromos.

E quando ele terminou, ele nem olhou para Mitéra. Ele se jogou em movimento, sua cauda entrando em ação e suas guelras se abrindo bem

para que ele pudesse ter ar suficiente para persegui-los.

Com os corações trovejando em seu peito durante toda a jornada, ele correu em direção ao desconhecido até encontrar a parede maciça que levava ao lar humano. Mesmo olhando para cima, ele podia ver os brilhantes clarões de luz que precediam a dor ofuscante das armas dos achromos. Pequenas explosões sacudiam a água, chovendo detritos em sua cabeça.

Seu povo estava lutando. Conforme ele avançava, subindo o penhasco, cada vez mais perto da batalha, ele podia ver que eles estavam perdendo.

Seriamente.

Um corpo flutuou para as profundezas passando por ele. Seu cabelo tinha sido queimado, e parte de seu rosto estava faltando. Embora suas guelras ainda tremessem, ele sabia que ela já tinha ido embora. Seu torso liderou o caminho de volta para os braços do abismo, sua cauda arrastando-se atrás dela.

E depois outro.

Outro.

Tantos que ele mal conseguia contar devido aos corpos que passavam flutuando por ele e desapareciam na escuridão das profundezas.

Arges se moveu mais rápido. Ele empurrou os músculos da cauda e das costas com força, até que eles gritassem com o uso excessivo, então ele explodiu acima do penhasco e saiu para a loucura além.

Seu povo tinha invadido a casa dos achromos. Muitos Povos da Água estavam presos às estruturas de vidro, braços flexionados nas luzes brilhantes que os achromos usavam. Suas armas brilhavam, atingindo os tubos de metal e vidro, e então ricocheteando.

Eles não tinham as armas certas para isso. Eles não tinham nada que os ajudasse a derrotar a cidade.

Freneticamente, ele procurou entre as multidões de seu próprio povo por alguém que o ouvisse. Maketes. Seu irmão de barbatanas amarelas e coloridas estava à distância, arrastando um corpo em direção à beira do penhasco.

— Irmão! — Arges gritou, nadando mais perto e enganchando suas garras sob os braços do homem ferido. — Precisamos tirá-los daqui.

Sangue escuro já brotava das costelas de Maketes, e ele estremeceu.

— Você acha? Essa foi uma péssima ideia.

— Eu avisei a todos vocês.

— E ainda assim, aqui está você. — Maketes sorriu, mesmo com a dor. — Aqui estava eu acreditando que você não tinha complexo de herói. Mas você não consegue manter seu nariz fora das nossas mortes, mesmo!

— Cale a boca, — ele rosnou. — Onde está Daios?

— Não sei. Ele liderou um grupo maior em direção à torre central. Ele disse que era lá que as armas eram mantidas. — Maketes apontou para cima.

Arges xingou.

— Claro que sim. O idiota.

— Vou reunir os outros. Fazer com que eles comecem a ir para casa e lamber nossas feridas. Sim?

— Não se esqueça dos mortos.

As feições de seu amigo geralmente brincalhão escureceram.

— Eu nunca esqueço os mortos, Arges.

Deixando Maketes fazer a coisa certa, ele se lançou através da água em direção à torre de comando. Qual era o plano de seu irmão? Tirar as armas com força bruta, e então talvez os achromos não tivessem mais nada para lutar contra eles? Esta era uma missão tola, e ele deveria ter percebido desde o começo.

A raiva aqueceu seu sangue, ele girou para contornar a torre central

apenas para se encontrar imerso em ainda mais caos. Ele nunca pensou em ver tamanha loucura de seu próprio povo.

Tantos mortos flutuavam ao redor de seu irmão e um pequeno grupo de outros que ainda estavam vivos. Eles lutaram com um dos blasters mecânicos, parecido com o lixo de Mira que ela insistia em trazer consigo. Mas a luta deles estava apenas explodindo mais partes deles em pedaços.

Enquanto ele observava, dois de seus homens caíram para longe de seu irmão, e Daios perdeu a cabeça. Enfurecido, as cores brilhando intensamente e os dentes à mostra em uma careta, seu irmão agarrou o detonador e puxou. Ele deu um último pulso de calor, então seu irmão contorceu. Ele não conseguiu arrancá-lo da plataforma e, em vez disso, a arma pegou seu braço.

Arges observou como se o próprio tempo tivesse desacelerado. O braço de seu irmão caiu primeiro, sangue preto jorrando na água como se seu irmão tivesse assustado um polvo. Não parecia real que um membro pudesse ser arrancado tão facilmente, e tão rápido, e ainda assim... foi.

Ele correu para frente, envolvendo um braço em volta da cintura de Daios antes de forçá-los a recuar. Em direção à borda, em direção à segurança. Ele poderia salvar uma pessoa, então que fosse seu irmão de sangue, o idiota que estivera com ele no útero.

— Pare! — Daios gritou, e Arges teve que se perguntar se a dor ainda não o havia atingido. — Nós quase conseguimos!

— Você quase morreu! — Arges argumentou, jogando-o para baixo da borda com aqueles que permaneceram. — Você matou quase todo mundo. Quando será o suficiente?

Daios o empurrou, claramente tentando fazer isso com ambos os braços. E então seu irmão notou o ferimento. A falta de um membro e a dor que vinha com isso.

Todas as luzes em sua cauda se apagaram. Ele levantou uma mão

trêmula para o pedaço dele que não estava mais preso, e suas guelras tremeram ao longo de seus lados.

— O quê…

— Nós paramos, — Arges disse, e então gritou novamente. — Nós paramos isso agora antes que percamos ainda mais!

Um pequeno murmúrio começou na multidão de seu povo. Alguns estavam arrastando os feridos de volta, mas ele viu a verdade em seus olhos. Eles estavam com medo. Eles entenderam por que ele os fez esperar por tanto tempo, e ele lamentou que tivessem que descobrir seu raciocínio assim.

Ele viu movimento na beira do penhasco e observou seu irmão escuro se afastar de todos eles.

— Não, — Daios murmurou. — Não, isso ainda não acabou.

— Como não acabou? Você está sem um braço, Daios. Você precisa de ajuda.

— Há alguém que pode nos dar respostas. Você nunca fez seu trabalho direito, Arges. Nunca completamente. — E algo negro passou por Daios, algo totalmente maligno. — Eu vou nos dar respostas se você não puder.

E então seu irmão partiu para as profundezas. Em direção à única coisa que fez o coração de Arges parar de bater antes que ele corresse atrás da própria morte.

Não é a morte para ele.

Mas para ela.

DEZENOVE

MIRA

Não pela primeira vez, Mira ficou um pouco sobrecarregada.

E por um pouco, ela realmente queria dizer muito. Ficar presa no meio do oceano com apenas seu protótipo de respirador para mantê-la viva foi um pouco mais do que ela esperava lidar logo de cara. Ela pode ter hiperventilado na primeira noite, certa de que iria morrer. Mas pelo menos o sino tinha mais ar do que ela esperava. Ele não tinha ficado sem oxigênio durante todo o seu choro e arfadas de pânico, o que foi um começo reconfortante.

A planta eventualmente ficou sem ar, no entanto. E então ela foi para a próxima. Quando a água se tornou aquele azul cristalino novamente, o que ela presumiu ser luz do dia, ela havia se controlado um pouco melhor.

Seu estômago eventualmente roncou por comida, e ela se convenceu de que conseguiria fazer isso. Mesmo que o ondino não voltasse para buscá-la, ela era capaz de cuidar de si mesma.

Seu pai sempre disse que ela era uma força a ser reconhecida, e agora era a hora de provar isso.

Então ela colocou o respirador de volta no rosto, certificou-se de que seus óculos estavam limpos de cuspe e não embaçariam, e então mergulhou para investigar seu novo... lar.

A floresta de algas era surpreendentemente diversa em criaturas. Ela sabia que teria alguns tipos de criaturas marinhas, obviamente, mas não esperava que houvesse tantas delas. Todos os peixes que ela tinha visto, mesmo aqueles que Arges tinha dito para ela pegar, vinham de todas as cores que ela podia imaginar. Eles nadavam ao redor dela em

pequenos cardumes. Girando como ela costumava fazer com os cachecóis de sua mãe, arrastando-os ao redor de si enquanto girava em círculos.

E então havia os polvos que chamavam este lugar de lar. Ela contou três deles, muito diferentes em cores, embora estivessem mudando constantemente. Ela tentou cutucar um, apenas para que ele a pintasse de frustração antes de seguir em frente.

Coisinhas ríspidas.

Ela passou o que deve ter sido uma hora sentada em uma pedra no fundo do oceano, segurando outra pedra no colo para prendê-la no lugar, e apenas... observou. Duas tartarugas nadaram, olhando-a com curiosidade antes de continuarem. Todos os peixes eventualmente a ignoraram e foram embora. Ela até conseguiu assistir a um caranguejo pegar uma refeição e então comê-la lentamente.

Este lugar era... sobrenatural. Ela nem se sentia ela mesma sentada ali. Ela estava aquecida o suficiente, e ela tinha aprendido a enfiar os dedos dos pés atrás dos joelhos, sentando-se de pernas cruzadas para não sentir muito frio. Caso contrário, ela se puxava para os sinos estranhamente quentes e ancorava os pés nas paredes pegajosas.

Mas quando ela se sentou nesta pedra, ela não se sentiu como Mira. Ela se sentiu como uma deusa do mar que assistiu todo o seu reino se mover em câmera lenta. Depois de um tempo, ela até mesmo tirou tolamente o capuz de sua roupa de mergulho só para sentir seu cabelo balançando na água.

Era uma fantasia, e uma pela qual ela provavelmente pagaria se seu cabelo nunca secasse. Mas algo profundo em sua alma queria experimentar isso como os ondinos. Ela queria, por apenas alguns momentos, ser algo diferente do que ela era.

Ela não conseguia colocar o capuz de volta sobre a cabeça. Então, ela o deixou abaixado, concentrando-se em conseguir algo para comer. Ao contrário de Arges, ela ainda se recusava a comer peixes misteriosos

crus, mesmo que fossem mais fáceis de pegar. Depois que ela segurou um em suas mãos, observando a pequena coisa nadando em círculos como se não tivesse nenhuma outra preocupação no mundo, ela simplesmente não conseguiu matá-lo.

Mas ela já tinha comido ostras cruas antes. E sabia como elas eram.

Demorou um pouco para ela encontrar o tipo certo de afloramento rochoso. Mira estava hesitante em deixar a área da planta sino por muito tempo, ou mesmo ir muito longe. Seria muito fácil se perder nessa floresta de algas que parecia a mesma de todos os ângulos. No entanto, ela encontrou as ostras não muito longe de onde estava.

Surpreendentemente, havia o suficiente para satisfazê-la por um tempo.

O único problema era que ela não tinha uma faca. Nem mesmo algo afiado para abri-las. Então ela voltou com uma braçada de ostras para a planta em forma de sino com um plano. Alguns daqueles sacos que continham água fresca poderiam ser esvaziados. Então ela fez isso rapidamente, então os encheu com ar de dentro de um dos sinos próximos. Trazendo-os para o sino, ela os usou como um dispositivo de flutuação simples e então colocou Byte neles.

Ainda não estava na água, e, portanto, podia abrir suas placas metálicas sem ferir os delicados fios dentro dela. Precário? Absolutamente. Mas funcionou?

Com certeza sim.

— Byte, — ela disse, deixando seu respiradouro cair na água em seu peito. — Você está bem para abrir agora.

O painel superior rachou apenas um pouco antes que ela ouvisse uma voz raivosa murmurar:

— Isso é muito perigoso. Você vai me matar.

— Eu não vou te matar. Só preciso que você abra essas ostras para mim e então você pode se selar de novo.

— Não.

— Sim, — ela respondeu com uma risada, segurando um deles. — Eu preciso comer.

— Descubra outra coisa.

— Eu não tenho uma faca. Não há mais nada para eu comer. Vou morrer de fome, e você vai acabar sozinho de novo.

Embora o robô resmungasse, ele estendeu um pequeno braço e abriu as ostras para ela. Uma por uma, ela deslizou a carne doce para dentro da boca e revirou os olhos para a parte de trás do crânio. Elas tinham um gosto muito melhor do que qualquer outra ostra que ela já tinha comido antes.

Talvez isso fosse algum subproduto de caçá-las sozinha. Ou talvez elas fossem melhores tão longe de Beta. Sem resíduos humanos para contaminá-las, as ostras eram absolutamente divinas.

— Você está gostando demais disso — Byte disse, e ela jurou que ele estava de alguma forma olhando para ela. — Esta é uma situação terrível para nós estarmos. Provavelmente não sairemos vivos disto.

— Estamos vivos agora, não estamos?

— Isso não significa que estaremos vivos em algumas horas. Muito menos dias. O ondino deixou você por conta própria, e logo você perceberá que humanos e robôs não foram feitos para viver no mar.

— Acho que estou indo bem. — Ela sugou a última ostra, fazendo uma careta enquanto deixava as conchas vazias caírem no fundo do oceano. — Se ele não voltar em alguns dias, vamos pensar em outra coisa.

— Como o que?

Dando de ombros, Mira se recusou a permitir que a ansiedade voltasse à sua mente.

— Não sei. Em outro lugar. Tem que haver outros sistemas de cavernas como eu estava antes. Claramente, as pessoas estavam

minerando ou pesquisando algo aqui embaixo. Tem que haver mais.

— E você será capaz de encontrá-los tão facilmente em um oceano inteiro de espaço para procurar. — Byte gorjeou, o som quase como um bufo. — Eu acho que não.

— Bem, eu conheço alguém que passou muito tempo no fundo do oceano. — Arqueando uma sobrancelha, ela inclinou a cabeça para poder espiar dentro da caixa. — Você se importa em compartilhar um pouco do seu vasto conhecimento?

— Não.

— Mas você sabe de alguma coisa.

Ele fechou a caixa com um estalo muito alto, e Mira revirou os olhos. Claro, ele sabia para onde eles poderiam ir. Mas isso talvez também fosse perigoso, e androides eram sempre do tipo que escolhem a rota mais fácil. Se houvesse muito perigo, eles simplesmente não fariam isso. Que era a razão pela qual ele permaneceu no fundo do oceano por tanto tempo. Muito perigo, portanto, ele congelou e não fez nada.

Colocando o respiradouro de volta sobre o rosto, ela afundou para fora do sino e deixou Byte onde estava. Se os bolsas estourassem, era fácil o suficiente para ela encontrar a caixa. Ela afundou como uma pedra, e não havia muito que competisse com aquele formato no fundo do oceano.

Quando ela chegou lá, a única coisa que ela queria fazer era sentar naquela pedra novamente. Ela correu os dedos pelos cabelos, e eles ficaram presos nos fios emaranhados. O oceano já estava causando emaranhados que ela poderia ter que cortar se não os escovasse.

E qual melhor maneira de alimentar suas fantasias de ondina do que sentar em uma pedra no meio do oceano, passando os dedos pelos cabelos?

Quando ela era uma garotinha, ela costumava sonhar com ondinos fazendo isso. Suas caudas graciosas todas dobradas abaixo delas,

cantarolando uma canção assombrosa através da água. Ela pensou que elas ficariam tão bonitas, mesmo que todos dissessem para ela odiá-las.

Uma pequena emoção eufórica correu por suas veias por ela poder fazer isso. Ela alimentaria aquela criança interior que sempre quis viver em um mundo de fantasia. Isso é emocionante, isso é... lindo.

Ela não sabia quanto tempo ficou sentada antes de ver a sombra na floresta de algas. Era muito longa e tinha um formato diferente de tudo que ela tinha visto até então. Mas ela não iria se mover. Nada até então tinha sido perigoso.

Então a sombra saltou para fora da alga, tão rápido que foi difícil para ela ter uma ideia do que era antes que a atingisse. Suas costelas gritavam de dor, mas a água parecia amortecer seu deslizamento selvagem antes que ela atingisse as pedras.

Tubarão, gritou sua mente. Há um tubarão e não há lugar para você se esconder.

Ela agarrou as pedras com as mãos, empurrando-se para mais longe da criatura e chutando os pés. Mas ela não era uma nadadora rápida o suficiente, nem um pouco.

Água preta borbulhava ao redor dela, e ela não teve tempo de se perguntar de onde vinha toda aquela tinta. Talvez fosse um polvo tentando ajudar a escondê-la. Ela não se importou. Novamente a atingiu, empurrando-a para a floresta de algas e para longe da segurança dos sinos. Para longe de Byte.

Longe de qualquer lugar que Arges pudesse encontrá-la.

O pânico tomou conta dela, tornando difícil se concentrar em qualquer coisa além do terror que corria em suas veias e na maneira como sua mente gritava para se esconder.

Ela virou o corpo na água, forçando-se a olhar, mesmo que essa fosse a última coisa que ela queria fazer. Ela não queria ver o tubarão gigante, os dentes afiados ou o pesadelo que provavelmente a esperava.

Mas quando ela se virou, não viu nada. Nem mesmo a sombra escura antes de esbarrar em algo igualmente duro.

Ela gritou. Seu respiradouro enviou uma onda de bolhas que obscureceu sua visão. Ela chutou e lutou contra o tentáculo enrolado em sua cintura, completamente perdida em seu pânico enquanto jurava que sentiu dentes afiados atravessando sua pele.

Mas então...

Então uma voz retumbou em seu ouvido. Como uma canção de paz e silêncio, insistindo para que ela se acomodasse em seus braços.

E *oh.* Era Arges.

Ela relaxou em seu aperto, relaxando sua espinha contra seu peito e sentindo o alargamento de suas guelras contra suas costelas. Ela não deveria encontrar tanto alívio sabendo que era ele. Ele ainda era um ondino perigoso que havia atacado seu povo inúmeras vezes e ela não deveria querer encontrar conforto nele, mas... ela encontrou.

Pelo menos naquele lugar, sabendo o que ela sabia, ela tinha certeza que ele a manteria segura.

Era uma sensação estranha o bastante sem a sombra que pairava na frente deles. Não era um tubarão, afinal. Outro ondino.

Mais uma vez, ela desejou poder fazer perguntas a ele. Ele a roubou sem o conhecimento de outros ondinos? Este queria se livrar dela? Que razão ele tinha para sequestrá-la e então escondê-la de seu povo? Porque seu braço estava envolto em volta de sua barriga, e ele a arrastou ainda mais para perto de si, como se pudesse envolver seu corpo ao redor dela e mantê-la segura.

O ondino na frente deles estava gravemente ferido. Ela sentiu seu rosto enrugar de preocupação enquanto seus olhos deslizavam pelo braço faltante dele que vazava sangue preto lentamente nas águas ao redor deles. E ele parecia estar lutando para respirar. Suas guelras estavam muito mais abertas do que ela já tinha visto as de Arges, e seus

olhos continuavam fechando por mais tempo do que um piscar de olhos precisava.

Batendo as mãos nos antebraços de Arges, ela disse:

— Arges, ele está ferido.

Os braços em volta da cintura dela flexionaram, apertando-se ao som do nome dele. O outro ondino cambaleou para frente, balançando ao nome também. Eles disseram palavras curtas um para o outro, as mais distantes de uma canção que ela já tinha ouvido de um ondino.

Eles estavam bravos? Um com o outro ou com ela?

Mira sentiu que essa era uma informação bem importante que ela precisava saber. Se esse ondino queria matá-la, então ela tinha que sair dali. Arges poderia protegê-la, mas ele não deveria lutar contra esse ondino ferido em seu nome. Ela não queria que ele...

Mais sombras se juntaram a eles. Dois outros que flutuavam de cima. Um com cortes amarelos brilhantes, outro com linhas roxas como veias por todo o corpo.

Então todos estavam falando. Dizendo tanto que fazia seus ouvidos doerem. Mas uma parte dela disse sim, fale mais. Byte tinha que estar ouvindo tudo que estava sendo dito, e isso era uma boa quantidade de conversa para ele traduzir.

Por favor, ela pensou. *Por favor, esteja ouvindo, Byte.*

Finalmente Arges a puxou para trás dele, e ela flutuou para dentro da alga. Talvez ele não quisesse que ela se afastasse tanto, mas ela queria colocar alguma distância entre si e a parede de ondinos furiosos que a encaravam como se ela fosse uma espécie invasora de algas.

Ela supôs que para eles ela era. Uma nova e repugnante praga sobre seu povo.

Todos gesticulavam para ela com frequência. Suas garras cortavam a água tão rapidamente que se tornavam um borrão. Caudas coloridas chicoteavam atrás deles, levando-os cada vez mais perto de Arges, que

parecia estar mais do que pronto para encontrá-los no meio do caminho. Ela nunca tinha notado que ele tinha espinhos nas costas, mas eles subiam agora e ela não conseguia deixar de temer que eles fossem levantados em sua defesa.

Ela não queria que mais ninguém se machucasse por causa de uma engenheira idiota que estava no lugar errado na hora errada.

E então tudo... parou. O ondino sem um braço pareceu desmaiar. Claro, eles estavam na água, então ele apenas flutuou para cima. Sua cauda flutuou em direção à superfície enquanto seu corpo pendia ali, estranhamente gracioso, quase de cabeça para baixo, como se estivesse dormindo.

Os outros dois rapidamente o pegaram e então todos desapareceram nas algas.

Tirando a massa ondulante de seu próprio cabelo do rosto, ela olhou para Arges em choque. Ele olhou de volta para ela, aquelas feições estranhas aparentemente em conflito antes que ele estalasse a cauda e então estivesse sobre ela.

As garras dele cravaram-se sob o queixo dela, e ela tinha certeza de que esse era o momento em que ele a mataria. Obviamente, ele disse aos outros que os seguiria depois de lidar com ela.

Mas ele não quebrou o pescoço dela. Ele não cravou aquelas garras na pele dela também. Em vez disso, ele virou a cabeça dela de um lado para o outro, procurando por... ferimentos? Por que ela estaria ferida?

Arges virou o rosto dela para a esquerda e para a direita novamente, moveu-a para que pudesse passar as mãos pela espinha e cintura dela, certificando-se de que ela estava bem antes de se inclinar para trás e encará-la. Então aquela voz melodiosa, cantando para ela e dizendo algo que ela não tinha ideia de como decifrar.

— Arges! — ela disse, suspirando quando finalmente parou um segundo para olhar para ele.

Havia sangue preto saindo dele também. Seu ombro parecia uma bagunça, todo de carne esfarrapada e pontas afiadas. Ela passou a mão sobre o ferimento, sem tocar, caso houvesse alguma regra contra isso ou se seu traje o deixasse mais doente.

— Você também está machucado. — Ela olhou para ele através de seus óculos idiotas e tentou transmitir sua preocupação.

Mas ele não disse nada em resposta. Ele apenas olhou para ela, e ela sentiu algo dentro dela se encaixar. Ela se importava que essa estranha criatura estivesse ferida. Mesmo que eles não pudessem se entender, ela agora o considerava um... amigo.

VINTE
ARGES

Um lugar seguro para ela, a única área em todo o oceano onde ele pensou que ela não seria encontrada, provou ser falha. Qualquer um de seu povo poderia sentir o cheiro dela a uma milha de distância. Ela tinha um cheiro que não era encontrado de outra forma no oceano, e claramente todos sabiam onde ela estava.

Era hora de movê-la novamente.

Mas primeiro, ele tinha que ter certeza de que ela estava segura. Que seu irmão insano não a tinha machucado. Quando Daios a golpeou, Arges pensou que perderia um de seus corações. Ela parecia tão mole, voando pela água antes de bater na pedra com força suficiente para fazê-lo estremecer. Ela devia estar sangrando. Ou talvez um de seus ossos frágeis tivesse quebrado.

Ele não tinha ideia de como curar a espécie dela. Ele nem achava que eles *poderiam* ser curados. O Povo da Água era um grupo resistente. Ele próprio havia quebrado inúmeros ossos. Uma quantidade significativa deles ainda estava quebrada em sua cauda e eles nunca seriam consertados. Mas eles não doíam.

Ele ainda podia usar seu corpo sem ter que parar e se curar, mas sabia que era muito diferente para o povo dela.

Correndo as mãos pelos delicados ossos da espinha dela, ele contou cada uma das costelas antes de grunhir de frustração. Ele não sabia quantas costelas ela deveria ter, então isso não o levaria a lugar nenhum. Ele não podia nem perguntar se ela estava bem, porque eles não conseguiam conversar um com o outro.

Mira agarrou a mão dele na próxima passada pelo corpo dela,

segurando a teia presa entre os dedos para que ele tivesse que olhar para ela.

— Estou bem, — ela disse, apertando as teias dele um pouco forte demais. — Estou absolutamente bem. Ninguém me machucou.

— Bom, — ele disse calmamente, sabendo que ela não conseguia entendê-lo. — Porque eu teria tornado as águas pretas com o sangue deles. Não me importa que ele seja meu irmão, ou que os outros estejam no meu cardume há anos. Eles não entendem o valor ou a importância da sua vida, *kairos,* e eu não vou tolerar os maus-tratos que eles lhe deram. — Passando os dedos gentilmente pelos cabelos dela, ele acrescentou, — Você é querida para mim agora, Mira. Temo ter trazido você para um mundo onde você só pode encontrar seu fim.

Ela inclinou o rosto na palma da mão dele e ele sentiu o oceano inteiro se mover. Uma corrente pressionava suas costas, puxando-o ainda mais para perto dela. Tão perto que ele podia sentir o peito dela subir e descer contra ele, e ele notou que havia um leve nó na garganta dela com a proximidade dele.

Ele puxou as mãos para baixo. Juntas. As costas da mão dele roçaram o peito dela, e ele ficou encantado ao ver um arrepio percorrer o corpo dela. Então ela era sensível ali. Era algo que ele lembraria. Os dedos dela se flexionaram nos dele.

— O que você está fazendo? — ela perguntou, com a voz um pouco rouca.

Ele não sabia. Ele só tinha certeza de que estava feliz em vê-la viva. E ele desejou poder falar com ela. Para dizer a ela o quão aliviado ele estava, o quão aterrorizado ele tinha ficado quando percebeu que seu irmão estava vindo direto para ela. Como ele precisava para que ela soubesse que ele nunca teve a intenção de arriscar a vida dela quando a trouxe aqui.

Novamente, uma corrente o empurrou para mais perto dela. Não

pela primeira vez na vida, ele ouviu o oceano. Ele a puxou para seus braços e pousou a mão no topo da cabeça dela. Vermelho, como uma pluma de coral delicado, enrolado em volta deles. Ele correu os dedos pelos cabelos dela, deixando-os flutuar sobre seu ombro e se enroscar em seu pescoço. Assim como ele desejava senti-la.

Enroscada nele. Tão enroscada quanto ele estava nela.

Envolvendo um braço em volta da cintura dela, ele a puxou ainda mais para perto antes de deixar a correnteza levá-lo para suas costas. Ele permitiu que ela descansasse contra ele, flutuando os dois em direção aos sinos onde ele a havia deixado. Havia outras cavernas, outras cavernas que existiam. E embora eles tivessem que se mover entre todos os casebres monstruosos que seu povo havia construído séculos atrás, no mínimo, ele sabia que ela estaria segura. Ele poderia cuidar dela. Ele poderia fazer isso.

Uma voz sussurrou em sua mente que esses pensamentos iam além de uma missão para manter seu povo seguro. Além de um meio para um fim.

Ele passou a cuidar dessa pequena criatura, e essa foi a escolha mais perigosa que ele fez em toda a sua vida.

Mira apontou para algo logo acima do ombro dele, e ele ficou tenso por alguns momentos antes que ela dissesse:

— Não se esqueça do Byte.

Ele se virou para o lado quando eles passaram pela pequena caixa e a pegou na palma da mão. Embora fosse nojento para ele tocar em qualquer coisa que os achromos tivesse feito, ele podia admitir que isso parecia mais uma pedra do que um demônio das profundezas. Nem sequer estalou ou zumbiu como da primeira vez que ele a pegou do fundo do oceano.

Então sua mente vagou. Ele havia encontrado algumas cavernas como aquela para a qual a trouxera, embora nenhuma delas estivesse em

estados tão completos. A maioria delas era muito perigosa, com pedras caindo e terremotos que poderiam facilmente se sacudir mais livres. Mas havia uma, bem simples, com túneis que desapareciam na terra. Ele pensou que talvez aquela fosse segura o suficiente.

Então ele a levou e sua caixa para este novo sistema de cavernas, segurando-a contra seus corações o tempo todo. Ele não conseguia se soltar dela. Nenhum dedo queria sair de seu cabelo ou de suas costas, onde ele podia ter certeza de que ela estava inalando e exalando. O ritmo o acalmou como nada mais jamais o fez.

Finalmente, eles chegaram à caverna. Não havia luzes brilhantes nesta. Nenhuma luz natural. Apenas um buraco negro em uma parede onde ele podia ver os contornos mais tênues de formas cinzentas.

Isso não era bom o suficiente. Mesmo quando ele chegou à superfície da água, colocando a cabeça para cima e abrindo as narinas para ver se conseguia respirar ali, ele sabia que não era bom o suficiente.

— Sinto muito, *kairos* — ele murmurou. — Isso vai ter que servir até que eu possa encontrar outro.

Para seu crédito, Mira não parecia nem um pouco nervosa. Embora ela não olhasse ao redor, seus olhos fracos não conseguiam ver nada na escuridão. Ela ainda sorriu para ele.

— É aqui que vou passar a noite?

— É seguro, — Arges grunhiu em concordância antes de tirá-la da água. Ela ficou significativamente mais pesada sem o oceano segurando seu peso, mas ele ainda a jogou para cima da rocha como se ela não pesasse nada.

— Eu queria que fosse melhor. Você merece um lugar confortável para dormir. Mas eu vou encontrar um lugar melhor para você amanhã à noite. Meu irmão não vai conseguir te encontrar aqui, pelo menos.

— Eu ainda não entendo você, — ela disse com uma bolha brilhante de riso. Então ela estendeu a mão para a caixa que ele ainda estava

segurando.

Ele soltou o robô, surpreso por ter esquecido que o estava segurando. Mira bateu em seu topo três vezes, e então a caixa abriu. Apenas uma espiada rápida permitiu que a luz se espalhasse pela caverna. Ele levantou um braço para cobrir os olhos sensíveis. A maldita criatura estava tentando matá-lo! Ele deveria jogá-la de volta no oceano e ver quanto tempo levaria para o androide se afogar.

— Desculpe, — Mira murmurou. — Preciso de luz para enxergar, e felizmente as luzes do Byte não estão quebradas como as minhas estavam no caminho para cá.

— Parece que foi há muito tempo — ele murmurou, abaixando o braço enquanto seus olhos se acostumavam à luz. — Você tinha medo de mim. E agora, você acolhe meu toque como se fôssemos amigos há muito tempo.

— Ainda não consigo entender você, — ela cantou, sua voz uma longa canção cadenciada antes de dar um tapinha na cabeça do robô. — Byte, como estamos indo com o chip de linguagem?

— Vinte e dois por cento — respondeu.

— Ah. — A testa de Mira franziu em uma carranca antes que ela batesse em outro lado da caixa de metal. — Você pode abrir este lado? Quero ver se sua cápsula de trauma ainda está intacta.

Divertido, ele entendeu que o robô poderia ficar frustrado com humanos. Sua cabeça de formato estranho saiu da caixa e com uma voz um tanto indignada, ele respondeu:

— Todas as minhas funções estão em perfeitas condições de funcionamento.

— Então você tem uma cápsula de trauma?

Ele jurou que a caixa olhou para ele antes de abrir sua lateral. Mira enfiou a mão e tirou algo que parecia assustadoramente similar ao seu outro lixo que ela ainda usava amarrado ao quadril. Mas este, quando ela

clicou no botão perto do seu dedo indicador, emitiu algum tipo de líquido pálido estranho.

— Lá vamos nós, — ela murmurou. — Ainda em condições de funcionamento, então.

O que diabos ela estava segurando?

Arges a observou desconfiado, suas sobrancelhas franzidas enquanto ela gesticulava para que ele se aproximasse.

— Eu não vou chegar nem perto disso — ele disse. — Vocês achromos e seus dispositivos estranhos. Há não há necessidade de nenhum deles. O oceano lhe dá o que ele quer que você tenha.

— Vai te curar. — Novamente, ela gesticulou para que ele se aproximasse dela. — Se você me der apenas alguns segundos, eu posso colocar isso no seu ombro e você vai se sentir melhor.

Ele duvidava muito disso. Na verdade, ele não queria ter nada a ver com isso. Arges se afastou dela, mas então o ar atingiu o ferimento em seu ombro. Com um chiado agudo, ele pressionou os dedos nas bordas irregulares.

Talvez fosse pior do que ele pensava. Ele não se arrependia de ter tirado seu irmão da linha de fogo. Ele nem tinha percebido que tinha sido atingido no ombro pela mesma arma que Daios tinha tanta certeza de que poderia destruir. Aparentemente, os achromos tinham armas que eram tão indestrutíveis quanto dolorosas.

Novamente, Mira gesticulou para que ele se aproximasse.

— Vamos, grandão. Você quer que eu pense que vocês são todos corajosos e impossíveis de matar? Então me mostre o quão corajoso você é. Isso não é nada mais do que uma pomada que vai selar a ferida e garantir que ela não infeccione. Como uma bolha. Não tenho mais nada para curar você aqui fora.

Uma bolha? Ele poderia lidar com uma bolha.

Chegando um pouco mais perto, ele resmungou o caminho todo.

— Não tenho interesse em ser curado, fêmea. O oceano vai me curar muito bem.

— Tenho certeza de que você está dizendo o quão grande e forte você é e que a cura não tem propósito quando você poderia simplesmente andar e esfregar um pouco de terra nisso. — Mira revirou os olhos. Mas quando ele chegou perto o suficiente, ela segurou seu queixo e gentilmente correu os dedos pelas guelras em seu pescoço. — Todo mundo precisa ser cuidado às vezes, sabia?

Ele não sabia disso. Mas olhando para aqueles olhos estranhos, mesmo que estivessem cercados de branco, ele se perguntou se seria muito ruim ser cuidado por ela.

Ela passou o polegar pelo queixo dele antes de voltar sua atenção para o ferimento no ombro dele.

— Os vinte e dois por cento que Byte mencionou é o quanto da sua língua ele aprendeu. Não é muito, mas é um salto significativo de ouvir três de vocês falando ao mesmo tempo.

— É difícil imaginar que ele tenha reunido apenas essa parte da nossa língua — ele murmurou, virando a cabeça para o lado para que ela tivesse melhor acesso ao ferimento em seu ombro. — Eu falo significativamente mais do que os outros da minha espécie.

— Você deveria me contar uma história — ela disse, ignorando tudo o que ele disse. E ele se perguntou se ela inventou o que ele estava dizendo na cabeça dela. Como se ela estivesse realmente tendo uma conversa com ele. — Tem que ter algumas palavras que você não disse. Pelo menos Byte pode traduzi-las.

Ele não tinha tanta certeza de que havia histórias que pudesse contar a ela. Mitéra provavelmente iria querer assassiná-lo se ele contasse a ela sobre seus deuses ou quaisquer outros segredos de sua espécie. Embora ele estivesse começando a confiar em sua achromo, ele certamente não tinha certeza de que o robô não estava coletando tudo o

que ele dizia para uso posterior.

Talvez ela tenha reconhecido sua hesitação, ou talvez tenha confundido com ele estar com tanta dor que não conseguia pensar. De qualquer forma, ela deslizou mais para dentro da água, até que seu traseiro estava em uma saliência na água.

— Esta pode ser uma posição mais fácil. Vai levar um tempo para essa solução assentar, de qualquer forma.

Ela nem tinha começado a fazer nada, até onde ele sabia. Mas ele permitiu que ela o puxasse para frente, mesmo que não houvesse lugar para ele ir. Sem palavras, ela o guiou para deitar a cabeça em seu colo.

Ela não sabia o que isso estava fazendo com ele. Ela não tinha como saber que, ao apoiar a cabeça dele contra suas coxas, ela havia pressionado suas guelras entre elas também. Que seu cheiro era quase insuportável aqui, provocando seus sentidos e filtrando através de sua respiração. Ele podia sentir o gosto dela em sua língua, doce e almiscarada e completamente diferente de tudo que ele já havia provado antes.

Mira limpou a garganta, seus dedos brincando sobre as guelras expostas dele por um segundo antes de dizer asperamente:

— Está tudo bem?

Era de dar água na boca. Arges queria virar a cabeça, usar os outros sentidos para descobrir de onde vinha aquele cheiro delicado. Ele queria dividir as caudas estranhas dela, para ver se ela era construída da mesma forma que a sua espécie ou se era algo diferente. Ele queria que ela corresse os dedos por suas guelras novamente, do jeito que ela tinha feito antes naquela caverna onde ele não tinha tanto medo de que alguém a encontrasse.

Cada cor em seu corpo explodiu em luz, iluminando a água ao redor com um brilho intenso. E ele nem tinha vergonha disso. Ele se recusou a pensar muito sobre como todas as suas guelras se alargaram e

então tremeram. Nenhuma voz interrompeu seus pensamentos para lhe dizer que tremer por uma criatura como ela era um insulto direto aos deuses de sua espécie.

Nada disso importava. A única coisa que importava era a sensação dos dedos dela roçando o cabelo dele, e o gosto dela na língua dele.

— Vou considerar isso como um sim.

Ele não conseguia confiar em si mesmo para falar. Ele diria algo tolo, como implorar para que ela lhe desse permissão para descobrir mais sobre seu corpo. Para ver além do traje prateado que a cobria da cabeça aos pés. Ele queria saber o que era aquele pequeno buraco em sua barriga, ou o que havia entre a divisão de suas caudas gêmeas.

Havia tanta coisa sobre ela que ele não sabia. Tanta coisa que ele queria descobrir.

Em vez disso, ele soltou um pequeno zumbido e ouviu-a suspirar. Talvez o som tivesse feito a água vibrar entre suas coxas, e era algo que ele guardou para mais tarde. Porque aquele gosto floresceu ainda mais antes que ela limpasse a garganta.

— Vou começar a curar você. Se estiver tudo bem? — ela perguntou novamente, sua voz um pouco mais profunda do que antes.

Assentindo, ele levantou os braços para emoldurar os quadris dela, arrastando-a um pouco mais para perto. Ela poderia fazer o que quisesse se ele pudesse ficar bem ali por mais um tempinho.

VINTE E UM

MIRA

Eles se moveram por muitas cavernas diferentes na semana seguinte ou algo assim. Byte tinha sido muito útil nisso. Mira tinha consertado seu projetor com partes de uma das cavernas, então o droide poderia então usar o mapeamento de projeção para mostrar todas as outras cavernas que estavam por perto. Foram necessários alguns ajustes aqui e ali, mas eventualmente ela descobriu o antigo sistema do androide.

Byte não gostou de sua cutucada ou insistência. Levou muitas horas até que pudessem ver a jornada do androide projetada nas paredes de pedra ao redor. E então eles se moveriam assim que encontrassem a próxima caverna que deveria estar aberta.

Elas sempre foram difíceis de encontrar, é claro. Byte não gostava de mostrar a eles as que estavam mais próximas, aparentemente por causa dos perigos que ele continuava repetindo.

— Essa não — Byte diria, folheando sua memória com um barulho muito irritado. — É muito funda. Muito longe. Muito perigosa.

Até Mira estava pronta para jogar a maldita coisa na água no final. Mas Arges permaneceu um poço sem fim de paciência. Ele fez perguntas ao robô, mesmo que ele não conseguisse realmente entendê-lo. Mas ela notou que o robô estava começando a falar de volta para ele. Ou, pelo menos, responder como se soubesse o que ele estava perguntando.

Pelo menos, na maior parte. Eles murmuraram um com o outro até o fim da semana, deixando-a fora da conversa que os levaria ao próximo lugar.

Ela não era uma mergulhadora. E certamente não era uma cientista

que havia liderado expedições ou que conhecia o fundo do oceano como a palma da mão. Mas foi ela quem tornou Byte capaz de até mesmo mostrar a eles onde ele tinha estado. Então, claramente, ela deveria fazer parte dessas conversas.

Finalmente, ela se cansou. Na quarta caverna, uma que era pouco mais que entulho de rocha e apenas dois pés de espaço ao lado da água, ela se cansou.

— Byte, tem que haver um lugar melhor do que só as cavernas. — Mira bateu o pé no chão, olhando para a água, depois para as paredes de pedra entre elas e a superfície. — Havia cápsulas de expedição antigamente, não é?

— Todas elas foram destruídas pelos ondinos.

— Isso é impossível. Centenas foram enviadas para o oceano. Tem que haver mais delas.

— Nenhuma. — Byte foi até outra caverna que pensou que poderia ser habitável. Esta parecia ainda pior do que aquela em que estavam. — Nesta você poderia colocar os pés para fora da água, mas seria todo o espaço disponível.

— Não passou despercebido para mim, androide, que essas cavernas estão ficando cada vez menores. — Mira colocou as mãos nos quadris e olhou para a caixinha. — Presumo que você tenha algum motivo oculto para essas escolhas.

— Nenhuma. — Seus pequenos braços metálicos se aproximaram e pressionaram contra a caixa como se estivesse segurando uma barriga. — Só quero que você se lembre de que há opções muito limitadas. Nós poderíamos, talvez, retornar à caverna original e então continuar na mesma ordem.

Arges fez um barulho parecido com uma canção, que Byte claramente entendeu. O ondino flutuava na água muito mais perto deles do que o normal. Seus olhos seguiam os movimentos dela um pouco

demais, ciente dela em cada área desta caverna.

Byte chiou, algumas engrenagens rangendo profundamente dentro de sua barriga antes de suspirar.

— Eu entendo que os outros ondinos sabem onde ficam essas cavernas. Mas você deveria estar aprendendo sobre os humanos, não é? Certamente só existe um que quer atacar Mira. E é muito fácil se defender de um.

— Espere um minuto. — Mira levantou a mão pedindo silêncio, embora tanto o androide quanto o ondino se recusassem firmemente a olhar para ela. — O que você quer dizer com ele supostamente está aprendendo comigo?

Nenhum dos dois respondeu. Mas ela conhecia aquele olhar no rosto de Arges. Ele queria chutar o pequeno androide para o oceano e se livrar dele para sempre.

— Arges, — ela disse, esperando que ele olhasse para ela. — O que Byte quer dizer? Que informação você precisa de mim?

Ele apenas olhou para o androide como se ele fosse o problema. Obviamente ele queria algo dela. Não era difícil adivinhar. Afinal, ele não a sequestrou porque queria ter uma amiga humana, mesmo que ela não se importasse se essa fosse a história real.

Mas ela tinha esquecido disso. Talvez ela tivesse se enganado pensando que ele queria que ela estivesse perto dele. Só porque ela era... Mira.

Não que alguém já tivesse desejado isso antes. Não era de se surpreender que um ondino sentisse o mesmo. Ela era apenas uma pessoa em um grupo muito grande de pessoas que viviam sob o oceano há muito tempo.

A explosão de decepção fez suas mãos formigarem novamente. Girando os pulsos para se livrar dos sentimentos, ela estremeceu quando a dor surgiu com o movimento. Ela estava terrivelmente rangendo

ultimamente. Suas juntas sempre doíam se ela ficasse com muito frio, mas ela não estava necessariamente sentindo que estava ficando doente. Ela apenas... não era ela mesma. Só isso.

Talvez fosse o medo do que poderia acontecer sob o oceano. Ela estava tão perto da água agora, que até a menor onda a fazia acordar sobressaltada, certa de que algo estava tentando alcançá-la.

Eles até nadaram perto de uma lula gigante que tinha um olho do tamanho de um prato de jantar. Ela se recusou a ver uma dessas sozinha, sem Arges para mostrar os dentes e assistir enquanto ela lentamente se afastava.

Byte notou os movimentos dela. Ele clicou, movendo a caixa para olhá-la um pouco mais claramente.

— Você está se sentindo bem?

Agora ambos estavam olhando para ela novamente, e, porra. Isso não era sobre ela! Ela estava bem, só um pouco dolorida de tanto se movimentar, e eles não mudariam de assunto.

— Estou bem, — ela retrucou, apontando para o androide, depois para o ondino. — Você sabe muito mais do que está deixando transparecer. E você não está me contando tudo, o que eu não aprecio. Eu deveria ter permissão para ajudar com essas decisões! Nós nem seríamos capazes de ver o que Byte viu sem mim.

Arges disse algo, e isso a deixou ainda mais frustrada. Ela queria entendê-lo. Ela não queria se sentir como esse bichinho delicado que ele tinha que manter se movendo pelo oceano porque ele não sabia onde ela seria mais adequada para viver.

— Isso é ridículo, — ela rosnou. — Tudo sobre isso é ridículo! Por que vocês dois não escolhem para onde vamos, então? Como sempre. E eu ficarei aqui, olhando para a parede para dar privacidade a vocês.

Ela deu os dois passos que pôde para longe deles, cruzou os braços sobre o peito e olhou para as pedras.

Sim, era infantil.

Ela sabia que estava exagerando, e eles tinham todo o direito de rir de suas palhaçadas. Mas, pelo amor de Deus, ela era uma mulher adulta, e só queria ficar sozinha por alguns segundos. Mas ela não conseguia se afastar desses dois nem por tempo suficiente para fazer xixi sozinha!

Bochechas em chamas, coração disparado no peito com ansiedade e raiva, ela mordeu o lábio e tentou muito não chorar. Isso era difícil. Esse foi o pensamento em que ela finalmente pousou. Tudo isso era realmente difícil.

Ela estava com fome. Exausta. Precisava de algo além de peixe para comer, porque ela estava tão cansada de peixe e mexilhões. Seu estômago constantemente apertava por algo fibroso, e isso tinha criado momentos ainda mais embaraçosos entre ela, o ondino e o androide que ela não conseguia evitar.

Ela sentia falta da cama, e de não se sentir molhada o tempo todo, e de não ter os dedos das mãos e dos pés descascando porque ela passava muito tempo na água. Ela queria uma porra de uma escova de cabelo.

Qualquer coisa que a lembrasse de que ela não estava totalmente enterrada no mar e que não deveria estar ali.

Simplesmente... uma droga.

Tudo aquilo era uma droga agora, e ela estava muito cansada.

— Mira? — Byte perguntou. — Isso seria suficiente?

— Tenho certeza de que está tudo bem — ela disse, antes de resmungar: — Até agora, tudo está ótimo.

Por que ela estava agindo assim? Ela queria se controlar e ser melhor do que isso. Nada estava indo do jeito dela, e estava tudo bem. Ela conseguiria. Ela sobreviveria a isso como havia sobrevivido a tudo o mais, porque era isso que ela fazia. Sobrevivia. Não importava o custo.

Uma mão fria e úmida deslizou ao redor de seu tornozelo e deu-lhe um pequeno aperto.

Mesmo tendo que morder o lábio com força para não chorar, ela ainda olhou para Arges.

Ele levou a mão à boca, como se achasse que ela estava com raiva porque estava com fome. Não era típico de um homem pensar que comida iria consertar seu mau humor? Como se não tivesse nada a ver com ele tê-la tirado de casa e depois enfiado em cavernas frias e úmidas por semanas a fio? Ela ia morrer assim.

Mas ela assentiu, então não precisaria dizer nada sobre disso. Então ele não pensaria que ela estava perdendo a cabeça na escuridão, como estava. E talvez um pouco porque ela ainda não estava pronta para falar sobre isso.

Ele afundou na água, e a luz azul de seu corpo desapareceu de vista. Ele passou a acender toda vez que a via, provavelmente para que ela pudesse vê-lo mais facilmente na água e ela sabia que era para seu benefício, mas ainda assim...

— Ugh, — ela murmurou, afundando em seu traseiro e sentando-se no chão finalmente. — Isso é uma droga.

Byte murmurou algo antes de dizer:

— Por favor, não leve isso a mal, senhorita Mira. Mas quando foi a última vez que você teve seu ciclo menstrual?

Porra... Não, o androide não era masculino de nenhuma natureza. Também não era feminino. O androide estava apenas afirmando o óbvio, em vez de insultar seu estado emocional porque ela era mulher.

Seu cérebro gaguejou, e ela pensou que talvez fosse a hora certa. Mais ou menos.

— Eu nem sei há quanto tempo estou desaparecida.

— Talvez você devesse verificar.

— Exatamente como você espera que eu faça isso? Você quer que eu enfie minha mão na roupa de mergulho e mostre o sangue?

Byte balançou de um lado para o outro.

— Não preciso ver, muito obrigado. Minha função não é curar.

Murmurando baixinho como todos os androides devem ter sido criados por homens, e estava bem claro o quão inapropriado isso era, ela enfiou a mão por baixo da roupa de mergulho. Talvez se ela envergonhasse o pequeno androide, ele a deixaria em paz. Porque isso era inapropriado até mesmo pedir a alguém para... para...

Seus dedos saíram cobertos de sangue.

— Merda, — ela sibilou. — O que eu devo fazer com isso?

Ela literalmente não tinha opções aqui. Ficar sentada em uma bolha de seu próprio sangue que estava apenas... empurrada através de sua roupa de mergulho não era uma opção. Mas não havia mais nada para ela vestir. Havia um cobertor na caverna original, mas eles não estavam nem perto de lá, até onde ela sabia. Então isso significava que ela tinha que ficar sentada em seu próprio sangue até Arges voltar, e quem sabia quando ele voltaria?

Isso foi uma droga.

Isso é real. Porra. Droga.

— Mira? — Byte perguntou.

— Estou bem — ela disse, o que aparentemente era seu mantra ultimamente. — Só sangrando pela minha vagina e na minha roupa de mergulho. Está tudo bem.

Ela se inclinou para lavar as mãos, apenas para congelar quando Byte gritou:

— Não faça isso!

— Por que?

— Estamos muito perto da zona disfótica. Você tem sorte de suportar a pressão aqui embaixo, mas há muitas criaturas marinhas que sentirão o cheiro desse sangue e não há onde você se esconder. Se uma lula gigante, uma baleia ou um tubarão decidir que está interessado no cheiro do seu sangue, para onde você irá? — Byte se agitou novamente,

muito chateado com isso. — Não deixe isso pingar na água.

Certo. Ela tinha a sensação de que esse poderia ser um dos seus momentos dramáticos, mas também não queria arriscar. Então. Merda.

Segurando a mão longe do corpo, ela olhou para o sangue e tentou muito não chorar agora.

— Então o que eu faço?

— Só deixe secar e depois limpe. Não sei como os humanos funcionam.

Então ela deveria apenas... sentar aqui? Com sangue menstrual nos dedos e...

— Nada poderia tornar este dia melhor — ela murmurou, jogando-se desajeitadamente de costas com a mão no ar.

— Bem, tenho o prazer de informar que o dialeto do Povo da Água está em setenta e dois por cento.

Setenta... Ela sentou-se ereta, ignorando sua mão agora.

— Setenta e dois?

— Sim.

— Vou arriscar com isso. — Ela cambaleou para ficar de pé e então andou até Byte. Ela agarrou o pequeno robô com sua mão limpa e o colocou em uma pedra muito mais alta. — Me dê o chip de tradução.

— Há muitas conversas deles que você não entenderá. Particularmente as nuances de suas línguas, seus deuses e muitas outras incertezas. É melhor se eu continuar a ouvir e fornecer a você um tradutor completo antes de eu…

— Não, — Mira interrompeu. — Eu não aguento mais não o entender. Isso tudo seria muito mais fácil se pudéssemos apenas conversar. Eu entendo completamente os riscos de implantar um chip de tradução que não tem a linguagem completa, mas as linguagens estão sempre crescendo e evoluindo. Tenho certeza de que há coisas que eu até disse a você que você não entende.

Byte resmungou. Um pequeno ruído metálico ecoou dentro de sua caixa antes de ele murmurar:

— Houve algumas coisas, mas atualizei meu banco de dados adequadamente e agora entendo a linguagem completamente de novo.

— Então você continuará atualizando seu banco de dados quanto mais estivermos perto do ondino. Mas, por enquanto, quero esse chip na minha cabeça para que eu possa, no mínimo, entender para onde ele está nos levando e por quê. — Ela estendeu a mão, esperançosa. — Não me faça usar o protocolo, Byte. Vou ordenar que você faça isso.

Ele resmungou novamente, mas dessa vez, ela ouviu o leve gemido de um chip tradutor sendo criado. Poderia ser o último que o robô teria, nesse caso, ela ficaria presa sem saber a língua inteira pelo resto da vida. Mas ainda assim.

Setenta e dois por cento era uma língua muito difícil de aprender.

A pequena gaveta na lateral abriu e lá estava. Sua salvação e talvez o fim de como ela via tudo. Não importava. Agora ela podia falar com ele. Ela podia entender o que diabos estava acontecendo.

E isso teria que ser suficiente.

Ela não perdeu tempo batendo-o contra o lado da cabeça. A dor ofuscante queimou seu crânio. Simultaneamente, a pior dor de cabeça que ela já teve misturada com a sensação de alguém enfiando um garfo em seu cérebro e girando. Mas não importava. Ela já tinha suportado isso antes.

Mira abriu os olhos alguns momentos depois. Ela caiu de joelhos, segurando a cabeça entre as mãos como se tentasse conter os sentimentos que rolavam ali.

Então acabou.

— Sério, — Byte murmurou. — Vocês humanos e seus dramas.

— Não é exatamente confortável, sabia?

— Aguente firme. Você está aprendendo um novo idioma em

segundos. Claro que seu cérebro vai reclamar.

Ela poderia ter argumentado. Ela poderia ter se afundado na sensação de merda da menstruação e no conhecimento de que continuaria sangrando na roupa de mergulho pelo futuro previsível.

Em vez disso, ela deitou-se de costas e olhou para o teto, sabendo que seria capaz de entendê-lo pela primeira vez. Não soaria como uma música quando ele levantasse a cabeça novamente. Ela podia saber o que ele estava dizendo em resposta a literalmente tudo o que ela dizia.

E caramba. Isso foi bom.

VINTE E DOIS

ARGES

Embora ele desejasse isso, Arges sabia que não poderia ficar com ela para sempre. Eles não estavam chegando a lugar nenhum em sua missão de aprender mais sobre os achromos, e ele sabia que o outro Povo da Água estava perdendo a paciência com ele. Ele deveria liderar o grupo ou encontrar maneiras de prejudicar os achromos. Esse era seu propósito na vida.

E ainda assim... Era tão difícil considerar fazer qualquer uma dessas coisas quando ele estava tão completamente obcecado por ela.

Ela havia tomado tempo e energia para continuar curando suas feridas, não importava quanto tempo tinha sido ou o quanto estava curado. Mesmo agora, uma semana inteira depois que ele foi ferido, ela ainda o fazia mostrar seu ombro como se de alguma forma ele fosse se abrir novamente. Ele não teve coragem de dizer a ela que seu povo se curava muito mais rápido do que o dela.

Ela não acreditaria nele, de qualquer forma. A *kairos* dele era decididamente mandona e dava ordens a ele sempre que tinha a chance. Ele raramente a ouvia, é claro, mas ainda apreciava sua bravura.

Logo, eles tinham uma rotina de onde estavam se mudando e por quê. Ela nem se importou quando ele veio buscá-la, aparentemente mais do que preparada para se mudar a cada dois ou três dias.

Arges só queria saber de um lugar que fosse seguro para ela. Um lugar que não fosse diretamente na linha de sua espécie, mas ainda não estivesse nem perto da dela. Se ele a levasse de volta para aquele lugar, aquele monólito brilhante sob o mar, ele tinha a sensação de que nunca a teria de volta.

Então, quando ele colocou a cabeça para fora no ar nesta caverna mais nova, maior que as outras, ele ficou satisfeito em ver que ela estava pronta para ele. Ela nem parecia se importar mais que eles estivessem debaixo d'água, embora houvesse alguns dias em que ela não estava nada animada. Pelo menos ela não estava gritando dessa vez.

— Arges! — ela disse, satisfeita em vê-lo. Seus olhos brilharam e às vezes ele jurava que ela sabia o que ele estava dizendo a ela. Infelizmente, seu amigo robô não tinha chegado nem perto de criar o chip de tradução para ela.

— Olá, *kairos* — ele respondeu, nadando um pouco mais perto e apoiando os braços na borda da pedra. — Você está pronta para sua próxima jornada?

Ele olhou para a caixa e esperou que ela colocasse a cabeça para fora. Ele não tinha certeza se pensava na criatura mais como um caranguejo ou uma tartaruga. Alguns dias ela era espinhosa como um caranguejo, muito mais propensa a mordê-lo com suas garras do que a ser gentil.

A caixa não mostrou seu rosto. Na verdade, ela estava suspeitantemente quieta ultimamente. Escolhendo permanecer dentro de sua concha em vez de olhar o que estava acontecendo ao redor. Ele achou esse novo comportamento bastante perturbador. Byte sempre parecia querer se envolver em tudo.

Ele supôs que não valia a pena a energia para desconfiar dos dois. Em todo o tempo que passou com Mira, ele nunca pensou que ela estava tentando enganá-lo. Ela era honesta até demais, parecia.

Mira esfregou as mãos para cima e para baixo nos braços, e ele captou o mais leve arrepio na espinha dela antes que ela se detivesse.

— Existe algum lugar mais quente? — ela perguntou. — Sei que é algo raro de se perguntar no oceano, mas tenho lutado um pouco ultimamente. Parece que não consigo me aquecer, e minhas mãos...

Ela estendeu as mãos para ele olhar, e ele pôde ver como as juntas estavam se curvando sobre si mesmas. Ela estava doente?

— Seu povo tem alguma doença que eu precise saber? — Ele pegou as mãos dela, ainda falando, embora soubesse que ela não conseguia entendê-lo. — Vocês, achromos, são tão frágeis.

Ela fez um som suave de bufo, e ele olhou para cima surpreso. Ela estava pegando a linguagem dele, afinal?

Mas então ela balançou a cabeça com um sorriso irônico.

— Só posso imaginar que você está me repreendendo por não cuidar de mim mesma. É isso mesmo?

Estava perto o suficiente. Ele assentiu antes de gesticular para a água.

— Há fontes termais que saem das aberturas no mar. Muitas das criaturas lá são assustadoras, mas elas nos deixarão em paz se eu estiver perto de você. Você pode se aquecer lá, mas não podemos levar o calor conosco.

Sua testa franziu em confusão, mas então ela sorriu para ele e ele esqueceu como respirar.

— Eu confio em você, Arges. Aonde quer que você planeje me levar, eu irei.

Mais uma vez, aquela confiança cega que ele não tinha realmente conquistado fez seu coração disparar. Esta mulher, ela lhe presenteou com uma confiança tão maravilhosa sem nunca precisar que ele se provasse.

— Obrigado, — ele murmurou, estendendo os braços para ela. — Podemos deixar a caixa por um tempo. Sei que haverá uma conversa valiosa que ela perderá, mas as aberturas não são lugar para um caranguejo feito de metal.

Byte colocou a cabeça para fora.

— Eu não sou um caranguejo, — ele murmurou.

— Você está me entendendo muito bem ultimamente. — Arges colocou as mãos acima dos quadris de Mira, enfiando os dedos no vale que sempre o encantava. — E aqui está você, dizendo que a tradução não está pronta para ouvidos humanos.

— Não essa — o robô murmurou. — Eu já disse isso a vocês dois inúmeras vezes.

Ele não pretendia perder mais tempo discutindo com a criatura. Em vez disso, ele levantou Mira para dentro da água, permitindo que ela deslizasse por seu corpo até quase fazê-lo gemer. Ela era tão diferente dele, nada compatível e ainda assim... quanto mais tempo ele passava com ela, mais ele desejava que não fosse verdade.

Normalmente ele seguraria Mira contra seu peito e a arrastaria pela água. Mas dessa vez, ela se virou para encará-lo como fez no começo. Quando ela deslizou os dedos dos pés contra as nadadeiras de seus quadris, ele teve que cerrar os dentes contra o pico repentino de prazer.

— Você não tem ideia do que esse toque faz comigo, — ele murmurou, suas mãos flexionando contra os quadris dela e puxando-a mais forte contra ele. — É um toque privado, e você o dá tão livremente. Posso contar nos dedos de uma mão a quantidade de pessoas ousadas o suficiente para tocar essas barbatanas, ainda mais com tanta confiança e facilidade.

Ele queria explicar a ela o quão pessoal era. Como tocá-lo daquele jeito era um avanço das fêmeas de sua espécie. Que ela estava dizendo ao corpo dele que estava pronta para acasalar, que ele deveria liberar o pau que escondia sob um painel de escamas.

Mas ela não pretendia fazer isso, e ele não deveria se antagonizar com tais pensamentos.

E ainda assim... Eles viajaram para longe da caverna e suas estranhas nadadeiras flexionaram contra ele. Dedos, ele se lembrava de ela chamá-los. Então seus dedos se esticaram até seu pescoço.

Normalmente ela segurava seus ombros, mas desta vez ela roçou seus dedos através de suas guelras. Elas se alargaram para ela, vibrando mesmo que ele estivesse se movendo rápido o suficiente para achatá-las com o movimento.

Ele inclinou o corpo, desacelerando um pouco e nadando como se ela estivesse deitada em cima dele.

— Esse toque também. Tem significado, achromo. Eu sei que você não sabe, mas esse toque faz meu sangue ferver.

Ele estava queimando de dentro para fora. Querendo tocá-la. Querendo que ela o tocasse mais. E ele sabia que era impossível, mas oh... Ele nunca foi de fugir da tentação.

Imitando o toque dela, ele colocou as mãos por baixo do cabelo dela que ela havia deixado fluir livremente. Ela raramente fazia isso, e ele iria aproveitar essa oportunidade incomum. O cabelo dela era tão longo, e de uma cor tão bonita. Ele se enrolava em seus dedos, agarrando-se a ele como ele desejava agarrar-se a ela.

Mesmo sabendo que ela não podia vê-lo agora, ele ainda queria que ela o sentisse. Talvez isso funcionasse a seu favor. Ela não conseguia ver as diferenças e só conseguia sentir as teias em seus dedos. Ele traçou uma unha longa em sua mandíbula, observando sua pele formar covinhas mesmo quando eles chegaram às aberturas.

Ele pode sentir a água morna instantaneamente. Estava quase quente demais para ele, mas ele ouviu seu longo e relaxado suspiro. Pelo menos estava iluminado ali, então ela podia ver através das pequenas fissuras vermelhas que aqueciam a água. Até mesmo os estranhos caranguejos pálidos com pernas longas e antenas que se moviam em sua direção observavam enquanto ele a levava para mais perto do calor.

— Diga-me quando parar, — ele murmurou, virando-a lentamente em seus braços, de modo que ela ficasse de frente para as aberturas quentes. — E eu nos manterei onde você achar mais confortável.

Ela estremeceu, e ele pôde presumir que foi a profundidade da voz dele em seu ouvido que a afetou tanto.

— Arges?

— Sim, *kairos?* — Talvez ele tenha se inclinado um pouco perto demais. Talvez ele tenha roçado levemente os lábios contra a orelha dela enquanto dizia as palavras.

— Vou tirar meu traje. Ele me mantém aquecida em água fria, mas me mantém fresca em água morna. Só a parte de cima, mas... Você não vai olhar?

Ela pediu o impossível. Ele tinha que se segurar nela. As correntes eram fortes demais para ela ficar em um lugar sem que elas a afastassem dele. Então isso significava que ela seria pressionada contra ele, pele com pele, pela primeira vez. Ele certamente morreria permanecendo parado e sem olhar ou tocar em tudo o que ele nunca tinha visto nu.

Ainda assim, ela pediu. E ele prometeu que cuidaria dela.

Consciente do dispositivo em seu rosto, ele moveu as mãos dela, de modo que ela estendeu os braços para trás para agarrar seus quadris. Se ela deslizasse os dedos ao redor das barbatanas em seus quadris, segurando um pouco forte demais com aquele aperto ágil, ele tinha que ignorar. E então, com mãos gentis, ele alcançou a parte de trás do traje dela. Ela chamava isso de zíper, e ela havia mostrado a ele como funcionava muitas vezes.

Ele estava fascinado por isso, mas agora, com o brilho vermelho brincando na frente dela e o brilho repentino de sua própria luminescência, ele puxou o zíper para baixo para revelar suas costas. Toda aquela pele linda e pálida parecia quase branca na luz azul que brilhava em seu peito agora. Cada guelra em seu corpo se destacou, vibrando com a necessidade enquanto ele via as delicadas cavidades de suas costelas e a expansão de sua respiração. Para dentro e para fora. Tão delicada. Tão impossivelmente fina.

Oh, ele podia ver as veias dela por baixo também. A leve flexão das omoplatas dela enquanto ela apertava seu aperto nele, mesmo quando ele puxou o traje para baixo dos ombros dela.

Com a voz gutural de desejo, ele se inclinou para frente para murmurar em seu ouvido,

— Eu tenho que puxar isso pelos seus braços. Se você deseja continuar de costas para mim, então eu terei que te tocar.

Sem nenhuma maneira de ela confirmar se havia entendido, tudo o que ele pôde fazer foi esticar os braços para frente e deslizar suavemente o traje para baixo. Era difícil de remover. Ela havia dito antes que era apertado para manter a pressão do corpo ou algo assim. Ele não conseguia nem pensar no que ela havia dito antes quando os picos pontudos dos seios dela roçaram seus antebraços.

Ela fez um pequeno barulho no fundo da garganta e ele pensou que nunca esqueceria o som. Ele queria morder o pescoço dela. Agarrar os quadris dela e puxá-la de volta contra ele, como ele teria feito com alguém da sua espécie. Mas então ele não saberia o que fazer. A cauda dela não se enrolaria com a dele. Ele nem saberia onde no corpo dela era o lugar certo para ele deslizar, tocar ou demorar.

Mas então, inacreditavelmente, ela pressionou de volta contra ele. Aqueles quadris balançaram, e oh, ele ia passar vergonha. Ele nunca tinha liberado seu pau sem intenção ou propósito. E ainda assim, aqui estava ele, prestes a revelar o quão diferentes eles eram porque ela tocou suas nadadeiras e balançou contra ele.

Deslizando a roupa de mergulho dela para baixo, ele deslizou as costas dos dedos pelas costelas dela e pelo plano macio da barriga dela. Diferentemente da sua própria espécie, ela era a coisa mais macia que ele já havia tocado.

E, ah, ele queria olhar.

Bastaria um leve movimento para que ele espiasse por cima do

ombro dela e visse como ela era. Se ela fosse era pálida em todo o corpo.

Era uma tentação que ele não conseguia alimentar. Mas ela não entendia uma palavra do que ele estava dizendo, então ele os moveu um pouco mais para perto do calor e envolveu um braço em volta da cintura macia dela.

— Quando te vi pela primeira vez, tive certeza de que você era monstruosa. Seu povo é tão diferente da minha espécie. Com suas duas caudas e seus estranhos olhos brancos, não havia nada que eu achasse tentador em você. Mas então, a cada dia que você esteve comigo, encontrei algo novo para admirar.

Ele engoliu em seco e congelou quando ela acariciou seu braço. Ele parou de se mover para frente, mantendo-a pairando onde era quente o suficiente para ela. E aqui estava ele, fervendo vivo.

— O balanço gracioso dos seus quadris. A maneira como suas pálpebras se arregalam e depois caem até a metade quando eu faço algo que você gosta. Eu desejo tocar você inteira. Encontrar cada parte do seu corpo que te faz suspirar ou sibilar. Eu quero saber os sons que saem da sua boca quando eu te dou prazer. Quando você perceber que o próprio oceano me guiaria para dentro de você, e estabeleceria um ritmo que nenhum de nós poderia negar. Meu povo acredita que fazer amor é o propósito do mar.

Então ele aspirou o cheiro dela profundamente em seus pulmões. Manchado apenas levemente pelo enxofre das aberturas, mas ele ainda podia sentir o doce cheiro dela novamente.

— Eu posso sentir o cheiro de quão excitada você está, — ele gemeu. — Eu atraio esse cheiro para minhas guelras e o coloco sob minhas escamas para os momentos em que não estou ao seu lado. *Kairos,* Mira, eu estou ficando tão cansado de buscar a libertação em minha mão.

Mais uma vez, aquele cheiro floresceu, muito mais forte do que ele

já havia sentido antes. Ele sabia que era só porque ela estava quente, finalmente, quando ela tinha estado tão fria por tanto tempo. E ainda assim... Oh, ele gostava de fingir que aquele cheiro era para ele.

VINTE E TRES

MIRA

Ela não esperava que fosse assim. De todas as coisas que ele poderia ter rosnado no ouvido dela, todas as ameaças que seu povo provavelmente merecia. Em vez disso, ele disse a ela quão bonita ela era. O quanto ele queria tocá-la e então ele... tocou. Seus dedos demorando em sua caixa torácica, seus polegares mal roçando a parte inferior de seus seios... Isso a deixou sem fôlego.

Mesmo agora, enquanto voltavam para a caverna das fontes termais que finalmente a aqueceram até os ossos, ela não conseguia fazer sua mente parar de girar. Ele a queria. Ele havia provado que havia algum tipo de ligação entre os dois, embora essa fosse provavelmente a coisa mais estranha que aconteceu em séculos.

Eles eram... O quê? Ela não sabia.

Sua mente girou enquanto ele a carregava de volta para a caverna, e ela sentiu a mudança em ambos enquanto as águas geladas afundavam no pequeno buraco na parte de trás de sua roupa de mergulho. Com aquele toque, seus pensamentos lentamente mudaram de aquecidos para frios também.

O que eles estavam fazendo?

Eles não deveriam estar interessados um no outro. Não deveria nem ser possível que estivessem interessados um no outro. Eles eram muito diferentes. Mal se encaixavam. Eles eram peças de quebra-cabeça de duas caixas separadas e não importava o quanto tentassem se encaixar, não dava certo.

Ele conseguia respirar debaixo d'água. E ela? Mira precisava de ar.

Nada que eles fizessem consertaria isso. Eles nunca seriam capazes

de ser nada além de duas pessoas que desejavam ficar juntas. E isso acabaria com eles, eventualmente.

Quando a caverna surgiu, as sombras escuras rodopiando diante de seus olhos, ela se perguntou por quanto tempo eles conseguiriam continuar assim. Ele não conseguiria escondê-la de seu povo para sempre. Na verdade, ele precisaria levá-la até eles se ela nunca lhe contasse os segredos que ele achava que ela sabia. E ela tentaria fugir. Escapar. Se esconder de qualquer coisa que eles quisessem com ela.

Byte já havia insinuado que havia mais coisas que ela não sabia. A rigidez repentina em seus braços sugeriu que ele poderia estar considerando a mesma coisa. Isso estava condenado desde o início.

Eles se entregaram um pouco. Esqueceram que este não era o mundo deles para moldar e dar forma ao que desejavam ou queriam. Quando retornassem à caverna, todo o resto desabaria em volta de seus ouvidos.

Eles eram muito diferentes.

A vida não os queria juntos.

Nem o seu povo.

Ele a soltou de seus braços um pouco cedo demais, e ela se arrastou de volta para a caverna apenas pelo toque. A água roçou em seus lados, empurrada por sua cauda enquanto ele se movia para dentro da abertura também. Apenas a luz fraca de Byte iluminava seu caminho para a superfície.

Assim que ela rompeu, ela tirou seu respirador e gentilmente o colocou nas pedras. Segurando-se na borda, ela arrancou seus óculos também.

— E se eu não tivesse encontrado o caminho de volta para as cavernas, Arges?

Os olhos dele pareceram escurecer. E pela primeira vez em muito tempo, ela viu o mesmo ondino que havia ameaçado seu povo. O ondino

que havia sido trancado no tubo com ela, e queria matar o máximo de sua espécie que pudesse antes de morrer.

Este não era o homem que a manteve viva. Esta não era a criatura mágica que lhe mostrou tantas maravilhas sob as ondas. Ela era uma tola por ter esquecido que ele a havia levado contra sua vontade, a aprisionado em uma rede de cavernas e que ele se recusou a deixá-la ir para casa.

Ela se afastou dele, estreitando os olhos para a tensão repentina em seus ombros e como as cores ao longo de seu corpo se revoltavam com emoção. Suas mãos flexionaram abaixo da água, apenas levemente iluminadas pelos pequenos pontos azuis que se iluminaram e então morreram enquanto ele a encarava.

— O quê? — ela rosnou. — Você está bravo comigo por querer ir para águas mais quentes? É isso? Você está bravo porque eu insisti que eu deveria ficar confortável por uma vez?

Ele permaneceu em absoluto silêncio.

O olhar estava começando a afetá-la, no entanto. Ele a observava como se houvesse algo errado com ela, como se ela fosse o problema.

Ela não era o problema aqui. Ela não era quem... quem...

Levantando uma mão pingando, ela apontou para ele.

— Não me olhe desse jeito. Você não tem direito de ficar bravo comigo. Nenhum. Você é quem me tirou de casa, me prendeu em cavernas ao redor do oceano, me forçou a ficar molhada, com frio e tremendo. Você é quem fez todas essas coisas comigo. Então, sério, o que diabos poderia te deixar bravo comigo, Arges?

Ela teve que se lembrar de que ele não achava que ela pudesse entendê-lo. Que ele só disse as próximas palavras porque ele não percebeu que ela entendia cada palavra e o ódio contido em cada uma delas.

— Porque seu povo destruiu este oceano. Porque vocês vieram

aqui, tão confiantes de que este lugar lhe pertencia. Vocês encheram nossas águas com metal e ferrugem. Quando tentamos lutar contra vocês, vocês atiraram em nós com chamas e armas que estavam tão além da nossa compreensão que não tínhamos como revidar. — Ele se moveu um pouco mais perto dela, sua cauda balançando sob a superfície. — Você, que é tão tentadora e tão nova, esquece que destruiu tanto.

O povo dela tinha destruído o oceano? Dificilmente, embora ela soubesse que eles tinham destruído muita coisa pela cidade. Mas ela não era quem tomava decisões. Ela era a trabalhadora que se calava e fazia o que lhe mandavam ou seria jogada para fora de um tubo pressurizado.

Talvez fosse a hora de dizer a ele que ela entendia o que ele estava dizendo. Mas algo nela gritava para que ele não soubesse. Ela havia mentido. Ela o havia enganado. Contar a ele agora só tornaria esse momento pior e ela não podia se dar ao luxo de que isso piorasse mais.

Então, em vez disso, ela cerrou os dentes e murmurou:

— Não tenho ideia do que você está tentando me dizer. Mas, claramente, você está sendo rude e não tenho mais nada a lhe dizer.

Colocando as mãos nas pedras, ela se arrancou da água. O calor da visita às fontes já havia desaparecido. Mais uma vez, ela estava desconfortável. Molhada e encharcada, cansada e tão exausta que queria desabar como uma bola nas pedras.

— Não posso ficar aqui por muito mais tempo — ela sibilou. — Este oceano está me matando.

Sua voz sombria retumbou pela caverna.

— Talvez seja isso que o oceano queira. Sua morte seria uma reparação por todos os feitos que você e seu povo fizeram.

É isso. Ela se recusava a ouvi-lo repreendê-la como se ela fosse a única a tomar todas as decisões. E não, ele não tinha ideia de que ela conseguia entender o que ele estava dizendo, mas, porra! O tom dele era bem óbvio.

Girando ao redor, já tentando arrancar um dos braços da maldita roupa de mergulho, ela gritou:

— Não me importa o que você está dizendo, Arges! Você ainda é a pessoa que sequestrou uma mulher inocente e a levou para a morte! Meu povo chama isso de assassino. Não tenho ideia de como o seu povo chama isso. Provavelmente é uma sexta-feira à noite normal para vocês, mas isso não torna isso aceitável. Os humanos valorizam a vida.

— Humanos não dão valor a nada — ele sibilou. — Eu deveria estar perguntando a você sobre onde seus túneis vão. Eu deveria estar forçando você a ir para o chão com uma faca em sua garganta para que você revele todos os segredos sobre seus castelos sob o mar para que possamos nos infiltrar em sua espécie e destruí-los. Todas essas coisas são o que eu deveria fazer, e eu não fiz nenhuma delas. Por quê? Porque você me deixa fraco, *kairos,* e eu deveria ter matado você há muito tempo para evitar que essa fraqueza se espalhasse.

Não reaja, ela disse a si mesma. Não reaja e revele que você sabe exatamente o que ele acabou de dizer a você.

Então essa era a verdadeira razão pela qual ele a havia levado. Girando, ela lhe deu as costas enquanto tirava a roupa de mergulho. Eles haviam retornado à caverna original dias atrás, o que significava que havia um pequeno cobertor no canto com buracos de mofo, mas o suficiente para secar. Era importante para ela fazer isso, e mesmo assim, isso lhe permitia se esconder por alguns momentos.

Ele não a tinha levado porque estava interessado em quem ela era, ou que ela o havia cativado de alguma forma. Claro que não. Ela se enganou pensando que esse monstro tinha sentimentos quando ele não tinha nem um pouco.

Ela era apenas um trabalho. Dever, honra, uma criatura que ele tinha que aturar enquanto era forçado a entender a língua dela.

Oh, ele devia estar rindo toda vez que voltava para casa. A pequena

achromo, trancada na caverna enquanto definhava em nada. Esta era uma forma complicada de tortura e ela prontamente entrou nela na esperança de fazer amizade com alguém que fosse tão diferente dela.

— Estúpida — ela murmurou, enrolando o cobertor em volta dos ombros e se abaixando para tirar o resto da roupa de mergulho.

Quando ela se recompôs, ela finalmente se virou para ele e encontrou seu olhar raivoso. Ela tinha que falar com ele. Tinha que fazer parecer que ela não estava sendo afetada por nada do que tinha acabado de acontecer, ou que ela não estava sofrendo chicotadas com suas emoções em rápida mudança.

— Eu não sei nem me importo com o que você tem a dizer, — ela decidiu dizer. — Suas palavras não significam nada para mim, e eu não acho que significariam, mesmo se eu pudesse entender você. Claramente, algo mudou sua mente sobre mim e isso é bom. Eu não preciso que você goste de mim, Arges. Eu só preciso que você me mantenha viva.

Ele não faria isso depois dessa discussão. Ela já tinha sido difícil para ele aturar. Se ele a tivesse aqui apenas porque queria saber mais sobre seu povo, então ele ficaria muito decepcionado.

— Se eu pudesse te deixar, *kairos,* eu deixaria. — Ele levantou o queixo, parecendo ainda mais com o ondino intocável que atacou seu povo. — Mas eu aprenderei como posso atacar sua espécie. Usarei todas as suas palavras a meu favor e derrubarei sua cidade de uma vez por todas.

Ela cerrou os dentes, apertando o cobertor com tanta força nas mãos que suas unhas cravaram nas palmas.

— Não sei por que você me sequestrou, mas tenho um bom palpite. Considerando quanta energia você colocou tentando falar comigo, você acha que eu guardo alguns segredos. Você acha que eu sei algo sobre meu povo que te ajudaria. É isso? Byte já disse isso em poucas palavras.

Mira tinha que ouvir isso dele. Ela queria que ele admitisse. Ela

precisava de provas de que nunca deveria ter confiado nele.

Ele não disse nada, mas assentiu.

Foi o suficiente. Ela deu uma risada feia que só a fez se sentir ainda pior. Esta não era a vida que ela queria viver. Esta não era a esperança que ela tinha por todo o tempo que eles passaram juntos.

Ela se enganou pensando que aquilo era uma aventura, quando na verdade era apenas uma prisão elaborada.

— Desculpe desapontá-lo — ela respondeu, seu tom talvez um pouco mal-humorado. — Mas você escolheu alguém que não sabe nada sobre qualquer coisa. Eu não sou uma líder de alto escalão que toma as decisões e sabe todos os segredos sobre Beta. Eu cresci na base da cidade, com comida e água mal o suficiente para sobreviver. E então ainda menos quando fiquei órfã e fui enviada para viver com todas as outras crianças sem família. Confie em mim. Se você queria segredos sobre Beta? Você deveria ter escolhido outra pessoa. Eu sou uma ninguém, Arges. Eu não sei nada útil.

Talvez as palavras dela o tenham chocado. Ele a encarou com os olhos arregalados, como se ela tivesse dito que os humanos estavam planejando incendiar o oceano inteiro. Mas era a verdade. Ela não tinha segredos para contar a ele, nada que o ajudasse nem um pouco. Ela era apenas... Mira. Uma engenheira com uma boca grande e um complexo de superioridade que frequentemente a fazia ser transferida de chefe para chefe.

Ela não era a pessoa para escolher se ele queria entradas secretas para a cidade ou códigos que permitissem abrir portas de explosão. Ela nem tinha certeza se Beta tinha isso.

Era impossível entrar no prédio por fora. Ela tinha visto tantos mergulhadores morrerem tentando fazer exatamente isso, e ele realmente acreditava que ela poderia ajudar um ondino a fazer isso?

Ninguém queria os ondinos em Beta, e eles tomaram todas as

medidas necessárias para garantir que isso não acontecesse.

Ela levantou os braços para cima e para baixo em derrota.

— Nós dois temos que viver um com o outro, Arges. Não é como se eu pudesse ajudar você a assassinar meu povo, e mesmo se eu pudesse, por que eu faria isso? Tudo o que você fez foi me enfiar em uma caverna e ameaçar me matar. Eu preferiria estar morta do que ter centenas de vidas perdidas por causa da minha decisão egoísta.

Ela preferia não estar morta, é claro. Mas ela não achava que poderia ser a pessoa para fazer essa ligação. Seu povo merecia viver. Tanto quanto o dele.

Ainda assim, ele não disse nada, olhando para ela enquanto seu corpo praticamente vibrava. Até que ela não aguentou mais. Ela não aguentou o julgamento naqueles olhos ou a resposta idiota de ódio só porque ela era humana.

— Puta merda! — ela gritou, puxando o cobertor ainda mais apertado em volta dos ombros enquanto recuava em direção à mesa de console. — Eu acabei de dizer que sou inútil, Arges! Então vá se foder. Claramente, não há nada que eu possa fazer por você, e não há nada que você possa fazer por mim, então me deixe apodrecer aqui! Eu vou aguentar alguns dias, mas esse era o objetivo de me levar, não era? Eu nunca sairia viva disso. Então pare de brincar com sua comida e me deixe morrer, porra.

Ela odiava isso. Ela não queria morrer, mas queria que ele olhasse para ela ainda menos. Ele não conseguiu... encará-la. Ele não conseguiu. Cada fibra do seu ser queria bater nele, lutar com ele, agarrar aquele soldador idiota que ele tinha dado a ela e derreter algumas daquelas malditas escamas.

Talvez ela estivesse apenas brava porque seus sentimentos eram menos reais do que tinham sido apenas momentos antes. Ele havia roubado aquele sentimento raro e maravilhoso que ele havia causado nas

fontes termais. Agora, ela apenas se sentia usada.

E ela estava tão cansada disso.

— Não há nada que possamos fazer um pelo outro, Arges, — ela acrescentou, sua respiração irregular e sua voz presa na garganta. — Então, acabe logo com isso.

Antes que ela pudesse respirar novamente, o ondino diante dela estava saindo da água com suas garras estendidas em direção à sua garganta.

VINTE E QUATRO

ARGES

Ele deveria quebrá-la.

Destruí-la.

Deixar o sangue dela pingar na água e atrair os animais que devorariam seu corpo para que ele pudesse esquecer que isso tinha acontecido. Mitéra entenderia. Ela saberia a verdade quando ele dissesse que era uma tarefa impossível, que ele tinha falhado e que ele levaria a punição que viria depois.

Os achromos eram destrutivos em tudo que tocavam. Eles eram impossíveis de domar e, como tal, não havia como ele obter informações dela. Foi culpa da achromo ter falhado com seu povo. Mas logo, o Povo da Água esqueceria. Ele recuperaria seu cardume de seu irmão e os lideraria para atacar o povo dela com ainda mais fervor.

Bastaria um golpe de suas garras, e ela estaria morta. A vida esmaecia de seus olhos enquanto ele arrastava suas unhas por aquele longo e lindo pescoço.

Mas seu olhar permaneceu naquele pescoço. Arges não conseguia parar de encará-lo, mesmo enquanto a derrubava no chão, forçando-a a se submeter a ele. Ele queria assustá-la. Ele queria que ela percebesse que tentar alguém de sua espécie só levaria à loucura e à ruína. E ainda assim...

Ah, e ainda assim ela era tão adorável. Tão bonita. Uma criatura de outro mundo que de alguma forma havia cativado sua mente, corpo e alma. Ele não podia machucar um fio de cabelo dela, e o matava que ele já tivesse feito isso. Ela merecia muito mais do que isso. Do que ele.

Sua mente voltou ao presente, e ele percebeu que a posição deles

era bastante comprometedora. Ele estava deitado entre as pernas dela, onde o calor dela pressionava contra suas escamas. As mãos dela estavam presas em uma das dele, seguradas sobre a cabeça com um aperto palmado que parecia tão luxuoso contra sua carne pálida. E aqueles olhos... Oh, os olhos dela cuspiam fogo assim como as armas dos humanos.

Arges nunca tinha visto uma mulher tão bonita. Ele nunca conheceu alguém que o enfrentasse de frente, não importa o que ele fizesse. Ela não o temia, e isso era inebriante.

Embora ainda o encarasse, ela não se moveu enquanto ele arrastava a mão livre pela garganta dela. Pequenos caroços surgiram em sua pele. Cativante, embora ele tivesse a sensação de que poderia ser uma resposta de medo.

Ótimo, ela deveria temê-lo.

Mas então ela inclinou a cabeça para o lado, expondo mais daquele pescoço adorável até que ele alcançou os músculos proeminentes dos ombros dela. E ainda assim, seus dedos prenderam no cobertor e ele pensou “Eu poderia arrancar isso dela”.

Ele então finalmente veria como uma achromo parecia por baixo de todas aquelas camadas que elas escondiam. Mais do que isso, ele podia ver como ela parecia.

Sua pele ainda formigava ao se lembrar dos momentos perto das fontes termais. Ele ainda podia sentir a sensação da pele contra as costas de suas mãos, arrastando enquanto ela se movia e se movia. Era... Mais do que ele esperava. Mesmo agora, os pensamentos eram tentadores.

Sibilando em uma respiração longa e profunda, ele disse a si mesmo que não havia lugar para pensamentos como esse. Ela estava presa embaixo dele, provavelmente apavorada, e ainda assim ele se pressionou mais forte contra ela. Os músculos fortes das pernas dela cercavam seus quadris, e ele pensou que isso o enojaria, mas em vez disso... o intrigou.

Aqueles braços delicados erguidos acima da cabeça dela, e aqueles olhos grandes que o encaravam com tanta determinação. Como ele deveria funcionar normalmente quando tudo o que ele queria era pressionar os lábios deles? Fazer o que ele tinha visto achromos fazer centenas de vezes, mas seu povo não tinha referência para isso?

— Por que sua espécie toca bocas? — ele perguntou, sabendo que ela não tinha ideia do que ele estava falando. — Eu sempre via através do vidro e me perguntava por que vocês estavam fazendo isso. Era para passar comida entre os dois? Isso me enojava. Mas agora me pego olhando para você, e estou curioso para saber o que seu povo estava fazendo.

Ela quase... reagiu às palavras dele? Ele não sabia dizer. As pupilas dela dilataram até que ele encarou um olhar preto, e ele pensou que ela se moveu um pouco mais para perto dele. Era uma reação estranha de uma mulher que não conseguia entendê-lo.

Mas isso importava? Ele já estava tão envolvido nisso que não conseguia se lembrar do que havia planejado antes. Ele nem percebeu que tinha balançado contra ela, pressionando-os um pouco mais perto enquanto chegava perigosamente perto de mostrar a ela tudo o que seu povo escondia sob suas escamas. Ele já podia sentir seu pênis pressionando contra as costas das placas blindadas, querendo soltá-la e tomá-la.

Ele não tomava uma mulher há eras. Ele não sentia a mordida de suas garras ou o ranger de seus dentes. Acasalamento para seu povo não era um evento gentil. O macho frequentemente deixava a interação com cicatrizes que ele carregaria consigo pelo resto da vida.

Ainda assim, ele tinha que se perguntar se a experiência seria semelhante com uma achromo. Ela era delicada demais para danificar suas escamas endurecidas, e sua cauda estava tão longe de seu alcance que ela não seria capaz de prendê-lo no lugar. Aquelas unhas minúsculas

em suas mãos a impediriam e mal romperiam sua pele em suas costas. E ela não tinha presas ou dentes afiados nem um pouco.

Ele se perguntou como eles se protegiam. Mas ele não reclamaria sobre precisar protegê-la, porque por alguma estranha razão, isso o fazia se sentir bastante poderoso.

Arges apertou ainda mais o cobertor dela enquanto olhava fixamente em seus olhos. Ele jurou que havia aceitação naquele olhar, talvez até mesmo necessidade. Ela queria que ele o puxasse um pouco mais para baixo. Ela queria que ele a visse, e talvez se encontrasse ainda mais cativado pelo que ele acharia ali. Ela era tão pálida em todo o corpo? Realmente não havia escamas para protegê-la?

Mas então um barulho alto o fez congelar, e seu pequeno robô idiota se arrastou para mais perto deles.

— Mira? — perguntou, aqueles estranhos olhos metálicos piscando. — Você está bem?

Ela virou a cabeça em direção ao robô, e ele jurou que ela estava um pouco sem fôlego.

— Estou bem, Byte. Ele não vai me machucar.

Ou talvez ele sim. Os corpos deles claramente não eram compatíveis, e ele estava considerando fazer o impossível. Encaixá-los poderia machucá-la mais do que ela pensava.

O pequeno robô estalou novamente, clicando algumas vezes como um golfinho antes de murmurar:

— Devo escanear. Algo está errado.

Ele voltou sua atenção para a mulher abaixo dele. Algo estava errado com ela? Talvez suas bochechas estivessem um pouco pálidas, mas isso não era surpreendente, considerando que ele a tinha prendido no chão abaixo dele. Ela não estava tremendo ou vomitando ou cuspindo qualquer coisa pelos seus orifícios, então certamente ela estava bem?

Mas então ela fez um leve barulho de tosse, quase limpando a

garganta, mas ele ouviu o chocalho. Talvez fosse isso que o robô também tinha ouvido. O chocalho, o som estranho que irrompeu de seus pulmões quando ela falou. Ele só soava assim quando tentava limpar o fluido de seu segundo par de pulmões para poder respirar em terra.

Mira não tinha outro par de pulmões para debaixo d'água. Ele deveria saber que algo daria errado depois de mantê-la debaixo da superfície por tanto tempo.

Deslizando as mãos pelos braços dela, teias se arrastando pela pele delicada sob os pulsos, ele moveu o corpo para longe dela. Ela quase protestou. Ele observou os olhos dela brilharem de decepção antes que ela puxasse as mãos de volta para pegar o cobertor que deslizava. Ele captou o menor vislumbre da pele pálida sem fim antes que ela se escondesse mais uma vez do olhar dele.

— Escaneie-a, — ele resmungou para a caixa. — Se há algo errado com ela, eu desejo saber.

Por quê? Ele não tinha ideia. Ele deveria estar feliz se ela estivesse ficando doente. Esse era o propósito de sua missão, afinal. Aprender o que pudesse quando ela estivesse tão fraca e então aprender como consertar o que seu povo tinha quebrado. Essa informação seria significativamente mais fácil de obter dela se ela estivesse enfraquecida.

Ainda assim, ele não queria vê-la machucada. Se não fosse por admirar tanto sua bravura e habilidade de sobreviver apesar de tudo que ele tinha jogado nela.

Byte se arrastou um pouco mais para perto dela com aqueles braços curtos. O metal estalou novamente, clicando e girando quando uma nova ferramenta que ele não tinha visto surgiu de trás de sua cabeça. Ele sibilou e afundou mais fundo na água quando uma nova luz foi emitida pelo estranho dispositivo. Verde e cortante, ela rompeu o ar e viajou para cima e para baixo no corpo de Mira.

— Como eu suspeitava, — Byte murmurou. — Você estava

escondendo sua saúde de nós.

Escondendo o quê? Mira parecia bem. Talvez um pouco de chocalho nos pulmões, mas isso deve ser algo bem fácil para achromos consertar. Era fácil para ele resolver.

— Você teria ferimentos visíveis se estivesse mortalmente ferida, não teria? — ele perguntou, odiando não poder conversar com ela. — Certamente seria fácil de ver.

Mas não era, aparentemente. Byte chiou algumas vezes antes de zumbir novamente, aquela luz percorrendo seu corpo novamente. E Mira? Ela nem olhou para ele.

— Grave deficiência de vitamina D — disse Byte. — Deficiências significativas de vitaminas em várias outras formas. Perda significativa de fibras e pressão arterial muito baixa. Você está doente há um tempo, Mira. Por que não nos contou isso?

Arges soltou um bufo frustrado. Ele não sabia se o robô estranho poderia entendê-lo, mas ele tinha que tentar.

— O que eu posso fazer para curá-la?

— Leve-a de volta à superfície — respondeu Byte.

— Você sabe que eu não posso fazer isso. Há perguntas que precisam ser respondidas, e ela é a única que pode respondê-las. Ela permanecerá aqui até conseguirmos o que queremos.

— Então ela vai morrer. — O robô era tão prático com seu tom.

Cada espinha abaixo de suas costas se ergueu e suas guelras se alargaram de raiva.

— Ela não vai morrer. Você vai consertá-la.

— Eu não sou um androide médico. — A ferramenta voltou para a caixa de Byte e o robô pareceu encolher aqueles bracinhos. — Não há nada que eu possa fazer por ela aqui embaixo. Ela deveria estar tomando suplementos, comendo vegetais, fazendo todas as coisas que mantêm os humanos vivos. Você não está fazendo nada disso.

— O que você quer dizer? — ele sibilou. — Eu trago comida para ela. Eu a trago para as cavernas com luz. Ela vive, não é?

— Luz não é luz solar! Os humanos tomam suplementos há anos, já que vivem abaixo da superfície. As profundezas não são feitas para humanos, não como o seu povo. Os humanos precisam de luz solar. Eles a chamam de vitamina D, e ela alimenta tantas funções importantes em seus corpos. E peixes não são comida!

— Eles são comida!

— Não é como se os humanos precisassem comer! — o pequeno droide gritou de volta. — Uma dieta variada é importante para a humanidade. Você pode ser capaz de comer a mesma coisa todos os dias e ainda nadar com o rabo balançando, mas um humano precisa de comida adequada. Comida que possa realmente sustentá-lo. Você não trouxe nada disso para ela.

Ele ia esmagar a caixa. Essa era a única maneira de aliviar a raiva em seu peito. Uma parte dele sabia que estava com raiva de si mesmo, não da caixa, mas ainda seria bom esmagar algo entre suas garras.

Afundando mais na água, ele olhou para o androide.

— Diga-me o que posso fazer para ajudá-la.

— Você pode levá-la de volta para a cidade, para que ela possa ser vista por um androide médico e ser tratada de todos esses problemas.

— Diga-me algo mais que eu possa fazer.

— A menos que você consiga magicamente encontrar um lar humano abandonado sob o mar que não esteja conectado à cidade, então não há mais nada que você possa fazer para ajudá-la. — O androide olhou para Mira, depois de volta para ele. — Eu não estou falando inglês? Você está tendo problemas para me entender?

— Eu entendo você bem, abominação. Mas não há opções. Não posso levá-la de volta para a cidade e não consigo encontrar outra maneira de curá-la.

Seus corações dispararam. Ele a perderia tão cedo? A culpa naquele pensamento ameaçava engoli-lo. Era culpa dele que ela estivesse ali. E ela lhe disse que não sabia de nada. Ela nem deveria estar ali. Ele poderia ter levado um de seus líderes se ele tivesse sido mais paciente e menos intrigado pela luz cintilante do traje dela.

Por todos os assassinatos e mortes que ele fez na vida, ele nunca machucou uma inocente. Nisso, ele sabia que ela não tinha culpa para carregar e não merecia morrer porque ele cometeu um erro.

Ah, ele nunca pensou que chegaria a esse ponto.

Ele encontrou o olhar de Mira, olhando para ela da água e vendo a maneira como a luz brincava em seus olhos verdes. Ele não conseguiu se impedir de dizer as palavras, mesmo sabendo que ela não conseguia entendê-lo.

— Sinto muito, *kairos*. Talvez eu nunca devesse ter trazido você aqui, mas saiba que farei o que puder para salvá-la. Durante tudo isso, você foi corajosa, e isso é algo a ser honrado. Mesmo que eu tenha me mostrado incapaz de honrar muito em seu tempo aqui.

Ele apertou o punho contra o peito, observando os olhos dela alternarem entre ele e o androide.

Finalmente, ela suspirou. Seus ombros se curvaram em seu corpo, como se ela estivesse se dobrando em um novo ser.

— Estou bem — ela disse. — Não me sinto tão doente. São apenas minhas articulações que doem e meu estômago que está um pouco estranho, mas nada vai me matar aqui. Só preciso de um pouco de luz solar e alguns vegetais e ficarei bem.

— Você não vai ficar bem, — Byte murmurou. — Você precisa de várias injeções e talvez uma cápsula de cura.

— Eu vou ficar bem, — ela repetiu, suas palavras um pouco mais duras do que antes. — Você não precisa se preocupar comigo. Nenhum de vocês.

Mas isso ainda não caiu bem para ele. A única opção era retornar às profundezas, para Mitéra, e implorar para que ela permitisse a libertação de sua *kairos*. Mesmo que isso significasse que sua honra seria perdida, Arges se viu disposto a fazê-lo.

— Eu voltarei, — ele murmurou, sua voz baixa enquanto afundava sob as ondas. — Eu te salvarei, Mira.

VINTE E CINCO

MIRA

Mira o observou desaparecer na água novamente, e ela sentiu toda a energia em seu corpo simplesmente se esvair. Não era possível para ela manter essa farsa por mais tempo. Ela estava tentando tanto se sentir saudável e normal, mas... ela não estava.

Ela sabia que não duraria muito. Byte estava certo. Ela não tinha tempo infinito aqui enquanto seu corpo se deteriorava lentamente, porque ela precisava de mais de cada parte que a mantinha viva. Comida. Água. Abrigo. Luz. Todas as coisas que os humanos tinham desistido para viver sob o mar.

Aqui embaixo? Ela morreria rápido demais.

Byte se arrastou um pouco mais para perto dela, aqueles braços de metal batendo contra a pedra enquanto ela se arrastava um pouco mais para perto a cada movimento.

— Sabe, existem maneiras melhores de provar que você é forte.

— Não preciso de um sermão.

— Bem, parece que você precisa. — Byte se acomodou ao lado dela, observando-a com aqueles olhos fixos enquanto ela colocava os pés no brilho amarelo da água e balançou os dedos dos pés ali. — Se você continuar fazendo isso, seus dedos vão apodrecer.

— Não, não vão, — ela respondeu com uma risada, surpresa que isso pudesse fazê-la sorrir tão facilmente. — Eles vão ficar bem. Sei que tudo tem estado um pouco úmido ultimamente, mas pelo menos posso me secar nesta caverna.

— Onde todos os outros ondinos sabem que você está. É um risco para nós ficarmos aqui por muito tempo. Você vai ficar molhada de novo

em breve.

— Eu realmente não me importo com isso — ela disse calmamente. — Eu gosto do oceano. Nadar é algo que eu sempre gostei, mesmo que só pudéssemos fazer isso na piscina da lua, onde havia uma centena de câmeras embaixo para garantir que nada chegasse perto de nós. Até a ala de engenharia tinha uma pequena parte do oceano onde podíamos mergulhar os dedos dos pés.

Ela balançou os pés na água, observando a delicada espuma subindo de seus movimentos, e isso a cativou. Assim como quando ela era uma garotinha.

Byte fez um pequeno barulho de pancada que soou mais como um bufo.

— Os humanos sempre foram tão interessados no oceano. Mesmo quando eu fui feito, vidas atrás antes da sua, todos vocês têm um fascínio pelo mar. São sempre as profundezas que vocês não conseguiam entender e as criaturas muito abaixo delas.

— Você se lembra? — Ela se virou para olhar para Byte, notando a ferrugem se acumulando nas bordas. — Quanto você se lembra?

— Tudo. — Byte pegou um daqueles pedaços enferrujados. — Eu disse a você, eu era para ser um guardião de registros. Eu me lembro de tudo o que aconteceu naqueles velhos tempos. O começo da nossa jornada debaixo do mar. A primeira construção de Alfa e as construções secundárias de outras.

— Como? — Ela tirou os pés da água e gentilmente pegou Byte. — Como você se lembra de tudo isso se estava mapeando o fundo do mar?

— Transmissões. Mesmo debaixo d'água, há maneiras de os androides manterem contato uns com os outros. Tenho muitas lembranças daqueles primeiros tempos. — Ele bateu na lateral da caixa, e o pequeno projetor apareceu no topo dela. — Você gostaria de ver?

Um vislumbre de um mundo há muito desaparecido? Ela ficaria

honrada em ver o que o androide havia arquivado, mas, mais do que isso, ela só queria ver como as pessoas costumavam viver.

— Por que você não me mostra enquanto eu limpo um pouco dessa ferrugem? Havia alguns produtos químicos lá atrás que ainda não se degradaram. Acho que eu deveria conseguir fazer você brilhar para que a ferrugem não piore.

Ela colocou Byte em cima do console do computador e juntou suas coisas para limpá-lo enquanto o droide se acomodava. Ela observou enquanto ele folheava memórias, passando rapidamente por algumas e então descartando outras. Mas eventualmente, ele se fixou em imagens para projetar que imediatamente a cativaram.

Memórias do alto.

Juntos, eles assistiram a uma bela paisagem se desdobrar diante deles. Uma jovem mulher com cabelos loiros brilhantes e um sorriso que mostrava dentes muito grandes. Ela estava tão cheia de vida, no entanto, borbulhando de riso enquanto corria atrás de um cavalheiro mais velho. Eles estavam correndo na grama verde brilhante, lâminas infinitas tecendo em volta de seus joelhos. Não dentro de um casulo ou dentro das cidades, mas acima do solo.

— O que é isso? — Mira perguntou, apontando para o fundo da memória enquanto a imagem subitamente deixava a planície gramada.

— Essa era uma formação rochosa que era encontrada frequentemente acima da superfície. Eles chamavam de fluxo de lava, e era lava resfriada dos vulcões acima. A terra ali era difícil de viver. É por isso que os humanos voltaram sua atenção para abaixo da superfície. É muito quente. E às vezes a lava entrava em casas e cidades, e matava pessoas. — Byte ampliou o fundo da memória, mostrando o que parecia ser um pico alto de terra. — Esse é um dos vulcões.

— Parece muito alto.

— Todos eles eram. São. Provavelmente, há muitos deles por aí,

mas os drones que os humanos construíram para voar acima de nós foram destruídos há muito tempo. Infelizmente, todos os robôs que eles deixaram em terra pararam de transmitir, um por um.

Uma onda de tristeza a percorreu enquanto ela começou a polir os lados de Byte.

— Você sente falta deles?

— Os humanos?

— Os robôs que ficaram em terra.

— Ah. — Algumas engrenagens zumbiram e clicaram antes de Byte suspirar novamente. — Não tenho notícias deles há cento e dezesseis anos. Já faz muito tempo, e sei que eles se foram. Mas uma parte de mim espera que talvez eles estejam simplesmente esperando que alguém os encontre. Como eu estava.

Ah, se isso não partisse seu coração. Mira estremeceu antes de continuar a limpar as laterais de Byte, tirando ferrugem com as unhas enquanto trabalhava.

— Quem eram as pessoas na memória, então?

— Ah! Senhorita Alys Fairweather e seu pai, Professor Norbert Fairweather. Eles foram dois dos aventureiros mais intrigantes que já conheci na minha vida. — Byte passou para outra memória, uma das duas pessoas entrando no que parecia um submarino, embora o modelo fosse claramente antigo. Era pouco mais que uma bola redonda que flutuava no oceano.

O professor Fairweather entrou primeiro. Seus cabelos brancos balançavam na brisa do mar, e havia um leve brilho de suor em seu rosto. Talvez porque estivesse tão quente acima da água. Ele levantou uma mão e acenou, as roupas de estilo antigo que ele usava ondulando com seu movimento. Ele provavelmente deveria estar usando um paletó, mas, novamente, ela não esperava vê-lo usando isso, considerando o calor.

Sua filha entrou atrás dele, ficando em cima do submarino redondo com os olhos voltados para o mar. Ela usava um lindo vestido amarelo com um largo cinto de couro em volta da cintura. E enquanto a brisa movia seu vestido, Mira podia ver que ela também estava usando um par de botas imaculadas de cano alto por baixo.

— Ele levou a filha para aventuras com ele?

— Ah, sim. — Byte deu um zoom no rosto de Alys, e ela pôde ver o quão ternamente o androide havia cuidado da memória.

Havia tantos detalhes na projeção. Ela podia ver o quão azuis eram os olhos de Alys, e como ela tinha uma leve abrasão no queixo, como se tivesse raspado em alguma coisa. Seus lábios estavam rachados, e suas sobrancelhas tinham algumas pontas soltas que lhe davam uma expressão um tanto malandra. Que estranho olhar para uma mulher assim e ver tanto, quando ela certamente havia falecido anos atrás.

— O que eles estavam fazendo nessa memória? — ela perguntou.

— Explorando o primeiro local para Alfa. O Professor Fairweather foi o arquiteto-chefe do projeto. Ele levou muitas pessoas ao local depois disso, mas a primeira exploração foi, antes de tudo, ele e sua filha. Eles viajaram o planeta inteiro juntos uma vez. Ou pelo menos, foi o que eles alegaram. — A projeção piscava para dentro e para fora da vida antes de mostrar mais uma memória.

Dessa vez, era uma imagem de dentro do submarino. Havia tantos fios, portas e botões estranhos que Mira não conseguia nem arriscar um palpite sobre o que eles faziam. Mas o professor e sua filha estavam sentados em cadeiras iguais, olhando para o oceano com expressões de admiração iguais.

Alys se inclinou para frente em sua cadeira, pressionando-se mais perto do vidro enquanto olhava para o mundo mágico que eles tinham revelado. Era deslumbrante. Mais do que deslumbrante. Tantas florestas de algas, peixes, tartarugas e criaturas esvoaçantes que ela nem

conseguia nomear.

— Isso não parece com Alfa. — Ela apontou para a floresta e todas as outras criaturas ao redor. — Alfa está situada em uma rocha árida. Nada pode chegar perto dela por quilômetros no mar sem que alguém a veja.

A memória piscou para fora da existência.

— Isso porque Alfa foi construída no que antes era um bioma próspero de criaturas marinhas e plantas. Tudo foi destruído para construir Alfa.

— Eu... — Ela não sabia o que dizer.

Em vez disso, ela pensou sobre isso. O silêncio desceu entre eles enquanto Byte reproduzia imagens de cima. Mesmo essas não eram o suficiente para distraí-la do que havia dito. Costumava haver muito mais onde suas cidades foram construídas. Ela presumiu, é claro. Mas por que passar por todo o trabalho de limpar uma área do oceano quando havia muitos espaços em branco?

— O professor e sua filha... — Ela limpou a garganta, lambendo os lábios antes de fazer sua pergunta. — Eles não pareciam o tipo de pessoa que ficariam felizes com outros destruindo o oceano. Eu vi as expressões em seus rostos. Eles estavam cativados por quão lindo tudo era.

Em certo sentido, ela ficaria desapontada se eles estivessem orgulhosos de si mesmos. Ela estava tão apaixonada pelo mar, e ela tinha visto uma afinidade na maneira como Alys olhava para o oceano também. Havia um pouco de amor em seu olhar.

— Alys não estava feliz em prosseguir do jeito que eles construíram a cidade. Ela lutou contra eles, bem duro, e então seu pai finalmente entendeu por que ela estava tão brava. Demorou um pouco para ele entender. Ele estava... — Byte fez uma pausa antes de continuar com um tom mais duro. — O professor queria construir algo grandioso. Ele teria feito qualquer coisa para ver a cidade construída do jeito que estava, até

mesmo destruir a paisagem ao redor para satisfazer sua necessidade de ser lembrado depois que morresse.

Que horrível. Era difícil até imaginar a ruptura entre essa jovem e seu pai. Era ainda mais difícil imaginar vendo o oceano que ela tanto amava, aquele pelo qual ela era tão fascinada, desaparecer lentamente diante de seus olhos.

Limpando a garganta, Mira pegou mais alguns pedaços de ferrugem antes de virar Byte para que pudesse alcançar o resto. Não havia mais muita coisa. Apenas alguns flocos, então ela tinha algo para mexer.

— Então Alys revidou. Ela não queria que eles construíssem Alfa?

— De jeito nenhum. Ela ainda achava que havia outros lugares para eles explorarem. Ela os pressionou para construir em níveis mais altos. Embora os vulcões ainda afetassem as pessoas que viviam nos níveis acima do mar, não os afetaria nem de longe tanto. Ela até trabalhou em um projeto que seria protegido de quaisquer projéteis lançados pelos vulcões. — Byte suspirou um pouco sonhadoramente. — Ela era uma mulher impressionante.

— Parece que sim.

Também parecia que se os humanos tivessem realmente ouvido ela, então eles ainda viveriam acima do oceano. As pessoas poderiam ter sentido o cheiro de ar fresco, não o ar reciclado que zumbia de uma caixa por suas vidas inteiras. Eles teriam sentido uma brisa real, não uma de ficar na frente de um ventilador. Seu mundo teria sido tão diferente se Alys tivesse conseguido o que queria.

— O que aconteceu com eles? — ela perguntou, mesmo temendo não querer saber a resposta. — O professor e sua filha brilhante?

A projeção desapareceu. Byte até estremeceu em suas mãos antes de finalmente bater as mãos contra as laterais da caixa.

— O Professor Fairweather se tornou um indivíduo bastante

renomado. Ele foi a primeira pessoa a introduzir sistemas de filtragem, então os humanos não precisavam mais bombear ar para as cidades. É por isso que Beta é muito mais funda no mar do que os outros. Ele foi um inventor durante a maior parte de sua vida, e a maioria dos objetos que você usa até hoje foram iniciados por ele.

— Por que parece que a história termina em tristeza?

— Alys desapareceu. — A cabeça de Byte recuou quase inteiramente para dentro da caixa enquanto a olhava com aqueles olhos estranhos, piscando. — Ela foi embora no submarino, certa de que havia mais descobertas para ela. E ela se recusou a ficar perto das pessoas que tão voluntariamente destruiriam tanto. Eu deveria ir com ela naquele dia.

— O que aconteceu em vez disso?

— O pai dela já estava me comissionando para ser um dos arrastões de águas profundas. Ele queria um androide pessoal no andar térreo do mar para que ele pudesse obter relatórios diretos em vez de esperar por qualquer outra pessoa. — As mãos de Byte bateram contra o lado dele novamente antes de recuar para a escuridão de sua caixa. — Ela nunca voltou. E eles nunca a encontraram.

— Certamente ela encontrou terra em outro lugar. Faria sentido para alguém como ela ter encontrado outro lar, talvez outro grupo de pessoas que tivessem pensamentos semelhantes aos dela. — A esperança floresceu em seu peito pela mulher que ela nunca conheceu. Então, essa esperança foi esmagada.

— Eles nunca a encontraram, Srta. Mira. Eles encontraram o submarino, no entanto. Ele retornou como esperado para a cidade. Vazio. A parte de cima foi arrancada e todo o equipamento foi destruído.

— Arrancado? Que tipo de criatura poderia fazer isso?

Byte olhou para a água e depois de volta para ela.

— Havia marcas de garras nas laterais do submarino. Não eram

dentes, Srta. Mira. Garras.

— Oh, — ela suspirou.

Alys Fairweather também havia encontrado os ondinos, ao que parecia. Olhando ao redor, Mira só podia esperar que Alys tivesse se encontrado em uma situação semelhante. Talvez houvesse um histórico de ondinos tendo animais de estimação humanos. Ou talvez Arges não fosse o primeiro ondino a se encontrar intrigado com o pensamento de outra criatura com duas caudas que não tinha guelras para ajudá-la a sobreviver. Pena ou intriga, não importava.

— Talvez ela tenha sobrevivido, — Mira murmurou. — Talvez ainda haja esperança para nós, Byte.

Mas o pequeno robô já havia se abaixado de volta para dentro da caixa. Se ela escutasse com bastante atenção, Mira podia ouvir que o projetor ainda estava ligado. Dessa vez dentro da caixa, reproduzindo memórias que Byte desejava assistir sozinho.

Colocando-o gentilmente no console do computador, ela deu ao androide um pouco de privacidade para lamentar a perda de alguém que havia sido tão querido.

VINTE E SEIS

ARGES

Deslizando entre as grossas raízes de coral e pontes curvas, ele afundou mais e mais em sua casa. Tudo estava quieto dessa vez. O Povo da Água estava lambendo suas feridas, lamentando a perda de seus entes queridos e tentando se esconder da loucura do que tinham feito.

Ninguém sequer o encarava. Arges se arrastou pelo fundo, raspando sua barriga e escamas nas casas daqueles que estavam perdidos. Seu sangue marcou a água, esperançosamente dando um pouco de paz às suas famílias enquanto o verdadeiro líder de seu grupo passava. Dando tudo de si para provar que sentia falta de seus entes queridos também.

Ele deveria estar aqui com eles. Ele não deveria estar se escondendo com uma pequena mortal que não tinha ideia do que eles tinham feito ou perdido. Era por isso que ele estava tão bravo com ela. Era por isso que ele discutia, empurrava e tentava esconder seus sentimentos permitindo que o corpo dela o dominasse.

Ele não queria pensar sobre isso. Sobre seu povo e sua perda e sua tristeza que enchiam o mar com um cheiro amargo.

Não era justo que eles tivessem sofrido tanto. Mas ele também não viu seu irmão. Segurando sua mão no topo de sua casa compartilhada, ele se moveu para o cavernoso quarto subaquático. Afastando as algas que escondiam sua casa de olhares curiosos, ele ficou desapontado ao encontrá-la vazia. Havia apenas as poucas redes balançando que eles usavam para mantê-los no lugar quando dormiam. Um pequeno saco de comida em forma de baga que tinha um gosto doce, o favorito de Daios, embora ele nunca admitisse tal coisa. E algumas de suas decorações de

tecido favoritas nas paredes. Presenteadas a eles por sua mãe de sangue quando ela ainda estava viva.

— Vazio — ele murmurou, tocando a ponta de uma tapeçaria que havia sido rasgada recentemente.

Para onde eles levaram seu irmão depois do ferimento? Ele precisava ser tratado. Aquele braço não iria se curar sozinho e não havia nenhum lugar para eles o levarem além dos centros de cura, mas ele também não tinha sentido o cheiro do irmão lá.

Daios tinha ido embora sozinho? Seu irmão deveria saber melhor. O Povo da Água era forte, mas até mesmo um tubarão testaria sua sorte quando visse que um deles estava enfraquecido.

Estúpido. Seu irmão era tão estúpido, e não fazia sentido para ele por que Daios estava de repente arriscando sua vida com tanta frequência por algo que, no final, não importava.

A alga se moveu atrás dele e ele puxou sua cauda para dentro para dar espaço ao recém-chegado. Ele esperava talvez Maketes, que havia ajudado seu irmão a sair daquela floresta de algas original. O irmão de escamas amarelas poderia ter levado Daios para algum lugar seguro e, portanto, teria tentado encontrar Arges. Quem ele não esperava ver era a própria Mitéra, deslizando lentamente para dentro de sua casa e lançando seu olhar sobre a trama que ele tocava.

— Sua mãe tinha talento.

A tapeçaria caiu por entre suas garras, já rasgada, mas rasgando mais a cada corrente que a pressionava.

— Sim, ela tinha.

— Você não deveria estar aqui, Arges. Você deveria estar com sua achromo, convencendo-a a nos contar todos os seus segredos.

— Ela está morrendo. — Ele pretendia entrar nessa conversa com calma. Ele queria convencer Mitéra do uso de sua *kairos*, ou talvez que eles pudessem confiar que Mira voltaria, mesmo que isso fosse

improvável. Em vez disso, ele foi o idiota que deixou escapar a verdade no momento em que Mitéra olhou para ele. — Ela não vai durar muito mais tempo sem o remédio achromos que eles tomam. Ela vai morrer e não vamos conseguir nenhuma informação dela.

Mitéra acenou com a mão através da água.

— Então ela morrerá. Agora sabemos como pegá-los, e que seu povo não seguirá ninguém que tenha se perdido. Você ganhará outro.

— Não desejo pegar outro.

Era uma verdade dura de dizer a ela, mas uma que ele sentia profundamente. Arges não foi feito para isso. Ele não deveria tirar as pessoas de suas casas e assistir enquanto elas morriam. Ele não podia mais torturar pessoas assim.

Ele estava relutante em admitir que os achromos tinham se tornado pessoas para ele. Ele odiava isso. E também sabia que era certo ao mesmo tempo.

Mitéra observou as emoções se desenrolarem em seu rosto com olhos que tudo veem.

— Você sente algo por essa achromo.

— Ela é honrada — ele admitiu a contragosto. — Mais do que eu esperava que ela fosse.

— Não há honra em sua espécie.

— Há nesta.

Sua expressão normalmente serena se distorceu com confusão, e ele sabia que ela não conseguia entender o que ele queria dizer. Não havia como ela sequer ver o que ele via em Mira, e esse era o problema. Mira era o inimigo. E essa era a única maneira que qualquer um de seu povo conseguia pensar.

A carranca de Mitéra se aprofundou. Ela se moveu para mais perto, o sino de seu cabelo ondulando ao redor dela e brilhando com centenas de cores antes que ela passasse a mão pelos cabelos dele, sobre os cachos

brilhantes misturados com as mechas emaranhadas.

— Você sabe que nunca houve um par assim. Nós nem somos do mesmo tipo, meu filho.

— Eu sei.

— Você sabe que é impossível, então. E que o futuro não pode mudar, não importa o quanto você lute contra o mar.

Ele sabia. E ainda assim havia algo em seu peito que sussurrava:

— Talvez.

Mitéra balançou a cabeça e se afastou dele. — Você precisa procurar os antigos. Implore para que lhe mostrem o futuro, para que você possa entender por que eu o alerto. Você busca apenas uma vida de tristeza e ruína.

— Os antigos só te acolhem, Mitéra.

— Eles vão recebê-lo desta vez. — As feições dela endureceram, e ele viu os tentáculos sob o sino de seu cabelo se erguendo. — Eu direi a eles que você está indo, e você irá até eles agora. Meu filho. Diga a eles para consertar você e me devolver meu guerreiro.

Ele não queria ser consertado. Ele não queria que tudo isso mudasse sua mente sobre quem ou o que ele era, simplesmente não estava... certo. Arges não queria esquecê-la. Mira era muito mais do que apenas uma achromo que ele havia roubado, e ainda assim ele era impotente para discordar de Mitéra.

Se os antigos quisessem falar com ele, ele o faria.

Arges se movia por sua casa com os olhos no chão e os pensamentos na areia ondulante. O mar o arrastaria mais para baixo, para as profundezas onde todas as luzes se apagavam. E mesmo assim, ele não se importava. Ele mantinha suas próprias luzes azuis brilhantes fracas e próximas à pele, para não atrair a atenção das criaturas nas profundezas.

Os antigos eram seres monstruosos que viviam nas profundezas.

Eles não se moviam mais, embora as lendas afirmassem que costumavam antigamente. Aparentemente, havia muitos deles. Enormes bestas marinhas com pescoços longos e luzes que pendiam da frente de suas cabeças, como tamboris, mas infinitamente maiores. Suas bocas eram largas o suficiente para engolir uma baleia inteira, mas eles não conseguiam se mover muito rápido.

Muitos deles morreram cedo, e agora seu próprio povo cuidava deles. Todo ano eles faziam sacrifícios às profundezas, enviando baleias, tubarões e outras grandes criaturas marinhas para as profundezas na esperança de que os antigos permanecessem escondidos.

Ele nunca tinha visto um antes e não tinha certeza se estava preparado para vê-los.

Mas assim que ele se aproximou das profundezas, três luzes iluminaram tudo ao seu redor. Ele viu em um lampejo repentino as criaturas esqueléticas que o seguiam. Peixes com dentes afiados e enormes. Tubarões maiores do que ele com olhos mortos que não viam nada na escuridão há cem anos. Lulas estranhas e alienígenas com corpos minúsculos, mas braços que eram mais longos do que ele em linhas finas e afiadas.

Todas essas criaturas fugiram no momento em que ele chegou perto dos antigos. E ele sabia o porquê.

Eles eram realmente aterrorizantes. Seus corpos enormes eram quase tão grandes quanto as cidades dos achromos eram altas. Cobertos por escamas grossas e maciças, eles eram impossíveis de matar, a menos que morressem de fome. Seus pescoços longos levavam apenas a bocas. Ele não conseguia nem ver seus olhos. Não sabia se eles tinham olhos. Seu olhar permaneceu em seus dentes e em suas guelras que se abriam e fechavam com respirações tão lentas que ele temeu que eles não estivessem mais vivos.

— Arges. — Eles falaram como um. Três deles com vozes

estrondosas que eram tão altas que ele sentiu as delicadas membranas de seus ouvidos se fecharem em uma tentativa de não sangrar através do poder de suas vozes. — Você está aqui. Mitéra disse que você viria.

— Eu busco meu futuro, — ele disse calmamente, tentando não demonstrar medo. — Ela disse que vocês o mostrariam para mim.

— Você tem dois. — O ancião mais próximo se mexeu, e ele percebeu que eles realmente tinham barbatanas. Barbatanas curtas e atarracadas, como uma foca. Com ossos dentro delas que se moviam como uma mão, embora estivessem envoltos em uma espessa camada de gordura grossa e couro. — Seus futuros sempre nos intrigaram. Você é um estranho, Arges. Uma criatura que pode desafiar a ordem natural das coisas.

Ele não queria ouvir as opiniões deles sobre quem ele era ou o que ele poderia fazer com sua vida. Ele queria saber qual era a verdade. Ele queria saber...

— Dois? — ele perguntou. — Como isso é possível?

Uma grande onda de energia explodiu contra sua espinha. Embora soubesse que era um tubarão de águas profundas com pele lisa que o havia empurrado para mais perto dos antigos, ele não conseguiu parar de lutar. Ele também não queria chegar perto dessas criaturas enormes e, ainda assim, foi forçado. Não lhe foi dada a opção de permanecer longe delas.

Em vez disso, ele foi conduzido para mais perto dos dentes do primeiro. Ele olhou para aquela boca e então congelou quando a boca se abriu.

— Venha. — Ele observou enquanto a língua enorme se movia para formar a palavra. — Procure seu futuro, Arges do mar.

A corrente o moveu ainda mais para perto, e antes que ele percebesse, ele estava dentro da boca do monstro. Houve apenas uma fração de segundo para ele sentir a língua enorme contra suas costas

antes que algo afiado cortasse suas escamas. Ele se arqueou de dor, surpreso pelo calor venenoso repentino que fluiu por suas veias e então... ele desapareceu.

Arges não estava ali. Ele não estava no monstro, nem mesmo no mar. Ele estava no meio do nada, escuridão que se estendia de todos os ângulos até que uma luz floresceu à distância. No momento em que ele percebeu, o futuro avançou em sua direção.

Batendo na parede daquela memória, ele flutuou como se estivesse se observando. Ele estava bem ali, em uma floresta de algas com um estranho dispositivo preso ao quadril. Ele tinha mais tatuagens, mais músculos também, mas ele caçava através das algas com uma intenção única. Talvez essa memória fosse para avisá-lo de que se ele não tomasse cuidado, os achromos se espalhariam na água assim como Mira havia feito.

Mas o que se movia através da água em direção à imagem dele não era um achromo estranho ou mesmo uma criatura que ele estava perseguindo. Em vez disso, era ela.

Mira.

Cabelo vermelho solto arrastando-se atrás dela enquanto ela nadava atrás dele, nadadeiras nos pés e um sorriso no rosto sob aquela estranha bolha ao redor da boca. Ela se prendeu a ele, enrolando uma das pernas em volta da cintura dele porque era o mais perto que ela conseguia chegar.

Ele notou as tatuagens de seu cardume descendo pelo braço dela e cruzando o peito. Ela usava um top feito de algas, igualzinho ao que sua mãe costumava fazer. E sua barriga era tão redonda que ela mal conseguia segurá-lo.

Ela inclinou a cabeça para trás com uma risada, eventualmente permitindo-se achatar na água e agarrou-o apenas com as pernas enquanto a imagem dele alcançava sua barriga. Ele observou enquanto

tocava o monte arredondado, passando os dedos cuidadosamente sobre sua pele e então pressionando suas teias contra ela. Houve um leve movimento sob sua pele, grande e ondulante, como uma cauda se movendo dentro dela.

Não era possível. Certamente os antigos não estavam dizendo a ele que ele poderia começar uma nova espécie. Que ele e Mira poderiam ser o elo entre sua espécie. Não era possível.

Mas o sorriso no rosto dela... Era de tanto amor quando ela olhou para as mãos dele em sua barriga.

A memória foi arrancada dele, e ele sentiu que ela se afastava de sua mente como se ele a estivesse apertando contra seu peito. Ele queria olhar para ela um pouco mais. Ele queria vê-los juntos. Simples assim. A felicidade nos rostos de ambos estava tão longe de qualquer coisa que ele já tivesse experimentado. E ele... ele queria isso.

Um segundo futuro avançou em sua direção, atingindo-o ainda mais forte do que o primeiro. Ele viu a si mesmo e seu cardume. Ele viu Beta caindo à distância e sabia que eles estavam perseguindo as pequenas bolhas de escape que os achromos usavam para sair de sua cidade quando algo dava errado. Seu irmão, um armado e furioso, espetou o vidro de uma dessas bolhas. Ela se estilhaçou, e ele ouviu os gritos abafados daqueles dentro dela.

Maketes nadou à frente dele, zerando pela água com toda a velocidade de um raio enquanto ele batia contra a lateral de outra bolha. Seu povo desceu sobre ela, rasgando o vidro e arrancando corpos achromo que se contorciam em suas garras enquanto se afogavam.

E ele? Ele se moveu em direção a uma das bolhas de escape e congelou acima dela. Ele se viu encarando Mira. Ele a viu olhando de volta para ele, com um de seus soldadores na mão.

— Pare — ele gritou para a imagem de si mesmo. — Não faça isso.

Mas ele fez.

Arges observou a si mesmo arrancando o vidro e puxando-a para fora. Ele viu a lança deslizando através de sua carne macia onde ele tinha acabado de ver seu filho. Ela ficou suspensa na água apenas por sua arma. E então ele observou enquanto ela ligava seu soldador e tentava queimá-lo através de seu peito. Sua espécie era forte demais para isso, então ela seria a única que morreria nesta batalha, mas ele usaria sua cicatriz sobre seu coração de mais de uma maneira.

As visões desapareceram, e ele foi cuspido pelos antigos no leito marinho nebuloso e sulfúrico ao redor deles.

Sibilando, ele tossiu qualquer veneno estranho que tivesse fluído por suas veias.

— O que foi isso?

— Seu futuro, guerreiro. — O antigo se mexeu, sua barbatana enorme colocada no chão perto demais para seu conforto. — Há benefícios e perdas em ambos os futuros, Arges. Você é o único que pode escolher. Perca-a, ou perca o sonho do seu povo.

— Não perderei nenhum deles.

— Você tem que perder alguma coisa, — o ancião riu. — Ninguém jamais venceu seu próprio destino.

Enquanto ele forçava sua cauda a se mover, forçava seu corpo a se levantar da terra, ele jurou que seria o primeiro. Ele ficaria com os dois.

Porque ele queria aquele futuro com ela. Mas ele também queria ver a cidade dela cair.

VINTE E SETE

MIRA

Mira esperou por ele por um bom tempo. Ela até pegou um peixe, embora a situação toda fosse mais sorte do que habilidade. Ela seguiu a pobre coisa através das luzes brilhantes até que ela finalmente ficou tão cansada que simplesmente... parou de nadar.

Ela ainda se sentia péssima sobre isso. Como se tivesse sangue nas mãos que nunca conseguiria tirar. Literalmente, em algum momento, porque ela estava sentada na beirada da pedra com sangue de peixe e tripas nas mãos enquanto limpava para comer.

Até Byte ficou em silêncio o tempo todo em que caçou. Ambos lamentaram a vida que ela odiava ter que tirar.

Então ela se sentiu ainda mais culpada enquanto comia, porque a pobre coisa tinha um gosto horrível. Ela odiava o gosto de peixe. Ela tinha comido tantas vezes nas últimas semanas que tinha certeza de que nunca mais iria querer comê-lo depois dessa provação. Tudo o que ela queria era provar frango, ou ovo, ou inúmeros vegetais pelo resto da vida até que ela pudesse esquecer o quão horrível era o gosto e o cheiro do peixe.

Engasgando um pouco, ela o colocou perto da água e olhou para o teto.

— Eu deveria contar a ele.

Byte saiu de sua estase.

— O quê?

— Eu deveria dizer a ele que consigo entendê-lo.

O silêncio que veio depois de sua declaração foi quase o suficiente para fazê-la duvidar de si mesma, mas ela firmou sua determinação. Ela

não podia continuar mentindo para ele, ou fingindo que eles não conseguiam conversar. Era errado. Mira nunca foi uma mentirosa, e isso a transformava em algum tipo de monstro.

Não era como se ela fosse uma espiã enviada por seu povo para aprender mais sobre sua espécie. Ela era apenas uma engenheira que se viu em uma situação bastante difícil.

Então, quando ele finalmente retornou, ela rolou para o lado no cão e olhou para ele. Ela procurou seus olhos, como se houvesse algum bálsamo para a maneira terrível como ela se sentia em seu olhar.

Ele a observou de volta, aqueles olhos escuros tão grandes em sua cabeça. Ela pensou que aqueles olhos negros não tinham alma na primeira vez que o viu. Ela se lembrou de quão enervantes eles eram e como ela pensou que ele parecia um tubarão observando-a. Mas ele não era. Ele era apenas mais uma pessoa que não merecia ser enganada.

Talvez ela estivesse doente. Talvez ela estivesse morrendo. Porque esses pensamentos não eram os pensamentos de uma pessoa que lutou contra sua espécie por toda a sua vida.

— Byte terminou a atualização — ela disse. — O chip de tradução não está totalmente completo, mas eu o instalei. Eu consigo entender você agora. Quase cada palavra que você diz.

Em vez de falar, como ela esperava, ele não disse uma palavra. Arges estendeu a mão para ela, gesticulando para que ela fosse até a beira da água.

Ela não conseguia imaginar o porquê.

Rígida, com os ossos doloridos, ela caminhou até a borda e ouviu os joelhos rangerem enquanto se sentava na borda com os pés na água. Uma onda fria de gelo subiu pela parte de trás de suas panturrilhas, quase dolorosa, mas ela manteve os membros na água, independentemente.

Ele nadou para mais perto, seu olhar de alguma forma mais escuro do que nunca. Então ele colocou as mãos nos joelhos dela e ela sentiu as

teias até mesmo através de sua roupa de mergulho.

Ele apenas... olhou para ela. Observou cada contração e movimento de suas feições enquanto ela olhava para ele. Mira não sabia o que fazer com isso. Ela não sabia por que havia emoções borbulhando em seu peito e como esses sentimentos pressionavam contra o fundo de sua garganta, incitando-a a dizer algo, fazer algo, segurar seu queixo com a mão ou talvez cravar os dedos naquelas guelras como ele gostava antes.

Ela queria tocá-lo. Ela queria deixar aquelas emoções borbulhantes tomarem conta de seu corpo e lhe dizerem o que fazer.

Ele moveu os dedos ao longo da roupa de mergulho dela, deslizando-os para cima e para baixo em sua perna antes de finalmente dizer:

— Pensei muito sobre o que gostaria que você me ouvisse dizer primeiro. Uma parte de mim deseja que houvesse palavras mais gentis que eu pudesse dizer. Que eu pudesse lhe dizer o quão arrebatador é ver você nadar pelo meu mundo e ver que você o ama tanto quanto eu. Ou talvez eu comentasse sobre a maneira como seu cabelo parece sangue debaixo d'água e isso desperta uma parte selvagem de mim. Mas o que decidi, as primeiras palavras mais importantes que você deve ouvir de mim, são que estou profundamente arrependido.

A respiração ficou presa na garganta, Mira mordeu os lábios. Ele queria se desculpar com ela? Por quê? Ele estava... estava...

Ela se abaixou e segurou seu rosto, finalmente cedendo à vontade de tocá-lo. Puxando-o um pouco mais para perto, sentindo suas costelas pressionarem contra suas coxas internas, ela soltou um pequeno suspiro de alívio enquanto observava aqueles grandes olhos negros.

— Você não é um monstro — ela sussurrou. — Você não é o que me disseram que você era. Aceitei suas desculpas há muito tempo, Arges, antes mesmo de você ser capaz de falar em voz alta. Você fez o que tinha que fazer. Por seu povo. Por causa de nossa história. E eu nunca vou usar

isso contra você.

— Eu sou a razão pela qual você está doente — ele respondeu. Suas mãos se levantaram, e aquelas teias deslizaram ao longo dos pulsos dela, pressionando delicadamente contra o batimento cardíaco que batia lentamente ali. — Você pode morrer por minha causa, e eu não vou aceitar isso.

— Não era esse o ponto? Nosso povo sempre lutou um contra o outro. Sempre tentou matar um ao outro. Não acho que haja outra maneira de seguirmos em frente. Um de nós tem que morrer.

— Eu não vou permitir isso. — Suas feições endureceram em uma expressão que quase a fez acreditar nele. — Nós dois viveremos. Este futuro que buscamos juntos ganhará vida. Eu não aceitarei nenhuma outra maneira.

Ela supôs que essa era uma maneira de olhar para o futuro. Ela admirava a crença dele de que ele poderia manipular o próprio tecido do tempo.

— O futuro vai acontecer não importa o que façamos. Nossas vidas e a vontade dos deuses foram esculpidas em nosso próprio ser desde o momento em que respiramos pela primeira vez. — Ela sorriu, mesmo que a expressão parecesse um pouco triste. — A menos que você veja outra saída para isso, então suspeito que nossos destinos já foram decididos.

Ele balançou a cabeça e então mudou seu aperto do pulso dela para os quadris.

— Pegue seu Byte, achromo. Estamos saindo deste lugar.

— Outra caverna? — ela suspirou. — Acho que já é hora, afinal. Estamos aqui há um tempo. Mas realmente não acho que alguém do seu povo esteja me procurando.

— Meu irmão ainda não retornou para nossa casa. Não sei onde ele está, ou por que ele desapareceu. Ele pode facilmente planejar caçá-la.

— Acho que você está preocupado à toa.

— Eu não suspeitei que nossa primeira conversa juntos seria você me repreendendo, — ele provocou enquanto ela se levantava para ir buscar Byte. — Mas suponho que saber que você me entende não te torna menos desafiadora.

— É bem fácil falar assim, não é? — Ela voltou com Byte nos braços, mordendo os lábios de nervosismo. — Eu não tinha certeza se você seria tão feliz, ou tão fácil de conversar.

— Mira. — O nome dela saiu da língua dele tão facilmente. Dito na mesma voz de canção que ela tinha se acostumado, mas dessa vez ela sabia ainda mais que era realmente o nome dela. E ainda a afetava tanto quanto. — Nós estamos falando um com o outro há algum tempo. Só não com tantas palavras.

Ela supôs que sim. Era fácil estar perto dele agora. Fácil flutuar pela água e confiar que ele não a levaria até a boca de alguma criatura enorme para sacrificá-la a quaisquer deuses aquáticos que eles tivessem. Ela nem pensou que ele fosse matá-la por um tempo, então isso tinha que significar alguma coisa.

Ainda assim, foi bastante reconfortante poder retornar até ele e perguntar enquanto entrava na água:

— Você não vai me matar dessa vez... Vai?

Ele sorriu, aqueles dentes afiados brilhando.

— Não, Mira. Vou ficar com você.

Ela não tinha muita certeza de que a resposta dele fosse muito melhor.

Mas ela fixou seu respirador, apertou os óculos e afundou nos braços dele com a mesma confiança de sempre. Ele a puxou para o peito, até mesmo movendo as mãos para colocar os pés dela em suas guelras enquanto eles nadavam lentamente para longe da escuridão. Ela não sabia para onde eles estavam indo, nem precisava saber.

Ela se assustou com o quanto confiava em um indivíduo que tentou matá-la. Várias vezes. Ele poderia tê-la afogado a qualquer momento, e o respiradouro era a única coisa que a mantinha segura agora. Até ele estava um pouco ruim agora que ela o usava tanto. Mas se o respirador parasse de funcionar, ela tinha fé que ele sopraria ar em seus pulmões até que ele a trouxesse para a superfície.

Essa quantidade de confiança em alguém como ele? Era... sem precedentes.

Estúpido, talvez.

Mas então ela se lembrou de como os dedos dele apertavam um pouco mais os dedos dos pés dela nas guelras quentes dos quadris dele, e como ele verificava regularmente os dedos dela nas guelras do pescoço dele para ter certeza de que não estavam gelados, e ela se esqueceu de que deveria ter medo dele.

Logo a água clareou novamente. Passando das profundezas do azul escuro onde todas as cores desapareciam para luzes brilhantes onde ela podia ver que eles estavam bem perto do fundo do oceano. O chão parecia surgir de baixo deles. De repente, estava bem ali, areia branca com pontos de estrelas do mar e conchas de criaturas que ela não conseguia nomear. Embora não houvesse muitas criaturas marinhas ao redor deles, ainda era lindo à sua maneira. Infinito, parecia.

Ela podia ver os pequenos túneis deixados na areia por todas as criaturas que se moviam em suas conchas. E logo, ela podia ver a superfície. Ela nunca tinha estado tão perto dos níveis superiores do oceano, onde ela poderia ter nadado para cima e colocado a cabeça para fora se quisesse.

E havia sol.

Raios de luz solar que se estilhaçavam através da água, como grandes armas que eram suaves ao toque e quebravam contra sua pele. Tão lindo que lágrimas caíam de seus olhos e se acumulavam no fundo

de seus óculos. Era... diferente de tudo que ela já tinha visto antes.

— Por que estamos aqui? — ela perguntou, sua voz abafada pelo respirador. — Não é perigoso?

Ele olhou para ela e aquela voz estrondosa quebrou todas as verdades que ela já tinha.

— Faz muito tempo que seu povo não vê a superfície, achromo. Muitas coisas mudaram.

— Você... Você está me levando para a superfície?

— Não. Essa é uma terra selvagem e indomável agora. Há muitas criaturas que a governam e você não é capaz de se proteger. Mas eu encontrei algo aqui, um rumor que acabou sendo verdade, e pensei que você ficaria mais confortável. Mesmo que seja muito longe de mim.

Há quanto tempo eles estavam nadando? Isso era longe?

Ela esticou o pescoço para olhar para trás dele, de volta para as profundezas do mar que desapareciam de vista. Mas então ele sacudiu suas nadadeiras, virando-a com força, então ela teve que olhar para algo completamente diferente.

Era uma cúpula. Uma cúpula de vidro com painéis de cada lado estendidos como pequenas barbatanas. Estruturas pretas que pareciam notavelmente semelhantes aos diagramas que ela tinha visto de painéis solares dos velhos tempos. Estava conectado com uma única haste ao fundo do oceano, mas o resto pairava no meio da água. Embora o vidro estivesse coberto de algas, dificultando a visão do que havia dentro, ela tinha certeza de que era uma sala.

Ele a empurrou até a estranha cúpula e depois para baixo dela.

— Lá, — ele disse, apontando para uma abertura no fundo. — Eu presumo que você esteja familiarizada com isso?

Ela se assustou, surpresa que ele estivesse falando com ela. Ela tinha se acostumado tanto com eles não falando e se comunicando por gestos que ainda era meio estranho conversar.

— Oh, uh, sim. É uma piscina lunar.

— Por que é chamada assim?

— Não sei. — Ela saiu dos braços dele, através da água mais quente e foi até o botão que ela só podia presumir que estava enferrujado, mas ficou feliz em descobrir que ainda funcionava. Batendo nele com o polegar, Mira se afastou enquanto a piscina lunar se abria e revelava uma sala acima de sua cabeça.

Ela não hesitou. Mira chutou os pés e arrancou a máscara. Ela não se importava se o ar estava viciado ou cheirava a algas molhadas. Ela não se importava nem se era respirável, porque tinha que ser. Havia uma pessoa vivendo aqui. Uma pessoa humana que podia... podia...

Já fazia muito tempo que ninguém vinha aqui.

Ela olhou ao redor, notando as grossas camadas de poeira que cobriam tudo e o ar estranho e estagnado. Ninguém estava por perto para apertar botões ou manter este espaço há muito tempo.

Os degraus que desciam para a piscina da lua eram muito sem graça, mas todo o resto naquela sala não era. As poucas paredes que havia, principalmente meias paredes de metal sob vidro, eram pintadas à mão com flores amarelas desbotadas. Feitas delicada e meticulosamente para parecerem margaridas. Havia dois níveis lá dentro. Um com uma mesa e meia cozinha, pequena, mas suficiente para uma única pessoa. E o próximo nível com uma cama confortável com um edredom amarelo que de alguma forma ainda estava em perfeitas condições. Tinha até travesseiros. Tantos deles.

Girando na água, ela se virou para olhar para trás e viu que o resto do domo estava cheio de vida. Plantas que transbordavam com tantas variações de abobrinha, tomate, uva, inúmeras outras que ela não conseguia nomear e que ainda não estavam dando frutos. Comida. Comida de verdade.

Seu queixo caiu aberto em choque. Não era possível que houvesse

um lugar como este sob o oceano e, no entanto, aqui estava. Mais comida do que ela podia comer e várias mesas e jarras por todo lugar. Uma pessoa tinha vivido aqui. Não apenas vivido, mas prosperado.

Uma pequena cápsula de resgate, no meio do oceano. Longe de qualquer cidade. Quem construiu isso?

Engolindo em seco, ela se empurrou para fora da água e sentou-se na borda da piscina da lua, tentando devorar tudo com os olhos. Mas sua mente não conseguia acompanhar. Isso era lindo e notável e perfeito demais para tudo o que ela precisava.

Arges se juntou a ela, lentamente se erguendo da água como uma espécie de deus do mar que a havia salvado.

— Isso será suficiente?

— Eu nem sei o que é isso.

— Houve rumores, anos atrás, de que meu povo tinha... animais de estimação. — Seus lábios se enrugaram em desgosto. — Havia um em particular que tinha sido trazida para esta área por seu dono e pensei que talvez ainda estivesse por aqui.

— É mesmo.

— Isso vai te manter viva? — Ele olhou para ela um pouco intensamente demais. — Você não vai morrer aqui?

Ela podia sentir o sol quente em suas costas e estava cercada por comida. Não, ela não morreria aqui.

— Eu acho que não.

Arges nadou um pouco mais perto e bateu os nós dos dedos no exterior de Byte. O pequeno robô abriu a escotilha superior, encarando o máximo que um robô podia.

O ondino rosnou para seu androide antes de repetir:

— Ela não vai morrer aqui?

— Isso será suficiente.

— Bom. — Ele nadou um pouco mais para longe dela, parecendo

querer ficar. — Tenho algumas coisas para fazer, nossa trilha para cobrir, e preciso descobrir onde meu irmão está. Fique viva, humana.

— Eu…

Mas ele foi embora antes que ela pudesse agradecer.

VINTE E OITO

ARGES

Levou muito tempo para ele descobrir tudo. Ele voltou para casa, ainda esperando que Daios pudesse estar lá. Mas seu irmão estava ausente, assim como mais membros de seu grupo.

Uma dor amarga se agitava na barriga de Arges quanto mais tempo ele estava com seu povo. Ele sabia que havia alguma corrente oculta de desrespeito, mas não sabia como lidar com isso. Seu povo nunca deixou de confiar nele. Eles sempre olharam para ele para liderar.

Agora, depois de ter assumido o emprego que sua própria Mitéra lhe dera, ele de repente era um estranho. As pessoas não queriam estar perto dele. Elas puxavam seus filhos para longe dele quando ele se movia pela cidade de coral. Elas até olhavam feio quando achavam que ele não estava olhando. Elas se esqueceram de como ele tinha acabado de salvá-las? Elas achavam que ele tinha se esquecido de como elas costumavam tratá-lo?

Mas talvez fosse o cheiro dela. Até ele conseguia sentir o cheiro dela, não importava onde ele fosse. Ela se agarrava às escamas dele como um lembrete constante do que ele tinha feito e do que planejava fazer.

Ainda assim, levou muitos dias para ele acalmar a mente de Mitéra e ter certeza de que seu irmão não retornaria. Ele odiava ter que deixar sua *kairos* sozinha para fazer isso. Isso fez seu estômago revirar e seu coração bater um pouco forte demais no peito. Ele queria voltar para ela. Para ficar de guarda do lado de fora daquele domo, e talvez fosse assim que o dono original se sentia.

Ele mentiu para Mira. Não havia rumores sobre alguém vivendo lá, nem ele sabia de sua existência. Ele pediu ao mar para guiá-lo para onde

ela estaria segura, e ele o levou até lá.

Fora de casa, ele encontrou dois esqueletos. Um que era claramente de seu povo, os ossos de suas pernas eram assustadoramente interessantes. E dispostos ao lado dela estavam os ossos de um de sua própria espécie. Um macho enorme, com uma cauda quase duas vezes maior que a de Arges, falando de sua idade e poder. Eles estavam enrolados um ao lado do outro, quase como se o mar nem ousasse mover seus esqueletos. Juntos, mesmo na morte.

Mas quando ele olhou para o domo, ele viu que havia muito da vida deles ainda lá. Tanto que sua *kairos* poderia viver, e talvez até prosperar. Então ele decidiu mover seus corpos. Mesmo que fosse contra cada parte dele, ele os moveu para que sua Mira estivesse segura.

Talvez seu povo também pudesse sentir o cheiro da morte em suas mãos.

Preocupado, ele começou a longa jornada até onde havia escondido Mira. Demorou ainda mais para chegar lá, principalmente porque ele voltou várias vezes, tentando sacudir qualquer um que o seguisse. Ele odiaria levar alguém a esse lugar, considerando o espanto nos olhos dela quando viu tudo dentro do domo de vidro.

Ele sentiu como se tivesse feito algo certo pela primeira vez em muito tempo. Os olhos dela estavam tão arregalados, tão satisfeitos com o que ele tinha encontrado. E ele sentiu suas guelras se erguerem e seu peito estufar de orgulho.

Ele tinha cuidado dela. Provido por ela mais do que apenas a maneira como seu povo havia roubado companheiras no passado. Ela estava segura pela primeira vez desde que eles tinham chegado aqui, e isso era... raro. Para ela, para sua espécie, até mesmo para seu povo. Era difícil estar seguro no mar.

Seus pensamentos estavam tão dispersos que ele mal percebeu o que estava fazendo até que conseguiu voltar para o domo dela. Nadando

acima dele, sentindo o calor da luz fraca do sol em suas costas, ele pairou acima da pequena bolha de ar dela no oceano.

Ela tinha limpado, ele notou. Talvez ela tivesse vindo aqui com seu respirador ligado e trapos na mão. Mas a maioria das algas tinha sido esfregada do vidro, dando a ele uma visão perfeita do domo.

Arges pensou que ela o notaria, mas não notou. De jeito nenhum.

Em vez disso, sua pequena *kairos* cativa se movia sobre a cúpula. Completamente e totalmente ignorante de que ele estava acima dela.

Seus braços estavam carregados de folhas verdes, e ela estava claramente falando com Byte. Vagando com essas folhas, ela juntou mais e mais, empilhando-as umas sobre as outras enquanto tagarelava. Mas o que ela vestia o cativou muito mais do que o movimento de seus lábios. Em vez de sua roupa de mergulho usual, ela usava um vestido azul brilhante. Ele já tinha visto humanos usá-los antes, o tecido envolvendo seus seios e levantando-os de uma forma tão tentadora. O alargamento do tecido ao redor de sua cintura se movia como ondas ao redor de seu corpo enquanto ela se movia, balançando para um lado e para o outro com um movimento tão adorável.

Ela era tão deslumbrante. Mesmo que seu povo nunca pudesse entender sua paixão por ela, ele entendia agora por que havia um de seu povo deitado com uma do dela. Havia uma conexão inegável entre os dois. Uma contra a qual ele já tinha parado de lutar.

Ele se deitou em cima do vidro, observando sua sombra se espalhar pelo cômodo onde ela estava. Ela pulou, tudo em seus braços caindo no chão antes que ela olhasse para cima e o visse deitado ali.

Balançando o rabo, ele sorriu para ela através do vidro. E ele viu o sorriso mais adorável se abrir no rosto dela em troca. Ela acenou para ele ir para baixo da cúpula, para se juntar a ela nesta casa que ele havia encontrado. Ele quase queria provocá-la mais. Para ficar deitado onde ele sabia que seu rabo era mais impressionante e seus músculos eram mais

óbvios.

Ele só queria que ela olhasse para ele. Era nisso que tudo se resumia. Ele queria que ela olhasse para ele e visse a tentação, assim como ele fazia com ela.

Ainda assim, talvez este não fosse o momento certo. Ele ainda não tinha ideia de como ela se sentia sobre sua espécie agora que ela estava aqui há tanto tempo. Ela estava nesta nova casa para onde ele a trouxe sem perguntar se ela queria estar ali.

Havia tantas barreiras entre eles, e ele não sabia como começar a derrubá-las.

Ou talvez ele saiba. Porque ele deslizou do vidro e para baixo da cúpula, apenas para levantar a cabeça para fora da água e encontrá-la esperando por ele. Não havia hesitação em seu olhar ou em suas palavras enquanto ela girava na frente dele.

— O que você acha?

De perto, ele podia ver os pequenos detalhes dos pontos. Assim como sua mãe costumava fazer em suas tapeçarias. Pequenas e perfeitas fileiras de pontos feitos por uma mão amorosa. Cada ponto se juntava para representar ondas na bainha das saias, subindo em uma pequena espuma branca perto da cintura de Mira. Ela segurou a ponta do tecido, levantando-o apenas ligeiramente com o movimento para que ele pudesse ver os ossos delicados dos tornozelos até o que ela chamava de joelhos.

Ah, suas malditas guelras estavam tremendo novamente.

Limpando a garganta, ele deu a ela um pequeno aceno de cabeça.

— Você parece bem.

— Bem? — Ela balançou a cabeça para ele, claramente desapontada com algo que ele disse. — Homens. Não importa se vocês vivem no fundo do mar ou nas cidades, vocês nunca dizem elogios facilmente. Esta é a primeira vez que você me vê sem uma roupa de mergulho e isso é

tudo o que vocês têm a dizer?

— Eu já vi você sem o traje prateado, — ele a lembrou. — Eu já vi você de muitas maneiras diferentes.

Ela revirou os olhos.

— Não antes de podermos realmente falar um com o outro. E certamente não antes de você saber que eu era uma pessoa e não apenas uma humana horrível com a intenção de destruir o oceano.

Ela tinha razão, mas isso realmente não mudava nada. Ela ainda era uma achromo, e ele a tinha visto em roupas, como ela gostava de chamar.

Franzindo a testa, ele a olhou um pouco mais antes de responder:

— Você é linda de um jeito estranho, Mira. Sempre achei você intrigante, não importa o que você vista. Embora eu admita, o traje prateado que você usou antes faz você parecer um pouco mais familiar para mim.

— Familiar? — Aquele sorriso nunca saiu do rosto dela. — Por que você desejaria que eu fosse familiar, ondino?

E ele supôs que ela estava certa. Ele não queria que ela fosse familiar. Ele queria que ela fosse... ela. Estendendo a mão para ela pegar, ele gesticulou para que ela se aproximasse.

— Há mais nesta área que eu gostaria de lhe mostrar, *kairos.*

— E estragar esse vestido? Acabei de encontrá-lo!

Ele suspirou.

— Então encontre outro, Mira. Desejo que você retorne ao mar comigo.

Mais do que tudo. Ele se sentia fora de seu elemento aqui. Esta estranha bolha não era segura para pessoas como ele, nem ele queria que ela permanecesse nela por muito tempo. Uma parte medrosa dele se preocupava que se ele a deixasse sair do alcance do mar, e talvez do alcance de seus braços, ele a perderia para a terra e o ar mais uma vez.

— Tudo bem, — ela disse com um sorriso sedutor. — Deixe-me

trocar de roupa, no entanto.

Ele a observou subir até o segundo andar, onde ficava a cama, e fechar as cortinas. As grandes faixas de tecido a escondiam do olhar dele, ou pelo menos ela achava que escondiam.

Ele não conseguia ver detalhes, mas conseguia ver a silhueta do corpo dela. O sol brilhava através do vidro atrás dela, e ele a observou enquanto ela puxava o tecido do corpo. As longas linhas que ela revelava eram graciosas em seus movimentos, e tão tentadoras em todo o resto. Ele se moveu um pouco para frente, apoiando os braços na borda da piscina e descansando a bochecha em um antebraço.

A sombra da figura dela mudou, e os olhos dele se fixaram no formato do quadril dela e no estranho triângulo de luz entre as pernas dela. Ele poderia ficar ali e observá-la para sempre. E embora houvesse a tentação de se abaixar debaixo d'água e espiá-la de fora do vidro do domo, ele permaneceu firme onde estava.

Em breve, ele esperava, ele veria o resto dela. Talvez ela o deixasse descobrir os segredos das diferenças entre eles. Talvez ela o deixasse passar horas se entregando a todas as partes do corpo dela que ele tão prontamente desejava ver.

Não só porque ele estava curioso, mas porque queria ouvir os sons que ela faria enquanto ele permanecia nas sombras suaves e nas cavidades da pele.

Quando ela finalmente puxou o tecido para trás para se revelar, ele foi presenteado com mais uma peça de roupa que ele tinha nunca visto antes. Tecido claro aparecia por baixo de uma camada de saia marrom. Tiras prendiam o tecido branco às suas pernas, tecendo seu torso onde ela havia amarrado seu soldador, os laços de seu aparelho de respiração e seus óculos.

Ela passou a mão pela barriga onde as muitas tiras se cruzavam e sorriu.

— Isso é chamado de espartilho. É um estilo antigo, então quem morava aqui deve ter sido de muito tempo atrás.

Considerando o estado em que os esqueletos estavam, ele não ficou surpreso. Fazia muito tempo que ninguém lembrava que esse lugar existia.

— Você está pronta? — ele perguntou, querendo fugir daqueles pensamentos sombrios de morte e destruição.

— Claro. — Ela marchou até ele, toda confiante e bravata, antes de puxar o dispositivo sobre a boca. Ela deixou os óculos no topo da cabeça e calçou botas estranhas nos pés.

— Por que você está usando isso? — ele perguntou.

— Eles manterão meus pés aquecidos, e não terei que usar suas guelras dessa vez. — Ela deu de ombros. — Não consegui encontrar nenhuma nadadeira aqui, infelizmente. Caso contrário, talvez eu consiga acompanhá-lo sozinha.

Todos os espinhos em suas costas se arrepiaram em choque por ela achar que conseguiria acompanhá-lo, mas então ele notou o sorriso em seu rosto e o brilho provocador em seus olhos.

— *Kairos* — ele murmurou, já cansado de ouvi-la falar. — Você nunca conseguiria acompanhar o Povo da Água, mesmo se tivesse um de seus dispositivos preso à cintura.

— Eu sou uma engenheira, Arges. Tenho todo o tempo do mundo para criar o que eu quiser agora. — Ela estendeu os braços, claramente esperando que ele a puxasse para a água com ele. — Agora, para onde vamos desta vez?

Por um momento, a visão do futuro deles passou diante dele. Era a mesma expressão que ela usava. O mesmo dispositivo em seu rosto. A mesma risada que borbulhava de seu próprio ser e flutuava pelo ar. E embora eles não estivessem debaixo d'água, nem ela estivesse grávida, ele não conseguia deixar de pensar nisso.

Sim, essa era a escolha mais certa. Ele não queria um futuro sem ela, mesmo que houvesse inúmeras coisas que ele ainda tinha que descobrir. Ele ansiava por aprender mais sobre ela e sua espécie, mas principalmente ele só queria vê-la sorrir assim.

Ela balançou os dedos no ar, ainda esperando por ele com os braços estendidos.

— Bem, ondino? Eu mesma tenho que entrar na água, ou você vai ser um cavalheiro?

— O que é um cavalheiro? — ele perguntou, deslizando as mãos em volta da cintura dela e nem mesmo tentando impedir que suas guelras tremessem dessa vez. Ele a puxou para dentro da água, inclinando-se para trás para que ela fosse forçada a descansar contra seu peito. Eles flutuaram ali por alguns momentos, juntos, olhando um para o outro com surpresa óbvia em ambos os olhares.

Finalmente, ela limpou a garganta, mas ele não deixou de notar o modo como ela alisou as mãos ao longo do peito dele.

— Um bom homem, suponho? Alguém que ajuda os outros e faz de tudo para deixá-los confortáveis. Eu realmente não sei, para ser honesta. É apenas uma palavra que sempre usamos para homens que são gentis com as mulheres.

— Vocês, humanos, e seus nomes para tudo. — Ele bufou, abaixando-os na água e mantendo os braços ao redor dela para que ela estivesse perto dele o tempo todo. — O Povo da Água chama isso de ser uma boa pessoa. Isso é tudo. Não há nome para alguém que é gentil, essa é a expectativa.

— Então, como você chama alguém que não é gentil?

A água fechou em volta da cabeça dela, seu cabelo vermelho sangue flutuando ao redor dela, e ele capturou seu olhar. Ela apertou os olhos algumas vezes, piscando na água salgada antes que ele a visse olhar clarear e ela pudesse ver tudo o que ele podia ver. Sem os óculos. Sem

precisar de ajuda.

Oh, ele nunca soube que ela poderia ser mais cativante, e aqui estava ela. Começando a se aclimatar ao seu mundo sem precisar dos dispositivos dela e ele... Ele estava desfeito.

— Arges? — ela repetiu. — Como você chama alguém que não é gentil?

— Mortos — ele respondeu sem pensar. — Nós os chamamos de mortos.

Com a sombra de seu irmão agressivo os seguindo, ele a levou para longe do domo e em direção ao mar aberto.

VINTE E NOVE

MIRA

Mira não tinha certeza do que esperava dele ou da aventura em que estavam, mas certamente não era isso. Ela pensou que ele a levaria de volta às profundezas, à escuridão, onde ela podia ver muito pouco que ele próprio não iluminasse.

Em vez disso, ele a manteve no mesmo nível em que estavam. Ele deslizou ao longo dos cinturões de areia. Rolando até que ela estava no fundo e ela podia sentir a areia emaranhada em seu cabelo. Suas risadas aparentemente despertaram algo nele que ela nunca esperaria.

Arges rolou novamente, suas mãos logo abaixo das costelas dela enquanto ele a erguia bem alto, longe do seu corpo. E com os braços estendidos na frente dela, parecia que ela estava voando. Voando pela água que era tão cristalina e azul, certamente não era real. Ela nunca tinha visto o oceano assim, não quando era infinito e passava rapidamente por ela.

Ele ficou assim com ela por um bom tempo. Levantando-a e às vezes balançando-a sobre as dunas de areia bem abaixo o mar. Ele nunca a levou para perto da borda. Nem uma vez. Como se quisesse que ela pudesse ver outra versão de sua casa.

Talvez ela devesse estar olhando para o próprio oceano. Ela deveria estar aproveitando os fracos raios de luz do sol que estavam se afastando enquanto as nuvens cresciam sobre suas cabeças. Ou talvez ela devesse estar aproveitando a sensação da água através de seus cabelos e o calor das ondas que não eram frias demais para ela ficar nelas por uma vez.

Em vez disso, tudo o que ela conseguiu fazer foi encará-lo.

Suas guelras estavam completamente à mostra, como pétalas de

uma flor decorando seu pescoço. Todo o seu cabelo se afastou do rosto enquanto nadava, revelando os planos angulares que eram tão adoráveis. Ele era delicado e largo, uma mistura de masculino e feminino que tentava seu olhar toda vez que ela desviava o olhar. Mira nunca tinha notado os tentáculos em seu cabelo que brilhavam em azul e amarelo também, mas eles eram tão intrigantes. Ela queria correr os dedos pelos fios de seu cabelo e ver se ele reagia da mesma forma que quando ela tocou suas guelras.

Até que ele a virou novamente, apontando para a frente deles.

— Olhe, *kairos.*

Ela seguiu o dedo dele para ver que o fundo do oceano descia logo à frente deles. Acima daquele declive havia um cardume de arraias. Elas eram feras enormes. Só suas nadadeiras eram maiores do que ela era alta, e elas nadavam pelo mar com infinita graça. Suas longas caudas se estendiam atrás delas. Salpicadas de cinza e branco, elas eram tão deslumbrantes.

— Um cardume inteiro delas?

Ele balançou a cabeça, e Arges estendeu a mão para tocar na testa dela com um dedo em garra.

— Você deveria saber que um cardume é só para peixes. Um grupo de arraias é uma febre, minha querida. Lembre-se disso.

— As palavras são tão importantes?

— Elas são para nós. — Ele nadou com ela para as profundezas e de repente eles estavam nadando ao lado das arraias. Ela podia ver suas bocas sob as asas gigantes de seus corpos. E suas barrigas eram brancas, ela percebeu. De cima, elas se misturavam ao fundo do mar, mas de baixo elas brilhavam como pérolas.

— Elas são tão lindas, — ela murmurou, seus dedos coçando para tocá-las. — Uma febre delas?

— Isso mesmo. — Ele estendeu a mão e arrastou os dedos pela

barriga de uma delas. — Você gostaria de tocá-las, Mira?

— Mais do que tudo.

Ele então a levantou, e ela alcançou a barriga da arraia acima dela. Ela jurou que ela sorriu quando ela tocou a pele macia e a leve protuberância ali antes que ela mudasse de direção e outra tomasse seu lugar.

Risadas irromperam de sua boca. Ela não conseguia parar os sons de felicidade que explodiam de sua pele e borbulhavam de sua boca. Eles eram tão adoráveis! Planando para um lado e para o outro, eles deslizavam pelo oceano sem um capricho. Talvez estivessem indo para algum local de alimentação ou acasalamento ou áreas de parto. Mas para onde estavam indo não importava.

O fato de elas não se importarem com a presença dela ali, entre eles, fez com que ela se sentisse mais aceita do que os de sua própria espécie se sentiram em anos.

Em algum momento, Arges os afastou da febre de arraias. Ele a aninhou em seus braços novamente, sã e salva de qualquer coisa que pudesse encontrá-los. Eles se moviam mais devagar, e ela teve tempo de olhar para cima e ver nuvens cinzentas e raivosas no alto.

— Então ainda chove — ela refletiu. — As histórias que sempre ouvi são de que a terra se tornou inabitável. Havia tantas tempestades, vulcões e ondas traiçoeiras. As pessoas tiveram que fugir do próprio clima, e não conseguíamos sair deste planeta, então tivemos que descobrir uma nova maneira de viver.

— Ainda há muitas tempestades. Os deuses lá em cima estão sempre bravos — ele respondeu. — Só fui à superfície algumas vezes. A curiosidade em uma mente jovem pode ser uma coisa perigosa. Há muita coisa lá em cima que suspeito que seu povo não saiba mais. Mas as tempestades ainda são mortais. O mar tenta retomar a terra, e a terra luta em troca.

Ela supôs que essa era uma maneira bastante simplista de olhar para os padrões climáticos muito complicados que quase destruíram este planeta.

— Nós os chamamos de furacões. E tsunamis.

— Então seu povo sabe do desejo do mar de retomar o resto do seu planeta?

— Sabemos que a terra é inabitável por causa dessas tempestades, e que a inundação levou muito do que consideraríamos terra habitável. Sempre haverá montanhas para se viver no topo, mas pelo que disseram na minha escola, aparentemente as tempestades eram tão fortes que quanto mais alto as pessoas iam, mais difícil era viver.

Era uma pena. Um dia, ela adoraria saber como era ficar em terra firme e ter ar infinito. Experimentar uma quantidade infinita de ar e terra que se estendia até onde os olhos podiam ver.

— Eu te levo algum dia, — ele disse calmamente, sua voz tão baixa que ela quase não o ouviu. — Todo mundo merece ver de onde veio. Pelo menos uma vez.

Mira não conseguiu se conter. Ela o abraçou pela cintura, entrelaçando os braços ao redor de sua forma grossa na esperança de que ele entendesse o quanto sua oferta significava para ela.

— Você já me mostrou tanto, Arges. Você me presenteou com o mar de maneiras que eu nunca sonhei. Como eu poderia pedir para você me mostrar a terra também?

Ele não respondeu, mas ela se perguntou se ele queria dizer que lhe daria alguma coisa.

Porque era exatamente assim que ela estava se sentindo agora.

Juntos, eles vagaram pelas correntes até que ela viu o domo à frente. Mira ficou chocada com a tristeza que explodiu através de seu corpo. Em parte, porque ela sabia que tinha que sair da água, e em parte porque ele a deixaria. Ele sempre ia embora, e cada vez ficava mais difícil

dizer adeus a ele.

Talvez ele se sentisse da mesma forma. Porque ele levou muito tempo para levá-la para baixo da piscina da lua e ainda mais tempo para soltá-la quando eles estavam de volta dentro do domo.

As mãos dele permaneceram nos quadris dela enquanto ele a colocava na borda da borda de metal. O vestido dela grudava na pele, mas ela de repente quis arrancá-lo na esperança de que talvez ele ficasse.

Mesmo que isso significasse que ele talvez ficasse fora do campo de visão dela, ele ainda a veria.

Água escorrendo pelo nariz, ela arrancou o respirador e olhou para ele. Finalmente, ela não conseguiu mais aguentar. Porque ele já tinha aquele olhar nos olhos que significava que ele estava indo embora e ela... ela...

— Eu não quero que você vá.

Ele congelou na frente dela antes de perguntar baixinho:

— O que você disse?

— Eu não quero que você vá, — ela repetiu. — Eu não gosto de ficar aqui sozinha. Sem você.

— Você tem sua caixa de metal para falar.

— Não é a mesma coisa. — Ela engoliu em seco, percebendo que um deles teria que ser o corajoso. Ela sabia que ele tinha sentimentos por ela, e ela também tinha.

Mesmo que sua mente gritasse que eles não poderiam fazer isso. Que nenhum ondino e nenhum humano poderiam ficar juntos, de forma alguma. Ela sentiu que era importante colocar as palavras para fora. Mesmo que fossem difíceis.

Colocando as mãos sobre as dele na cintura, ela decidiu que se um deles tivesse que ser corajoso, seria ela.

— Eu prefiro meu tempo com você, Arges. Muito mais do que qualquer outra pessoa que já conheci na minha vida. Quero saber tudo

sobre você, mesmo que essas descobertas venham sem palavras.

Certamente, ele entendeu o que ela estava dizendo. Seus olhos negros procuraram os dela, e então suas mãos espasmaram contra seus quadris.

— *Kairos*, acredito que talvez haja algumas dificuldades de tradução em relação ao que você acabou de dizer.

— Não há problemas de tradução. — Ela levantou as mãos e as colocou nos ombros dele, brincando com as bordas de suas guelras. — Acho que você deveria saber que eu quero você. Eu te acho estranhamente lindo, e embora isso tenha me atormentado por um bom tempo, sinto que agora talvez seja o momento certo para eu te contar.

— Por que agora? — ele perguntou asperamente, sua voz gutural e profunda.

— Não sei — ela respondeu. — Não consigo pensar em nenhuma razão pela qual esperei tanto tempo, e não consigo pensar em uma razão pela qual não pude esperar mais. Este momento parecia certo, e talvez não fosse. Mas desejo saber mais sobre você, e há muito tempo queria tocá-lo.

Os olhos dele se fecharam, as guelras vibraram perto da garganta, e ela não conseguiu se conter.

Mira deslizou os dedos por elas, mal o tocando, mas sabendo sem sombra de dúvida que ele a sentia. Um estrondo profundo começou em seu peito, ecoando pelo lugar com o som de seu prazer.

Sua voz estava de alguma forma ainda mais profunda.

— O que você está fazendo é um toque muito íntimo para meu povo, Mira.

— Eu sei. — Ela se inclinou um pouco mais perto até que seus lábios estivessem a apenas um sopro de distância. — Meu povo se beija. Nós apertamos nossas bocas juntas. É uma sensação boa. Seu povo faz isso?

— Não. — Ele não abriu os olhos nem uma vez. Então ela supôs que isso era o máximo de sim que ela conseguiria.

Correndo o risco, ela se inclinou para frente e o beijou. A princípio, ele ficou muito parado. Até suas guelras pareciam congelar, completamente esticadas e imóveis sob os dedos dela.

Mas então ele gemeu, longo e baixo em seu próprio peito, antes de puxá-la para mais perto. Ela envolveu suas pernas em volta da cintura dele, ofegando em sua boca enquanto ele a abria e mergulhava sua língua entre seus lábios.

O fogo crepitava em suas veias, e de repente ela não conseguia mais tocar nele o suficiente. Ela arrastou os dedos ao longo de suas guelras, beliscando-as e acariciando-as até que ele empurrou seus quadris contra os dela. E oh, talvez isso fosse o mesmo entre suas espécies. Porque ela jurava que havia uma dureza pressionando entre suas pernas, embora ainda estivesse escondida por escamas. Uma dureza que a tentava a tocar, a acariciar, a procurar de onde vinha e como ela poderia tocar mais.

Ela se pressionou contra ele, arqueando-se sobre seu braço para que mais dela pudesse tocá-lo. Ela nem se importou que ambos estivessem encharcados ou que suas roupas grudassem em seu corpo. Ela não se importou que seus mamilos estivessem tão duros que doíam por seu toque.

Então, oh, ele tocou. Ele levantou aquela mão palmada e segurou um dos seios dela. Ambos gemeram na boca um do outro, porque ela nunca sentiu seu corpo ganhar vida como o dela naquele momento. Ela queria tocá-lo de volta, mas não sabia onde poderia tocar. Os espinhos nas costas dele dificultavam que ela o tocasse ali, e certamente não era fácil para ela agarrar seu pescoço.

Mas ele não teve problema em tocá-la e parecia estar se divertindo muito mais do que ela esperava.

Novamente, ele gemeu em sua boca antes de se afastar dela.

— Você não tem defesas naturais, *kairos.*

— Você quer dizer que eu não tenho garras e espinhos? — Sua voz soou tão ofegante. — Eu sei disso. Você está reclamando?

Ele olhou para sua mão no seio dela, então ela o sentiu apertar gentilmente antes de passar o polegar sobre seu mamilo endurecido.

— Nem um pouco, Mira. Por todos os deuses do mar, eu posso tocar qualquer parte sua que eu desejar sem medo de veneno ou dor.

— Toques sem medo, — ela concordou, arqueando-se em seu aperto para que ele a tocasse mais. — Não pare. Por favor, não pare.

E talvez ele não tivesse parado. Talvez ela tivesse descoberto o que havia por baixo daquelas escamas que pressionavam tão deliciosamente entre suas coxas se ambos não tivessem ouvido um baque raivoso do outro lado do vidro do domo. Depois outro. Uma pancada que balançou o domo inteiro e a fez se mover para frente desajeitadamente em seu aperto.

Ela não teve um momento para respirar. Num segundo ele estava em seus braços, e no outro ele a jogou para longe da piscina antes de gritar:

— Feche! Agora!

Então ele desapareceu. A única coisa que restou foi o chapinhar de sua cauda e a espuma que ele havia deixado para trás.

Por um segundo, ela ficou congelada. Olhando para a água com os olhos arregalados e um medo repentino do que tinha vindo para eles. Certamente nada atacaria esta cúpula. Não havia nenhuma criatura marinha perigosa que entrasse em águas rasas assim. Havia?

Mas então ela viu a sombra vaga de uma barbatana passar por cima. Então ela viu a ponta preta de uma cauda que era muito familiar. Ela se lançou para a alavanca que fechava a piscina lunar e a empurrou com tanta força que teve medo de quebrá-la e acabar presa ali.

— Vamos, — ela sibilou enquanto fechava. — Mais rápido, sua porcaria velha.

Eventualmente, fechou-se. Selando-a na cúpula como um túmulo.

A voz trêmula de Byte interrompeu seu medo.

— Mira? O que está acontecendo?

— Eu não faço ideia.

Saindo do pânico, ela correu para as janelas da cúpula. Amaldiçoando que não conseguia ver através de algumas algas que já tinha crescido de novo, ela correu para a cama. Sem se importar em encharcar o colchão e os cobertores, ela pulou em cima dela e espiou pela parte da cúpula que ainda estava bem limpa.

Tudo o que ela conseguia ver eram os contornos escuros de ondinos à distância. Um brilhando em vermelho vivo, outro amarelo e um azul que ela reconheceria em qualquer lugar.

TRINTA

ARGES

Arges nadava com a raiva percorrendo seu corpo. Todas as luzes ao longo de sua cauda brilhavam intensamente e quentes. Como eles ousavam? Seu povo sabia que era melhor não o rastrear, de todas as pessoas, através da água. Eles sabiam qual era sua missão, e que ele estava apenas cumprindo seu dever como deveria fazer. A própria Mitéra lhe dera essa tarefa, e ele poderia escolher fazê-la da maneira que quisesse.

Essas eram as desculpas que ele dava a si mesmo para a raiva e o medo que tomavam conta de todo o seu corpo.

Ele sabia bem, no entanto. A verdade queimava em seu peito tão quente quanto o resto das emoções. Eles o interromperam. Ele havia encontrado uma companheira, uma verdadeira luz ardente que até agora aquecia seu peito. Ele quase a teve, e agora eles tentavam levá-la embora.

Ela era dele. Sua para tomar, roubar, beijar.

E oh, que beijo. Ele já tinha visto humanos fazerem isso antes, mas nunca pensou que devorar outra pessoa o faria se sentir tão completo. Ele só a queria mais. Queria se enterrar em sua pele e se enrolar em seu coração até que ele estivesse enrolado tão firmemente em volta dele que ele sabia que ele só bateria por ele.

Então seus irmãos tiveram que arruinar as coisas. Os outros guerreiros que ele liderou por anos, aqueles que ele ensinou a rastrear e caçar, usaram o que ele ensinou contra ele.

Ele tinha visto a sombra passar sobre o domo dela, e pensou que era apenas mais uma criatura marinha. Havia muitas silhuetas que poderiam fazer aquela sombra, e ele não queria parar de beijá-la. De tocá-la. De se

demorar na sensação suave da carne dela cedendo sob as pontas dos dedos. Ele queria ficar naquele momento e isso quase custou tudo a eles.

Suas guelras inferiores ao redor de suas costelas tinham sentido o cheiro de seu irmão primeiro. A água áspera que ela tinha jogado para cima enquanto se contorcia contra ele tinha sido o suficiente para a mordida acre de raiva e sangue manchar sua língua. Ele sabia quem tinha vindo vê-lo. Ele sabia quem estava vindo atrás deles.

Então ele se jogou na água e saiu nadando do domo. Como qualquer predador no oceano, eles viram movimento e saíram em perseguição. Eram três, Maketes, Daios e outro cujo nome ele não conseguia lembrar. Mas o macho azul mais claro não conseguia acompanhar o resto deles. Ele era menor, mais fraco, e Arges tinha certeza de que não conseguiria entrar no domo de vidro que mantinha Mira segura.

Agora ele tinha que lidar com os outros dois. Os dois que eram perigosos, até para ele.

Até com um braço a menos.

Ele os levou para longe do domo, mas não para o mar aberto. Daios lutou como se os deuses do oceano estivessem do seu lado nas águas abertas. Arges tinha levado muitas surras de seu irmão de sangue, e havia dois deles com quem se preocupar agora.

As águas rasas funcionariam a seu favor. Embora seu irmão fosse maior que ele, Arges era mais ágil. Até Maketes lutava para acompanhar a velocidade de Arges enquanto ele dava voltas e teceu sobre a aldeia achromo abandonada que havia afundado sob as ondas. Os prédios eram baixos e atarracados, mas eles criaram uma pista de obstáculos que seria difícil para seus irmãos atravessarem.

— Arges! — Daios gritou, seu grito de raiva explodindo através da água tão certo quanto a voz de um deus do mar.

Ele não pretendia se virar e lutar contra seu irmão propriamente.

Nenhum dos dois podia se dar ao luxo de fazer isso. Ele temia que eles se matassem. Em um ponto de sua vida, isso pode ter sido uma honra, mas não mais.

Não com uma fêmea esperando que ele voltasse. Uma fêmea que precisava de sua orientação e ajuda.

Uma fêmea por quem ele talvez tivesse sentimentos mais fortes do que gostaria de admitir.

Girando seu corpo, ele contornou uma das casas em um círculo apertado que fez suas nadadeiras gritarem enquanto a água tentava forçá-lo para frente. Mas eles esperariam que ele saísse da base antiga por um lado, e ele pretendia fazer isso pelo outro.

Se eles quisessem uma briga, eles precisavam lembrar que ele era o estrategista. Não eles.

Como esperado, eles correram para onde achavam que ele iria embora, nem mesmo olhando para onde ele poderia ter se escondido. Arges levou seu tempo então, deixando-os sentar e cozinhar em seus sentimentos até que ele sabia que seria difícil para eles verem qualquer coisa além de raiva. Eles pensariam com menos inteligência e mais sentimento.

Ele precisaria de todas as vantagens que pudesse aproveitar.

Sibilando um suspiro baixo, ele se lançou do canto de um prédio e nadou em um arco gigante ao redor deles. Uma vez atrás de seus corpos, ele disparou para frente. A cauda trabalhando duro, sua respiração irregular através de suas guelras, ele atingiu Maketes primeiro pela cintura. O irmão menor, o de coração mais leve, seria o primeiro a desistir quando a luta não lhe conviesse mais. Era mais seguro mantê-lo longe de Daios. Longe da luta.

Suas caudas se enrolavam juntas, entrelaçando-se e puxando, cravando longos espinhos uma na outra e tentando encontrar os lugares macios sob as escamas onde pudessem tirar sangue. Esse sempre foi o

jogo quando se lutava contra um de sua própria espécie. Quem desistiria primeiro devido à perda de sangue? Nenhum de seu povo pararia de lutar, não importando quais membros eles perdessem ou como a morte os chamasse.

Uma luta era uma luta. E eles não iriam desistir.

Eles bateram em um dos prédios antigos, rasgando a parede e se espalhando para o interior. Arges mal teve um momento para notar que algumas das peças ali ainda estavam intactas. Uma mesa velha, alguns pedaços flutuantes de madeira e incontáveis cracas presas a todas as superfícies antes de Maketes escorregar de seus braços.

Seu irmão de nadadeiras amarelas se alargou, tanto a nadadeira caudal quanto as laterais eretas para fazê-lo parecer ainda maior do que já era.

— Pare de correr, Arges.

Ele não faria isso. Não até que estivessem mais longe dela.

— Você sabe que eu não posso fazer isso.

— Você pode. — Maketes parecia ter sido atingido na barriga. Desgosto deixou seu corpo amarelo doentio, sem brilhar com seu brilho habitual.

Arges voltou sua atenção para os buracos nas paredes, esperando que Daios se juntasse a eles.

— Recebi esse trabalho com um propósito. Vou cumprir o que nossa própria Mitéra me deu.

— Isso não pareceu um trabalho para mim. — Maketes deixou todas as barbatanas rígidas caírem até que apenas seu amigo pairasse na água diante dele. A poeira e os detritos dificultavam ver sua expressão, mas ele conhecia bem a cor da tristeza em seu amigo mais próximo. Maketes nunca foi capaz de esconder suas emoções como o resto deles.

— Você não pode realmente acreditar que eu não consigo ver. Você foi longe demais, Arges. Muito fundo nisso. Você precisa ser libertado de

qualquer veneno que ela injetou em suas veias.

— Foi isso que ele te disse? Que ela é uma criatura marinha venenosa que transformou minha vontade na dela? — Ele cortou a nadadeira pela água, forçando o irmão a recuar. — Idiota. Você a viu com seus próprios olhos. Você realmente acredita que uma criatura como essa pode me machucar?

— Acho que há muitas criaturas minúsculas no mar que podem causar mais danos do que pensamos. — Ele afastou um pequeno peixe-palhaço que tentava passar por ele. — Você está cego para as artimanhas dela. Eu vejo isso agora. Mas Daios está certo. Você precisa da nossa ajuda.

— Eu não preciso da sua ajuda! — Arges trovejou. — A pessoa que precisa da sua ajuda está presa em uma bolha de ar no meio do oceano com um da nossa espécie aterrorizando-a. Eu não perdi minha habilidade de contar. Quanto tempo você acha que leva para o nosso irmão quebrar aquela bolha de vidro? Antes que ele afogue um inocente?

Maketes nunca foi um assassino. Ele era o irmão que lamentava qualquer criatura que eles tinham que matar, mesmo aquelas que matavam para comer. Ele era o irmão que tirava um tempo para valorizar a vida. Isso deve estar comendo-o por dentro porque ele seria a razão pela qual alguém morreria. Arges poderia usar isso a seu favor.

Seu irmão vacilou por apenas um segundo, e foi o suficiente.

Arges chegou um pouco mais perto, ainda com distância suficiente para poder abanar o rabo e desaparecer se fosse preciso.

— Ela está assustada, Maketes. Eu a movi para cá porque sabia que Daios iria querer caçá-la. Tentei levá-la para um lugar onde ela pudesse ficar confortável. Eu consigo entender a linguagem dela agora. Ela pode te dar o mesmo dispositivo. Você pode falar com ela. Faça todas as perguntas que você queria fazer há eras.

— Como?

Arges virou a cabeça e apontou para o pequeno alfinete de metal ao lado dos seus buracos auditivos.

— É tão simples. Uma pequena dor, nada pior do que o que já sentimos antes.

Ele sabia que o tinha. Maketes sempre fora curioso, e ele não era o irmão para ser tão sério. Lutar não estava em seu sangue e certamente ele deixaria ir. Ele se afastaria de Daios.

Mas então uma explosão de escuridão irrompeu pelo buraco na parede e Arges sabia que havia perdido sua chance. Com um grunhido, ele foi pego pela cintura e jogado através da parede mais próxima.

— Maketes! — ele gritou. — Saia daí!

Ele não teve tempo de ver se seu irmão de barbatanas amarelas conseguiu sair do prédio em colapso. Daios tinha um braço grosso em volta de sua cintura e ele não conseguia se livrar do aperto do irmão. Ele odiava o quão fundo ele teve que arranhar o antebraço de Daios, mesmo sabendo que era o único que restava. Certamente seu irmão não era forte o suficiente para lutar assim. Ele tinha acabado de perder o outro braço.

As correntes os lançaram para longe das casas humanas, mais perto da costa. Daios bateu sua cauda contra a sua, enrolando-os juntos até que estivessem presos. Impossível de sair, e ainda mais irritante.

Ele odiava lutar com seu irmão desse jeito. Mesmo quando eles eram pequenos companheiros de ninhada, recém-saídos dos ovos, Daios era maior. Ele se enrolava em Arges e eles lutavam até que ambos estivessem lutando para respirar. Esta não era uma luta justa. Não quando eles estavam tão próximos.

Preso, ele se contorceu até que a parte superior do corpo estivesse acima do irmão. E então ele usou os espinhos afiados na base dos cotovelos e os trouxe para baixo sobre os ombros de Daios. Repetidamente, ele lutou contra a água espessa e não parou, mesmo

quando sangue negro jorrou ao redor deles. Ele não iria, não poderia parar.

Mira precisava dele. Cada momento em que ele estava longe dela era outro momento em que ela estava sozinha. Sozinha e assustada, e isso o rasgava mais do que as garras do irmão.

Daios ganhou velocidade. E por um momento, ele não teve a menor ideia do porquê. Seu irmão iria jogá-lo nas pedras? Era esse o plano? Ele rasparia a espinha de Arges contra o chão afiado até arrancar toda a carne de suas costas?

Ele percebeu tarde demais qual era o plano de fato. Com mais um estouro de sua cauda poderosa, Daios empurrou os dois para fora da água. Mas seu braço forte continuou o movimento e com um rosnado terrível, ele lançou Arges para fora da água e para o chão afiado. Pedras cortaram sua cauda, rasgando as guelras de seu lado e rasgando sua nadadeira do quadril.

O som que saiu de Arges era diferente de tudo que ele já tinha feito antes. Sua nadadeira do quadril estava quase arrancada de seu corpo. Ele não sabia se conseguiria recolocá-la, e se conseguisse, nunca mais a usaria como antes. Seu braço estava sangrando de onde ele havia escorregado, e doía respirar pelo lado direito de suas guelras. Voltar para a água seria doloroso. Embora o sal limpasse suas feridas, também as tornaria infinitamente piores.

Rangendo os dentes, ele se apoiou no chão e se levantou. Ele não estava longe da água, mas se arrastar de volta para dentro dela arrancaria muitas escamas de sua cauda.

Daios levantou a cabeça acima da água no momento em que um estalo ecoou pelo ar. A luz brilhou e então o próprio céu gritou de raiva, estrondeando sua fúria por uma criatura da água estar tão longe de seu lar.

— Eu vi você com aquilo — Daios disse, sua voz imitando o

estrondo que ainda balançava pelos céus. — Eu vi o olhar em seu rosto.

— Ela é a missão que me foi dada por Mitéra.

— Você tem sentimentos por ela. Sentimentos abomináveis que vão acabar com você e o resto de nós. Você vai morrer se eles virem o que você se tornou, Arges. Nosso povo nunca vai aceitá-la. Não é natural, e o mar vai destruir vocês dois pelo que sentem.

— Como você sabe? — Arges cuspiu, seus dedos se curvando tão fortemente nas pedras que a membrana entre seus dedos se partiu. — Você não tem o direito de falar pelos deuses. Eu vi meu futuro com os antigos. Eu sei o caminho que escolherei, e o caminho que desejo escolher.

Por um breve momento, houve um lampejo de tristeza no rosto de Daios.

— O futuro que você viu deve ser de solidão e sofrimento, então, irmão. Não tenho interesse em ver você destruir o próprio legado que construiu após anos de luta e prova de que vale a pena segui-lo. Seu único futuro é de dor.

— Dor causada por você — ele respondeu.

— Sim. — Os olhos de Daios brilharam vermelhos, e o mar beijou o coto de seu braço que havia começado a sangrar novamente. — Eu vou te caçar pelo resto do tempo, se necessário. Você não vai contaminar minha casa com o cheiro dela, ou qualquer outro cheiro de achromo. Eles são criaturas monstruosas que não têm amor por nossa casa ou nosso povo. Você nega nossa própria existência ao tocá-la.

Seu irmão afundou no mar, deixando Arges sozinho com a tempestade acima de sua cabeça e os ruídos estrondosos da fúria da terra. Ele podia senti-la fervendo em seu próprio peito. Agitando-se e sacudindo-se como se tivesse engolido um kraken, e ela queria despedaçá-lo de dentro para fora.

Os mares se separaram em uma cabeça de ouro amarelo, e ele

encontrou o olhar de Maketes.

— Eu cuidarei do seu irmão — ele disse. — Mas você tem que saber que é um jogo perigoso que você joga. Em breve, a terra e o mar lutarão novamente. De que lado você lutará?

Com essas palavras, Maketes deixou Arges sozinho. Encalhado na terra, sangrando e quebrado.

TRINTA E UM

MIRA

Ela não tinha certeza de quanto tempo esperou por ele. Havia outro ondino nadando ao redor do domo, e ela não tinha certeza de onde ela estava o tempo todo. O macho, e era claramente um macho, circulou-a várias vezes. De vez em quando ela tinha um vislumbre de seu rosto marcado, e as guelras ao longo dos lados que eram tão semelhantes e ainda assim tão diferentes de Arges.

Ela conseguia diferenciá-lo dos outros sem problema algum. A cor azul mais clara desse macho, seu tamanho, nenhuma dessas eram as características corretas do seu ondino. Mas ela sabia o quão perigosos todos eles eram. E sabia o quanto de perigo ela estava correndo agora.

Se a criatura quisesse um show, no entanto, ela não daria um. Rangendo os dentes de raiva, ela se sentou na beirada da cama e permaneceu congelada no lugar. Ela não moveu nem um músculo, nem para responder às perguntas de Byte, nem para fazer nada além de encarar a piscina lunar.

Aparentemente, isso irritou a criatura.

O ondino bateu no vidro várias vezes, tentando ao máximo fazê-la se mover. Ela até viu que ele levantou uma pedra para o domo, mas o vidro antigo aguentou. Mesmo que alguns lugares onde ele havia batido estivessem marcados pela poeira da pedra, ela não quebrou. Mira meio que esperava que isso acontecesse.

O que ela faria então? Ela poderia nadar até a superfície para respirar, mas então ela não seria capaz de ver os ondinos que a estavam caçando. Eles eram mais rápidos, mais fortes, mais capazes em todos os sentidos, tamanhos e formas. Não havia nada que ela pudesse fazer.

Se a quisessem morta, ela morreria. E seu único arrependimento seria que o próprio Arges não a tivesse matado. No mínimo, ela teria respeitado uma morte nas mãos de um ondino como ele.

Essa criatura? Aquela que nadava em círculos acima dela, mostrando os dentes como um tubarão? Essa era uma criança que não a assustava nem um pouco.

— Mira? — Byte disse, horas depois de ter se sentado na beirada da cama. — Há mais deles.

Ela se levantou um pouco rápido demais. Seu coração pulou uma batida enquanto ela espiava pelas partes das janelas que não estavam tão cobertas de algas. E, com certeza, havia mais dois ondinos nadando em direção ao domo. Ela reconheceu os dois de antes. O vermelho furioso, sem um braço e com um rastro de sangue do toco. E o amarelo que ficou mais para trás. Mas foi o vermelho que parou bem acima dela.

Ele olhou para baixo, malícia em cada escama de seu corpo. Mira olhou de volta antes de apontar para seus ferimentos e dar-lhe um sorriso selvagem.

— Eu sei que você não consegue me entender, mas estou feliz que ele te machucou. Você mereceu.

Mira não vacilou quando ele socou o vidro, e apenas observou com leve apatia enquanto os outros o puxavam para longe. Os três saíram, e apenas sangue preto permaneceu na água. Só então ela afundou de volta na cama, suas pernas de repente gelificadas.

— Onde ele está? — ela sussurrou. — Os outros voltaram, mas ele...

— Mira? — Byte perguntou. — Tem bastante aqui para você. Se ele não voltar, você não vai passar fome.

Isso não ajudou. Ela não queria estar viva e presa sozinha por toda a eternidade. Não era viver se ela não fosse capaz de falar com ninguém além de um robô. O pânico subiu pela garganta dela. Ela podia senti-lo

tentando rastejar para fora de sua barriga, tentando rasgar sua boca de dentro com um grito que vinha de dentro.

Ela sentou-se novamente na lateral da cama. Cruzando as mãos no colo, ela tentou acalmar o tremor antes de começar a se mover. Ela precisava se vestir. Primeiro, ela se lavaria no pequeno banheiro que dessalinizava a água para que ela pudesse realmente ficar limpa sem ficar com crostas. Depois daquele banho muito curto, ela saiu correndo para o quarto principal para ver se ele tinha voltado. Ele não tinha. Então ela se vestiu com outro vestido cor de casca de ovo clara. Chato, simples, mas não importava a cor.

Ela estava com tanto medo que ele não voltaria. Arges dissera que os outros ondinos estavam caçando-a, mas e se eles estivessem realmente caçando-o? E se eles estivessem bravos com ele por mantê-la? E se ele estivesse morto?

Trovões e relâmpagos ribombaram acima de sua cabeça pelo que pareceram horas. A escuridão caiu, e pequenas luzes solares piscaram na cúpula. A luz branca e fria delas não fez nada para parar o medo em seu coração.

Mas então ela ouviu. Uma batida suave contra a porta da piscina lunar. Claramente uma batida, mas não era o que ela esperava ouvir. Ela correu para lá, congelando quando ouviu a voz de Byte.

— E se não for... ele?

Ela não sabia. Se ela deixasse outro ondino entrar aqui, eles a matariam. A morte poderia nem ser rápida se eles a arrastassem ela na água. Eles podem brincar com ela, afogando-a lentamente até que ela finalmente ceda.

— E se for ele? — ela sussurrou, as palavras parecendo assombradas em sua língua.

Abrir a piscina lunar não foi uma escolha. Era uma necessidade. Ela tinha que saber se ele estava vivo. Ela tinha que saber se ele tinha voltado

para ela.

A princípio, a piscina lunar se abriu lentamente e não revelou nada. Apenas água negra abaixo dela que a luz de sua cúpula não penetrava. Sua respiração estava irregular em seus pulmões, ela sentiu seu coração batendo mais rápido, mais rápido, até que...

O menor brilho azul da areia abaixo do domo. Como se ele estivesse deitado ali, como se ele...

— Arges, — ela suspirou.

Mira mergulhou no oceano sem pensar duas vezes. Chutando os pés e lançando-se no mar em direção a ele, ela enganchou os braços sob os dele. Mira tateou ao longo do corpo dele em busca de qualquer apoio que pudesse obter antes de plantar os pés na areia e empurrá-los em direção à porta da piscina lunar. Outros ondinos que se danem. Ela não tinha medo deles.

Mas ela estava com medo *por* ele.

Juntos, eles nadaram até o domo. E assim que sua cabeça saiu da água, ele soltou um suspiro irregular e pareceu voltar vivo. Ele alcançou a borda, mantendo um braço ao redor dela como se ainda estivesse tentando protegê-la.

— Pare com isso, — ela repreendeu. — Você está ferido. Saia da água, Arges.

— Eu não posso... Tenho que te pegar...

Ele não estava fazendo sentido algum. Ela saiu da piscina e então se virou para ele, agarrando seus pulsos e ajudando-o a se arrastar para fora da água. Foi preciso muito esforço dele. Eventualmente, ele deu um grande mergulho com sua cauda e se jogou no chão. Mas então sua cauda ainda estava na água e ela não sabia se era seguro. Então ela se abaixou e pegou a cauda enorme, levantando-a para fora da água com todo o seu corpo até que ela finalmente conseguiu bater à porta novamente.

E então ela estava na sala com um ondino. De novo. Assim como tinha sido no começo.

Os olhares deles se encontraram antes que ele fizesse um estranho movimento ondulante com o peito novamente, e ela gemeu.

— Ah, isso de novo não.

Pelo menos ele teve a decência de se afastar dela enquanto expelia toda a água de suas guelras. Felizmente, quem quer que tenha projetado esta cúpula colocou aberturas no chão perto da piscina da lua. Toda a água foi drenada sabe-se lá para onde, mas, pelo menos, não estava espalhada por todo o chão para ela limpar.

Mas ele não parecia bem. Conforme a água saía de suas guelras, mais daquele líquido escuro também saía. Sangue, ela sabia. E isso não era tudo. As luzes iluminavam inúmeros arranhões, feridas e pedaços rasgados de barbatanas delicadas. Sua respiração estava ainda mais irregular, mais áspera do que ela já tinha visto antes.

Doeu seu coração olhar para ele daquele jeito.

— O que eles fizeram com você? — ela perguntou enquanto andava ao redor dele para pegar o kit médico.

— Nada que eu não teria feito a eles — ele respondeu, resmungando baixinho, embora ela pudesse ver o quanto lhe doía até mesmo falar.

— Para quê? Para me manter aqui?

Kit médico na mão, ela o virou para ele e clicou em um botão. Levaria alguns momentos para o dispositivo calibrar para seu corpo, e então ela poderia começar a trabalhar curando-o. Claro, ele não tinha ideia do que ela estava segurando. Ela deveria explicar. Ela deveria...

Seu estômago revirou quando ela contornou o lado dele e viu a extensão do dano. Primeiro, a raiva cresceu em seu peito. Ela queria chutar alguém. Quebrar algo para que ela pudesse tirar um pouco dessa agressão. E então seu coração doeu. Mira sentiu que poderia explodir em

lágrimas enquanto se abaixava ao lado dele, cuidadosamente estendendo a mão e agarrando a dele.

— Não sei onde posso te tocar — ela sussurrou. — Tudo parece doer.

— Isso não. — Ele apertou os dedos dela nos seus e então puxou a mão dela sobre o peito. Ela podia sentir o coração dele batendo, embora fosse uma batida estranha comparada à dela.

— Nem isso. Nada nunca dói quando você me toca.

Um soluço irregular saiu de sua boca.

— Arges. Você está horrível.

— Eu me sinto péssimo. — Mas então ele esfregou a mão dela para cima e para baixo em seu peito em um movimento suave, e suspirou. — Menos péssimo agora.

Seu coração apertou e cada parte dela queria chorar. Ele não merecia essa dor porque ela estava em sua vida. Inclinando-se, ela pressionou suas testas e tentou forçar sua própria energia saudável para dentro dele.

Com o braço ferido, ele levantou a mão e segurou a parte de trás da cabeça dela, segurando-a um pouco mais perto. Por um momento, pareceu que nada tinha acontecido entre o beijo deles e esse momento. Ela poderia fingir que ele não estava ferido se seus dedos não estivessem tremendo enquanto ele tentava segurá-la.

— Sinto muito — ela sussurrou novamente. — Eu tenho uma ferramenta que vai ajudar a curar você.

— Em um momento.

— Você está sangrando por todo o chão, Arges.

— Eu sei. — Ele inalou novamente, e ela observou as guelras rasgadas na lateral do pescoço dele tentarem tremular. Mas elas estavam tão rasgadas que era difícil para elas se moverem. — Eu só quero mais alguns momentos, Mira. Só deixe-me lembrar a mim mesmo que você

está bem.

— Estou — ela disse. — Graças a você.

Eles ficaram parados por um tempo. Apenas respirando um ao outro, mesmo enquanto ela sentia os tremores percorrendo o corpo dele a cada vez que ele respirava. Ele estava com tanta dor, e ainda assim de alguma forma isso era mais importante.

Finalmente, ela não conseguiu mais suportar. Mira se afastou e pegou o kit médico. Parecia semelhante ao seu soldador, mas este tinha uma gosma estranha que curava tudo muito rápido. Ela não tinha ideia de como funcionava.

— Isso não faz mal quando uso em mim, mas temos corpos diferentes. Não sei se vai...

Ele inclinou a cabeça para longe dela, expondo as guelras feridas para ela com facilidade.

— Eu não sou estranho à dor, Mira. Se isso vai me curar, então eu preferiria que fosse feito. Não pode doer mais do que a água doeu.

Ela estremeceu.

— Imagino que tenha sido doloroso. Se não se importa, vou começar. Pode me dizer o que aconteceu enquanto faço isso?

Ela pensou apenas em distraí-lo da dor, mas a história dele fez suas mãos tremerem. Ela já se sentia péssima enquanto levantava suas guelras rasgadas e gentilmente as recolocava com o kit médico. Desta vez, não usou gosma como teria feito com ela. Em vez disso, pareceu recolocar os pedaços de seu corpo com uma substância estranha, clara e gelatinosa. Mas isso mantinha tudo junto, e ela sabia que aceleraria o processo de cura. No mínimo, quando ela terminou com sua guelra, sua respiração soou melhor.

Ele relaxou um pouco no aperto dela, virando-se para encará-la enquanto lhe contava mais sobre a raiva do irmão e a fúria com que ele havia jogado Arges nas pedras.

Ele sibilou um pouco quando ela chegou às suas costelas, mas o pior foi quando ela chegou à nadadeira do quadril rasgada.

— Isso parece muito doloroso — ela disse, sem saber por onde começar. — Eu deveria apenas...

— Faça o que você tem que fazer, achromo.

Imaginando que ela deveria acabar logo com isso e não fazer nenhum dos dois esperar mais, ela agarrou a barbatana e a colocou de volta no lugar. Ele arqueou, sua espinha se levantando do chão enquanto ela se desculpava repetidamente. O som de sua dor, o estrondo profundo ecoando por seus dentes cerrados, fez cada centímetro dela doer com ele.

— Sinto muito — ela disse, ligando o kit médico e preenchendo o espaço para que a barbatana ficasse no lugar. — Sinto muito. Sei que isso dói, está quase acabando. Vai ficar tudo bem.

E então ela terminou. Jogando o kit médico para longe deles, ela colocou as mãos atrás da cabeça dele e o puxou para o peito.

— Você está bem. Você vai ficar bem agora, eu prometo. Isso vai te consertar, e você não vai doer mais.

Mas então ela percebeu que ele não estava tremendo de dor. Ele estava rindo, seus braços já a envolvendo e segurando-a um pouco mais firmemente contra ele. Ele levantou a cabeça, olhando para ela com humor demais para um homem que tinha acabado de sentir uma dor significativa.

— Você está mais preocupada com meu bem-estar do que eu pensei que estaria.

— Você estava com dor!

— Já senti dor muitas vezes na minha vida. Fui mordido por tubarões, atacado por lulas, até tive uma tartaruga que se agarrou a uma guelra quando eu era pequeno. — Ele deu de ombros. — É tudo algo que acontece quando você vive como nós. Nunca fui cuidado com tanta gentileza, no entanto. Eu vou dizer isso.

Ela não deveria se gabar com as palavras. Ela não deveria se orgulhar de ter cuidado dele melhor do que os outros, mas ela estava, com certeza.

Ainda assim. Ele riu dela quando ela estava preocupada com ele.

— Eu deveria te jogar de volta no mar, sua besta.

— Por que isso?

— Eu estava realmente preocupada com você.

— Eu sei que você estava. — Ele alisou a mão nas costas dela, puxando-a um pouco mais para perto até que ela não teve outra opção a não ser montá-lo. Então ele fez a coisa mais estranha até agora. Ele arrumou as pernas dela de cada lado do rabo dele, então a aninhou contra seu batimento cardíaco estranho.

Descansando a bochecha no peito dele, ela brincou com as guelras das costelas dele.

— Você está realmente bem agora?

— Eu vou ficar bem. Só preciso descansar. — Ele nunca parou de tocá-la. Movendo gentilmente os polegares sobre a espinha dela, às vezes enrolando os dedos em seu cabelo. Ela até o sentiu tocar o lóbulo da orelha dela uma vez.

E quando ela estava quase caindo no sono, ela murmurou:

— Isso não pode ser confortável para você. Você está deitado em um chão duro.

— Você ficaria surpresa, Mira. — Então ela jurou que ele acrescentou: — Ter você em meus braços é o mais confortável que já estive.

TRINTA E DOIS

ARGES

Ele acordou na manhã seguinte, já significativamente curado. Seu corpo, embora ainda dolorido e um pouco sensível, não estava mais rasgado ou sangrando. Arges conseguia até flexionar a barbatana em seu quadril. E embora ela não estivesse se movendo normalmente - nem perto disso, para ser honesto - ele conseguia pelo menos movê-la.

E então havia o calor espalhado por seu peito. O calor de uma fêmea que não só o salvou, mas também se contorceu em seus corações. Ele queria segurá-la por mais tempo. Ele queria segurar a parte de trás da cabeça dela e esfregá-la sobre cada centímetro de suas escamas para que pudesse manter o cheiro dela com ele sempre.

Era uma sensação estranha. Uma que ele só tinha experimentado com ela, e ele sabia que era bobagem. Havia muitas pessoas de seu próprio povo que estavam muito interessadas nele. Se ele quisesse uma companheira, ele poderia encontrar uma com um estalar de dedos.

Mas ele a queria.

O aviso de seu irmão surgiu em sua mente, filtrando-se através do sentimento quente e difuso da manhã. Ele seria caçado. Seu povo nunca entenderia a conexão deles. Claro, isso machucou seu coração. Ele não queria desistir de ninguém e certamente não achava que um amor com essa mulher fosse digno de expulsá-lo de casa. Os nervos se agitaram em sua barriga e ele teve o desejo repentino de empurrá-la para longe dele.

Então ele se lembrou dos esqueletos do lado de fora desta cúpula. A maneira como eles estavam enrolados um no outro, mesmo na morte. Ele sabia qual era a história mais provável de como eles tinham acabado ali.

Ela morreu. Ela estava neste domo, com seus lindos vestidos e todas

as coisas lindas que o ondino havia reunido para ela do outro lado do oceano. A idade a havia alcançado, ou talvez ela tivesse ficado doente e ninguém tivesse sido capaz de ajudá-la. Os achromos certamente negariam que qualquer um de seu próprio povo tivesse tido uma conexão com um dos seus.

Então talvez ela tivesse ficado doente e não havia nada que seu companheiro pudesse fazer. Quando ela morreu, ele a pegou em seus braços e afundou os dois ao lado da casa. Talvez ele tenha enrolado sua cauda em volta dela então, mantendo os dois sob as ondas até que ele morresse.

Embora a história fosse triste, também havia muita felicidade nela. O amor que o macho tinha por sua companheira era um que se estendia além da própria morte.

Ele estaria mentindo se tentasse se convencer de que sentia algo diferente por ela. Por Mira.

Deslizando as mãos pelas costas dela, ele sentiu os delicados solavancos da espinha dela e a maneira como ela se mexia durante o sono. Ela se aproximou ainda mais dele, aninhando o rosto contra o peito dele e soltando um pequeno suspiro sonolento que foi direto ao seu coração. Ela estava tão confortável com ele, sabia que estava tão segura que podia dormir profundamente. Ela nem acordou quando ele a tocou.

Foi uma honra. E foi uma que o afetou muito. Ele já podia sentir-se ficando mais grosso, mais longo debaixo de suas escamas, até que logo ele se envergonharia na frente dela. Ela não estava cantando as canções de acasalamento. Ela não estava pedindo para ele lhe dar prazer ou se enrolar em volta dele como seu próprio povo faria.

Mas, por outro lado, ele não tinha ideia de como cortejar alguém da espécie dela. Ela parecia sempre tomar a dianteira nisso.

A respiração dela mudou, mudando um pouco até que ele pensou que talvez ela estivesse acordada. Então ele soube que ela estava, porque

os dedos dela se moveram ao longo dos braços dele, sentindo gentilmente os espinhos escondidos perto do cotovelo dele.

— Bom dia, — ela disse, sua voz um pouco rouca de sono. — Desculpe. Eu não queria dormir em cima de você a noite toda. Você deve estar muito desconfortável.

Ele estava, mas não da maneira que ela pensava.

Limpando a garganta, ele forçou suas mãos a soltarem o vestido claro que ela usava enquanto ela lentamente se sentava. E então ela estava montada nele, arqueando-se com as pernas de cada lado dos quadris dele e os braços sobre a cabeça. Ela tirou o fôlego dele. Mesmo com as roupas amassadas pelo mar e o cabelo emaranhado ao redor do rosto, aqueles seios adoráveis se levantavam com o movimento dela e o sol brincava em sua pele pálida. Ele queria prová-la. Tocá-la. Demorar-se em todos os lugares que ele não podia tocar porque sabia que tais toques arriscariam a vida dela.

Ele só queria ficar com ela. Ele queria viver o resto da vida com ela e seus irmãos tinham sido um chamado para acordar que ele nunca quis. Então, por enquanto, ele viveria em um sonho com ela. Um conto de fadas onde ela era dele, e ele era dela e o resto do mundo não importava.

Ela olhou para ele e seus olhos se arregalaram.

— Arges, seus lábios estão rachando.

— Provavelmente.

— Por que eles estão rachando?

— Meu povo não foi feito para ficar fora da água por tanto tempo. Tenho certeza de que minha pele está secando e minhas escamas provavelmente vão rachar também. — Ele levantou o rabo, deixando-o bater no chão atrás dela. — Minhas barbatanas vão rasgar eventualmente também.

Ele nunca a tinha visto se mover tão rápido. Ela se levantou e correu para a maçaneta que abria a piscina da lua. Com um tapa frenético de

suas mãos, ela a abriu e então correu de volta para ele. Ele a deixou puxar seu rabo, ajudando-a a mover o mais pesado quando ele pensou que ela precisava de ajuda. Ela não percebeu, pelo menos, grunhindo e empurrando até que sua nadadeira atingiu a água com um tapa e metade de seu corpo foi arrastado atrás dela.

Ele se sentou, divertido com as palhaçadas dela.

— Por que você está sorrindo? — ela resmungou. — Você vai murchar como uma uva passa!

— Não sei o que é isso.

— Não é bom. — Ela empurrou os ombros dele, tentando empurrá-lo para dentro da água. — Vai.

Ele agarrou o pulso dela, puxando-a para mais perto dele.

— E se eu não quiser?

— Não me importa o que você quer fazer! Você vai entrar na água.

Mira empurrou-o novamente, e ele precisou de todas as suas forças para não rir. Ela era tão pequena e seus empurrões pareciam um peixinho batendo nele, tentando fazê-lo se mover. Ainda segurando seu pulso, ele a puxou para si.

Ela bateu no peito dele, antes que ele a puxasse de volta para os joelhos ao lado dele. Ela se ajoelhou ali, olhando nos olhos dele com tanta preocupação.

— *Kairos* — ele murmurou, gentilmente arrastando o dedo pela bochecha dela.

Ela o interrompeu.

— Você me chamou assim por um longo tempo. O que significa? Meu tradutor não sabe o que fazer com isso.

— É uma palavra com muitos significados — ele respondeu. Sua garganta fechou um pouco, sabendo que ele estava prestes a revelar talvez demais. — Para nós, é um momento fugaz, mas crucial. Uma efêmera correção de tempo e lugar. Um momento que te leva para onde

você deveria estar.

Os olhos dela se encheram de lágrimas, e ele odiou ver aquela água salgada nos olhos dela.

— Arges… Você realmente precisa entrar na água. Você vai se machucar mais.

— Você faz meus corações sangrarem quando se preocupa desse jeito.

— Corações?

— Eu tenho dois. — Arges levou a mão primeiro a um, depois ao outro. — Um bate pelo meu povo, e nunca vai parar de bater por eles. Mas o outro bate por você, Mira. Sinto muito por ter demorado tanto para perceber isso.

Os lábios dela se separaram, e seu olhar estava preso na mão dela tocando o peito dele. Ela abriu os dedos, e aquele toque queimou através dele.

— Tenho a sensação de que não entendo realmente o que você está tentando dizer.

— Meus irmãos querem que eu a devolva para sua cidade ou a mate. — Ele cobriu a mão dela com a sua, segurando-a firmemente contra ele. — Mas não tenho intenção de deixar você ir, Mira. Você capturou meu coração, roubou-o assim como tem minha atenção e meu tempo. Não posso deixar você ir. Eu estaria negando ao meu coração a razão pela qual ele bate.

Aquele rosto pálido virou-se para ele e ele não conseguiu se conter. Ela havia chamado aquilo de beijo, e parecia tão importante para ela. Então ele segurou a parte de trás da cabeça dela e a puxou para mais perto dele.

Desta vez, ele a beijou. Ele pressionou os lábios, saboreando-a gentilmente e provocando seus lábios para amolecê-los. Ele nunca soube o quão maravilhoso isso seria. E, no entanto, os achromos estavam certos

sobre algo.

Esse beijo o fez querê-la ainda mais. Fez com que ele quisesse algo que ele sabia que não deveria ter, mas que ele roubaria por alguns momentos, mesmo que fosse só para experimentar com ela.

Ele devorou a boca dela, mordiscando seus lábios com seus dentes mais afiados e tentando persuadi-la a abrir a boca para que ele pudesse provar sua língua. E quando ela o fez, oh, isso fez seu corpo inteiro doer. Suas guelras tremeram, as escamas ao longo de seus pênis se movendo. Ele estava tão perto de sair e então ela perceberia o quão incrivelmente diferentes eles provavelmente eram.

— Você tem que entrar na água, — ela murmurou contra a boca dele, seus dedos cravando em seu peito. — Você não pode secar. Especialmente não... Se você...

Ela queria continuar com isso? Ele certamente queria. Ele não queria deixá-la ir, nem queria descobrir o que aconteceria se o fizesse.

— Venha comigo.

— Onde?

— Na água. — Para onde mais ele estaria pedindo para ela ir? Ele se afastou o suficiente para ver que os olhos dela estavam fechados, e ela se moveu em direção a ele quando ele se afastou. — Entre na água comigo de novo, *kairos.*

— *Kairos.* É assim que você sempre me chama. — Ela olhou para ele com admiração. — Você me chama assim há séculos. Certamente você não sabia…

Ele passou as garras pelos cabelos dela, usando-as para puxar a cabeça dela para trás, para que ela tivesse que olhar para ele.

— Eu te chamarei do que eu quiser, Mira. *Kairos.* Achromo. *Minha.*

Ele rosnou a última palavra, cada centímetro mais uma criatura que deveria tê-la aterrorizado e, ainda assim, ela olhou para ele com apenas mais luxúria em seus olhos. Ela o queria.

Isso o tirou do sério, o que ele normalmente não teria feito. Com qualquer um de seu povo, ele teria mordido o pescoço dela. Marcado ela. Rasgado em carne, e esperado que ela fizesse o mesmo com ele. Ela já o teria marcado com seus espinhos ou garras. Mas suas fêmeas eram muito maiores que os machos. Ela era tão pequena, e ele não tinha certeza se eles sequer caberiam.

Eles iriam. Ele tinha certeza disso. Eles foram feitos um para o outro, assim como os deuses do mar pretendiam. Se fosse preciso um pouco de trabalho para encaixá-los, então eles descobririam.

Mas, novamente, ele teria que descobrir como fazê-los caber.

Inclinando-se para o lado, ele enganchou o dispositivo dela com sua garra e o estendeu para ela.

— Venha comigo, Mira. Tenho muitas perguntas que preciso que sejam respondidas.

— Não seria um pouco mais fácil conversar aqui?

— Não pretendo falar. — Suas guelras tremeram novamente, e ele deixou seus olhos vagarem pelo corpo dela antes de encontrar seu olhar. — Tome sua decisão, Mira.

Talvez ele estivesse forçando demais. Talvez isso a sobrecarregasse, mas ela olhou para ele como se quisesse isso. Como se o quisesse. Quando ele escorregou de volta para a água, ela não hesitou. Ela puxou o dispositivo de suas mãos, colocou-o sobre a cabeça e o seguiu para dentro da água.

Eles dormiram a maior parte do dia e a noite. A tempestade passou, e a lua deixou tudo prateado e brilhante. Raios de luar acariciavam sua pele com uma beleza metálica que o deixou sem fôlego. Seu vestido flutuava em volta de seus quadris, revelando pernas longas que eram todas da mesma cor. Sem escamas, apenas uma pele lisa e adorável que antes o teria enojado.

Agora, isso só o fez querer prová-la. Tocá-la.

Ela se virou para ele, seu cabelo flutuando ao redor de sua cabeça e nenhum momento de medo em seus movimentos. Ela nadou em direção a ele, usando seus braços para arrastá-la pela água.

As correntes a empurraram a última distância em seu aperto. Ela entrelaçou as pernas ao redor dele, já arqueando-se em seu toque ainda mais embora ele soubesse que provavelmente não era ali que ela esperava que isso acontecesse.

Mas a água fria fluiu sobre suas guelras, acalmando as dores e sofrimentos restantes que ainda persistiam. Então ela o tocou, e ele esqueceu que tinha se machucado.

As correntes fluíam ao redor deles, enrolando-se em volta dos corpos de ambos e atraindo um aroma florescente para suas guelras que o enchia de desejo. Ele já havia sentido isso dela antes, mas nunca havia percebido que isso significava que ela o queria. Precisava dele. O desejava assim como ele a desejava.

Respirando fundo, ele teve que se forçar a não se esfregar nela só para manter aquele cheiro.

— Você tem certeza? — ele perguntou, sua voz baixa e estrondosa. — Você tem certeza de que é isso que você quer?

— Eu nunca estive tão certa. — Mesmo com a voz abafada pelo dispositivo que a ajudava a respirar, ele ainda conseguia ouvir a paixão em seu tom. — Eu quero você, Arges. Eu quero há muito tempo.

Talvez ambos soubessem que esse momento teria que ser roubado. Que eles não poderiam ficar juntos por mais do que alguns momentos, porque era um risco para eles até mesmo permanecerem assim. Até mesmo estar nas ondas juntos significava que outros poderiam sentir o cheiro deles, caçá-los, encontrá-los.

Ele passou as mãos pelos planos suaves das pernas dela, sentindo o calor que irradiava do corpo dela mesmo na água gelada, e descobriu que simplesmente não se importava. Ele nunca tinha sido o tipo de

pessoa que arriscava nada, especialmente ela, mas agora, isso valia cada risco.

— Não posso te beijar — ele disse, movendo a mão sobre o dispositivo no rosto dela. — Isso é importante para o seu povo?

— É legal, mas não é necessário. — Ela pegou a mão dele e a puxou para baixo até o peito, moldando a palma dele à pele dela. — Há outras maneiras de tornar isso agradável.

— Eu não conheço sua espécie. — Uma pequena explosão de nervos se contorceu dentro dele, como uma enguia em sua barriga. — Acasalar é difícil e brutal para meu povo. As fêmeas são maiores que nós. Nós enrolamos nossas caudas juntas, lutando mesmo quando entrelaçadas. Há muito sangue e muita dor, junto com prazer.

Os olhos dela se arregalaram na água.

— Não é assim para os humanos.

— Então como é?

Ela segurou a mão dele na dela, aliviando o aperto em seu seio e deslizando-o suavemente sobre sua pele. Ela usou o polegar dele para passar o toque sobre o pico, e para seu fascínio ele viu o mamilo dela endurecer sob seu olhar.

— Suave — ela sussurrou. — Nem sempre, mas suave é sempre um bom começo. Nós nos tocamos. Demoramos. Usamos nossa língua e dedos para dar prazer à outra pessoa.

— Língua? — ele inclinou a cabeça, observando-a com um olhar estreito. — Você está brincando?

— Eu não.

Ela se inclinou para frente, e ele não tinha como saber que ela iria remover seu respirador. Num segundo ele estava ligado, e no outro ele sentiu o deslizar quente e úmido da língua dela ao longo de sua guelra.

Suas escamas deslizaram para o lado, e ele pulou para a água fria. Suas guelras estremeceram, seu corpo travou, e todos os pensamentos

em sua mente fugiram além de lutar, foder ou reivindicar. Por todos os deuses do mar, ele nunca imaginou que seria tão bom. Ele não pensou que algo *pudesse* ser tão bom! Os dedos dela eram deslumbrantes, mas isso?

Ela deslizou o dispositivo de volta sobre o rosto, apertando um botão que limpava a água enquanto ela se inclinava para trás.

— Entendeu a ideia?

— Você vai fazer isso de novo, — ele rosnou, agarrando-a um pouco forte demais. — Mas primeiro eu vou fazer isso com você.

TRINTA E TRES

MIRA

Ela não tinha ideia do que ela estava fazendo. Mira estava enrolada nele como uma espécie de lula, enrolando seus membros em volta dele porque era isso que ele dizia que as fêmeas de sua espécie faziam. Mas ela não achava que conseguiria se fazer parecer maior do que ele. E se ele estava esperando uma mulher maior do que ele, uma que lutaria com ele e o machucaria, não seria ela.

Não era possível que ela o alcançasse, e ela duvidava muito que ele fizesse qualquer coisa além de rir se ela tentasse.

Então isso significava que ela tinha que fazer as coisas do seu jeito. Ela tinha que tocá-lo do jeito que um humano tocaria outro. Ela tinha que convencê-lo de que havia outras maneiras de fazer sexo. Outras maneiras de aproveitar estar um com o outro que não fossem apenas brigas, sangue e presas.

Ela estava um pouco preocupada com a logística, mas eles veriam onde isso iria dar. Foi por isso que ela o lambeu. Só para ver o que ele faria se ela tocasse a língua nele, para ver o que aconteceria se ele percebesse que havia outra maneira de fazer isso.

Talvez a espécie dele fosse violenta, mas ela não sobreviveria a isso. Não com ele. Provavelmente nem com alguém da sua própria espécie.

Ele claramente gostou daquele toque, no entanto. Com um braço ainda em volta das costas dela, ele inclinou os quadris dela para que o peito dela ficasse aberto diante dele.

— Então você gosta de toques suaves. É isso que você diz?

— Mulheres humanas sim. — Ela olhou para os olhos negros dele, já queimando com tanta paixão que fez seu coração acelerar. — Os

homens talvez prefiram toques mais fortes.

— Não quero falar sobre outros machos.

— Tenho a sensação de que você vai ser muito diferente, então eu também não. — Talvez ela fosse louca por querê-lo assim. Ele era um ondino, nem remotamente humano, e ainda assim tudo o que ela conseguia sentir era mais umidade se acumulando entre suas pernas. Os músculos dele eram tão tentadores. Ela queria tocá-los, prová-los, deixar sua língua percorrer os vales de seu abdômen, mesmo sabendo que era um risco toda vez que tirava seu respirador.

E ainda assim, ela queria arriscar. Ela queria tocar ele todo.

Aparentemente, ele estava mais interessado em tocá-la. Suas mãos deslizaram da clavícula dela até a barriga. Com um sorriso malicioso no rosto, ele passou as unhas pela frente do vestido dela. Não o suficiente para rasgar sua pele, ou mesmo arrancá-la dos ombros. Apenas três linhas de cada lado, o suficiente para os seios dela aparecerem através do tecido.

Mas toda a sedução em seu olhar desapareceu quando ele finalmente viu os seios dela. Ele gemeu, o som retumbando através de suas costelas e vibrando contra as coxas dela.

— Você é tão bonita quanto eu pensei que seria, — ele disse no final daquele gemido, puxando-a para cima através da água com seu braço envolto em suas costas. Ele trouxe seus seios direto para sua boca, seu cabelo emaranhado em volta de seu torso enquanto ele fazia isso. — Provar, — ele murmurou contra seu peito, puxando seus lábios sobre a ponta de seu mamilo. — Humanos gostam de ser provados.

Ele abriu a boca e, oh, sua língua. Aquela não era uma língua normal.

Mira não conseguia parar de arregalar os olhos quando viu aquele estranho apêndice sair da boca dele. Azul escuro e mais grosso do que qualquer língua que ela já tinha visto antes, estava coberta de pequenas

saliências que ela tentou muito não pensar que eram crescimentos até que ele a sacudiu sobre seu mamilo.

Então tudo o que ela conseguia pensar era em quão incrível seria sentir aquilo entre suas pernas. A textura não era áspera, como ela havia pensado. Era suave e quente e quase grudava em sua pele enquanto ele a lambia novamente.

Gemendo, fissuras de prazer percorreram seu corpo. Seu estômago se contraiu, e ela tentou apertar as pernas para ajudar com a pressão entre as coxas, mas não conseguiu com ele entre elas.

— Bom? — ele perguntou.

Ela choramingou antes de concordar. Era toda a permissão que ele precisava para devorar.

Ele se concentrou em nada além de saborear a pele dela. Sua língua a lambeu, movendo-se do lugar sensível abaixo dos seios, deixando pequenas marcas de mordidas de seus dentes afiados enquanto ele prestava muita atenção à pele mais macia onde o coração dela batia contra suas costelas. Então ele retornou aos mamilos dela, puxando-os para dentro da boca com sucção quase demais, rolando-os com aquela *língua* que era muito mais do que ela esperava. Como ela não notou a textura quando o estava beijando? Talvez ela estivesse bêbada de paixão...

Como agora.

Mira sentiu como se pudesse desmoronar a qualquer segundo e tudo o que ele fez foi prová-la. Mas suas mãos não se moveram. Ele a segurou no lugar, sua cauda se enrolando atrás dela, enrolando-se em si mesma porque ela percebeu que ele queria desesperadamente se enrolar em volta dela.

Por quê? Ela não tinha ideia.

Não importava. Ela não conseguia pensar além da necessidade entre suas pernas. Apertando seu aperto em seus quadris, ela agarrou

uma de suas mãos e a moveu entre suas pernas.

— Toque-me.

— Eu estou te tocando.

— Toque-me aqui. — Ela passou a mão dele por seu estômago, por seu osso pélvico. A saia atrapalhou, mas ela sabia que ele tinha que adivinhar o que ela queria dizer. Onde ela queria que ele tocasse.

Arges moveu suas saias com um rosnado baixo que fez ainda mais líquido se acumular entre suas pernas. Ela queria gemer novamente, dizer a ele para fazer aquele som de novo e de novo porque isso fazia suas guelras vibrarem em suas costelas e a vibração era tão boa pra caralho.

Os dedos dele deslizaram sobre o estômago dela, quase como se ele estivesse procurando algo que esperava estar na parte plana do osso dela. Mas então os dedos dele se moveram mais para baixo, tentando alcançar entre as pernas dela até que ele tocou suas dobras pingando.

Seus olhares se encontraram, e ela viu os olhos dele revirando na cabeça e suas guelras se destacando ao redor do pescoço enquanto ele corria um dedo pela fenda dela.

— Tão quente — ele murmurou. — Tão suave.

— Isso não deveria ser tão sexy quando você diz assim, — ela murmurou, arqueando-se em seu toque. — Mais.

— Mais? — Ele pareceu quase dolorido quando disse isso, mas então de repente ela estava se movendo de novo. Empurrada para cima por braços fortes, através da água até que suas pernas estavam enroladas em volta do pescoço dele.

E ah.

Oh.

A sensação daquelas guelras suaves e vibrantes contra suas coxas era quase sensação demais. Elas eram o toque mais leve como uma pena que ela sempre quis, mas nunca soube como pedir. Então ele se virou,

apenas ligeiramente, e suas guelras roçaram os lábios de sua boceta.

— Porra, — ela choramingou. Ele estava... saboreando-a. Sugando o cheiro da necessidade dela para suas guelras, cobrindo-as com o fluido que só ela podia criar. Deveria ser nojento, mas só a fez querê-lo mais quando ele virou a cabeça para a fenda dela e lambeu os lábios.

Ele murmurou algo, talvez algo como ser gentil, antes de lambê-la de baixo para cima. Infalivelmente, as protuberâncias de sua língua deslizaram ao longo de seu clitóris e ela não conseguia nem pensar além disso. Era tão bom. Tão incomum. Tão certo.

Ele a arruinaria para qualquer outra pessoa assim. Como ela foderia um humano quando sabia como era ter um ondino lambendo-a?

— O que mais? — ele murmurou, passando os lábios pelas dobras dela como se a estivesse beijando ali. Suave e delicado, assim como ela havia pedido.

O que mais? O que ele quis dizer com...

— Oh, — ela murmurou, tentando tirar sua mente da névoa. — Dentro.

— Dentro? — Ele pareceu intrigado com o pensamento, então lambeu os lábios.

Ele não perdeu tempo nem um pouco. Sua língua procurou a abertura dela e então mergulhou. Mergulhou fundo dentro dela e *oh* aquela textura nervurada.

Ela fez um barulho estranho e sibilante que nunca tinha feito na vida antes de enfiar as mãos no cabelo dele. Ela o segurou, suas coxas tremendo enquanto ele comia, devorava e lambia. Aqueles calombos deslizaram contra cada parte dela que ela nunca soube que existia, e então de repente ela estava gozando. Seus músculos se apertaram ao redor da cabeça dele, provavelmente muito apertados. Ele provavelmente não conseguia nem respirar, considerando que ela estava apertando as coxas ao redor das guelras dele, mas ela não conseguia se

conter.

Cada parte dela se despedaçou, apertando a língua dele e segurando-o no lugar enquanto ela soltava um grito agudo.

Ele pareceu não ser afetado depois que ela terminou. Em vez disso, ele a puxou para baixo de seu corpo, deslizando sua boceta para baixo de seu peito e em suas escamas até que ela estivesse de volta em seus braços.

— Você está bem?

— Perfeita, — ela sussurrou. — Absolutamente perfeita.

— Suas fêmeas podem aproveitar isso muito mais do que as minhas. — Ele lambeu os lábios, então se inclinou para lamber o ombro dela. — Eu gosto quando você grita.

Tremendo, superestimulada, ela pensou que talvez devesse fazê-lo sentir o mesmo.

— Nós focamos inteiramente no que eu gosto. E você?

— Sou fácil de agradar.

— Você é? — Talvez todos os machos fossem iguais, então. Ela se contorceu em seus braços, tentando ver onde ele teria um pau. Mas ele a parou, envolvendo um braço em volta de sua cintura e a virando para longe dele.

Com as costas pressionadas contra o peito dele, ela podia sentir a rigidez atrás das coxas, presa pelos restos da saia.

Ele empurrou contra ela, e embora fosse uma sensação estranha, de alguma forma ainda era familiar.

— Tenho preocupações de que sejamos muito diferentes.

— Eu sei que você não é humano, — ela respondeu com uma risadinha. — Posso te tocar?

As mãos dele deslizaram até a cintura dela, lentamente levantando suas saias. As pernas dela deslizaram para baixo na água, roçando contra a cauda dele que lentamente se enrolou em volta dela. Apenas a parte

inferior enganchou em volta dos pés dela, mantendo-os juntos e presos no lugar.

Ele não respondeu. Em vez disso, ela sentiu outra estocada em suas costas e de repente havia algo semelhante a um pau entre suas coxas. Ele deslizou a cabeça, mais suave do que um humano e mais pontiagudo do que ela esperava. Grosso, no entanto. Deus, ele era grosso.

Mas então... Ah, então ela sentiu outra cutucada na parte inferior das costas.

Ela engasgou, seu respirador de repente não lhe dava nem perto de oxigênio suficiente.

— Você tem dois?

— A maioria das criaturas no mar tem, — ele resmungou, mas ela o sentiu ainda contra suas costas. — Sua espécie não tem?

Não. Eles absolutamente não tinham isso. Mas o mero pensamento de dois a deixou... excitada. Ela se surpreendeu com isso, certa de que dois paus a fariam correr a qualquer momento, exceto este. Mas a sensação dele deslizando suavemente entre suas coxas, pressionando contra seu clitóris e de alguma forma mais suave do que qualquer coisa que ela já tivesse tocado, a fez desejá-lo ainda mais.

Ela se apoiou nos antebraços dele e se virou. Talvez fosse assim que ele e sua espécie faziam sexo, mas ela queria vê-lo. Ela queria olhar para ele.

A cauda dele se soltou o suficiente para que ela girasse, e ela puxou uma das pernas para o lado, deixando a outra presa na espiral da cauda dele. Alcançando-a, ela entrelaçou os dedos nas guelras dele e observou os olhos dele rolarem para trás novamente enquanto ela acariciava as membranas macias ali.

— Diga-me se eu fizer algo que você não goste — ela sussurrou.

Ele olhou para ela como se ela tivesse perdido a cabeça.

— Não há nada que você possa fazer que eu não goste.

Ela de alguma forma duvidava disso, mas ainda assim. Ela alcançou entre eles e descobriu com o que estava trabalhando. Dois paus, um em cima do outro, saindo de suas escamas que deslizaram para o lado para revelá-los. Ela exploraria isso mais tarde, mas agora, apenas a sensação dele em sua mão era o suficiente para fazê-la ofegar.

Ele era tão diferente, mas assustadoramente parecido com os brinquedos que ela usara antes. Liso, quase sem textura, mas grosso e convenientemente afilado, então deveria ser bem fácil introduzi-lo nela. E agora, era tudo o que ela queria fazer.

Segurando um com firmeza, ela experimentalmente bombeou sua mão para cima e para baixo nele. Ele se chocou contra o punho dela, sibilando um longo suspiro com um olhar quase raivoso em seus olhos.

— Não quero que isso acabe tão cedo — ele repreendeu.

— Por que não? — ela perguntou, levantando uma sobrancelha. — Você tem dois.

Ele os girou na água, e as costas dela bateram na areia com uma força surpreendente. De repente, ele estava em todo lugar, aquela longa cauda se enrolando sob os quadris dela e em volta da perna dela. A outra perna ele agarrou com uma mão palmada enquanto a puxava para mais perto dele. Erguendo-se sobre ela como um deus do mar, tudo o que ela conseguia olhar era aquele músculo e a pele cinza manchada sem fim.

E apesar de tudo, ela ainda o marcou em sua entrada. Ambos pararam no momento em que ele roçou nela, congelando ao perceber que esse era o ponto sem volta. Se fizessem isso, ficariam ainda mais amarrados do que já estavam.

Ele flexionou os quadris, deslizando para dentro dela apenas um centímetro, mas era como se ele tivesse derramado fogo derretido em suas veias. Ela estava esticada, espetada por um pau que era quase grande demais, mas de alguma forma tão certo. Tão suave e deslizando em seu corpo sem nenhuma barreira ou resistência.

Inclinando a cabeça para trás, ela gemeu quando ele afundou mais um centímetro. Depois outro. O rabo dele se moveu por baixo dela, arqueando ainda mais suas costas, então ele deslizou para dentro até onde o corpo dela permitiu.

Um longo som irrompeu do peito dele, e ela abriu os olhos para ver todas as guelras dele vibrando ao mesmo tempo. Ele era tão sobrenatural, tão feio e bonito ao mesmo tempo enquanto aceitava a oferta dela. Seu segundo pau escorregou contra ela também, deitando-se sobre o clitóris dela, mas não se movendo o suficiente para ajudar.

— Você é tão boa, — ele gemeu. — Tão apertada.

— Mova-se — ela sussurrou.

Ela percebeu que talvez a espécie dele não se movesse. Talvez eles se unissem como algumas espécies de peixes e fosse isso. Mas ela se recusou a não receber o que merecia por isso. Então ela arqueou as costas, balançando os quadris contra ele. Puxando para trás para que ele deslizasse quase completamente para fora dela. Ele não a impediu, exceto pelo aperto de seus dedos nos quadris e um leve gemido que a fez se perguntar se ele achava que ela já o estava deixando.

Mas então ela bateu os quadris de volta nos dele, agarrando-se às escamas dele para alavancar enquanto o forçava de volta para dentro dela. O outro pau deslizou com ela, deslizando o tempo todo em seu clitóris, a fricção deliciosa absolutamente perfeita. Era um peso constante e pesado contra o feixe sensível de nervos. Os olhos dele se abriram de repente, e ela soube o momento em que clicou.

Ele agarrou os quadris dela e bateu de novo. De novo. Martelando em seu corpo, exatamente como ela queria desesperadamente. Embora a textura do seu pau não lhe desse muita fricção, o alongamento certamente dava. Ela foi levada quase ao seu limite. Forçando seu corpo a tomá-lo, transformando uma queimadura dolorida em um prazer que a consumiu e explodiu até que ela o apertou novamente, quase gritando

em seu respirador enquanto ele se arqueava sobre ela também.

Ela o sentiu gozar. Sentiu o pulso quente de sua semente inundando suas entranhas. Muito mais do que um humano. Tanto que vazou dela, subindo de onde eles estavam unidos em finos tentáculos que brilhavam com uma centena de cores, como uma mancha de óleo pálido.

Respirando com dificuldade, ela olhou para ele com alguma forma de admiração em seus olhos, ela tinha certeza.

— Uau — ela sussurrou.

Ele também estava respirando com dificuldade, suas guelras ainda estavam bem abertas.

— Isso foi aceitável?

— Porra, sim.

— Bom. — Ele a agarrou pelos quadris e a virou. Ela deitou em seu rabo, seu estômago pressionado contra as escamas ondulantes quando sentiu um segundo toque forte contra sua abertura.

— Porque eu tenho dois.

Ela arqueou as costas e gritou quando ele deslizou para dentro novamente. Desta vez foi diferente. Desta vez, ele não a deixou se ajustar ou sentar com ele dentro. Ele se afastou e bateu novamente, suas mãos com garras cavando na areia de cada lado da cabeça dela enquanto ele usava sua cauda para mantê-la no lugar. A água ficou turva ao redor deles enquanto ele a penetrava, seu grande corpo pressionando-a de todos os ângulos.

Mas dessa forma, ela podia sentir suas escamas esfregando contra sua pele sensível. Ele parecia deslizá-la com força ao longo delas, marcando-se com seu corpo e o cheiro de sua paixão.

— Tão bom, — ele murmurou, seus dentes brilhando ao lado da cabeça dela antes de pressionar seus lábios em seu ombro. — Tão apertada.

Ela não conseguia pensar. Não conseguia respirar. O respirador ainda estava funcionando? Ela não tinha ideia. Ela arqueou as costas contra ele, inclinando os quadris para que ele tivesse um acesso mais fácil. Para que ele pudesse deslizar para dentro e para fora ainda mais rápido enquanto ela se sentia apertando em volta dele novamente.

Ele sibilou um longo suspiro, bolhas irrompiam na água ao redor deles, e de repente seus movimentos ficaram ainda mais frenéticos, mais desesperados. Uma mão apertou a cintura dela e ele a puxou contra ele, esfregando-se nela com o menor dos impulsos que de alguma forma ainda o movia, mas ela podia constantemente senti-lo contra ela. Ao redor dela. Dentro dela.

Empinando-se, ele usou sua cauda para trazê-la com ele. Ela estava mole em seu aperto, não podia fazer nada além de aceitar o que ele lhe dava. Selvagem agora, ele empurrou mais forte, mais rápido, movendo-se para dentro dela com as ondulações do mar.

Freneticamente, ela agarrou uma das mãos dele e pressionou os dedos dele contra seu clitóris, movendo-os com os próprios dedos para mostrar a ele o que queria. Então ela se estilhaçou, se despedaçou, gritando na máscara mais uma vez enquanto gozava com tanta força que pensou que poderia ter morrido.

Ele gozou mais forte dessa vez, estremecendo contra suas costas mesmo quando ela sentiu uma picada afiada na lateral do pescoço. A dor nem sequer foi registrada quando ela sentiu outra onda de gozo entre suas pernas, quase quente demais mesmo quando vazou dela.

Respirando com dificuldade, ele pressionou os lábios no ombro dela, no pescoço, na bochecha, em cada parte dela que ele conseguia alcançar, com ela de costas para ele.

— Você é perfeita, — ele sussurrou contra a pele dela. — Tão perfeita.

Se ela pudesse sentir seus membros, ela teria dito o mesmo a ele.

Mas a sensação dele ainda dentro dela, a sensação de prazer que quase estourou seu coração, ela descobriu que não tinha mais nada a dizer. Havia apenas admiração, e a percepção de que ela nunca poderia deixá-lo. Não depois disso.

Porra, ela estava apaixonada por um ondino.

TRINTA E QUATRO

ARGES

Sua vida inteira se desfez no momento em que ela o tocou. Porra, isso era mentira. O momento em que ele pôs os olhos nela foi o momento em que ele deveria saber que nunca mais seria o mesmo.

Essa mulher, essa achromo que lutou com um ondino mesmo sabendo das coisas terríveis que ele poderia fazer com ela, havia capturado seu coração. Ele havia admirado sua bravura naquela época, mas não tinha como saber que essa bravura se transformaria em admiração que se transformaria em amor. Amor verdadeiro e feliz. Ele se sentia melhor quando estava com ela. Como se sua mente e sua alma se acalmassem. Como se ele tivesse procurado a vida inteira por alguém que pudesse vê-lo. Só ele.

Não o guerreiro. Não o homem que podia salvar seu povo e que era bom em atacar os achromos. Não o estrategista com cérebro que conseguia ver através do que os achromos construíam.

Tudo o que ela viu foi Arges. O monstro que a sequestrou e a criatura que ela perdoou. Eles lutaram. Eles discutiram e tirou sangue dos dois lados. E ainda assim ela encontrou em seu coração a vontade de perdoá-lo.

Como ele merecia uma mulher assim? Como ele encontrou alguém que era tão feroz e tão suave ao mesmo tempo?

Ele era um tolo por ela.

Pegando o corpo mole dela em seus braços, ele nadou em direção à piscina da lua. Quanto mais tempo eles ficavam na água, mais chances havia para seu povo caçá-la.

Seu irmão sabia onde eles estavam. Daios tinha quase lhe dado um

ultimato. Leve-a de volta para seu povo, mande-a para casa, onde eles lutariam uns contra os outros pelo resto de suas vidas, ou o Povo da Água a mataria. Porque se Daios não o fizesse, outra pessoa o faria.

Arges não podia fazer isso com ela. Ele não podia vê-la morrer porque ele tinha sido incapaz de mantê-la segura. Ele simplesmente não sabia se havia outro lugar para ele levá-la. Este domo tinha sido claramente criado com uma intenção em mente. Manter um achromo seguro. Manter alguém como ela vivo sob as ondas com uma maneira de eles ainda estarem próximos.

Ele desejou ter pensado nisso ele mesmo. Ele desejou ter fornecido a ela um lugar seguro para descansar a cabeça, construído com suas próprias mãos.

Puxando-a para a superfície, ele estendeu a mão para colocá-la de volta na borda do domo de metal. Mas algo puxou a parte de trás de sua cabeça quando ele fez isso.

Estremecendo, ele estendeu a mão para o ponto dolorido, apenas para vê-la fazer a mesma coisa na lateral do pescoço. O que os estava atormentando? Ele não a machucou; ele tinha certeza disso. Ele tinha sido tão cuidadoso com suas espinhas ou qualquer uma das partes perigosas de seu corpo. E ela o teria deixado saber se ela foi machucada. Não havia cheiro de sangue na água, então o que...

Ele observou com horror enquanto ela afastava o cabelo do pescoço e viu um dos fios do seu cabelo preso na lateral do pescoço dela.

— Não se mova, — ele disse, estendendo a mão para ela com uma mão trêmula. — Sinto muito, eu não percebi...

— Está tudo bem. — Ela parecia estranhamente bem com o pensamento de que algo estava grudado dentro dela. — Eu senti quando aconteceu, mas não achei que estivesse realmente em mim. Só me deixe puxar para fora.

— Não sei se você deveria. — Arges se aproximou um pouco mais,

afastando a mão dela para que pudesse ver o que estava acontecendo.

Parecia que um dos tentáculos dele tinha perfurado o pescoço dela, bem na carne macia. Havia uma gosma estranha ao redor, uma que ele nunca tinha visto sair de um tentáculo. Ele não sabia o que seu corpo estava fazendo. Isso não era natural nem um pouco. Ele já tinha acasalado antes. Seu corpo nunca tinha reagido assim, e certamente nunca sem sua permissão para fazê-lo.

A caixa de Byte se abriu na visão periférica, mas Arges estava nervoso demais para desviar o olhar do ferimento e da visão estranha de um fio de cabelo dele se movendo sob sua pele.

— Você gostaria que eu a escaneasse, Srta. Mira? — perguntou o robô.

— Claro, Byte. Vá em frente.

— Talvez você devesse pegar o kit médico enquanto eu faço isso.

Ele jurou que o robô disse tudo isso com julgamento. Havia um tom em sua voz metálica que dizia que ele pensou que ele tinha tentado matá-la, e agora todos eles teriam que consertar o problema.

Olhando para a caixa, Arges pegou o kit médico e entregou a ela. Seus braços eram mais longos, e ele não queria que ela arrancasse o estranho apêndice sem nenhuma maneira de curá-la. E se isso rasgasse sua garganta? E se ela sangrasse na frente dele?

— Digitalizando agora.

Ele congelou quando aquele raio de luz verde se moveu sobre ele também. Era inevitável que precisasse fazer isso. Ele tinha visto a criatura escanear Mira antes e achou que parecia doloroso. Então ele esperou que a mordida da luz queimasse sua pele, queimasse sua carne enquanto tentava descobrir o que havia de errado com ele. Mas a luz não fez... nada. Era apenas uma luz. Ele não conseguia nem sentir onde ela estava tocando seu corpo se parasse de olhar para ela, mas ainda assim cada guelra se achatou com força em seus lados como se ele pudesse se

esconder do robô.

— Digitalização completa — Byte finalmente disse. — Isso é interessante.

— Interessante? — Mira disse com uma risada, mas ele podia ver a maneira tênue como seus olhos se enrugaram quando ela disse isso. Ela também estava nervosa. — O que tem no meu pescoço, Byte?

— Parece que os ondinos têm uma maneira incomum de acasalar com sua espécie. Eu acredito que era isso que você estava fazendo lá fora.

Ele observou as bochechas de Mira ficarem com um tom bonito de vermelho escuro.

— Era.

— Parece que o corpo da seu ondino fez mudanças próprias para se conectar mais com você. De certa forma, para mantê-la segura. Esse tubo na sua garganta, eu acredito, permitiria que ele respirasse por você. Se você tirasse seu respirador, enquanto estivesse conectado, partes do oxigênio que ele está recebendo através da filtragem da água em suas guelras iriam para você. Ele teria, é claro, que respirar um pouco mais rápido para compensar o oxigênio que você respira, mas enquanto você não estivesse fazendo nada muito extenuante, você poderia realmente respirar debaixo d'água com ele.

Arges não estava entendendo bem tudo isso. O que a criatura queria dizer com eles conseguirem respirar debaixo d'água juntos? Que ele estava respirando por ela?

— Não é de se espantar que eu estivesse um pouco tonta — ela murmurou, batendo os dedos nos joelhos. — Então o que você está dizendo é que eu não deveria precisar do respirador enquanto estivermos conectados?

— Imagino que será uma experiência desconfortável para se acostumar. É muito semelhante a ter uma máquina respirando por você.

Você não precisaria respirar de jeito nenhum, porque o ar está sendo diretamente enviado para seus pulmões através do seu pescoço. É... fascinante. Não deveria funcionar, mas pode muito bem funcionar.

Arges levantou a mão para que os dois parassem de falar, e também para que ele pudesse respirar por um segundo. Seus corações estavam batendo um pouco rápido demais, e de repente ele sentiu um pouco como se precisasse flutuar por um tempo e controlar seus pensamentos.

— Espere. Vocês dois parem de falar por um segundo. Não entendi o que você está tentando dizer.

Mira agarrou a mão dele no ar e a segurou perto do peito.

— Nós dois estamos dizendo que esse tubo na minha garganta pode ser uma maneira de eu ficar na água sem o respirador. O corpo do ondino aparentemente faz concessões para a pessoa com quem está acasalando. Se pudermos descobrir como fazer isso sempre que você quiser, então eu poderia respirar debaixo d'água com você indefinidamente. Chega de pegar o respirador. Nada no meu rosto.

— Isso não é possível.

— Aparentemente é.

Ele não podia... fazer isso. Nenhum ondino poderia pegar um achromo e colocá-los na água para sempre. O povo dela não vivia sob as ondas como o dele. Eles não conseguiam respirar. Eles se afogavam. Era assim que as coisas eram e ele não tinha acabado de criar uma maneira para ela... para...

Passando os dedos sobre o lugar onde o tentáculo se conectava ao pescoço dela, ele tocou os dedos na gosma que claramente estava mantendo o ar dentro dela.

— Com o que isso se conecta?

— Às vezes chamamos de traqueia — ela disse com uma leve risada. — Mas acho que é um tubo parecido que vai direto para os meus pulmões.

— Isso é errado, — ele sussurrou. — Eu não deveria ser capaz de fazer isso com você. Ninguém deveria ser capaz de fazer isso com achromos.

— Mas e se essa for uma maneira de nosso povo viver junto? — Ela segurou a mão dele na dela, segurando-a contra o pescoço. — E se isso significar que você pode retornar ao seu povo com uma opção melhor? Eu sei que você tem dito que sua missão sempre foi me matar, Arges. Mas e se você tivesse sido enviado a mim por um motivo maior? E se fôssemos jogados juntos para provar que nossas espécies podem realmente ficar juntas? Para o bem?

Não podia ser esse o raciocínio. Os antigos teriam mostrado a ele aquele futuro, mas eram apenas ele e ela. Era apenas a vida deles, o futuro deles, o filho deles crescendo em sua barriga. Não havia mais ninguém naquela visão.

E naquele momento, ele sabia o que tinha que fazer.

O futuro que os antigos lhe mostraram era um futuro com ele e Mira sozinhos. Não havia espaço para nenhum dos seus povos nele, então ele tinha que fazer a coisa certa aqui. Se ele quisesse mantê-la, e o futuro que lhe dera um novo fôlego em seus pulmões, ele tinha que dizer ao seu povo que ele os deixaria. Ele tinha que desistir de tudo. Por ela.

Ele nunca havia tomado uma decisão tão fácil em sua vida.

Inclinando-se para frente, ele pressionou os lábios nos dela, demorando-se por alguns momentos antes de arrancar o tentáculo do pescoço dela. Mira soltou um longo suspiro, ofegando de dor, mesmo quando a substância estranha que seus tentáculos haviam emitido fechou a ferida para ela. Não havia sangue, nem sujeira. Ela nem tinha um buraco no pescoço por onde seu próprio ar vazava.

Mas havia um novo ponto estranho ali. Quase como se o corpo dele tivesse mudado o dela permanentemente.

— Eu tenho que ir, — ele disse contra os lábios dela. — Eu tenho

que dizer ao meu povo que estou indo embora. Com você. Nós vamos construir uma vida juntos, longe de tudo isso.

— Arges, espere…

Ele não conseguiu ficar para ouvir a tentativa dela de fazê-lo mudar de ideia. Em vez disso, ele mergulhou na água e a atravessou com um raio. Deixando-a de volta na cúpula onde ele sabia que ela não poderia segui-lo, mesmo quando ele afundou nas profundezas que teriam roubado toda a luz dos olhos dela. Seu corpo inteiro se iluminou, mais brilhante do que nunca, enquanto ele seguia em direção ao seu futuro. Seu povo ficaria bem sem ele. Eles tinham Daios, que, esperançosamente, colocaria sua cabeça no lugar depois que seu braço estivesse completamente curado e seu irmão estivesse perdido. Talvez todo o Povo da Água voltasse suas atenções para si mesmo.

Ele lamentou não poder estar lá com eles para celebrar aqueles sucessos. Ele desejou não ter sido colocado neste lugar onde ele fez uma escolha entre seu futuro e seu passado. Mas agora, não havia escolha a ser feita.

Ele queria estar com ela. O futuro que ele tinha visto era a única coisa que ele sempre quis, e ele não desistiria disso por nada.

Mas nas horas que levou para nadar até sua casa, sua mente duvidou de si mesma. Ele viu as pessoas paradas do lado de fora de suas casas, esperando por ele. Ele viu a desconfiança em seus olhos, e talvez o medo de que ele as julgasse. E ele sabia.

Ele sabia.

Algo aconteceu.

Nadando mais devagar, ele alcançou um dos arcos de coral e se puxou através do que um dia fora seu lar. O coral brilhante iluminava o aperto de suas mãos enquanto ele nadava passando por casas cheias de muito mais pessoas do que ele esperava ver aqui. Geralmente eram tão poucas, e ainda assim, agora, parecia haver todo mundo na cidade.

Esperando por ele.

Franzindo a testa, ele nadou pela multidão até o centro onde o conselho já estava reunido. Ele nunca tinha visto todos eles tão preocupados. Todos os olhos estavam em Mitéra, que só tinha olhos para ele.

Cada luz em seu corpo brilhou ainda mais forte com raiva. Eles pensaram que poderiam pará-lo. Mitéra já tinha adivinhado o que ele planejava fazer, e ela iria argumentar.

Ele se recusou a acreditar por um segundo sequer que eles realmente achavam que poderiam pará-lo. Ele ficaria com Mira pelo resto da vida. Os antigos lhe deram aquela visão por um motivo, e se ele a tinha visto, então Mitéra também. Ela queria roubar tudo isso dele.

Ela queria pegar o futuro dele e moldá-lo no que ela desejava. Mas ela não conseguiria fazer isso.

Nadando em sua direção, ele parou no centro onde as cores rodopiantes pararam. Arges encontrou seu olhar e esperou que ela falasse. Até a areia pareceu se acomodar mais rápido com seu movimento para ouvir suas palavras.

— Arges, — ela disse, sua voz ecoando pela clareira. — Seu irmão me contou sobre o veneno que a achromo injetou em suas veias. Ela perfurou o escudo de sua alma e adoeceu seu coração.

— Ninguém me fez mal de forma alguma. — Sua cauda sacudiu a areia, levantando uma poeira que girou ao redor dele antes de se acomodar. — Fui até os antigos, como você me disse para fazer. Eles me mostraram dois futuros, e eu a escolhi. Eu a escolherei em todas as instâncias. Sei que isso significa que devo deixar este lugar, minha casa, minha família. Não tomo essa decisão levianamente.

— Seu povo precisa que você lidere o grupo que os mantém seguros.

— Há outros. — Ele voltou sua atenção para a multidão. Cada um

deles o observava, e ele conhecia todos eles. Rostos amados, pessoas que ele protegia há anos. Mas não mais. Havia apenas uma pessoa que ele queria proteger. — É muito triste para mim deixar vocês. Eu nunca quis perder todos vocês. Mas esta é uma escolha que devo fazer por mim mesmo.

Ele não lhes contou que seu corpo havia mudado por ela. Que ele havia encontrado uma maneira de viver com sua *kairos* e combinar seus mundos.

Claro, seria difícil. Seria difícil dormir separado dela, ou ter que esperar dias até que sua frágil pele pudesse ficar molhada novamente. Mas talvez o corpo dele mudasse ainda mais. Talvez o dela também. Quanto mais tempo eles passassem juntos e mais o corpo dele se adaptaria ao dela. O Povo da Água era um grupo resistente.

Ele mal podia esperar para ver o que o futuro deles traria. Mesmo que isso significasse que ele teria que perder seu próprio povo também.

— Não podemos perder você, Arges. — Mitéra quase parecia... triste ao dizer isso. — Falei com os antigos. Todos concordamos que o futuro que você escolheu para si afeta demais o resto de nós. Você não nos deixou escolha.

Ele ouviu antes de perceber que eles iriam atacá-lo. Girando, ele sacudiu o rabo e disparou para a frente, mas a rede ainda pegou sua nadadeira. Lutando, ele teve que cortar as cordas antes que outra o alcançasse. Depois outra. Então havia mãos, rasgando e rasgando e puxando até que houvesse cordas em volta de seu pescoço, em volta de seus braços, para cima e sobre sua cauda. Todas elas o prendendo ao chão. As âncoras que ele nunca tinha visto antes.

Esforçando-se contra suas correntes, ele podia sentir os músculos de seu pescoço inchando enquanto suas guelras se alargavam para sugar mais ar. Mitéra flutuava acima dele, dando instruções para o que antes fora seu casulo.

Seu irmão estava com eles. Seu irmão vermelho, cheio de tanta raiva desde o dia em que nasceu. Mas dessa vez, Daios olhou para ele com tristeza e pena. Como se dissesse que *não precisava ser assim. Poderíamos ter impedido isso juntos.*

— Ele não, — ele rosnou. — Mitéra, se alguma vez você me respeitou, você não o enviará.

Seus corações dispararam, trovejando em seu peito com ansiedade porque ele sabia que se Daios fosse enviado a ela, Mira estaria morta no momento em que ela colocasse os olhos nele. Seu irmão destruiria tudo o que ele tinha de tão querido.

— Não ele? — O cabelo de sino de Mitéra ondulava, puxando-a um pouco mais para perto de seu corpo amarrado. — Então você pode escolher, filho da minha alma. Escolha quem acaba com a achromo.

Então eles iriam matá-la. Não importa o que, Mitéra a queria morta, e isso não era... Não era certo. Ela não merecia morrer porque ele havia escolhido a vida com sua *kairos.*

Freneticamente, ele procurou os olhares de todos em seu cardume. Alguém que saberia que havia misericórdia na pena.

Fixando o olhar em Maketes, ele sabia que seu irmão faria a coisa certa. Ele confiava que esse irmão despreocupado dele saberia o que ele estava dizendo.

— Maketes — ele disse. — Ele sempre soube que há beleza no perdão.

Seu irmão de barbatanas amarelas pareceu hesitar antes de concordar.

— Eu lhe mostrarei misericórdia rápida, Arges.

Não era o suficiente para ele sentir qualquer sensação de segurança, mas ele só podia rezar aos antigos para que enviassem Maketes a ela com gentileza. Caso contrário, ele já havia perdido o melhor presente que o mar já lhe dera.

Ele falhou com seu povo. Ele falhou com sua companheira.

Esse futuro apodrecido cheirava a desespero, e ele não tinha ideia de como consertá-lo.

TRINTA E CINCO

MIRA

Mira cutucou a pequena incisão em seu pescoço. O que quer que o tentáculo dele tivesse emitido era impossível de tirar do buraco. Byte disse a ela para parar de tocar, que ele havia mudado permanentemente o corpo dela, assim como o dele. Se ela puxasse aquela gosma para fora, não havia como curá-la de volta. Ela poderia respirar estranho pelo resto da vida ou encher os pulmões de sangue e se afogar em seus próprios fluidos.

Realisticamente, ela queria evitar ambas as opções. Mas isso não significava que ela não iria cutucar e pelo menos olhar.

Não era uma guelra, isso era certo. Ela não achava que fosse possível mudá-la tanto a ponto de criar guelras. Não sem intervenção cirúrgica. Mas ainda assim, era um ponto escuro de aparência estranha em seu pescoço que talvez parecesse um pouco com uma guelra.

— O que você acha que eu deveria fazer? — ela finalmente perguntou, virando-se para olhar para Byte.

— Sobre o quê? — O pequeno robô não tinha muito a dizer já há algum tempo. Ele estava em silêncio, examinando-a com frequência e então desaparecendo de volta na caixa como se houvesse um pequeno laboratório lá dentro para examinar os documentos de suas mudanças.

— Eu... eu não sei. — Mira finalmente deixou o espelho para sentar-se na frente de Byte. — Sobre tudo.

— Não acho que você tenha muita escolha em nenhum assunto ainda.

— Eu poderia voltar para Beta.

Byte bufou.

— Você não poderia voltar para Beta. Você nem sabe onde é.

— Não, mas você sabe. — O androide congelou, e ela sabia que o tinha encurralado em um canto. — Claro que você sabe onde é, Byte. Você tem o oceano inteiro mapeado nesses seus bancos de memória. Você poderia me levar para Beta, para Alfa, Gamma, até mesmo algumas das cidades esquecidas que foram inundadas há muito tempo. Provavelmente há mil lugares que você guarda nessa sua cabeça que você poderia me dizer para me esconder. Então por que você não o faz?

Ele resmungou algumas vezes antes de murmurar algo tão baixo que ela não conseguiu entender direito.

— Não sei por que você não está me ajudando mais, mas acho que há uma boa razão para isso. — Ela bateu gentilmente na lateral da caixa. — Então por que você simplesmente não me conta?

Byte suspirou, e alguns estalos ecoaram de dentro da caixa antes que seu projetor aparecesse. No vidro do domo, e emitindo para a água, ele mostrou a mulher loira que tinha antes.

— Você se lembra dela?

— Alys Fairweather, a mulher que você serviu antes dela desaparecer.

— Esta era a casa dela.

Mira sentiu seu queixo cair quando o droide disse isso com tanta facilidade.

— Como é?

— Esta era a casa dela. Foi construída para ela pelo pai, depois que ela supostamente desapareceu. Minha iniciativa de programação era contar a todos que ela havia morrido, mas não fomos programados para mentir bem. Então fui mandado para o oceano porque não consegui manter o segredo sobre... ele. — Outro clique e uma nova imagem apareceu, flutuando como se ele estivesse do lado de fora da janela.

Um ondino de barbatanas verdes, como as lendas sempre diziam.

Ele não era nem de longe tão diferente quanto Arges, mas talvez fosse de um clã diferente. Ele certamente não parecia uma criatura do fundo do mar. Com listras de tigre de escamas verdes que brilhavam em sua pele, e guelras atrás de suas longas orelhas pontudas, algumas ao longo de suas costelas também, ele era tão grande quanto Arges, mas com uma aparência muito mais suave.

Este novo ondino pressionou os dedos contra o vidro, e o amor em seus olhos doía de se ver. Ele a amava tanto. Ela podia ver isso em seus olhos, na maneira como ele se demorava na janela, colocando seu rabo sobre ela enquanto a imagem de Alys dançava pela sala. Ela estendeu os braços para ele, balançando os dedos e rindo da maneira como ele balançava a cabeça.

Eles estavam tão apaixonados. Tão apaixonados.

As imagens desapareceram, e ela percebeu que sua garganta havia se fechado de emoção. Lambendo os lábios, ela perguntou:

— Então você queria que eu viesse aqui? Por quê?

— Eu não sabia que você acabaria aqui. Na casa dela. Mas eu vi o jeito que vocês dois se olharam e não podia deixar você voltar para casa sem perceber a verdade.

— Que verdade? — ela resmungou.

O projetor de Byte voltou a estalar na caixa.

— Que era possível vocês dois ficarem juntos. Porque eu já vi isso acontecer, e sei que pode dar certo. Alys e seu ondino ficaram juntos até ela ficar bem velha. Eles moravam aqui, e ninguém os incomodava. Ele era um pária para seu povo, mas ele... ele a amava. Muito. E ela o amava em troca.

Era possível.

Eles não foram os primeiros.

Ela caiu de joelhos ao lado da piscina lunar aberta, questionando de repente tudo o que lhe foi ensinado. Durante toda a sua vida, ela foi

informada de que os ondinos eram monstros, que ela não podia confiar nelas e que eram criaturas perigosas que claramente queriam machucá-la. Eles iriam destruir tudo o que seu povo já havia feito, e isso só porque os humanos os forçaram a compartilhar o oceano.

Humanos e ondinos se odiavam. Era natural que eles guerreassem porque eram tão diferentes que nunca se entenderiam e ainda assim...

Ah, e ainda assim. Alguém já tinha feito isso antes. Alguém tinha se apaixonado por um ondino assim como ela tinha se apaixonado por Arges e não era justo que ela não soubesse. Ela não tinha visto. Ninguém tinha dito a ela que era possível!

Lágrimas pingavam dos olhos dela na água abaixo. Lágrimas salgadas se juntando à água salgada que a manteve longe dele por tanto tempo.

— Então você acha que eu deveria ficar — ela sussurrou.

— Eu acho que ele te ama muito, e eu posso ver que você o ama. Sair só te mandaria de volta para a cidade, onde você já disse que não era muito feliz. Por que não arriscar uma aventura enquanto está aqui?

— Suponho que você esteja certo — ela murmurou antes de se virar para olhar para Byte. — Mas por que eu tenho que desistir do meu povo para ficar com ele?

Um pequeno drive se abriu do meio do corpo de Byte, o mesmo drive que abrigava os chips de linguagem.

— O que te faz pensar que ele não está desistindo de tudo para ficar com você? Agora pegue isso, você vai precisar.

— Por que?

— Porque parece que os ondinos já fizeram sua escolha no assunto, e não acho que o ondino ao seu lado seja tão amigável. Pelo menos, ainda não.

Ela não pensou, ela reagiu. Mira agarrou o chip de linguagem e virou no mesmo movimento. Havia de fato um ondino na água bem ao

lado dela, um dos amarelos que ela reconheceu. Com um movimento de estocada, ela se jogou nele.

Claramente o ondino não esperava que ela fizesse isso. Ela mal teve tempo de estremecer antes que ela batesse o chip de tradução atrás da orelha dele. A dor instantânea o assustou, e ele a atingiu com tanta força no peito que ela derrapou de volta pelo chão. Ela atingiu as escadas com um chiado áspero e lutou para puxar o ar de volta para os pulmões enquanto a criatura se contorcia na água.

Ela viu o lampejo de raiva nos olhos dele. O brilho de suas garras quando ele se lançou para fora da piscina lunar em direção a ela, mas ela sugou um golfinho de ar ao mesmo tempo e gritou:

— Pare! Pare, espere!

E foi isso.

Ele congelou, com as garras ainda estendidas, mas dessa vez ele olhou para ela como se ela tivesse ficado azul brilhante e disse que ela era apenas uma fruta.

— O quê? — ele murmurou. — Você acabou de falar?

— Todos nós podemos falar, eu só fiz isso para que você pudesse me entender. — Ela estendeu as próprias mãos, tentando mostrar que não era uma ameaça. — O dispositivo é um pouco doloroso, sinto muito por isso. Mas agora você pode entender minha língua. Podemos conversar.

Suas guelras de bordas amarelas tremeram, e suas mãos escuras abaixaram lentamente.

— Eu nunca quis falar com um achromo.

— Sério? — Ela lambeu os lábios, tentar controlar essa situação seria mais difícil se isso fosse verdade. — Eu sempre quis falar com um ondino. Seu povo me fascina desde que eu era pequena. Então, quando tive a chance de falar com Arges, foi como se eu tivesse ganhado o melhor presente. Eu poderia fazer todas as perguntas que eu quisesse.

Ver o mundo através dos olhos dele. Você vive em um lugar lindo.

— Aquele que seu povo destruiu.

— Não posso discutir isso. — E ela nem queria. — Mas eu não estava tentando ativamente destruir sua casa. Muitos de nós nascemos nas cidades, eu nem sabia que havia outra opção.

Mira se endireitou lentamente, apoiando as costas na escada enquanto ele deslizava de volta para a água. Eles se encararam, nenhum confiando no outro, mas ela sabia que tinha que dar esse salto. Ela tinha que fazer alguma coisa ou esse ondino a mataria.

— Onde está Arges? — ela perguntou.

— Ele não vai voltar.

Seu estômago se revirou e uma náusea repentina pressionou o fundo de sua garganta.

— Ele está...

— Ele está vivo. — O ondino balançou a cabeça. — Ele me escolheu para ir atrás de você. Nosso conselho quer você morta. Eu já deveria ter acabado com isso. Eu não deveria ter parado nem quando ouvi você falar. Eu deveria ter cortado sua garganta e deixado você para os tubarões. É isso que... É isso que eu deveria fazer.

Lá estava.

Uma faísca de culpa brilhou em seus olhos antes que ele os fechasse com força. Ela era muito melhor em ler expressões de ondinos agora que estava perto de Arges. Ela podia ver pelas guelras planas nas laterais da cabeça dele que ele não queria fazer isso. Ele não queria machucá-la.

— Mas você não vai me matar, vai? — ela respirou. — Você não concorda em me matar. Em matar alguém que você pode ver claramente que é uma pessoa, não apenas seu inimigo.

— Você não precisa esfregar isso na cara — ele resmungou. Algo escuro brilhou em seu olhar antes que ele sacudisse a cabeça em direção ao fundo da sala. — Reúna o que precisa. Você não vai ficar aqui.

— Para onde estamos indo?

— Casa.

— Casa? — Ela se levantou rapidamente, correndo para pegar sua roupa de mergulho e seu respirador. Estava um pouco desajeitado ultimamente, mas teria que funcionar. A roupa de mergulho também já tinha visto dias melhores. Não ia mantê-la aquecida por muito mais tempo. O rasgo nas costas só tinha ficado maior, e ela não tinha mais suas luvas ou nadadeiras. A peça da cabeça estava quase saindo, mas funcionaria.

— Vamos para onde é sua casa?

— Não é meu lar. — Ele não disse mais nada até que ela chegou perto da borda da piscina lunar, puxando seu traje de mergulho para que se ajustasse melhor e fixando o respirador em sua boca. — Estou te levando para casa, achromo.

Levando-a para casa? Para Beta?

— Byte — ela disse, virando-se para pegar a caixa.

Mas ela não teve a chance de agarrar o androide, que não tinha dito absolutamente nada até então, antes que o ondino a agarrasse pela cintura. Ela soltou um pequeno grito de medo antes de bater com força na água. Aparentemente, ele entender que ela não merecia morrer não significava que ele seria gentil com ela.

Ele a agarrou pelo braço, puxando um pouco forte demais enquanto a arrastava pela água. O ombro dela gritou em protesto, e ela gritou algumas vezes para ele ir mais devagar.

Ou ele não conseguia ouvi-la, ou não se importava em ouvi-la. O ondino mergulhou na escuridão do mar e a única coisa que ela podia fazer era torcer para que ele não arrancasse seu braço no caminho.

Ela não sabia quanto tempo eles viajaram, apenas que eventualmente ela estendeu sua mão livre para agarrar o pulso dele. Em vez de lhe dar qualquer alívio, ele envolveu sua mão em volta dos dois

pulsos dela.

A jornada foi longa e dolorosa. Tudo nela doía, da cabeça aos pés. Mas ela não achava que tudo era inteiramente físico. Parte da dor vinha de saber que, ao salvar sua própria vida, ela estava desistindo de muito mais.

Arges tinha que saber para onde a estavam levando. Talvez ele viesse atrás dela, talvez não. Ela não tinha ideia do que seu próprio povo faria com ele pela abominação de seu romance. Byte permaneceria sozinho naquela tumba pelo resto do tempo, agora. Nenhum humano iria encontrá-lo naquele domo, porque ninguém jamais se aventurava para fora da segurança de suas próprias casas. Ela o havia condenado. Completa e inteiramente condenado a pequena criatura que não merecia ficar sozinha novamente.

Lágrimas queimavam em seus olhos, mas ela não conseguia abri-los. Então as lágrimas simplesmente escorriam de suas pálpebras apertadas, até que ela se viu em algum tipo de transe estranho. Ela ficou flutuando na água, seu corpo mole e seus músculos finalmente relaxando.

Ela deixou a correnteza levá-la e o ondino que a arrastou. Ela deixou o oceano saber que ela o perdoava. Ela estava com raiva, com muita raiva, mas não havia mais luta nela. Ela lutou por muito tempo.

E agora, ela queria apenas descansar. Com a alma de seu pai e mãe, as pessoas que a criaram para nunca desistir. Talvez eles estivessem decepcionados com ela agora. Mas ela gostava de pensar que eles entenderiam.

O ondino a arrastou para mais perto dele, e ela sentiu uma forte faixa de braço em volta de sua cintura. Então ela finalmente abriu os olhos e viu Beta na sua frente. As luzes brilhantes. A extensão sem fim da cidade que se estendia até então e parecia tão deslocada no mar agora que ela tinha visto muito mais dele.

— Sua casa — disse o ondino. — Entre.

— Não sei como entrar — ela disse. — Não há uma maneira fácil de entrar em Beta pelo lado de fora.

Ele a empurrou em direção a ela.

— Esse é seu problema, achromo. Eu te trouxe aqui. Agora entre.

Isso era um truque? Ele queria ver como ela voltaria para a cidade? Porque ela já tinha usado o elevador de serviço uma vez, e a maldita coisa mal a tinha levado para a cidade na primeira vez. Talvez se ela encontrasse outro, ela teria sorte. Mas ela realmente não achava que houvesse novas maneiras emocionantes de entrar em sua antiga casa.

O respirador dela bateu no seu rosto.

Cada fibra do seu ser congelou de horror. Nunca tinha acontecido isso antes. Nem uma vez. E então o ar que ela respirava ficou muito rarefeito, um pouco como aconteceu nos túneis quando Arges cortou o suprimento de ar.

Ela apontou para o respirador em seu rosto.

— Meu ar. Acho que está quebrado.

Ele nadou um pouco mais para longe dela, levantando as mãos e parecendo incapaz de ajudar.

— Sinto muito, não há nada que eu possa fazer. Eu disse que te levaria para casa. Este é o mais perto que posso chegar da cidade sem que seu povo me ataque.

— Mas eu não consigo…— Ela pressionou uma mão no peito, tentando acalmar a ansiedade. — Eu não consigo respirar.

— O mar não é lugar para sua espécie, achromo. Esta é a prova disso.

E então ele se foi. Ele girou, sacudiu a cauda e a deixou sozinha, onde ela claramente iria se afogar.

Porra.

— Puta merda — ela repetiu em voz alta antes de nadar o mais

rápido que pôde em direção à janela mais próxima.

Não havia nada que ela pudesse fazer agora, exceto permanecer viva. Talvez, se tivesse sorte, seu próprio povo pudesse levá-la para dentro. Então ela nadou, mais forte do que nunca, com dedos dormentes que ela tinha medo de perder. E então ela se prendeu ao vidro, segurando-se com força enquanto batia nele. De novo e de novo. Batendo no vidro com toda sua raiva, medo e tristeza de que a vida nunca mais seria a mesma.

Não sem ele.

TRINTA E SEIS

ARGES

Ele ficou ali, deitado na areia, por semanas. Olhando para a escuridão do mar e jurando que se vingaria pelo que fizeram a ele. Pelo que fizeram a *eles.*

Ele não tinha ideia de onde ela estava. Ele ouviu o momento em que Maketes retornou. Seu irmão voltou para casa com muita fanfarra, mas Maketes permaneceu quieto. Mesmo quando as pessoas perguntaram o que ele tinha feito. Tantos de seu povo queriam os detalhes sujos de quão mal ela tinha gritado. Ela se contorceu na água enquanto morria, tentando o seu melhor para obter um pouco de ar que sua espécie não conseguia respirar?

Doeu ouvi-los serem tão cruéis. Ele sabia que o conhecimento limitado deles alegava que o povo dela era monstro. Eles foram ensinados desde o dia em que nasceram que os achromos eram os inimigos.

Mas nenhum deles tinha falado com ela. Eles não sabiam como era ver sua expressão suavizar cada vez que ela via algo bonito, nem sabiam das lágrimas que sempre brotavam em seus olhos quando ele lhe levava um peixe para comer. Eles não viram a bravura ou o coração que queimava tão quente em seu núcleo que às vezes ele jurou que podia vê-lo brilhando em seu peito.

Ele permaneceu onde estava. Amarrado e alimentado apenas quando Mitéra se dignava a lembrar dele. Toda vez que ela se lembrava que ele existia, ela lhe trazia um pequeno peixe e então perguntava se ele estava disposto a desistir dessa luta.

Ele quase arrancava alguns dedos dela toda vez que ela lhe

perguntava algo assim, e ela odiava que ele ainda não tivesse desistido. Mas ele não desistiria. Não podia. As queimaduras da corda ao longo de suas escamas deveriam ter dito a ela o suficiente sobre como ele se sentia.

Arges nunca pararia de lutar para ter Mira de volta.

Um som suave perto de sua cabeça chamou sua atenção. Ele tinha se deitado de costas enquanto sua cauda flutuava na água. Isso o fazia parecer quase morto, ou talvez que ele finalmente tivesse sucumbido à exaustão. Mas ele só queria ver quem seria a primeira pessoa corajosa o suficiente para vir até ele.

Com os nervos disparando como raios por todo o corpo, ele se forçou a permanecer parado e mole. Ele não podia deixar que quem quer que estivesse se aproximando dele soubesse o quão consciente ele realmente estava.

— Arges, — uma voz sibilou. — Eu sei que você está acordado.

— Maketes, — ele rosnou sem olhar. — Quão mal ela se contorceu quando você a matou?

— Bata na areia. Você sabe que eu não machuquei a garota. Você não queria que eu a machucasse.

— Então, o que você fez?

— Eu a levei de volta para casa. — Maketes se mexeu, e ele pôde ver a folhagem de uma nadadeira flutuando sobre sua cabeça antes de ser arrancada. — Ela disse que havia algum problema com a coisa que a deixava respirar, mas foi até onde eu a deixei chegar. Eu nadei para longe antes que alguém pudesse me ver. A última coisa de que precisamos é de dois guerreiros sem um braço.

— Você a deixou se afogar? — Arges sentiu todas as luzes em seu corpo se apagando. Uma por uma. Elas tremeluziam, sumindo como se sua última esperança tivesse desaparecido. Ele não conseguia imaginar o medo que ela devia ter sentido, a maneira como ela teria lutado por ar porque Mira sempre lutava. Sempre.

— Eu não a deixei morrer — sussurrou Maketes. — Esperei para ter certeza de que a levariam de volta para a cidade. Pensei que talvez ela revelasse uma maneira secreta de entrar. Mas ela lutou um pouco, batendo no vidro, e então eles a puxaram de volta para dentro do prédio com um daqueles braços de metal. Eles a acordaram quando ela estava lá dentro e então eu fui embora.

Então ela ainda estava viva. Suas luzes piscaram de volta, a mais leve flor de esperança ainda em seu peito.

Se ela estivesse lá, então ele poderia ir buscá-la. Ele poderia encontrá-la, porque era isso que ele fazia de melhor. Ele perseguiu o povo dela por anos. Tudo o que levaria eram alguns momentos na frente do vidro e ele saberia exatamente em que lugar ela estava. E talvez demorasse um pouco para ele descobrir como tirá-la de lá. Mas agora ambos sabiam que não precisavam que ela usasse aquele respirador.

O dispositivo dela seria bom para os outros, se houvesse qualquer outro de seu povo que fosse gentil o suficiente para ver que sua espécie era, na verdade, pessoas como eles. Mas ela nunca mais estaria tão longe do lado dele. Ele não a deixaria ficar mais longe de seu alcance, então ele respiraria por ela.

Como se esse futuro já tivesse acontecido, ele respirou fundo e sentiu os sacos de ar em sua barriga se expandirem. Logo, ele respiraria pelos dois.

— Arges? — Maketes interrompeu seus pensamentos. — Você não pode ir buscá-la.

Isso o fez virar a cabeça. Finalmente, ele olhou feio para o irmão.

— O que quer dizer com não posso pegá-la? No momento em que eu sair dessas amarras, eu a encontrarei. Eu a salvarei.

— Por que você está tão fixado nessa criatura? Já faz semanas desde que você a viu. Semanas desde que você ficou livre dos efeitos do veneno dela. — Maketes estava deitado na areia, seus dedos palmados

agarrando os finos grânulos brancos. Sua cauda também estava plana no chão, quase como se ele não quisesse que ninguém o visse ali. — Já deveria ter passado.

Seus olhos encontraram e se fixaram no chip de tradução no ouvido de Maketes.

— Você falou com ela.

Seu irmão permaneceu em silêncio por alguns momentos, mas ele sabia a verdade quando a via. Então ele esperou, ouvindo a mudança na respiração antes que seu irmão soltasse um longo suspiro.

— Eu conversei com ela, — Maketes cedeu. — Ela é tão assustadora quanto eu sempre pensei que sua companheira seria. Ela me atacou primeiro, para colocar o dispositivo de tradução atrás da minha orelha. A dor era imensa, e eu tinha certeza de que ela tinha feito algo para me danificar permanentemente. Mas então, quando ela falou, percebi que ela queria apenas compartilhar seu conhecimento.

— Não é tanto conhecimento assim — Arges bufou.

— É outro mundo. Outra língua. Ela falou comigo como se eu não fosse apenas um animal para ela. Ela claramente nos vê como quem e o que somos e isso é... confuso. — Maketes balançou a cabeça como se tentasse limpar uma névoa de sua mente. — Não consegui parar de pensar nisso.

— Você voltou à cidade para ouvi-los?

— Eu não voltei para a cidade que eles chamam de Beta.

Não era uma negação de retornar. Só não para a mesma cidade em que ele tinha estado antes.

Uma sensação de horror encheu seu peito.

— Onde você foi?

— Para todas elas — respondeu Maketes. — Alfa, Beta e Gama, eles se chamam. Cidades sob o mar que são cheias de tantos achromos, é quase impossível contá-los todos. Eles são tão diferentes, no entanto.

Cidades muito diferentes com pessoas muito diferentes.

Arges puxou suas amarras, tentando se virar para poder ver melhor seu irmão.

— O que você quer dizer?

— Beta é quem parece fazer a maior parte do trabalho. Pessoas como Mira fazem um ótimo trabalho, trabalham duro. Elas consertam coisas. Criam coisas. E então as enviam para outras cidades. Alfa é uma obra de arte. Todas as pessoas lá usam pedras preciosas, joias, e a cidade não é como Beta. Toda a área onde eles vivem é envolta em uma cúpula, como aquela pequena em que você coloca sua achromo. Gamma é... perigosa. Não sei que tipo de pessoas eles colocam lá, mas os achromos parecem estar sempre se matando. — Sua expressão parecia preocupada. — Até as fêmeas. Há muitas fêmeas atacadas lá.

Três cidades muito diferentes. Três problemas diferentes que ele teria que consertar.

Soltando um suspiro que fez bolhas saírem de suas guelras, ele deitou-se de costas novamente e olhou para a escuridão.

— É estranho pensar neles como pessoas e não apenas um cardume de peixes que não conseguimos acessar.

— Eu me ressinto dela por me dar esse presente, — seu irmão murmurou. — Mas eu agradeço a ela por isso também. Há tanto que eu aprendi, e sinto como se eu tivesse apenas tocado a mais breve dica da superfície do que podemos aprender sobre eles.

— Você esteve escondido?

— Muito escondido. É mais fácil do que você imagina quando há apenas um de nós. Os achromos não silenciam suas vozes dentro de suas cidades. Eles acham que não podemos entendê-los, então eles estão seguros em suas cidades de vidro.

Essa foi uma atitude terrível. Mira nunca deveria ter dado a mais pessoas de seu povo a habilidade de entender sua espécie. Isso só levaria

a mais derramamento de sangue, mais violência, e nada seria consertado. Ele não sabia como impedir isso, no entanto. Não agora que tinha acontecido.

— Você contou a Mitéra? — ele perguntou.

Seus corações trovejavam em seu peito, abafando até mesmo o som da correnteza. Ele esperou para ouvir as notícias terríveis. Que Maketes havia tomado seu lugar e que Mitéra libertaria mais um guerreiro cheio de raiva sobre o povo de Mira.

Mas então seu irmão suspirou.

— Você acha que eu estaria falando tão baixo se ela soubesse, Arges?

Sacudindo a cabeça tão rápido que seu pescoço estalou, ele olhou para o irmão em choque. Maketes deu de ombros em resposta.

Arges não conseguiu conter a alegria. Um sorriso selvagem se espalhou por seus lábios e ele disse:

— Eu sempre soube que você era meu favorito.

— Cale a boca, Arges.

— O único irmão que consegue ver o futuro melhor do que todos os outros.

Maketes se iluminou por um segundo antes de forçar suas luzes a desaparecerem.

— Cale a boca, Arges. Você sabe que não há muito mais que eu possa fazer. Tudo o que posso tentar é mantê-lo informado. Seu irmão vai me matar caso contrário.

— Daios tem um braço.

— E ele pode fazer o suficiente com o outro. Juro, ele ficou mais agressivo para compensar a perda. Ele está planejando outro ataque contra os achromos.

Arges fechou os olhos com força.

— Outro nado mortal, você quer dizer? Se ele conseguir o que quer,

os achromos vão atirar em nós com suas armas até que não sobre nada da nossa espécie.

— Mitéra ainda não está ouvindo-o. Ela quer ver quando o veneno vai deixar seu corpo antes que eles façam qualquer outra coisa. — Maketes se arrastou um pouco mais para perto, abaixando ainda mais a voz. — Se você quiser sair dessas amarras, vai ter que convencê-la de que vai liderar o grupo em outro ataque.

— Não tenho mais desejo de atacar a espécie deles.

— Eu entendo isso. E eu sei que você tem a honra de não mentir, porque é isso que você é. Mas uma pequena mentira para sair dessas amarras, para ir e encontrá-la... Não valeria a pena a marca em sua honra?

Ele hesitou.

Arges poderia mentir de forma convincente? Ele poderia fingir que queria matar a espécie de Mira e que a névoa havia se dissipado de sua mente?

Maketes demorou-se por mais alguns momentos antes de acrescentar:

— Não acho que os achromos ficaram felizes em vê-la de volta. Voltei para Beta apenas uma vez, e levou muito tempo para encontrá-la. Eles a estavam interrogando em uma sala sem janelas, mas eu os vi levá-la para dentro. Ela estava amarrada, e havia hematomas em seu rosto. Não acho que eles estejam felizes por ela ter sobrevivido mais do que Mitéra está feliz por ela ter sobrevivido.

Eles estavam machucando-a? Seu próprio povo?

Um rosnado baixo irrompeu de sua boca, pressionando contra o fundo de sua garganta.

— Eu farei isso.

— Imaginei que sim.

Maketes disparou para a água acima dele, certificando-se de que

estava visível para todos que olhavam.

— Arges retornou para nós! Nosso guerreiro está de volta!

Alguns gritos ecoaram da água, e não demorou muito para que Mitéra aparecesse. Seu cabelo brilhante em forma de sino ondulava ao redor de seu corpo enquanto ela o encarava, suspeita em cada linha de seu corpo.

— Ele voltou?

Ele mostrou os dentes em um rosnado selvagem.

— A névoa se dissipou da minha mente, Mitéra. A achromo me soltou, e estou pronto para atacar a casa deles novamente.

— Eu não acredito em você, filho da minha alma.

Ele bateu sua cauda com força na areia, permitindo que uma pluma dela subisse ao redor dele antes de fazer isso de novo.

— Dê-me permissão para destruí-los, Mitéra. Eu consegui conversar com a achromo. Ela me contou muitos de seus segredos. Eu levarei a luta até eles. Desmantelaremos sua cidade pedaço por pedaço até que possamos nos esgueirar para dentro de suas cidades subaquáticas. Nós os arruinaremos de dentro para fora.

— Como?

Ele não precisou pensar muito. Arges havia armazenado todas as informações de quando se conheceram. Desde o primeiro momento em que ele a viu.

— Há algumas piscinas lunares pela base, do mesmo tipo que havia no domo onde eu a mantinha. Essas piscinas serão a melhor maneira de entrar na cidade deles. Ela me mostrou as ferramentas para procurar. Há muitas delas no fundo do oceano, onde os achromos descartaram seu lixo. Nós derreteremos nosso caminho para a cidade deles e entraremos pelo fundo. Eles nem saberão que estamos lá.

Daios surgiu da escuridão e foi o primeiro a responder. Sua voz sombria e demoníaca ecoou pela multidão.

— Ele quer que lutemos em terra? Você quer que entremos na cidade onde os achromos vivem e lutemos com eles no ar?

— Expulse a água dos seus pulmões, irmão. Talvez você se lembre de como é respirar ar em vez de água. Nós lutaremos contra o povo deles. Destrui-los-emos de dentro para fora. A cidade é um molusco, selado do resto do mundo e impossível de ser aberta. Nós devemos nos tornar a podridão que a força a abrir.

Essas eram as palavras que ele nunca quis dizer. As palavras que significavam que ele realmente havia traído a única pessoa que significava tanto para ele.

Mas Mira entenderia. Ela lutaria com ele no começo, talvez até o golpearia com aqueles punhos minúsculos. Mas ela saberia que ele tinha feito isso para salvá-la, e isso era tudo o que ele podia fazer nessa situação.

Seu próprio povo a havia caçado. Eles a estavam espancando, machucando-a, destruindo-a até agora. E ele não esperaria até que ela estivesse morta. Ele não podia.

Então ele levaria a luta até ela. Mesmo que isso significasse destruir sua cidade inteira para tê-la de volta.

Mitéra estreitou os olhos para ele, então voltou sua atenção para Maketes.

— É essa a verdade?

Seu irmão de barbatanas amarelas o encarava com uma mistura de horror e respeito.

— É, Mitéra. Eu vi o que ele diz. Eu estava lá com ele quando ele fez o primeiro reconhecimento com essa humana, mas nenhum de nós sabia que havia muitos deles. Se ele souber a localização de todos eles, isso nos permitiria atacá-los de muitos ângulos. Nós destruiríamos os humanos facilmente.

— Somos maiores, — Arges interrompeu. — Somos mais fortes. Os

humanos não saberiam como nos parar.

O sino de Mitéra inchou, ficando imensamente grande enquanto seus olhos brilhavam com centenas de cores.

— Então destruiremos os achromos hoje à noite. Solte-o.

E enquanto as amarras caíam de seus pulsos e cauda, Arges permitiu-se por um momento pensar...

O que ele fez?

TRINTA E SETE

MIRA

— Bastardos, — Mira rosnou, cuspindo um chumaço de ranho e sangue em direção ao homem na frente dela. Ela nem sabia o nome deste, apenas que ele tinha sido enviado esta manhã para fazer da vida dela um inferno.

Mas, novamente, todas as manhãs desde que ela voltou foram um inferno.

No começo, eles a agasalharam e a levaram para a ala fixa de engenharia. Ela conseguiu dormir em sua antiga cama, comer comida familiar, se empanturrar de ar viciado novamente e ser capaz de andar mais do que apenas alguns passos de um lado do domo para o outro. Claro, ela fez seu exercício nadando, mas isso não era o mesmo que andar.

Ela sentia falta de andar. Apenas dar passos de um lugar para o outro, sabendo que ela poderia apenas dar alguns passos em uma direção e que havia outro corredor para ela continuar. E então ela percebeu o quanto sentia falta da segurança dessas paredes também.

Esta era a mesma cama em que ela dormia quando criança. O mesmo lugar onde seu pai se inclinava para dar um beijo de boa noite em sua testa e contar histórias sobre monstros das profundezas. Ela ainda tinha suas fotos de sua mãe e seu pai ali, e algumas outras bugigangas que a faziam pensar em casa. Tudo era bom. Mesmo que faltasse um certo ondino que também tinha sido o herói de muitas histórias.

Então eles vieram atrás dela. Homens em uniformes que ela nunca tinha visto em Beta antes. Uniformes perfeitamente passados e engomados que só podiam significar que eles vieram de um lugar e

somente de um lugar. Alfa. Alguém a delatou.

Desde então, ela vinha levando socos no rosto.

O homem apertou sua mão, a mesma que ele tinha acabado de usar para bater em um ombro, já que eles não queriam matá-la de verdade.

— Você poderia ser poupada de tudo isso. Você não tem que suportar toda a dor e tortura, sabia? Tudo o que você tem que fazer é nos contar a verdade.

A verdade. Era tudo o que ela estava dizendo a eles.

— Eu já te disse. Fui sugada para o mar por uma corrente e por acaso encontrei uma de nossas antigas instalações de pesquisa. Ainda estava razoavelmente operacional, mas levei muito tempo para consertar meu respirador. Que funciona, a propósito. Diga ao meu chefe para enfiar isso no cu porque o velho bastardo disse que eu não conseguia inventar nada que funcionasse. — O dente de trás dela estava balançando? Estava balançando completamente.

O homem suspirou. Ela deu uma boa olhada neste, enquanto os outros não gostavam de ficar na frente dela. Este homem era alto, magro, bonito demais para ser alguém que torturava outras pessoas para viver. E ainda assim aquele cabelo castanho desgrenhado que continuava caindo na frente dos olhos cor de chocolate não escondia a alegria que ele sentia ao bater nela. Ah sim, esse cara sabia o que estava fazendo.

E ele gostou.

Ele balançou a cabeça.

— Sabemos que você está mentindo para nós, Mira, e é isso que não entendemos. Poderíamos trabalhar juntos aqui para descobrir o que realmente aconteceu com você e como ajudá-la. Como ajudar toda a nossa cidade.

Eles queriam que ela dissesse que foi roubada por um ondino. Eles queriam uma campanha de difamação para espalhar por todos os muros da cidade. Ela conhecia esse jogo. Eles queriam que todos em Beta

vivessem com medo, aterrorizados de que seriam as próximas pessoas roubadas de suas camas. Isso deu a Alfa ainda mais motivos para assumir a propriedade de sua cidade.

Não aconteceria. Não porque ela se importasse tanto com Beta. O prédio estava caindo aos pedaços há eras. Mas porque ela não daria a eles outro motivo para odiar a espécie de Arges.

— Vai em frente e continue me batendo, cara. A história não vai mudar porque eu estou te contando a verdade! — ela gritou as últimas palavras da frase.

Talvez ela tenha gritado para se vingar dele por aquele último golpe que fez seu dente tremer. Ou talvez fosse porque quanto mais alto ela dizia, mais ela mesma acreditava.

Ele bateu a mão na cadeira em que a amarraram, girando-a para olhar o vidro. Eles a tinham movido para esta sala hoje. Surpreendente, considerando que a mantiveram longe das janelas até agora. Ela não tinha muita certeza do porquê.

Agora, ela tinha um palpite. O homem se inclinou atrás dela, seu hálito quente roçando sua orelha.

— Sabemos o que aconteceu com você, Mira. Há câmeras por todo esse lugar. Caso você não saiba, já temos as fitas de quando você estava tentando consertar o que quebrou. E agora estamos aqui, ouvindo você mentir repetidamente, para manter um ondino seguro. Por que isso? Essa é a pergunta que continuo me fazendo. Por que você está tentando protegê-lo?

Ele provavelmente estava murmurando algum plano vilão impressionante, mas ela estava apenas olhando para o mar.

Eles estavam mais perto do topo da base, então ela podia ver por quilômetros. Havia um grupo de baleias à distância, apenas três jubartes com um pequeno bebê entre elas. Suas caudas eram tão graciosas enquanto elas as levantavam e as soltavam. Movendo-se lentamente pela

água juntas. Ela se perguntou se elas estavam procurando águas mais quentes. Talvez o inverno fosse o que as fez partir.

Uma mão bateu na cadeira e a jogou em direção à janela. Ela bateu com força, sua bochecha prendendo no vidro enquanto ela tentava precariamente se equilibrar para não bater no chão.

Ele não a deixou se salvar. O homem chutou as pernas de baixo da cadeira dela e ela caiu. Batendo no chão com força primeiro com o ombro e depois com o rosto. Gemendo, ela rolou apenas para ser pega pela parte de trás da cabeça e um punhado de cabelo.

— Ora, ora, ora — ele rosnou no ouvido dela. — Eu tinha a sensação de que se eu começasse a bater em você na frente de uma janela, alguém apareceria. Esse com certeza parece o mesmo ondino que te salvou.

Ela abriu os olhos, tentando ao máximo focar no lado de fora das janelas e... porra. Lá estava ele.

Arges flutuava na frente da janela, todas as suas luzes em plena exibição. Suas barbatanas eram tão brilhantes que eram quase ofuscantes, e ela podia ver a raiva em suas feições. Todas as suas guelras estavam dilatadas, seus olhos pretos estreitados, e seus dentes afiados aparecendo como um tubarão do outro lado do vidro.

O homem atrás dela a sacudiu, arrancando cabelos no processo.

— Parece mesmo que ele quer que eu te devolva, Mira. É isso que você quer? Você se perdeu para um monstro como esse?

— Perder? — ela repetiu. — Eu não perdi absolutamente nada para ele.

— Você claramente passou algum tempo com ele. Nunca vi um ondino olhar tão bravo para um de nós. Certamente não porque estávamos machucando um dos nossos. — Ele a balançou para mais perto da janela, observando enquanto Arges se aproximava também. — Veja, não precisamos que você nos diga nada, Mira. Eu posso adivinhar o

que aconteceu. Você gostaria de saber o que eu acho que aconteceu?

— Não particularmente — ela disse entre dentes.

— Ele te pegou porque estava interessado. Você também estava interessada. Talvez haja um pouco de vagabunda nessa sua mente de engenheira. Talvez você se imaginasse pioneira em um novo gênero de acasalamento. Não me importa o que você diga sobre isso. Justifique para si mesma o quanto quiser. — Ele se inclinou, aquele hálito quente no ouvido dela novamente. — Você transou com ele. E agora ele quer você de volta.

Ela se empinou na cadeira, tentando se afastar do monstro atrás dela, e mais perto do vidro. Ela queria que Arges nadasse para longe. Havia apenas uma direção que isso estava tomando, e não era uma que nenhum dos dois iria gostar.

O homem deu-lhe outra sacudida.

— É o seguinte, Mira. Eu não preciso de você. Tudo o que eu queria era ver se eu poderia trazê-lo aqui. Nós temos jogado seu sangue no oceano por dias e isso não o chamou, mas de repente aqui está ele no momento em que você está na frente de uma janela. Quanto mais perto ele e seu povo estiverem, melhor. Nós vamos incendiar todos eles e nos livrar do problema de uma vez por todas. O que você acha?

Terrível. Parecia terrível.

Mas não havia nada que ela pudesse fazer, toda amarrada assim com um homem segurando-a pelos cabelos. Ela sempre soube que o ódio entre seus povos era profundo. Ela tinha visto por si mesma. Os anos de abuso e ganância que tinham destruído todo esse oceano.

Mas essa situação ia além disso. Esse era um ódio antigo que a fazia se perguntar se esse homem conhecia Arges. Certamente parecia que ele reconhecia o ondino azul brilhante na frente deles. E Arges definitivamente o reconhecia.

Ela viu a raiva trêmula, as guelras onduladas que estavam

grudadas tão perto do seu lado agora que ela se perguntou se ele poderia mesmo respirar. Ele se aproximou da janela, apontando ameaçadoramente para o homem atrás dela.

— Oh, eu não tenho medo de você, — o homem disse a Arges. Ele não tinha como saber que o ondino a sua frente podia entendê-lo. — Eu vou cortá-la em pedacinhos e dá-la aos tubarões. Espere só, ondino. Eu ainda não terminei de puni-la.

Ele ia fazer o que?

Ela engasgou quando ele a empurrou para longe da janela. Ela caiu com força no ombro novamente, quase o tirando do lugar enquanto o homem a seguia. Ele estava *rindo*. Um som alegre e feliz que revirou seu estômago.

Inclinando-se, ele agarrou a blusa dela e a arrastou com a cadeira para o quarto dos fundos. O quarto sem janelas. O quarto onde eles tinham feito o pior com ela e aparentemente ele faria ainda mais.

— Eu vejo esse ondino por aqui há séculos — disse o homem. — Beta envia todas as suas gravações para nós, sabe. Todas as cidades fazem isso. Você ficará feliz em saber que de alguma forma você pegou um dos maiores peixes do mar. Ou pelo menos, um dos mais perigosos. Ele tem observado nossas cidades há anos e causado danos consideráveis por um bom tempo.

Ela não sabia disso. Mas Arges era inteligente. Não a surpreendeu nem um pouco que ele tivesse tido sucesso em todos os ataques que fez. Mas o que a surpreendeu foi que esse homem o conhecia.

Mesmo quando o estranho na frente dela a sentou ereta, firmando sua cadeira mais uma vez em suas pernas bambas, ela o olhou. Ele não lhe era familiar. O uniforme era claramente baseado em Alfa, muito limpo e muito passado, mas ela nunca tinha ouvido falar de tamanha brutalidade de Alfa.

Engolindo em seco, ela resmungou:

— Você não é de Alfa, é?

Novamente, ele riu, aquele som áspero já irritando os nervos dela.

— Não, Mira. Alfa emprega todos nós, mas isso não significa que somos de lá.

— Só restam três cidades — ela murmurou. — Delta já se foi há muito tempo. Gamma só recentemente se reconstruiu. Imagino que você possa ser de Gamma, mas...

Ele estalou a língua, o som agudo e cruel na sala silenciosa.

— Ninguém sabe de onde eu sou, Mira. Ninguém jamais poderia imaginar que existe outra cidade. Mais fundo nas profundezas do oceano. Uma enterrada em pedras e escombros para que os ondinas nunca nos encontrassem. Já terminou de fazer suas perguntas?

— Não. — Ela olhou feio. — Tenho uma centena de perguntas para você, mas tenho a sensação de que você não vai me deixar perguntar nenhuma delas.

— Garota esperta. — Ele afastou o cabelo dela da orelha e então se abaixou para sussurrar, — Tau é a cidade que você está procurando. Se você sobreviver a isso de alguma forma, eu quero que eles saibam quem é o verdadeiro poder sob o mar.

E então ele enfiou uma faca na barriga dela.

Levou alguns momentos para ela perceber o que tinha acontecido. Os músculos do seu estômago se contraíram, apertando o metal frio. Era difícil imaginar que ele tinha feito isso. Ela sabia que ele tinha ameaçado Arges com isso, mas ela não tinha pensado...

Então veio o fogo. A dor ardente que se espalhou por todo o seu corpo enquanto seu corpo percebia que havia um ferimento horrível em sua barriga. Ele arrancou a faca, nem mesmo tentando ser atencioso enquanto a descia pelos braços dela. Fatia por fatia. Marcando-a com cortes que cravavam em seus músculos e a faziam gritar.

Ela tinha vergonha dos sons que saíam de sua boca. Ela sempre se

considerou forte, suportando o que os outros não conseguiam. Engenheiros viviam com dor. Seus músculos sempre doíam. Ela estava constantemente se queimando, batendo os dedos com um martelo, queimando sua pele com raios quentes. Mas ela nunca havia suportado uma dor como essa. Ela nunca havia sentido sua pele se partindo e sangue escorrendo por seus braços, por sua barriga, em seu colo.

Ela ia desmaiar, percebeu. A sensação fria correu do topo de sua cabeça até os dedos dos pés, e sua visão começou a ficar um pouco turva.

O homem na frente dela deu um tapa forte nela. O golpe repentino a acordou apenas por alguns segundos, o suficiente para ela ouvi-lo murmurar:

— Não posso deixar você morrer ainda. Preciso mandar uma mensagem, Mira. Você é a mensagem.

A mensagem? Que mensagem ele queria enviar? Que qualquer um que falasse ou estivesse perto dos ondinos seria morto por seu próprio povo? Delirante, ela entrava e saía da consciência. Ela sabia que ele estava andando por aí e fazendo alguma coisa, mas ela não tinha ideia do que ele estava fazendo. Mas então ela ficou realmente tonta e não tinha ideia do que estava acontecendo.

Não, ela não estava tonta. Ela estava sendo carregada.

Elevada pelo ar e jogada em água gelada que congelou todo o ar em seus pulmões. Sua reação inicial foi respirar fundo, mas ela se conteve antes de inalar bocados de água. Isso não estava certo. Ela não deveria se afogar. Ela havia criado um dispositivo para evitar isso, e se eles apenas lhe dessem o respirador, ela poderia sobreviver a isso.

Mas então a dor a atingiu novamente. O sal fez com que todas as suas feridas se transformassem em dor lancinante, e não era possível que ela sobrevivesse. Ela não conseguia. A dor era tão grande que seu coração ia explodir.

Braços quentes deslizaram ao redor dela, puxando-a para longe

daquele pesadelo de prédio e contra um peito familiar com dois corações batendo para acalmá-la.

— Silêncio — ele disse, e ela podia ouvir o arrependimento em sua voz enquanto outra dor se juntava às outras em seu pescoço. — Deixe-me ser sua respiração.

TRINTA E OITO

ARGES

Ira fez suas mãos tremerem enquanto ele afastava o cabelo dela do rosto e nadava o mais rápido que podia para longe de sua casa. Ele sabia que eles à estavam machucando. Apesar do que aquele homem havia dito, ele podia sentir o cheiro do sangue dela a quilômetros de distância. Ele sabia exatamente o que eles estavam fazendo com ela e há quanto tempo ela havia sofrido. Mas ele não tinha sido capaz de ajudá-la.

Não havia como ele entrar na cidade. Ele sabia que era melhor não apressar nenhum ataque, mesmo uma missão de resgate.

As piscinas lunares eram a melhor maneira de entrarem na cidade. Ele olhou para a que ficava no domo para onde levara Mira e tinha certeza de que sabia como elas funcionavam. Os humanos não atualizavam muitas de suas cidades há muito tempo. A funcionalidade deveria ser a mesma.

Ele e Maketes tinham voltado para o domo antes de irem para a cidade. Entre os dois, eles o tinham quase completamente destruído e depois reconstruído. Eles precisavam dos soldadores. Essa era a parte mais importante para conseguir abrir e atacar o achromos.

Felizmente, eles tinham mais soldadores. Eles eram as versões mais velhas, como se ele tivesse trazido Mira, mas havia o suficiente deles para que eles invadissem as piscinas lunares e começassem a desmontá-las.

Ele só esperava que ela perdoasse seu povo por atacar sua casa. Ele já havia deixado bem claro para seus guerreiros. Eles não estavam exterminando os achromos. A cidade não seria arruinada ou afundada como as outras. Eles já sabiam o que aconteceu quando isso ocorria. Os

achromos apenas se multiplicavam.

O que eles estavam fazendo era enviar uma mensagem. Eles poderiam destruir a cidade quando quisessem. Eles poderiam destruí-la e assassinar todos dentro dela. Em vez disso, eles iriam pegar tecnologia. Eles iriam roubar mais soldadores, algumas armas, aterrorizar as pessoas lá dentro. Eles inundariam uma ou duas alas, apenas para dar aos achromos algo para fazer, roubariam alguns androides e então eles retornariam algum dia com a habilidade de entender o que os achromos estavam dizendo.

Mira era necessária para isso, no entanto. Ela tinha que ser a única a traduzir para eles. Ele precisava que ela fizesse mais chips, para que o povo dela pudesse entender o que o dele estava dizendo.

Era um começo. Mitéra só havia concordado com a violência. Ela não sabia mais nada do que ele havia dito e ordenado. Arges tinha a sensação de que pagaria por isso, mas agora, ele não se importava com o que acontecesse com ele.

Ele tinha Mira em seus braços. Embora o sangue dela cobrisse suas escamas e flutuasse ao redor dela como uma pluma de cor brilhante, ela ainda estava viva. Ele tinha certeza de que eles a salvariam. Mesmo com o ferimento em sua barriga.

Roçando suas garras sobre o rosto dela, ele a puxou para mais perto e a segurou firmemente contra seu coração.

— Você vai viver, — ele murmurou. — Você vai viver, Mira. Eu não vou deixar você ir.

Ele ficou satisfeito que Byte estivesse certo. Ele respirava pelos dois, e esta foi a primeira vez na água que ele a viu sem máscara. Seu rosto era tão lindo, tão pacífico, quando ela olhou para ele. Ela levantou uma mão, gentilmente passando os dedos pelo pescoço dele.

— Eu te amo — ela disse, sua voz tão baixa que ele quase não ouviu. — Eu te amo tanto, Arges. Eu não quero morrer sem que você

saiba disso.

As palavras foram um soco em seu estômago.

— Você não vai morrer.

— Talvez sim. — Ela levantou as mãos da barriga, e o fraco fluxo de sangue o assustou. Deveria ter havido mais. Muito mais.

Xingando, ele mudou a rota para onde estava indo. Ele não poderia levá-la até o domo sozinho, ainda não. Seu povo perderia o foco. Daios poderia até mesmo levá-los a outro ataque onde eles morreriam. Ele não podia correr o risco quando finalmente os levou a um ponto em que seu povo ouviria.

Mas sua companheira estava morrendo e ele não sabia o que fazer.

Os dois lados dele gritavam duas coisas muito diferentes. Seu coração queria que ele fosse com ela. Estar lá enquanto a vida desaparecia de seus olhos. Ele sabia que ela o quereria lá com ela se algo acontecesse. Para que ele pudesse segurar a mão dela durante a dor.

Mas sua mente sempre foi mais forte que seu coração. Ele sabia que não era o nadador mais rápido ali. E se eles pudessem levá-la de volta ao domo, então eles poderiam salvar sua vida. O kit médico era algo que ele já havia explicado a muitos de seu povo. Eles o pressionariam contra sua barriga e ele a curaria.

Ela precisava se curar.

Ninguém a tiraria dele. Especialmente um achromo fraco e magricelo que pensava que era forte porque havia uma parede de vidro entre ele e um dos Povos da Água.

— Você não vai morrer — ele rosnou. — Eu proíbo isso.

— Você pode ter me roubado pela última vez. — Água fluiu sobre sua boca enquanto ela falava, bolhas de ar filtrando de sua língua e tremendo enquanto subiam em direção à superfície. — Sinto muito.

— Você não tem nada do que se desculpar.

— Eu deveria ter lutado mais.

— Mira! — ele gritou, sua voz ecoando tão alto quanto o chamado de uma baleia. — Você não vai morrer. Pare de se desculpar por algo que você não fez. Fui eu quem falhou com você.

— Você não falhou comigo.

Ele falhou.

Ele tinha falhado.

Ele provavelmente faria isso de novo.

Mas não dessa vez. Dessa vez, ele a salvaria. Ele a manteria viva e não faria a escolha que seu coração queria que ele fizesse. Ele tinha uma mente, uma mente perspicaz, e essa era a melhor hora para ele usá-la.

Chicoteando sua nadadeira, ele disparou em direção a uma das fêmeas maiores de seu grupo. Ela tinha cicatrizes decorando seus braços e manchas escuras de um roxo profundo que se espalhavam por toda sua cauda e braços. Ela havia cortado o cabelo bem curto, cortado rente ao crânio. A fêmea ficou obviamente surpresa quando ele nadou até ela e alcançou um longo tentáculo na parte de trás de seu crânio.

— O que você está fazendo, Arges? — ela perguntou.

— Você vai levá-la para a cúpula.

— Estou aqui para lutar.

— Você a levará para o domo e usará o kit médico como eu te ensinei. — Ele olhou para Mira, para a carne pálida que tinha se tornado quase tão cinza quanto a dele. — Mira, prenda a respiração.

Ele não conseguia sentir a respiração dela. Ele exalou longa e fortemente, sentindo-a passar pelo tubo que saía dele e observando o próprio peito dela se expandir. Então ele arrancou o tentáculo do pescoço dela e rapidamente o substituiu pelo que saía da fêmea de sua própria espécie.

Ela sibilou, o som ecoando pela água enquanto a estranha sensação a dominava.

— O que você fez comigo, Arges?

— Algo que todos nós somos capazes de fazer e nenhum de nós sabia disso até agora. — Ele se certificou de que a gosma ao redor do tentáculo dela era grossa antes de entregar Mira a ela. — Você respira por ela agora, Melete. Preciso que você a leve para o domo, a cure. Salve a vida dela.

— A vida de uma achromo? — Melete estremeceu, seus lábios se contraindo sobre os dentes em desgosto.

Ele nadou para mais perto, seus rostos quase se tocando enquanto ele pairava sobre a fêmea muito maior.

— A vida da minha companheira, Melete.

Isso resolveu. Ela assentiu, virando-se para sair e só parando quando ele agarrou seu braço para poder dar uma última olhada na pequena achromo em seus braços.

Mira parecia ainda menor quando segurada por uma fêmea de sua espécie. Ela parecia uma criança, com as pernas puxadas para o peito e tremores sacudindo seu corpo enquanto ela suportava a dor.

Ele se abaixou e pressionou suas testas juntas.

— Você fique viva por mim. Você me ouve, Mira? Lute. Você tem que lutar como nunca lutou antes.

Ela roçou os lábios nos dele em um beijo fraco.

— Eu te amo.

Arges estendeu a mão e colocou-a entre os seios dela.

— Você segura minha alma, *kairos.* Mantenha-a segura para mim.

Com um rápido aceno para Melete, ele deixou outro de seu povo levar seu coração através do mar. Ele não conseguia pensar nela ainda. Ele não podia deixar a preocupação e o medo crescerem sobre sua cabeça como uma onda e quebrar tudo o que ele tinha trabalhado tão duro para conseguir.

Agora, ele tinha que se concentrar em liderar seu povo e fazer os achromos pagarem pelo que fizeram com a fêmea que ele amava. Agora,

havia apenas um achromo que ele queria matar.

Estalando o pescoço, ele voltou sua atenção para a cidade. Seu povo já estava trabalhando na desmontagem das piscinas lunares. Eles rasgariam o metal depois que os parafusos fossem derretidos, assim como Mira havia feito para ajudá-lo todos aqueles meses atrás. Eles invadiriam a cidade e dariam vida aos verdadeiros pesadelos dos achromos.

Juntando-se ao seu cardume, ele voltou sua atenção para eles.

— Encontrem o que precisamos. Deve haver muitas armas nos tubos que mostrei antes. Eu as vi enquanto observava os achromos. É a coisa mais importante que encontraremos. As armas nos ajudarão a ter uma chance contra essas pessoas.

— Pessoas, — Daios repetiu com um bufo. — É assim que você as chama agora, irmão?

Virando-se com um rosnado, ele agarrou Daios pelo pescoço e arrastou seu irmão tão perto que ele podia ver os filamentos das guelras em seu pescoço se abrindo para respirar.

— Ouça-me com muita atenção. Você matará quem quiser. Você receberá seu sangue. Mas eu sou o único que o levará para a cidade e sou eu quem pode entendê-los. Não me teste agora, Daios.

Outra mão pousou em suas costas, tentando conter a raiva que surgia em suas veias.

— Estamos com você, Arges. Apesar do que seu irmão diz.

— Observe-o atentamente, Maketes. — Arges soltou seu irmão de sangue e voltou sua atenção para a primeira piscina lunar aberta. — Qualquer bagunça que ele causar é sua responsabilidade também.

Quanto a ele, era hora de caçar. Arges encontraria aquele achromo que havia posto as mãos em Mira e o destruiria.

Como um, seu cardume virou em direção à primeira piscina lunar aberta. Ele foi o primeiro a se lançar para fora da água e se arrastar para

dentro da casa dos achromos. Mesmo tendo estado ali antes, foi difícil para ele uma vez lá dentro. As cores eram tão sombrias. Paredes brancas, luzes que eram brilhantes demais e dois técnicos que o encaravam com olhos arregalados e horrorizados. Antes que pudessem alcançar as armas em seus quadris, ele os empurrou.

Um dos homens bateu a cabeça na borda de um console e sangue respingou no chão. O outro tropeçou e caiu na água, onde Arges não olhou para ver o que aconteceu. Ele não disse que seu povo não podia matar, e eles precisavam disso. Eles mereciam ter sangue sob suas garras depois de tudo o que tinham suportado.

Arrastando-se para fora da porta, empurrando-a com os ombros e mal passando por ela, ele expeliu toda a água de suas guelras e começou a avançar. Os corredores ainda estavam apertados. Ele não conseguia tocar em nenhum dos lados com os braços estendidos, mas estava perto.

Achromos se espalharam. Gritos encheram o salão, e ele sabia que logo haveria soldados com armas poderosas. Seu cardume nunca veria os soldados, porque ele era a isca.

Seus guerreiros viraram uma esquina atrás dele, e depois outra. Todos eles deslizaram pelos corredores, arrastando-se sobre suas barrigas e ignorando tudo, exceto o que buscavam. Logo eles teriam armas. Eles seriam capazes de lutar.

Arges estava focado apenas em um achromo. E esse homem estava mais fundo na cidade.

Ele rastejou rapidamente, sua cauda chicoteando atrás dele e pegando qualquer achromo estúpido o suficiente para chegar perto. Eles dispararam suas armas contra ele, o som delas batendo contra suas escamas e cavando em sua carne. Ele não parou. Nem mesmo quando seu sangue negro deixou listras atrás dele.

Porque ele tinha visto o homem. Ele observou o achromo correr dele, mas não havia terror nos olhos do homem. Apenas uma percepção

de que ele estava sendo caçado. E talvez uma emoção nisso.

Ele o seguiu pela cidade. Passando por salas enormes com tetos de vidro, além de salas que estavam cheias de tanta merda, ele não conseguia adivinhar o que era tudo aquilo. Mais e mais fundo no coração da cidade. Talvez fosse uma armadilha, mas ele duvidava muito.

Então ele viu o plano. Ele percebeu que o homem tinha ido para outra sala com uma piscina lunar que eles não tinham visto antes. Ele já estava abrindo a porta, de pé acima de um submarino com um topo de vidro no qual ele afundou. O homem nem olhou para ele enquanto atirava em todos os lados do submarino e o jogava na água.

— Não, você não vai — ele rosnou, lançando-se ao mar com o submarino.

Ele tinha visto isso em seu futuro, ele percebeu. Os achromos fugindo de suas cidades nessas pequenas bolhas de vidro que os levariam mais fundo no mar. Eles eram rápidos, mas ele era mais rápido.

Ele avançou atrás do submarino, seguindo o homem enquanto ele desviava de pilares de pedra e se aprofundava nas profundezas. Ele pensou que poderia escapar de Arges. Este homem pensou que era um nadador melhor do que alguém que havia nascido no mar.

Demorou um pouco, mas eventualmente ele alcançou o homem. Ele agarrou a parte de trás do submarino e balançou. Ele saiu do curso, girando descontroladamente no escuro com suas luzes piscando enquanto o submarino inteiro lutava para manter sua direção. Arges se prendeu à frente dele, arrancando pedaços e jogando-os nas profundezas. Ele não se importava com quais pedaços ele arrancava. Um deles tinha que ser importante.

E então, finalmente, não havia nada além de silêncio.

Ele olhou para a luz no centro da pequena cúpula, olhando para o homem lá dentro que devia pensar que estava olhando para um monstro. Talvez estivesse. Arges mostrou os dentes, estalando-os na direção do

homem.

Mas ele podia ver que o achromo tinha uma arma na mão, e ela estava apontada para Arges.

— Faça isso — o achromo rosnou. — Eu vou te matar, assim como matei sua putinha. Um soldado de Tau nunca para, não importa quanto tempo leve para vencermos.

— Essa é a diferença entre a minha espécie e a sua, — Arges respondeu, mesmo sabendo que o homem não conseguia entender. Os olhos do achromo se arregalaram, no entanto, e ele se perguntou se era a primeira vez que esse soldado percebia que o Povo da Água podia falar. — Você nunca sabe quando parar, e sempre temos que ser os que acabam com as coisas.

Ele cravou suas garras nas bordas do vidro e arrancou o escudo de seu submarino.

A água entrou muito antes que o homem pudesse disparar sua arma. Arges era mais rápido que ele, de qualquer forma. Ele bateu na mão que segurava a arma e observou enquanto ela se juntava ao submarino que afundava. Mas o homem que ele segurava... o achromo balançava em suas mãos, tão pequeno que era difícil imaginar que eles eram tão mortais. O homem já estava se afogando, sugando água como ar com a boca escancarada. Ele estava tentando viver, mas não tinha percebido que já estava morto.

Arges apertou sua garganta um pouco mais forte.

— Você a tocou, e isso nunca mais vai acontecer. Eu queria poder te despedaçar, membro por membro, e que você estivesse acordado apesar de toda essa dor. Mas você não vai, porque você é fraco. — Ele agarrou um dos braços do homem, depois o outro. E ele soube o momento em que o achromo percebeu o que ele ia fazer. — Então eu vou acabar com isso rápido, não porque você merece, mas porque ela precisa de mim mais do que eu preciso da minha vingança.

Arges arrancou.

Os dois braços saíram facilmente, e ele deixou o homem e suas partes retornarem ao mar. Algum caranguejo ou outra criatura abocanharia o resto dele. Sangue encheu a água, e ele o arrastou para dentro de suas guelras para que pudesse sentir o gosto do metal em sua língua.

Então ele se virou na direção do domo e retornou para sua companheira. A fêmea que precisava dele.

A fêmea que ele só esperava que ainda estivesse viva.

TRINTA E NOVE

MIRA

Mira não se lembrava muito de sua cura, apenas de muita dor. Ela acordou algumas vezes; ela tinha certeza disso. Houve momentos em que ela se lembrou de mãos suaves em suas bochechas e uma voz melódica que lhe disse que ela viveria. Ele ordenou que ela vivesse, porque se ela não vivesse, então ele a seguiria para o abismo.

Quando ela estava bem o suficiente para sentar-se e ficar ciente de tudo ao seu redor, ela estava praticamente sozinha. Byte ainda estava lá, e o pequeno androide estava tão animado por vê-la novamente. Ele não tinha saído do lado dela, e em vez disso decidiu que o melhor lugar em todo o domo era bem ao lado da cama dela.

Ela chegou aqui essencialmente morta. Mas como ela estava ligada à ondina, foi como compressões torácicas. A ondina respirou por ela, e então seu corpo foi forçado a permanecer vivo. Melete ficou com ela por dias com aquele cordão conectado a ela, respirando por uma achromo que ela deveria odiar.

A piscina lunar não estava mais fechada. Ela não tinha muita certeza do porquê, mas tinha a sensação de que tinha a ver com o ataque a Beta.

Ela não sabia muito sobre isso. O ondino de barbatana amarela, Maketes, ela havia aprendido desde então, contou a ela sobre o ataque e que a maioria das pessoas em sua cidade ainda estavam vivas e bem. Ela não tinha nenhuma razão para se preocupar muito com eles, embora ele parecesse hesitar enquanto lhe contava.

Aqueles olhos negros olhavam para ela e viam demais. Ele sabia que havia algo de raiva borbulhando dentro dela. Que ela queria ver

Arges e ainda não o tinha visto.

Até então, ela havia se impedido de perguntar. Maketes havia lhe dito que seu povo o havia mantido preso. Pelo menos, era isso que ela achava que ele queria dizer. Ele disse que Arges não viria atrás dela, e ela pensou que era porque alguém não o estava deixando voltar para o lado dela.

Quanto mais ele demorava para chegar, mais ela se perguntava se ele simplesmente não queria vê-la.

Ela temia que ele a considerasse indigna. Ou talvez ele tivesse conseguido o que queria dela. Informação, sexo, e então ele pensou melhor. Talvez ela tivesse sido tão ruim em fazer sexo com ele que ele decidiu que não valia a pena mantê-la por perto. Ela não sabia.

Tudo o que ela podia fazer era ficar em sua cúpula. Claramente, seu próprio povo não a queria de volta. Então ela se curou, esperando até que estivesse bem o suficiente para andar, depois malhar e depois nadar. Depois disso, ela nadava todos os dias.

Ninguém a atacou. Nenhum dos ondinos parecia se importar que ela existisse. Até mesmo aqueles que a visitavam com peixes para ela comer a observavam nadar com diversão. Ela estava ficando mais forte, no entanto, e isso era tudo o que importava. Mais forte. Mais saudável.

O kit médico havia costurado seu corpo, e essa era a única coisa em que ela conseguia se concentrar agora. Porque seu coração estava despedaçado.

Talvez ela não fosse boa o suficiente para ele. Pelo menos não mais do que como animal de estimação.

Nadando agora, ela ajustou seu respirador, para que não apertasse tanto seu rosto. Mira teve que testar a maldita coisa para ter certeza de que ainda funcionava. Depois do último fiasco em que parou de funcionar, ela realmente não confiava nele. Não tanto, pelo menos.

Uma mão com garras saiu de sua visão periférica e agarrou o

respirador. Ela só teve um segundo para gritar,

— Ei! — antes que o respirador fosse puxado de seu rosto. Plantando seus pés com força contra o peito do ondino ao lado dela, ela empurrou com seus pés e se afastou dele. Tudo o que ela tinha que fazer era voltar para o domo. Ela estava praticando. Ela era melhor em prender a respiração por longos períodos de tempo, e ficava melhor quanto mais praticava.

Um golpe forte na lateral do pescoço dela, e de repente havia ar em seus pulmões. Empurrando, inflando, dando a ela uma sensação de vida.

— Para onde você está indo? — Ela reconheceria aquela voz profunda em qualquer lugar. Parte dela queria se derreter nele, chorar de alívio por ele finalmente estar ali.

A outra parte dela queria bater nele, e foi essa parte que saiu por cima. Girando, ela deu um soco no peito dele e então arrancou o tubo do pescoço.

— Onde você estava?

Ele agarrou a ponta do tentáculo, suspirando, antes de prendê-lo ao pescoço dela novamente.

— Criatura selvagem. Eu estive aqui, mas tem havido muita coisa para eu consertar.

— Consertar? — Ela o sentiu inflar seus pulmões novamente, e a sensação era tão estranha que era difícil para ela até mesmo se concentrar. — Eu não sei o que você está tentando fazer aqui, Arges, mas você não veio me ver desde que eu fui ferida.

— Eu estive aqui, mas não enquanto você estava acordada. — Ele levantou a mão novamente, colocando o cabelo dela atrás da orelha antes de fazer aquele som de suspiro novamente que sugeria que ele estava satisfeito. — Senti sua falta.

Ele não... Ele não podia dizer isso. Ela também sentiu falta dele, mas estava sentada ali sozinha. Triste. Sonhando com ele chegando e dizendo

que ela significava algo para ele e, em vez disso, aqui estava ele, sendo um babaca absoluto!

— Não, — ela murmurou, virando-se para o domo e nadando para longe dele. Ar que se dane. — Eu não vou ter essa conversa com você.

Ele flutuou acima dela, mal balançando a cauda para acompanhá-la.

— Você não sentiu minha falta?

— Enquanto morria? É, um pouco. — Ela odiava admitir, mas disse a Arges que estava apaixonada por ele. Então, é claro, ela sentiu falta dele. Ela estaria mentindo se dissesse que não.

— Então por que você está nadando para longe de mim?

— Porque estou brava com você.

Ele nadou ao redor dela, e a conexão deles a fez girar com ele. A rotação de deslizamento era graciosa e calmante, mas ela se recusou a ficar calma com ele agora.

— Por quê?

— Porque eu quase morri, Arges! — Ela sugou água e engasgou. Só porque ela tinha ar não significava que estar debaixo d'água era fácil para ela. Ela o sentiu expirar com força e toda a água expeliu de sua boca, pois seus pulmões não conseguiam conter todo o ar. Era desconfortável e estranho e não era humano. Nada disso era.

Ela não conseguia nem respirar fundo em sua raiva. Ela só conseguia aceitar o que ele estava lhe dando. Então tudo o que ela podia fazer era encará-lo, lágrimas picando seus olhos junto com a água salgada.

— Você não estava aqui, — ela disse, sua voz um pouco embargada. — Você me entregou quando eu estava claramente morrendo e você nem se importou. Você ficou lá, e então você não veio aqui. Eu pensei...

Ela não sabia o que pensar. Ela pensou que ele voltaria como seu

cavaleiro de armadura brilhante para lhe dizer que a amava também, e que eles descobririam uma maneira de ficarem juntos, mas tudo isso aconteceu tão rápido. E então nada aconteceu. Nada mesmo. Ela nem conseguiu vê-lo.

— Mira, — ele murmurou.

Ela deixou que ele a agarrasse pela cintura e a arrastasse pela água em sua direção. Talvez ela fosse fraca por isso. Mas ela queria senti-lo, mesmo que fosse mentira. As mãos com garras dele se curvaram em volta da pele dela, puxando-a contra músculos duros e uma cauda que se enrolava entre suas pernas com uma familiaridade que ela não tinha certeza se ele merecia mais.

— Não me venha com Mira, — ela disse. Colocando as mãos contra o peito estupidamente firme dele, ela deu um pequeno empurrão. — Onde você estava?

— Eu te disse, havia coisas que eu tinha que fazer. Eu tinha que ter certeza de que nós dois estávamos seguros, e agora eu sei com certeza que estamos.

— Sério? É só isso que você tem a dizer? Você tinha que ter certeza de que estávamos seguros.

— Eu tinha que ter certeza de que tudo estava onde deveria estar. Meu povo e o seu não jogam limpo, e eu tive que contar algumas mentiras bem elaboradas para ter certeza de que eu conseguiria sair dessas amarras para salvar você. — Ele arrastou seu rosto ao longo do dela, e ela sentiu as guelras tremulando em seu pescoço brincarem com sua pele. — Meu povo não ficou feliz que eu te salvei. Alguns deles queriam te matar depois que eu trabalhei tanto para te salvar. Então eu tive que ficar. Eu tive que argumentar por sua vida. Nossa vida.

— Não entendo uma palavra do que você está dizendo.

— Tenho certeza de que não. — Ele segurou a bochecha dela, virando o rosto dela para o dele e pressionando um beijo em seus lábios,

permanecendo ali por longos momentos. Quase como se ele quisesse dizer isso. Como se ele realmente quisesse dizer que sentiu falta dela. — Eu não queria voltar para você até que eu soubesse que você estaria segura. Até que eu soubesse que poderíamos nos amar sem que ninguém mais interferisse.

Amor.

Ele disse indiretamente que a amava, mas não era a mesma coisa. Não era isso que ela queria ouvir.

Ela queria ouvir que ele estava consumido por ela. Que a cada segundo que ele estava longe dela, era como se ele tivesse arrancado um pedaço do seu coração e o deixado balançar nas correntes. Ela queria que ele sangrasse porque ele não estava com ela.

Eram pensamentos insanos, mas era como ela se sentia. Como se uma parte dela estivesse faltando. Como se ela não fosse inteiramente uma pessoa até que ele voltasse para ela.

Ele a puxou contra si um pouco mais forte, colocando a mão em volta da nuca dela e forçando-a a olhar para ele. Realmente olhar para aqueles olhos negros que viam demais.

— Você questionou minha afeição enquanto eu estava fora?

— Diariamente.

— Realmente?

— A cada segundo, — ela disse, sua voz um pouco embargada. — Eu poderia ter morrido. Eu teria morrido se Melete não tivesse respirado por mim. Ou se não tivéssemos o kit médico. Aquele homem tentou me matar e tudo o que você fez foi me entregar e então desaparecer por semanas.

As garras dele cravaram na parte de trás da cabeça dela.

— Eu voltei para matá-lo, Mira. Eu o segui pela cidade inteira e então o persegui em sua cápsula de fuga. Ele tentou fugir para não ter que pagar o preço de tocar em você. Mas então eu rasguei seu submarino

e o rasguei ao meio. Eu o deixei para os tubarões, para que todos soubessem o que acontece com qualquer um que ponha a mão em você.

O coração dela pulou uma batida. Ela não achou normal ficar tão excitada com aquela resposta, mas, porra, ela o queria.

Ele inalou profundamente, aquelas guelras vibrando contra o estômago dela, onde ele estava repentinamente muito obviamente excitado.

— Porra, fêmea. Você não deveria reagir assim quando eu digo que matei alguém por você.

— De que outra forma eu deveria reagir? Pensei por semanas que você não se importava mais comigo. Você desapareceu, e eu pensei que eu era um bichinho de estimação que você colocou de volta na caixa de transporte e estava tendo pessoas cuidando de você enquanto você vivia sua vida.

— Nunca, — ele sibilou, seus dedos flexionando contra o quadril dela e a parte de trás da cabeça dela. — Eu não poderia te deixar se eu tentasse, *kairos*. Você é e sempre será a alma da minha alma, o coração que bate no meu peito. Eu faria qualquer coisa por você, Mira. Até mentir para o meu próprio povo, convencê-los de que lutar contra os achromos é tolice, e fazer de outra pessoa o líder de seus guerreiros. Eu desisti de tudo por você.

— Você não fez isso.

— Eu farei, — ele disse com um encolher de ombros. — Se é isso que você quer. Foi isso que eu coloquei em movimento, no mínimo. A qualquer momento, farei de Maketes a pessoa que lidera o grupo. Você e eu podemos desaparecer para sempre.

Parecia legal. Só os dois. Mas então ela nunca mais veria os ondinos, ou mais pessoas no oceano que ainda a fizessem sentir que este mundo valia a pena salvar.

Eles foram tão prestativos na ausência dele. Melete, Maketes, alguns

outros cujos nomes ela não tinha pego, mas eles eram gentis. Realmente, verdadeiramente gentis. Eles trouxeram comida para ela e fizeram perguntas. Alguns deles até pegaram seus próprios chips de tradução para que pudessem realmente conversar com ela. Eles eram gentis, e ela não queria perder tudo isso.

Mas, acima de tudo, ela não queria que ele desistisse de tudo por ela. Isso não era justo. Não quando havia uma chance de fazer isso dar certo.

Ela balançou a cabeça.

— Quero descobrir uma maneira de todos nós ficarmos juntos. Quero que você tenha seu povo e eu, Arges.

— Há quem diga que esse é um futuro impossível. — Ele beijou sua clavícula, seus lábios deslizando sobre sua pele. — Eu falei com os antigos no mar. Eles me mostraram nossos futuros, e havia apenas dois caminhos. Um onde lutamos, e um onde somos uma família.

— Talvez você não tenha visto tudo — ela respondeu, acariciando os cabelos dele e cravando as unhas no couro cabeludo dele. — Talvez você tenha visto apenas um pedaço do futuro. Um momento em que estávamos sozinhos. Mas talvez seu futuro esteja comigo e com eles.

— Temos muito trabalho para fazer esse futuro acontecer. Seu povo. Meu povo. Nenhum deles quer se dar bem e não acho que seja totalmente possível ainda. Você terá que traduzir para nós antes mesmo que eles falem com nossa espécie.

— Eu posso fazer isso. — Ela não sabia como ou o que aconteceria se fizesse isso, mas ela tentaria.

Arges raspou as unhas nas laterais dela, e aqueles finos pontos de contato a fizeram ofegar. Uma onda repentina de calor inundou suas veias e, oh, ela tinha esquecido que era assim quando ele a tocava.

Como se nada mais importasse. Como se um tubarão pudesse nadar perto dela e ela nem notasse. Mesmo que ele a mordesse, ela

apenas sorriria e imploraria para Arges tocá-la novamente.

Arqueando-se contra o toque dele, ela tentou se lembrar do que eles estavam falando.

— Então seu plano é trabalhar com os achromos? Você quer fazer um acordo com eles?

— Meu plano é te levar para uma gruta e te foder onde a água é morna e você pode ficar confortável. — Ele mordiscou o pescoço dela, seus dentes afiados provavelmente deixando marcas. — Eu quero ouvir os sons que você faz de novo, dessa vez sem nada no nosso caminho. Eu quero saber que você é minha, e eu sou seu.

Ela estava balançando a cabeça. Por que ela estava balançando a cabeça como uma idiota?

Envolvendo os braços em volta do pescoço dele e as pernas em volta da cintura dele, ela o segurou firmemente contra ela.

— Vamos fazer isso, Arges. E talvez desta vez eu possa encontrar uma maneira de atender às suas duas... necessidades ao mesmo tempo.

Ele rosnou baixo e aqueles olhos negros brilharam.

— Isso não é possível, achromo.

— Talvez não com uma ondina. — Ela estendeu a mão entre eles e deu uma palmada onde ela pensou que ele tinha saído. Um chute dos quadris dele contra os dela foi sua recompensa, e ela jurou que as escamas se moveram sob sua palma. — Mas isso é totalmente possível com um humano.

— Me foda — ele gemeu, já nadando para longe da cúpula para que ninguém os encontrasse.

— Eu pretendo — ela respondeu com uma gargalhada.

QUARENTA

MIRA

Ela deixou o corpo dela ficar mole enquanto nadava com ela através das correntes. Durante todo o tempo, enquanto viajavam, ele correu as mãos pelos lados dela. Pela pele dela. Ele a tocou como se não achasse que a tocaria novamente. Talvez ele tivesse temido que não o faria.

Mesmo que ele não tivesse dito isso em tantas palavras, ela podia sentir através do toque dele que ele estava preocupado com ela. Ele queria vê-la, e ele não mentiu quando disse que precisava consertar as coisas. Seu povo não queria que eles ficassem juntos. Inferno, o povo dela não queria que eles ficassem juntos.

Mas eles estavam. E agora eles estavam conectados enquanto ele soprava vida em seus pulmões e a arrastava pela água até que eles estivessem flutuando no meio do azul profundo. Tudo ao redor dela era da mesma cor. Apenas azul infinito em todas as direções com lanças de luz do sol de cima. Eles eram as únicas pessoas no planeta aqui. Nenhum som além do que ele fazia, e mesmo isso era ligeiramente abafado.

Os braços dele em volta da cintura dela apertaram, puxando-a um pouco mais para perto dele. Suas guelras tremeram enquanto ele a respirava e seus corações batiam forte contra as palmas das mãos dela. Tão sobrenatural. Tão diferente de humano, e ela não conseguia ter o suficiente dele.

Inclinando-se para frente, ela pressionou os lábios nas guelras dele. Aquelas delicadas barbatanas, flutuando na corrente, imediatamente pararam. Finalmente, ela conseguiu tocá-lo do jeito que queria tocá-lo. Ela podia beijar ao longo das membranas finas, passando a língua por elas como ela tanto desejava fazer por tanto tempo.

Ele enrijeceu nos braços dela, inclinando a cabeça para dar mais acesso a ela e gemendo.

— Como isso é tão bom?

Ela não tinha ideia. Mas ela sabia que ele iria gostar desde o primeiro momento em que ela tocou seus dedos nelas.

Ele fez uma imagem tão bonita, arqueando-se para longe dela como se o prazer fosse um pouco demais, mas ainda segurando-a firmemente como se não pudesse deixá-la ir. Todos aqueles músculos flexionando, se contraindo sob seu toque enquanto ela tentava tocá-lo em todos os lugares. Ela queria senti-lo, cada centímetro, toda a pele quente que ela não tinha sido capaz de tocar da última vez porque ela estava muito sobrecarregada pela necessidade que consumia os dois.

Mira se contorceu em seu aperto, movendo-se para que ele tivesse que soltar seu aperto firme em seus quadris. Suas mãos agarraram a água, como se suas garras precisassem de algo para cravar.

— Mira, — ele rosnou, mas então ficou em silêncio enquanto ela arrastava os lábios pelo pescoço dele, sobre o peito dele e até as guelras nas costelas. Passando a língua por elas, ela olhou para cima e viu que os olhos pretos dele estavam arregalados. Ele respirava com dificuldade. Ela podia sentir aquela respiração soprando pelos seus próprios pulmões, forçando-os a se expandir enquanto a excitação dele deslizava para dentro do corpo dela.

— Quero saber onde você se esconde — ela murmurou contra suas costelas. — Quero ver você, Arges.

Com um gemido, ele girou os quadris para que ela pudesse ver as escamas deslizarem para fora do caminho enquanto seus pênis gêmeos irrompiam no mar. Ela não tinha olhado muito para ele da última vez, só tinha sentido sua pele macia e a textura suave antes de ele penetrar nela. Mas agora? Agora ela podia olhar até se fartar.

Ele era impossivelmente suave e tão grande. Afilado na ponta, e por

um segundo ela ficou chocada que realmente o tinha encaixado dentro dela. Mas, por outro lado, ela tinha feito isso. Então ela não sabia por que estava questionando isso agora.

Segurando o de cima em seu punho, ela deu-lhe um golpe experimental. E oh, todos aqueles músculos se contraíram novamente. Seu abdômen flexionou, e ele inclinou a cabeça para trás, aqueles belos cordões de músculos se destacando em alto relevo comparados ao fundo branco atrás dele. Seu cabelo flutuava ao redor de sua cabeça, e tudo o que ela conseguia focar eram os quilômetros de músculos e força imobilizados por sua pequena mão.

— Tão sexy, — ela murmurou, inclinando-se para pressionar um beijo na cabeça do seu pau. — Todo meu.

Os quadris dele sacudiram e suas garras arranharam o cabelo dela. Ele a forçou a olhar para ele, seus olhos arregalados com uma pergunta e uma pitada de medo.

— O que você está fazendo, Mira? Isso é algum teste humano estranho?

Ela riu, percebendo que provavelmente parecia que ela ia dar uma mordida nele.

— Silêncio, e apenas sinta.

Havia benefícios em não ter que respirar sozinha. Mira deslizou o pau dele para dentro da boca, chupando forte para puxá-lo o mais fundo que podia. A sucção instantânea teve o efeito que ela esperava. Os quadris dele empinaram, mas ela controlou a profundidade com a mão ainda enrolada no pau grosso que deslizava quase facilmente pela garganta dela.

Recuando, ela girou a língua em volta da cabeça e observou a reação dele. Ele olhou para ela como se ela tivesse encontrado um novo deus para ele adorar. Talvez ela tivesse.

Mira levou seu tempo com ele, aprendendo a salmoura de seu gosto

e as coisas que o faziam se contorcer. Ele não tinha um cabeça de pau normal como um homem humano tinha, então ela teve que descobrir as partes dele que eram sensíveis. As partes dele que o faziam gritar e então morder a parte de trás dos nós dos dedos quando ela chupava, ou lambia, ou arrastava os dentes pelo eixo porque aparentemente ele amava isso.

Ela não parou até que todas as guelras dele estivessem eretas para fora do corpo, vibrando tão rápido que ela quase não conseguia acompanhar o movimento. Então ele soltou um gemido alto, um som raivoso, antes de agarrá-la por baixo dos braços e jogá-la na água. Ele a pegou pela cintura, enrolando as pernas dela em volta do pescoço dele enquanto rasgava sua calcinha.

As guelras dele tremeram novamente, e ela sabia que dessa vez ele estava inalando o cheiro dela. Arrastando-o pelas guelras como sempre fazia.

E então ele estava lá. Aquela língua longa e irregular arrastando-se por suas dobras até que ele a espetou com ela. Ela se arqueou contra ele, sua espinha curvando-se enquanto ela tentava se esfregar um pouco mais forte em sua boca. Ela queria que ele a tocasse em todos os lugares, de uma vez. Ela queria ser consumida por ele depois de tudo o que eles quase perderam.

O aperto dele nas coxas dela era quase doloroso enquanto ele a segurava no lugar, aquelas garras mortais cravando em sua pele enquanto suas presas mordiscavam suas dobras. Ele não apenas a lambeu, ele a comeu. Arges era bagunceiro e barulhento, com pequenos grunhidos e gemidos que a faziam sentir como se tivesse a boceta mais divina do mundo. Cada centímetro dela era precioso para ele, e ela nunca sentiu que estava perdendo algo.

Arqueando mais, um pensamento filtrou-se em sua mente. Um pensamento que era selvagem e louco, mas que ela realmente conseguia

fazer na água. Não havia gravidade aqui. Nada a segurando.

Então, em seu próximo gemido, quando ele automaticamente afrouxou a mão enquanto massageava suas coxas, ela se moveu. Não para longe dele, mas se curvando para trás até ficar de cabeça para baixo em seus braços. E seus pênis estavam exatamente onde ela os queria.

Antes que ele pudesse agarrá-la e movê-la para trás - e com aquele rosnado, ela sabia que esse era o plano dele - ela colocou um deles na boca. Chupando forte, ela envolveu o outro em seu punho e trabalhou os dois ao mesmo tempo.

Ele estremeceu novamente, sua cauda enrolando abaixo dela como se ele precisasse desesperadamente enrolá-lo em algo. E então toda a sua atenção se concentrou entre as pernas dela. De repente, ele estava em todos os lugares novamente. Sua língua mergulhando fundo dentro dela, aquelas protuberâncias deslizando contra seu clitóris toda vez que ele se movia. Ele esfregou, chupou, provocou até que ela estava uma bagunça trêmula em seus braços.

O tempo todo, ela o torturava. Mira podia sentir a viscosidade do pré-sêmen dele cobrindo suas mãos, tanto que ela deveria ter se assustado. Mas ela não se importava. Ela só queria mais dele. Mais do seu gosto, mais do seu desejo.

Mas ele era muito mais talentoso, ou talvez mais dedicado ao prazer dela. Com um grito agudo, ela gozou em volta da língua dele. Ela apertou com tanta força que ele ficou preso dentro dela por alguns segundos antes que ela o sentisse lentamente puxando a língua para fora, lambendo entre suas pernas com um suspiro suave que fez suas guelras vibrarem contra suas coxas.

— Mira, — ele disse, quase ofegando a palavra. — Eu não posso...

Ela já sabia o que ele ia dizer. Ele não podia esperar mais, e ela também não. Ela não queria esperar mais, nem pelo que tinha planejado.

— Traga sua cauda para mais perto de mim — ela disse, permitindo

que ele a virasse, de modo que ela ficasse de frente para ele.

Mira já tinha experimentado sexo antes dele. Não havia muito o que fazer sob o mar além disso. Engenheiros não eram tímidos sobre seus corpos. Ela pensou que tinha fodido de todas as maneiras possíveis, mas isso ela nunca tinha feito. Nunca sequer se ofereceu para fazer isso para outra pessoa, mas... Ela queria sentir aquela plenitude avassaladora com ele. Ela queria experimentar isso com ele.

Com a única pessoa que poderia lhe dar essa satisfação.

Ele enrolou a cauda em volta deles, e ela teve a estranha sensação de que eles estavam à deriva. Flutuando na água, mas afundando lentamente. Mas então as escamas dele rasparam as pernas dela, e ela não se importou com o que o mar fazia com eles.

Outra respiração trêmula encheu seus pulmões enquanto os pênis dele roçavam entre suas coxas. Aparentemente seu ondino se lembrava de como era estar dentro dela.

— Você tem certeza de que sexo sem violência é aceitável para você? — ela perguntou, ela mesma sem fôlego devido ao ar trêmulo nos pulmões dele.

— Sim, — ele gemeu. — Nada nunca pareceu com você, Mira.
Nada.

— Oh, espere só, está prestes a ficar muito melhor. — Ela alcançou entre eles, apalpando os dois paus dele e guiando-os para suas entradas. Um para cada.

Ela imaginou fazer isso antes. Dupla penetração era uma fantasia que algumas de suas colegas de trabalho já haviam mencionado antes. Mas isso exigia dois homens ao mesmo tempo, e todas concordavam que era muito trabalho ter apenas um homem. Mas agora? Agora ela finalmente poderia realizar essa fantasia.

— O que você está…— Seus olhos se arregalaram, e então um som sufocado ecoou em sua garganta enquanto sua lubrificação natural o

ajudava a deslizar parcialmente para dentro dela.

Ele parecia incapaz de falar. Suas mãos a apertaram, puxando-a lentamente para baixo e para baixo. Demais. Não rápido o suficiente. E Deus, ela estava tão cheia. A sensação de dois paus dentro dela ao mesmo tempo era avassaladora.

Ela mal conseguia pensar, mal conseguia respirar enquanto ele os unia centímetro por centímetro agonizante. O ar dele enchia seus pulmões, lenta e metodicamente, como se ele estivesse tendo dificuldade em ficar parado. Lentamente afundando nele, ela sentiu a mesma luta. E finalmente, ele estava completamente dentro dela.

Ela podia senti-lo em todos os lugares.

— Porra, — ela sussurrou, sibilando um longo suspiro. — Eu não sei se eu consigo... Consigo...

— Você consegue, amor. — Arges a inclinou ligeiramente para longe dele, estremecendo com o movimento e puxando a ponta do seio dela para dentro de sua boca.

O puxão sutil de sua boca, os solavancos de sua língua se movendo sobre seu mamilo, era tanto em cima da plenitude. E então ele se moveu.

Ah, ele se moveu.

Um deslizamento lento, tão molhado e fácil que o atrito quase passou despercebido até que ele deslizou de volta para dentro dela. Lentamente, muito lentamente. O movimento foi tão gentil e ela sentiu seu corpo se abrindo para ele. Permitindo que ele se movesse, deslizasse, se deslocasse até que não houvesse um pingo de dor ou desconforto.

Havia apenas uma pressão escorregadia e incrível. De todos os ângulos e de todas as partes do corpo dela.

Ela não sabia quando sua boca se abriu, e ele tirou vantagem disso. Arges mergulhou sua língua em sua boca, lambendo e mordendo até que ela estava choramingando em seu aperto.

— Respire, *kairos* — ele sibilou contra os lábios dela. — Você é

incrível. Você me aceita tão bem.

Ela gemeu.

— Mova-se, Arges. Mais rápido, mais forte, faça alguma coisa.

Ela estava implorando para que ele a fizesse gozar. Agora mesmo isso era tão bom, mas ela estava à beira de algo incrível e não sabia como melhorar. Ele flexionou os quadris e de repente...

Porra, ele mergulhou nela com força. Tão forte que parecia que sua mente estava fraturada. Ela gemeu um som que nunca tinha feito na vida enquanto ele segurava seus quadris e empinava. Forte. Mais forte. Dolorosamente perfeito enquanto ele chegava ao fundo dentro dela.

Ela pressionou a mão na barriga, sentindo-o se mover dentro dela, e sibilou um longo som enquanto ele a puxava para frente.

Mordiscando o pescoço dela, ele rosnou.

— Você vai me fazer gozar tão forte, Mira. Porra, você é perfeita.

Ela arqueou as costas e se despedaçou. O som gutural da voz dele, a necessidade gemida que ressoava em seu peito... Isso a levou direto ao limite. Vagamente, ela podia senti-lo se juntar a ela. O calor avassalador que consumia ambos os seus buracos, enchendo-a até a borda com sua necessidade e desejo.

Ambos estavam respirando com dificuldade. Ou ele estava respirando com dificuldade, enchendo os pulmões dela repetidamente até que ela se sentiu um pouco tonta. Ou talvez fosse o orgasmo que havia destruído sua alma. Ela ainda conseguia sentir pequenos tremores secundários que apertavam seus pênis dentro dela, fazendo-o chutar algumas vezes antes de soltar uma risadinha e se libertar dela.

— Eu machuquei você? — ele perguntou.

— De jeito nenhum. — Ela estaria dolorida pela manhã, mas ele não precisava se preocupar com isso. Mira tinha tanta certeza de que conseguiria derrotá-lo, e ela provou que conseguiria. Era culpa dela se estava dolorida, e seria um lembrete adorável sobre a aventura que eles

tiveram.

Enterrando o rosto no pescoço dele, ela se aninhou em suas guelras enquanto ambos se acomodavam no fundo do mar. Poeira se acumulava ao redor deles, e ela percebeu que eles estavam realmente afundando.

Ele se inclinou para trás, deitando-se na areia com ela em seu peito e seus braços ao redor dela. Seus pênis ainda estavam meio duros, enfiados entre as pernas dela e estranhamente reconfortantes.

— Bem? — ela perguntou, desenhando círculos no peito dele. — O que você achou?

Ele soltou um suspiro que a fez tossir com a força.

— Você roubou minha mente, Mira. Como eu poderia voltar a ser como as coisas eram antes? Eu nem sabia que era possível gozar com meus dois paus ao mesmo tempo. Isso foi... chocante.

Ela riu. Mas o som borbulhou para fora dela, enviando pequenas bolhas de ar balançando pela água e subindo em direção à superfície.

— Bem, eu queria explodir sua mente.

— De fato, você conseguiu. — Ele a puxou um pouco mais para perto, arrumando as pernas dela de cada lado dele para que ela ficasse confortável. — Você é um presente do mar, Mira. Uma pérola rara que tenho muita sorte de ter encontrado. Eu te amo, sabia? Mais do que qualquer outra coisa neste mundo. Você segura minha alma em seu peito. Aonde quer que você vá, eu nunca estarei longe de você.

O cabelo dela ondulava ao redor deles, o vermelho emaranhado ao redor do azul elétrico do corpo dele.

— Eu te amo, — ela sussurrou, pressionando um beijo em suas guelras. — Não importa o quão diferentes sejamos ou de onde viemos. Você é meu, Arges. E eu sou sua.

EPILOGO

MIRA

Mira estava cautelosamente otimista sobre o futuro. Mais e mais ondinos apareciam no domo, educadamente perguntando se também poderiam ser equipados com um tradutor. Embora ela ainda não tivesse conhecido nenhum membro do conselho ou a mulher que Arges chamava de "Mitéra" ela esperava que um dia o fizesse. Eles ainda não confiavam nela, e ela supôs que esse era o direito deles.

Arges, por outro lado, foi rápido em pedir sua opinião sobre tudo. Ele a deixou saber que seu ataque a Beta tinha sido bem-sucedido. Os ondinos agora tinham armas que podiam usar contra seu próprio povo. E mesmo que parecesse um pouco como se ela estivesse indo contra sua própria espécie, ela mostrou a eles como usar as armas. Ela até mostrou a eles como armazenar as armas e soldadores e todos os outros tipos de bobagens que eles roubaram, para que o mar não os destruísse antes que eles pudessem tentar usá-los.

Talvez tenha sido a coisa errada a fazer. Ela deveria ter lutado contra eles, dito a eles que os humanos valiam a pena lutar. Talvez houvesse outra pessoa lá fora que também mudaria de ideia.

Mas por enquanto, ela só se lembrava de que tinha sido uma entre muitas. Esquecida em uma cidade onde só queriam que ela trabalhasse. Era difícil esquecer o punho que a atingiu tantas vezes, ou a faca que deixou tantas cicatrizes.

A cidade era exatamente isso.

Uma cidade. Um espaço vazio onde muitas pessoas se reuniam, mas ninguém tinha ajudado. Ela era órfã depois que seus pais morreram, uma de muitas que tinham dedos minúsculos que eventualmente se

tornaram mãos fortes. Mas ninguém se importava com como ela estava ou o que ela estava fazendo.

Os ondinos se importavam. Eles faziam perguntas sobre a vida dela antes, e o que ela gostava de comer. Eles traziam presentes para ela sempre que vinham pedir um chip de tradução, e depois voltavam para perguntar como ela estava. Eles se esforçavam para trazê-la para a sociedade deles e ela era muito grata por isso.

Além disso, Arges nunca a deixava sozinha por muito tempo. Ele ficava embaixo da casa dela na maioria dos dias. Algumas noites ele passava dentro do domo, algumas ela dormia com ele nas águas rasas. As poucas noites em que ela ficava sozinha, Mira passava em uma cama confortável com almofadas e cobertores e Byte para lhe fazer companhia.

Não era uma vida perfeita. Ainda havia muita coisa para eles descobrirem, e ela ainda tinha que passar dias se mantendo seca para que sua pele não ficasse tão encharcada a ponto de rachar.

Mas na maior parte... era quieto. Era pacífico, e era tudo o que ela queria.

Arges enfiou a cabeça pela piscina lunar, examinando o projeto dela de vegetais e frutas antes de se virar na direção dela.

— Você está pronta?

Na verdade, não. Ele queria que ela falasse com seu cardume, para dar a eles uma direção sobre o que fazer a seguir. Beta estava obviamente sob o controle deles por mais alguns meses, pelo menos. Logo, eles iriam precisava falar com os generais de lá. Seu povo não deixaria aquele ataque durar muito, mas eles precisavam de tempo para lamber suas feridas.

Ela não queria que eles tivessem esse tempo. Mas ela também percebeu que Beta era apenas uma cabeça de uma hidra. Havia muito mais cabeças para eles lidarem.

Arges a pegou em seus braços e nadou com ela pelos baixios até

uma cidade humana submersa. Era um ponto de referência fácil de encontrar e, portanto, era lá que eles geralmente se encontravam.

Ela reconheceu Maketes, e o ondino de nadadeiras amarelas sorriu para ela. Ele acenou, um pouco ridículo considerando quem estava flutuando ao lado dele.

Estreitando os olhos para o ondino vermelho brilhante, ela mostrou os dentes em um rosnado.

— O que ele está fazendo aqui?

— Ele é uma parte importante deste grupo — Arges disse relutantemente. Mas então acrescentou: — Se eu tivesse escolha, ele não estaria aqui. Mas Mitéra insistiu que ele liderasse esta próxima tentativa em direção a uma das outras cidades. Ela está tentando dar a ele outra chance de voltar para nossas vidas.

— Sem um braço?

— Mesmo sem um braço. — Arges nadou para perto deles, então a soltou. Era claramente um movimento para mostrar ao irmão que Mira era forte o suficiente para ficar de pé sozinha.

Ou talvez uma maneira de dizer ao irmão que não havia chance de ele encostar um dedo nela. Não sem que Arges o matasse primeiro.

Ele estendeu a mão, e Mira olhou por entre os dedos palmados para ver que Arges segurava um chip de tradução.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Você quer que eu dê isso a ele?

— Você é a única com dedos pequenos o suficiente para implantá-lo. — Ele deu de ombros, no entanto. — Depende de você. Seja qual for a missão que você o mandar embora provavelmente será mais fácil se ele puder entender seu povo.

Suspirando, ela pegou o chip de tradução e apontou para Daios.

— Se você me morder, farei Arges te matar.

A ameaça dela provavelmente não era assustadora para o enorme

ondino vermelho, mas Maketes a repetiu e Daios brilhou ainda mais escuro. Ela pensou que ele iria discutir, mas, em vez disso, ele apenas inclinou a cabeça e inclinou o corpo para que seu braço bom ficasse mais longe dela.

Ela olhou para o toco onde ele uma vez teve um braço forte, e sentiu um pequeno fio de pena serpentear em seu coração. Ele havia sido ferido por seu povo. E seu próprio ódio também, é claro. Mas isso não significava que ela não visse os ferimentos pelo que eles eram.

A dor de dentro de sua alma havia se espalhado para fora dele, e essa perda permaneceria com ele pelo resto de sua vida.

Ela se desvencilhou de Arges e prendeu a respiração. Foi tão fácil enfiar o chip de tradução na lateral da cabeça dele, e ela tentou não estremecer quando ele se encolheu de dor. Ao contrário dos outros ondinos, no entanto, ele não se contorceu na água ou agitou o mar. Em vez disso, ele suportou a dor estoicamente, olhando nos olhos dela com uma quantidade considerável de desconfiança.

— Pronto, — ela disse, nadando de volta para o lado de Arges, que envolveu um braço em volta dos ombros dela. Ela o recolocou em sua garganta antes de acrescentar, — Você deve ser capaz de me entender agora.

De todas as coisas, foi isso que o fez estremecer. Ele parecia estar realmente com dor ao ouvi-la falar, mas então fechou os olhos e assentiu.

— Eu posso, achromo.

Arges voltou sua atenção para os outros, limpando a garganta para chamar atenção.

— Mira tem um plano para nós. Estamos falando sobre as outras cidades. Beta está atualmente lambendo suas feridas, e em breve teremos que lidar com elas novamente. Mas há outras cidades.

— Por que deveríamos focar nelas? — perguntou Maketes. — Elas estão longe de nossa casa.

— Todas as cidades estão interligadas — ela respondeu. — Cada cidade ajuda a outra. Beta cria armas e conserta qualquer coisa que precise de conserto. Alfa comanda tudo, no entanto. Se nós atacarmos Alfa, essa será a que terá mais efeito.

— Nós? — Daios repetiu, seus olhos escuros brilhando com ódio. — Eu não acredito que você queira nos ajudar, achromo.

Olhando para ele, ela resmungou:

— Não quero que você mate mais pessoas.

— Então o que você quer que façamos?

— Há maneiras de se locomover por uma cidade sem assassinar todos que estiverem no seu caminho. — Ela agarrou o tentáculo que a conectava a Arges e arrastou todos para baixo em direção à areia. Ela desenhou as cidades nela, círculos para cada uma com um símbolo para cada uma.

Mira passou a próxima hora explicando como as cidades funcionavam. Quem estava nelas. Eles precisavam se concentrar em Alfa porque era onde todos os líderes políticos estavam. Beta era uma boa, sim, porque as naves não seriam consertadas. Qualquer coisa quebrada em todas as cidades permaneceria quebrada, e isso era um bom começo. Mas havia outras que teriam um impacto muito maior.

Alfa teria que ser aquela em que eles colocariam os olhos primeiro. Era a única que criaria um efeito cascata por todas as outras cidades que nenhum de seu povo poderia desconsiderar.

Quando ela terminou, até Daios pareceu um pouco impressionado.

— Os líderes deles não falarão conosco, — Daios disse, sua voz um ruído gutural e rangente. — Se você acha que podemos fazer um acordo com eles, ficará profundamente desapontada.

— Não acho que eles queiram fazer um acordo conosco. Então temos que mudar o desejo e transformá-lo em uma necessidade. — Mira pegou duas conchas. — Alfa é comandada pelo General. Ninguém chega

perto ele. Ninguém exceto... — Ela gesticulou com a outra concha. — Sua filha.

Alguns membros do grupo nadaram um pouco mais para longe, quase como se esperassem que isso terminasse em uma explosão.

Até Arges olhou para ela com a testa franzida.

— O que você está sugerindo?

— Estou dizendo que posso sobreviver debaixo d'água muito bem. Meus olhos se abriram no momento em que você me trouxe para as profundezas e percebi que havia muito mais em seu povo. Em nossa história. Se conseguirmos colocar a pessoa mais importante da vida dele do nosso lado, então temos uma chance de lutar para convencê-lo de que ele não tem escolha.

Daios sacudiu o rabo pela areia.

— Você está sugerindo que a matemos?

— Estou sugerindo que a sequestremos. Assim como você fez comigo.

O silêncio no oceano ficou mais pesado do que o normal depois dessa declaração.

— Certo, você não quer fazer isso — ela murmurou.

— Não é tão fácil assim— Arges disse, alisando uma mão nas costas dela. — Alfa é uma cidade que está completamente sob guarda. Não conseguiríamos entrar nela se tentássemos. Também não é construída como Beta. A cidade inteira está sob uma cúpula enorme. É mais como a bolha em que você vive do que a estrutura singular que Beta era.

— Eu sei como Alpha se parece. Eu vi os desenhos. — Ela gesticulou com a concha menor que supostamente era a filha do General. — Mas eu também sei os rumores sobre ela. Ela está sempre perto do vidro. As pessoas dizem que ela é obcecada por criaturas marinhas, e isso inclui os ondinos. Apenas alguns anos atrás, ouvi fofocas de que seu pai a estava mantendo trancada a sete chaves porque ela chegou muito perto

do vidro quando havia um ondino do outro lado. Não acho que seria difícil convencê-la a chegar um pouco mais perto. Ou a correr um risco.

Todos os integrantes do grupo olharam uns para os outros e depois de volta para ela.

Finalmente foi Melete, a adorável e enorme ondina fêmea, que respondeu:

— Acho que é um bom plano.

Alguns outros também resmungaram que não era um plano tão ruim, e que se eles conseguissem convencer essa outra achromo a ajudá-los, então talvez tudo começasse a funcionar a seu favor.

Mira sorriu para Arges.

— Viu? Eu disse que era uma boa ideia.

Mas seus olhos estavam todos voltados para seu irmão.

— Você acha que consegue fazer isso, Daios? Mitéra não ficará brava se você decidir que a próxima missão é aquela que você deseja fazer.

Daios ainda não tinha tirado os olhos da pequena concha na mão dela. Enquanto ela observava, ele estendeu as pontas dos dedos enegrecidos e esperou que ela colocasse a pequena concha em suas mãos. Ele fechou os dedos palmados em volta dela gentilmente.

— Eu encontrarei essa filha, — ele rosnou. — E ela será minha.